



MARLENE GONZAGA DOS ANJOS

**O SISTEMA PARTICIPATIVO DA AVALIAÇÃO
INSTITUCIONAL E AS CONTRIBUIÇÕES NA
FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES:
Estudo de caso de uma escola da Rede Municipal de
Campinas**

CAMPINAS

2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARLENE GONZAGA DOS ANJOS

**“O SISTEMA PARTICIPATIVO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E AS
CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES:
Estudo de caso de uma escola da Rede Municipal de Campinas”**

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA MARLENE GONZAGA DOS ANJOS E ORIENTADA PELO PROF. DR. LUIZ CARLOS DE FREITAS

Assinatura do Orientador

A handwritten signature in black ink, appearing to be "Luiz Carlos de Freitas", is written over a horizontal line. The signature is cursive and somewhat stylized.

**CAMPINAS
2013**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751**

An58s	<p>Anjos, Marlene Gonzaga dos, 1958- O sistema participativo da avaliação institucional e as contribuições na formação dos estudantes / Marlene Gonzaga dos Anjos. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.</p> <p>Orientador: Luiz Carlos de Freitas. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Avaliação institucional. 2. Planejamento participativo. 3. Estudantes – Formação. 4. Instrução. I. Freitas, Luiz Carlos de, 1947- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">13-022/BFE</p>
-------	--

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês: The system of participatory institutional assessment and contributions to the training of students

Palavras-chave em inglês:

Institutional Assessment

Participatory planning

Students - Training

Instruction

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Luiz Carlos de Freitas (Orientador)

Maria Márcia Sigrist Malavasi

Geisa do Socorro Cavalcanti Vaz Mendes

Margarida Montejano da Silva

Luiz Enrique Aguilar

Data da defesa: 27-02-2013

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: supermene2@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TÍTULO

**O SISTEMA PARTICIPATIVO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E
AS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES:
Estudo de caso de uma escola da Rede Municipal de Campinas**

Autora: MARLENE GONZAGA DOS ANJOS

Orientador: Prof. Dr. LUIZ CARLOS DE FREITAS

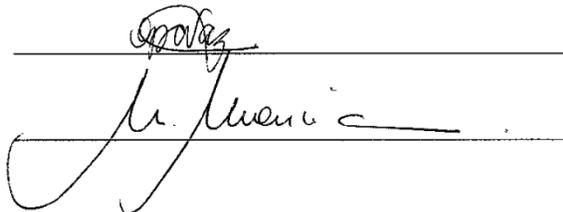
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de
Mestrado defendida por **MARLENE GONZAGA DOS ANJOS**
e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 27/02/2013



ORIENTADOR

COMISSÃO JULGADORA:



2013

Aos meus pais Euclides e Clementina, in memoriam.
Pessoas simples que nos educaram com sábias lições, rumo aos nossos sonhos.
Aos meus filhos Larissa e Leandro, estudantes da escola pública,
a quem eu dedico, por meio deste trabalho, a concretização de um sonho.

Profundos Agradecimentos,

Aos professores do LOED pela confiança e por oportunizarem para que eu pudesse retomar os estudos depois de muitos anos.

Às colegas Geisa e Margarida por contribuírem cuidadosamente com a forma e o conteúdo deste texto.

[...] o maior sonho da minha vida
continuava sendo o de tornar-me professora,
[...] papai costumava dizer às refeições,
com aquela gabolice bem italiana:
[...] a Clementina vai ser uma *maestrina* igual dona Leonilda,
não é mesmo, *bambinela*?
Eu concordava e sorria.
Como era bom acreditar naquilo!

Clementina M. dos Anjos

RESUMO

Este trabalho discute a temática da avaliação institucional, na perspectiva da Avaliação Institucional Participativa e focaliza o sistema participativo da escola. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo descrever as instâncias do sistema participativo da escola e colher elementos para:

- Identificar que demandas se originam nas práticas que compõem o sistema participativo – (CPA, Conselho de Escola e assembleias) e se elas se voltam para a melhoria na relação entre o professor e os estudantes;
- Identificar a relação entre o processo avaliativo e educativo, se tem se constituído enquanto espaço de formação de valores e quais;
- Identificar que aprendizados (outros) os segmentos apontam serem construídos nesse exercício.

Esta pesquisa se trata de um estudo de caso e a metodologia conjugou entrevistas, observações e análise documental. As categorias de análise que emergiram a partir das quais se processou a análise demonstraram a importância do sistema avaliativo e participativo da escola para a instrução e formação de valores. Verificou-se ainda que os temas discutidos no sistema avaliativo, em grande parte se articulam e revertem para a aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chave: Avaliação Institucional Participativa, Sistema participativo da escola, formação, instrução.

ABSTRACT

This paper discusses the issue of institutional assessment, from the perspective of Participatory Institutional Assessment and focuses on participatory school system. This study aimed to describe the instances of the participatory school system and to collect elements:

- Identify demands that originate in the practices that make up the participatory system (Self-Assessment Commission, School Counseling and Student Assemblies) and if they turn into improvement in the relationship between teacher and students.
- Identify the relationship between the assessment process and education; if it has constituted itself as an area of formation of values and which ones.
- Identify learning that (other) segments (students, parents, teachers, managers and employees) indicate to be built in this exercise.

This research is a case study and the methodology conjugated interviews, observations and documentary analyzes. The categories of analysis that emerged from which the analysis was processed showed the importance of the participatory evaluation system and school for the education and values formation. It was also found that the topics discussed in the evaluation system, largely articulate and revert to student learning.

Keywords: Institutional Assessment, Institutional Participatory Assessment, Participatory School System, education, training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Documentos pesquisados	37
Quadro 2 – Observações em Reuniões de Conselho de Escola.....	38
Quadro 3 – Observações em reuniões de CPA.....	38
Quadro 4 – Observações em Assembleias e outros espaços.....	39
Quadro 5 – Temas ou eixos analíticos.....	43
Quadro 6 – Composição da Equipe Escolar.....	51
Quadro 7 – Organização dos Tempos e Espaços Escolares.....	57
Quadro 8 – Proporcionalidade de ocupação das vagas por segmento.....	68
Quadro 9 – Calendário das reuniões de CE – 2011.....	69
Quadro 10 – Calendário das Reuniões Extraordinárias – CE – 2011.....	70
Quadro 11 – Cronograma das reuniões realizadas – CPA.....	84
Quadro 12 - Convite às famílias e alunos.....	86
Quadro 13 – Cronograma das Assembleias de classe – 2010.....	103
Quadro 14 – Legenda dos temas.....	107
Quadro 15 – Conselho de Escola - CE – Temas e frequência de aparição a partir das observações.....	108
Quadro 16 – Conselho de Escola – CE – Temas e frequência de aparição a partir das Atas de registro das reuniões.....	109
Quadro 17 – Comissão Própria de Avaliação – CPA – Temas e frequência de aparição a partir das observações.....	111
Quadro 18 - Comissão Própria de Avaliação – CPA - Temas e frequência de aparição a partir das Atas de Registro das reuniões.....	115
Quadro 19 – Assembleia de Estudantes Representantes de Sala (RS) – Temas e aparição a partir das observações.....	122

Quadro 20 – Assembleia de Estudantes Representantes de Sala (RS) – Temas e aparição a partir do registro em documento da escola.....	123
Quadro 21 – Questões do Roteiro de Entrevistas, categorizadas de 1 a 10 e as respostas dos segmentos.....	125
Quadro 22 – Questões do Roteiro de Entrevistas, destacadas as categorias 1,7 e 8 e as respostas dos segmentos.....	148
Quadro 23 - A partir das categorias que emergiram das entrevistas, este quadro demonstra as aproximações aos conteúdos das observações das reuniões de CPA..	162
Quadro 24 - A partir das categorias que emergiram das entrevistas, este quadro demonstra as aproximações aos conteúdos das observações das reuniões de CE e análise documental dos livros de ata.....	166
Quadro 25 - A partir das categorias que emergiram das entrevistas, este quadro demonstra as aproximações aos conteúdos das observações das reuniões de negociação e AE.....	170
Quadro 26 – Temas da Assembleia com Representantes de Sala.....	176
Quadro 27 – Temas da Assembleia com Representantes de Sala a partir da análise de documento da escola.....	176

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Entrevistas com representantes dos segmentos.....	41
Tabela 2 – Dados relativos à Educação Especial.....	58
Tabela 3 – Dados relativos à Promoção e Retenção – Resumo.....	60
Tabela 4 – Número de Representantes por Segmento 2011.....	71
Tabela 5 – Número de Representantes por Segmento 2010 – 2011	71
Tabela 6 – Presença às reuniões ordinárias.....	76
Tabela 7 – Presença às reuniões extraordinárias.....	76
Tabela 8 – Presença dos Segmentos às reuniões de CPA – 2011.....	87
Tabela 9 – Alunos representantes na Assembleia de Classes – Dez/2011.....	104
Tabela 10 – Temas do Conselho de Escola a partir das observações e frequência de aparição.....	172
Tabela 11 – Temas do Conselho de Escola a partir da análise documental das Atas e frequência de aparição.....	172
Tabela 12 – Temas da Comissão Própria de Avaliação a partir das observações e frequência de aparição.....	174
Tabela 13 – Temas da Comissão Própria de Avaliação a partir da análise das Atas e frequência de aparição.....	174

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAE	Associação de Amigos da Escola
AE	Assembleia de Estudantes
AIP	Avaliação Institucional Participativa
AR	Administração Regional
CAPES	Centro de Atendimento Público Especializado
CE	Conselho de Escola
CEFORTEPE	Centro de Formação Tecnologia e Pesquisa Educacional
CEMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
CHP	Carga horária Pedagógica
CIMEI	Centro Integrado Municipal de Educação Infantil
CMDCA	Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
COLE	Congresso de Leitura
CPA	Comissão Própria de Avaliação
DC	Diário de Campo
DEPE	Departamento Pedagógico
E/A	Ensino/Aprendizagem
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
EUA	Estados Unidos da América
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FE	Faculdade de Educação

FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUMEC	Fundação Municipal para a Educação Comunitária
GERES	Geração Escolar
GM	Guarda Municipal
GOCIL	Empresa de prestação de serviços nas áreas de Segurança Empresarial, Segurança Pessoal, Segurança Eletrônica e Serviços.
GT	Grupo de Trabalho
IA	Inspetor de Alunos
IEE	Índice de Efeito Escola
INTEGRE	Sistema de Gestão Integrada da Rede de Ensino
JOCAD	Jovens Contra as Drogas
LIED	Laboratório de Informática
LOED	Laboratório de Observação e Estudos Descritivos
LTS	Licença para Tratamento de Saúde
MEC	Ministério de Educação e Cultura
NAED	Núcleo de Ação Educativa Descentralizado
NET	Núcleo de Tecnologia Educacional
OCDE	Organização para o Desenvolvimento Econômico
ONG	Organização não Governamental
OP	Orientadora Pedagógica
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PM	Polícia Militar
PNEE	Portadores de Necessidades Educacionais Especiais
PPP ou PP	Projeto Político Pedagógico ou Projeto Pedagógico
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas da Polícia Militar do Estado de São Paulo

PROGEN	Projeto Gente Nova
PROIN	Projeto Integração da Guarda Municipal de Campinas
PUC	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
RH	Recursos Humanos
RMEC	Rede Municipal de Ensino de Campinas
RPAI	Reunião de Planejamento e Avaliação Institucional
RS	Representantes de Sala (alunos)
SME	Secretaria Municipal de Educação
TDC	Trabalho Docente Coletivo
TDI	Trabalho Docente Individual
UE	Unidade Escolar
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – AS CARACTERÍSTICAS DA REGULAÇÃO E DA AVALIAÇÃO E A APOSTA NA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL COMO PROPULSORA DE POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS RUMO À QUALIDADE DA ESCOLA.....	7
1.1 – Regulação e Avaliação – um campo tenso em constante reconstrução.....	7
1.1.2 – Regulação e Avaliação – proximidades e distanciamentos.....	10
1.1.3 – Avaliação nos espaços escolares – as articulações necessárias para um projeto de mudança	10
1.1.4 – Resultados – os consensos possíveis entre as potencialidades e fragilidades.....	14
CAPÍTULO 2 – A ORIGEM DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL PARTICIPATIVA EM CAMPINAS	17
2.1 - Contextualizando a Avaliação Participativa	17
2.1.2 - O Orientador Pedagógico como Articulador do processo	21
2.1.3 - O papel do Conselho de Escola na avaliação.....	23
2.2 - O papel das famílias e da comunidade.....	25
2.2.1 - As relações entre família e escola: distanciamentos, expectativas e possibilidades na construção da AIP	27
2.3 - O Projeto Pedagógico como importante aliado na concretização da AIP	28
CAPÍTULO 3 – AS DECISÕES METODOLÓGICAS	33
3.1 – Metodologia e Procedimentos.....	33
3.2 – Movimentos Iniciais da Pesquisadora.....	34
3.3 - A entrada no campo.....	35
3.4 - A coleta de dados	36
3.4.1 - Análise documental.....	36
3.4.2 – Observações.....	37
3.4.3 - Entrevistas	39
3.4.4 – Outras fontes de dados	41
3.5 – A análise dos dados.....	42
3.5.1 – A pré - análise dos dados.....	43
3.5.2 – A análise e interpretação dos dados.....	44
CAPÍTULO 4 – A ESCOLA PESQUISADA E O SISTEMA PARTICIPATIVO	47
4.1 - Breve Histórico	47
4.1.2 – O processo de fusão das duas escolas.....	47
4.1.2 – Uma trajetória feita por muitas histórias.....	48

4.1.3 – A equipe de profissionais.....	51
4.1.4 – Localização e características do bairro	51
4.1.5 – Recursos físicos e materiais.....	52
4.1.6 – Programas e projetos.....	54
4.1.7 – Organização da Escola.....	55
4.1.8 – Nova estrutura de atendimento	57
4.1.9 – Caracterização dos alunos e da comunidade escolar	57
4.2 – A escola e o movimento de Avaliação Institucional Participativa	62
4.3 – Situando o cenário – dados da Pesquisa sobre o Sistema Participativo.....	67
4.3.1 – O Conselho de Escola	67
4.3.2 - A Comissão Própria de Avaliação.....	81
4.3.3 - As Assembleias de Alunos	98
CAPÍTULO 5 – OS DADOS COLETADOS.....	107
5.1 – Os temas que emergiram nas diferentes instâncias e a frequência de aparição	107
5.2 – Categorias que emergiram com as entrevistas.....	124
5.3 – Categorias que emergiram com as entrevistas, aproximadas aos conteúdos das observações e análise documental	161
CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DOS DADOS.....	171
6.1 – Conselho de Escola (CE).....	171
6.2 – Comissão Própria de Avaliação (CPA).....	173
6.3 – Assembleia de Estudantes (AE)	176
6.4 – As categorias de análise	177
6.4.1 - A importância da escola, as funções da escola – instrução e formação, o clima escolar e a qualidade da escola.....	177
6.4.1.2 – As funções da escola – instrução e formação	181
6.4.1.3- O clima escolar e as relações com a comunidade	184
6.4.1.4 – A qualidade da escola na voz do segmento de pais	187
6.4.2 - Os espaços de participação e os temas.....	187
6.4.2.1 - A articulação entre os temas.....	191
6.4.3 - As relações entre os temas discutidos, a aprendizagens dos estudantes	192
6.4.3.1 - Outros aprendizados.....	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	209

ANEXOS.....	215
ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	216
ANEXO 2 – PAINEL AIP 2009.....	217
ANEXO 3 – METAS DO PLANO DE AIP - 2011.....	218
ANEXO 4 – QUESTIONÁRIO ÀS FAMÍLIAS - 2010.....	219
ANEXO 5 – ESTATÍSTICA 2009.....	226
ANEXO 6 – ESTATÍSTICA 2010.....	227
ANEXO 7 – ESTATÍSTICA 2011.....	228
ANEXO 8 – SÍNTESE DA ASSEMBLEIA DE ESTUDANTES 2011.....	229
ANEXO 9 – QUADRO DAS REUNIÕES DA CPA DESDE 2008.....	237
ANEXO 10- QUADRO DAS REUNIÕES DE CONSELHO DE ESCOLA DESDE 2008.....	247
ANEXO 11 – QUADRO DE OBSERVAÇÃO DO ENCONTRO DE NEGOCIAÇÃO – 2011.....	255
ANEXO 12 - REGRAS DE CONVIVÊNCIA DA EMEF.....	258
ANEXO 13 – PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL 2008.....	261
ANEXO 14 – PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL 2009.....	263
ANEXO 15 – PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL 2010.....	271
ANEXO 16 – CRONOGRAMA DE ASSEMBLEIA POR SEGMENTOS – 2010 CPA – JUNHO E JULHO.....	283
ANEXO 17 – MATRIZ – INDICADORES DA AIP.....	284

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) da Rede Municipal de Ensino de Campinas, situada na região Noroeste. Constituiu-se como um estudo da política de Avaliação Institucional Participativa (AIP) em nível da escola, com a descrição de reuniões de Conselho de Escola (CE) e de Comissão Própria de Avaliação (CPA), ao qual denominamos 'sistema participativo'. Incluímos ainda a assembleia de alunos.

Sistema aqui compreendido como [...] *o que resulta da atividade sistematizada; e a ação sistematizada é aquela que busca intencionalmente realizar determinadas finalidades. É, pois, uma ação planejada* (SAVIANI, 1999, p.120).

Cabe ressaltar que um sistema participativo já pressupõe uma interligação, uma teia que se auto influencia, cuja integração vai dando forma e sentido partilhado de colaboração e também de conflitos. Não se pretende dissociar, mas analisar os temas comuns, para não perder a interdependência e o sentido que possa emergir.

Segundo André, o problema pesquisado *pode ser uma indagação decorrente da prática profissional do pesquisador [...]* (ANDRÉ, 2008, p. 48) e nesse caso, a pesquisa nasceu de um interesse e envolvimento profissional da pesquisadora com essa escola. O interesse pela temática de avaliação está vinculado ao período de exercício da atividade profissional como Orientadora Pedagógica (OP) nesta escola, compreendido entre janeiro de 2008 e dezembro de 2010. A pesquisa de campo foi desenvolvida no período de 2011 a janeiro de 2012.

A versão primeira do projeto de pesquisa apontava para a observação das assembleias escolares¹ como o espaço privilegiado da *qualidade negociada*, na

¹ As assembleias de classe como micro espaços de decisão, foram instituídas com o objetivo inicial de aumentar a participação dos estudantes e dos docentes no enfrentamento de problemas do cotidiano escolar e observou-se que esse espaço favorecia ainda a abordagem e vivência de valores. No início de 2008, quando da implementação da política denominada de Avaliação Institucional Participativa (AIP) e da Comissão Própria de Avaliação (CPA), essa prática que se consolidou nas salas de aula se mostrou como um recurso promissor para ampliar a participação e incluir os outros

perspectiva da Avaliação Institucional Participativa (AIP) e o OP como aquele que tem a função de articular o processo avaliativo, em que se buscaria apreender os sentidos da qualidade para os diferentes atores.

Ao submeter o projeto ao grupo de pesquisadores do Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (LOED), além de outras contribuições quanto à fundamentação teórica e sugestão de bibliografia, verificou-se que a formulação do problema não estava clara, os objetivos eram amplos e deveriam ser mais bem delimitados. O projeto de pesquisa foi reformulado e onde havia apenas a intenção incipiente de investigar o espaço das assembleias, foi proposto que a investigação se ampliasse ao sistema participativo da escola, o que não excluiu as assembleias.

A decisão pareceu acertada, pois, devido à mudança de prédio ocorrida em final de 2009, muitos dos procedimentos adotados na antiga escola onde seria realizada a pesquisa, se diluíram diante da realidade da nova escola. Dentre esses procedimentos, a prática das assembleias passou a ser um evento esporádico e não conseguiu se firmar como a estratégia esperada.

Com a revisão do projeto de pesquisa, o problema investigado se aproximou mais dos fundamentos do LOED, por tratar-se de um estudo descritivo. A inserção das instâncias oficiais e relevantes ao processo avaliativo como a Comissão Própria de Avaliação (CPA) e o Conselho de Escola (CE) atribuiu ao projeto de pesquisa a coerência aos fundamentos da AIP.

As pesquisas realizadas pelo LOED têm contribuído para o aprofundamento sobre as questões em torno do tema Avaliação. Desde a avaliação de sistemas (políticas públicas), a avaliação institucional e da aprendizagem, esses estudos buscam examinar as relações entre o campo da avaliação e as demais categorias do processo educativo, por meio de abordagens quantitativas e qualitativas. Esses estudos têm contribuído para a ampliação do conhecimento sobre a avaliação e consideram a centralidade deste tema nas práticas pedagógicas da escola.

segmentos - pais, professores, funcionários e gestão nesse debate. Em 2010 esse movimento enfraqueceu em função das mudanças pelas quais a escola passou e que serão relatadas no decorrer do texto.

Nos limites dessa pesquisa abordaremos o nível da Avaliação Institucional da escola, que de acordo com FREITAS (2009):

[...] postulamos a existência de três níveis integrados de avaliação da qualidade de ensino: *avaliação em larga escala em redes de ensino* (realizada no país, estado ou município); *avaliação institucional da escola* (feita em cada escola pelo seu coletivo); e *avaliação da aprendizagem em sala de aula*, sob responsabilidade do professor (FREITAS et al, 2009, p. 10).

Nos estudos recorremos a autores como Dias Sobrinho (1995), Freitas et al, (2009) e Sordi (2009) que percebem a Avaliação Institucional Participativa (AIP) como um movimento orientado por princípios como a organização, participação, negociação e trabalho coletivo. Esses princípios constituem as bases em que a Comissão Própria de Avaliação (CPA) encontra para se firmar como espaço real de encontro e de reflexão sobre a dinâmica da vida na escola. Entretanto, as diferentes formas de como os atores se apropriam desse movimento vão constituir as diferentes feições que a AIP pode tomar no cotidiano escolar, salientando os fatores que a potencializam ou fragilizam.

Diante do exposto, faz-se necessário expandir os estudos no interior da escola para dar vistas às condições que são reunidas para que ela se desenvolva: o que se discute nos espaços coletivos como CPA e Conselho de Escola (CE) e se, de fato, na visão dos seus atores, têm contribuído para o alcance da almejada qualidade escolar.

Enquanto objetivo geral, descreveremos esses espaços - como funcionam, os procedimentos adotados, a abrangência, os problemas e as decisões que são tomadas e suas possíveis articulações e conexões. Para detalhar com mais precisão esses fenômenos, foram elencados três objetivos específicos:

- Identificar que demandas se originam nas práticas que compõem o sistema participativo – (CPA e CE) e se, na visão dos atores do universo pesquisado, elas se voltam para a melhoria na relação entre o professor e os alunos;
- Identificar a relação entre o processo avaliativo e educativo, se tem se constituído enquanto espaço de formação de valores e quais;
- Identificar que aprendizados (outros) são construídos nesse exercício.

A proposta metodológica da pesquisa consistiu em um estudo de caso, numa abordagem qualitativa por considerá-la adequada para a investigação pretendida, porque possibilita a análise de várias informações no contexto pesquisado.

A coleta de dados efetivou-se através de observações sistemáticas do campo e registros de situações percebidas como significativas com relação à avaliação, análise documental e entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente com representantes da CPA e CE.

A pesquisa está estruturada em seis capítulos, a saber: o capítulo um busca compor o referencial teórico no qual o trabalho foi apoiado: pretendemos situar o conceito da qualidade na visão do estado com o objetivo de constatar a função de regulador em contraponto ao conceito de qualidade negociada afirmado nos princípios da AIP; apresentar as dimensões da avaliação; a função da escola, a responsabilidade na formação e instrução dos alunos e o papel da avaliação nesse contexto.

No capítulo dois buscou-se contextualizar a AIP na cidade de Campinas, desde a sua fase embrionária em 2002, passando por marcos importante até a implementação da política em 2008.

No capítulo três serão descritos os caminhos escolhidos para o percurso desse estudo, desde o interesse profissional da pesquisadora em realizar a pesquisa sobre as assembleias escolares como espaço de manifestações coletivas em favor da melhoria da escola, até a decisão de realizar um estudo ampliado para o sistema participativo da escola, composto pelo espaço da Comissão Própria de Avaliação (CPA) e Conselho de Escola (CE).

No capítulo quatro foram apresentadas as características principais da escola pesquisada e seu sistema participativo. Os conteúdos foram extraídos do Projeto Pedagógico da escola, das anotações das observações e dos excertos das entrevistas contendo as falas dos sujeitos entrevistados.

O capítulo cinco apresenta os dados da pesquisa por meio de quadros, organizados após a pré-análise: as etapas de tratamento e preparação do material para a construção dos temas e categorias que embasaram a análise.

O capítulo seis analisa e discute os resultados da pesquisa. Por meio de quadros são apresentados os temas extraídos da análise documental de registro das instâncias de participação em confronto com os dados das observações. Em seguida são analisadas as categorias de análise que emergiram das entrevistas e estruturam as questões da pesquisa.

Nas considerações finais busca-se uma reflexão conclusiva da pesquisa, seguida das referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1 – AS CARACTERÍSTICAS DA REGULAÇÃO E DA AVALIAÇÃO E A APOSTA NA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL COMO PROPULSORA DE POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS RUMO À QUALIDADE DA ESCOLA

Este capítulo busca compor o referencial teórico no qual o trabalho foi apoiado. Pretendemos aprofundar algumas reflexões sobre as conotações da Avaliação Educativa e seus objetivos estritamente pedagógicos, como aquela que busca a qualidade negociada junto aos atores da AIP por meio de práticas participativas e democráticas. Antes, porém, fez-se necessário contextualizar alguns aspectos entre a regulação praticada pelo Estado a partir dos testes de larga escala e a avaliação educativa, praticada pelo coletivo dos atores no interior da escola, na medida em que se diferenciam e no quanto se complementam. Finalmente vamos refletir sobre a função da escola, o papel central da avaliação e a responsabilidade na formação e instrução dos alunos, conceituando a contrarregulação para se chegar ao pacto de qualidade negociada.

1.1. – Regulação e Avaliação – um campo tenso em constante reconstrução

O colapso do neoliberalismo passa a ser decidido nas ruas. Primeira semana de outubro reúne ingredientes que sugerem um ponto de mutação: greve geral na Grécia põe em xeque a solução ortodoxa para a crise; ascensão fulminante dos indignados nos EUA instala a contestação ao neoliberalismo no coração do sistema financeiro internacional e pauta a sucessão de Obama. Passeatas de desempregados na Espanha afrontam a rendição socialdemocrata aos 'livres mercados'.

(Carta Maior; Domingo, 09/10/ 2011)

Enquanto o cenário brasileiro que atualmente se projeta ao exterior é de certa forma cautelosamente otimista porque se configura dentro de uma perspectiva de crescimento, em alguns países do bloco da Organização para o Desenvolvimento Econômico (OCDE), Portugal, Grécia e mais recentemente Espanha e nos EUA, crescem os movimentos de protestos organizados pela sociedade, em repúdio aos efeitos do neoliberalismo. Esses exemplos ilustram e dão mostras da feição que a falência do Estado pode estar tomando em função da crise gerada pela globalização financeira.

A globalização vem sendo promovida dentro da concepção de que “a missão fundamental (do Estado) é criar condições favoráveis à acumulação de capital pelos capitalistas” (HARVEY, 2008, p.7). A crise que se desenha impele os Estados a novas reformas e ajustes para o seu enfrentamento.

No Brasil com a reforma do Estado brasileiro (até os anos 90) “o aumento da eficiência do Estado resultaria da introdução de mecanismos de gestão privada em seu funcionamento” (ADRIÃO, 2009, p.52). Em decorrência das novas orientações que foram dadas para as políticas públicas e entre elas a educação, esta passa a ser concebida a partir de novos modelos de gestão descentralizada.

Para essa autora, sob a responsabilidade dos Estados e municípios, os sistemas educacionais são vinculados a programas de avaliação externa que visam a regulação da educação através de ranqueamento e meritocracia, com a introdução de mecanismos competitivos na gestão pública (premiação por desempenho; "ranqueamentos" etc.)(ADRIÃO, 2009, p.5).

Em nosso entender, esses mecanismos mercadológicos passam a ideia de que também no campo da educação a concorrência é importante e que pode gerar uma suposta qualidade.

O conceito de qualidade formulado por economistas e reformadores empresariais atrelados à concepção de qualidade típica dos negócios e do mercado (SILVA, 2009, p.222), gera um campo de forças de natureza diversa que pode não corresponder ao conceito de qualidade desejado para a escola pública.

Para Freitas (2005):

É o confronto entre visões de mundo que faz com que tenhamos como consequências várias propostas divergentes para organizar a escola, seus espaços e tempos. Paulo Freire, C. Freinet, D. Saviani, M. Tragtenberg e M. Pristak são exemplos de educadores que discordaram dos pressupostos da organização escolar e se dispuseram a reinventá-la com outras concepções. Os tempos e espaços da escola são contraditórios e tensos – como tensa e contraditória é a própria sociedade que a cerca. Há uma permanente disputa em tais espaços que refletem as diferentes concepções de educação, as diferentes finalidades educativas (FREITAS, 2005a, p. 12).

Essas tensões vão definir e ser definidoras do cumprimento pela escola, com maior ou menor aproximação das suas finalidades e funções sociais. Mediar esses campos e construir a qualidade negociada é enfrentar essa luta desde o macro ao micro espaço das regulações.

Segundo Afonso (2003):

A escola pública democrática é uma organização educativa complexa, não apenas pelos seus aspectos formais, morfológicos ou materiais, mas também (e, sobretudo) pela diversidade de funções que cumpre e de desafios que tem pela frente, bem como pela heterogeneidade e pluralidade de experiências e necessidades de que são portadores todos os sujeitos que habitam, enquanto educadores ou educandos, num tempo e espaço com uma historicidade própria (AFONSO, 2003, p. 43).

Nessa perspectiva, muitos saberes e conhecimentos que poderiam ser caracterizados como sucesso porque genuínos e expressados pelos sujeitos dentro de contextos educativos com padrões socioeconômicos e histórico-culturais específicos, quando submetidos, testados e postos à prova por meio de avaliações estandardizadas, nem sempre se convertem em signos que representem avanços na melhoria dessa escola.

O padrão definido pelo Estado para caracterizar o que deva ser uma escola pública de qualidade se concretiza nos testes em larga escala e os resultados são demonstrados por meio dos índices gerados sobre o desempenho dos estudantes.

Esse movimento de cunho regulatório e hierarquizante que se iniciou nos anos 90 vem se aperfeiçoando e se atualizando e sustenta os testes em larga escala praticados atualmente.

A afirmação de Dalben (2008) oferece apoio para ilustrar a ideia de que a 'avaliação' realizada pelos testes em larga escala se aproxima mais da medição e menos do sentido qualitativo desejado para a avaliação educacional: *a avaliação – ainda sendo confundida com medição –, tem sido comumente usada como teste de verificação de aprendizagem em larga escala* (DALBEN 2008, p.23).

1.1.2 - Regulação e Avaliação - proximidades e distanciamentos

Ao apresentar essa medição, as escolas são organizadas segundo uma hierarquia numérica. Acreditamos que a qualidade não esteja revelada no topo, tampouco a baixa qualidade se localize na base do ranqueamento construído pelos índices gerados pelos resultados dos testes, por entendermos que as felicitações e os constrangimentos podem não sinalizar de forma precisa a identificação da escola com tais índices.

Entretanto, regular e avaliar, apesar de serem funções distintas, são lados da mesma moeda e devem se complementar em busca de *uma prática social de avaliação na perspectiva da emancipação dos sujeitos, das instituições e da sociedade* (DIAS SOBRINHO, 2003, p.42).

Dias Sobrinho (2003), em estudos referentes ao Ensino Superior, qualifica a função de regulação, que não deve ser limitada ao controle, fiscalização e hierarquização. Enquanto legítima responsabilidade do Estado ela

[...] instaura procedimentos de controle e fiscalização para assegurar as condições de existência de um sistema de boa qualidade e necessariamente consolidado como um serviço público. Esta função não deve se esgotar em si mesma. (DIAS SOBRINHO, 2003, p.42).

Nessa afirmação, podemos reconhecer então que a regulação desde que não se limite à função legalista, ao se articular à função de avaliação educativa encontra nesta o seu complemento e pode concorrer para a busca da qualidade das instituições e da emancipação social.

1.1.3 - Avaliação nos espaços escolares - as articulações necessárias para um projeto de mudança

Ao nos remetermos às práticas avaliativas da escola, aos diferentes espaços de avaliação e suas possíveis articulações, nos referenciamos nos atributos da *avaliação educativa* elencados por esse mesmo autor, cujos objetivos devam ser

[...] estritamente educativos, fornecendo informações para a melhoria das práticas pedagógicas. Ao mesmo tempo [...] os diversos procedimentos avaliativos devem estar articulados a um programa fundado numa concepção que seja capaz de implementar práticas integradoras. Assim, todos os estudos, análise, debates que se fazem em distintos momentos de um processo contínuo devem estar integrados num desenho unitário de avaliação institucional (DIAS SOBRINHO, 2003b, p.43).

Nesse sentido, mesmo que se utilize dos recursos de prática de controle e regulação, a avaliação, ao ser exercida com intencionalidade educativa, volta-se para os avanços nos processos pedagógicos de forma integradora e global e “*mesmo reconhecendo a titularidade dos atores das escolas, não desconsidera a riqueza do olhar externo*” (FREITAS, 2009, p.42).

O projeto político pedagógico da escola é a referência para a avaliação institucional porque reflete os compromissos assumidos pelo coletivo e encaminha as demandas de competência do poder público.

Tais compromissos, com caráter emancipatórios nos são trazidos por intermédio do conceito da contra-regulação (FREITAS, 2009, p.40), processo que pauta os compromissos bilaterais, cujo protagonismo é da escola. Para Freitas,

Contra-regulação é resistência propositiva que cria compromissos ancorados na comunidade mais avançada da escola (interna e externa), com vistas a que o serviço público se articule com seus usuários para, quando necessário, resistir à regulação (contra-regulação) e, quando possível, avançar tanto na sua organização como na prestação de serviços da melhor qualidade possível (justamente para os que têm mais necessidades), tendo como norte a convocação de todos para o processo de transformação social. Contra-regulação não é a mera obstrução ou um movimento de “fechar as fronteiras da escola” com relação às políticas centrais, penalizando o usuário do sistema público (FREITAS, 2005, p.912).

Cabe aqui lembrar que a contra-regulação *não pode ser reduzida à ideia de objeção a qualquer tipo de regulação que o Estado queira fazer* (FREITAS, 2009, p.41), entretanto ela inaugura um modelo de regulação *contra hegemônica* que convoca o Estado a reassumir suas responsabilidades com a educação pública de qualidade, para além dos mecanismos de regulação e como possibilidade até de superação dos possíveis fatores que eventualmente dificultam e fragilizam o processo avaliativo em si mesmo. É no reconhecimento das responsabilidades de cada um e de todos, atores da

escola e Estado que emerge o pacto de qualidade negociada, documentado por meio de objetivos, ações e metas.

O projeto político pedagógico adquire a relevância de ser portador das premissas da educação como um bem público, com finalidades sociais, orientadas para a responsabilidade pela instrução e formação dos estudantes, de forma planejada.

Contudo, a escola, frente às suas finalidades, tem atuado no âmbito das suas limitações na *dualidade* presente no processo educativo, ao prover e permitir a apropriação desigual no que é ensinado aos estudantes. Também na formação ela tem se furtado a potencializar ações que disseminem valores humanos significativos que impulsionem a transformação social.

Freitas (2009) destaca que

A escola tem-se limitado a prover, de forma desigual a apropriação da instrução. A formação é feita de maneira tácita e informal através da vivência das situações cotidianas no ambiente escolar, as quais confirmam valores já conhecidos no âmbito da sociedade (individualismo, competição, etc.) (FREITAS, 2009, p. 23)

Para aprofundarmos nessa reflexão, o autor nos coloca uma questão desafiadora: “*se queremos ratificar o conjunto de valores vigentes em nossa sociedade ou se estamos dispostos a pensar um novo conjunto de valores.*” Um projeto de escola que assuma os processos educativos e avaliativos com a devida centralidade e aposte na força transformadora da avaliação pode ousar constituir-se como espaço de formação de valores.

Para cumprir com as finalidades institucionais, decorre *o sentido público e social também da avaliação* que deve ser realizada coletivamente, por meio de atividades avaliativas que definam ações e metas em busca do melhor cumprimento dessas finalidades. Esses processos coletivos e participativos possibilitam a vivência de conhecimento, de interpretação, de emissão de juízo de valor, de produção de sentidos sobre a avaliação e sobre a qualidade da instituição.

Dessa forma, “a avaliação institucional educativa deve ser um amplo e democrático processo de busca de compreensão das dimensões essenciais de uma instituição e de organização das possibilidades de transformações” (DIAS SOBRINHO, 2003, p. 44). Assim, quando a educação se volta aos interesses e necessidades públicos, as responsabilidades são do coletivo da comunidade educativa e do Estado e implica que a avaliação seja democrática e participativa.

Belloni (2003) ao analisar os efeitos positivos da autoavaliação, ao ser citada por Ristoff (2003b), ela antecipa que:

[...] há um despertar de consciência sobre a imagem que se deseja projetar e colocar à disposição de avaliadores externos, antes que estes decidam sobre a imagem da instituição a partir de parâmetros estranhos à comunidade (RISTOFF, 2003b, p.29).

Nessa perspectiva, quanto mais amplo for esse processo de participação dos atores, tanto maior poderá ser o sentido educativo de processo. A autoavaliação adquire supremacia às avaliações externas uma vez que implica na construção da autoimagem e da autovalorização por meio da titularidade vivida nesse processo.

Ao integrarmos a essa discussão o nível da *avaliação institucional da escola (feita em cada escola pelo seu coletivo)* (FREITAS, 2009, p.10) agregamos as contribuições de Mendes (2011) em defesa da necessidade de mudança da lógica avaliativa:

Há que se defender uma outra lógica de avaliação em que os resultados possam favorecer a identificação de elementos que tratem de questões mais amplas e as dificuldades enfrentadas por todos os atores envolvidos com o processo educacional, com vistas à melhoria da qualidade educacional (MENDES, 2011, p.106).

Pode haver a partir daí, uma convocação à reflexão para os aspectos que devam ser melhorados para que se atinja, de fato, uma qualidade referenciada na qualidade social, que a nosso ver, parece não ser contemplada apenas por intermédio dos mecanismos de regulação. Embasamo-nos na colocação de Silva (2009):

A qualidade social da educação escolar não se ajusta, portanto, aos limites, tabelas, estatísticas e fórmulas numéricas que possam medir um resultado de

processos tão complexos e subjetivos, como advogam alguns setores empresariais, que esperam da escola a mera formação de trabalhadores e de consumidores para os seus produtos (SILVA, 2009, p.225).

Para tanto, é necessário que a 'escola' se perceba nesse processo avaliativo e tome a avaliação como centro dos processos que se desenvolvem em seu interior.

Segundo Dias Sobrinho (2003):

A avaliação se torna cada vez mais complexa à medida que considera insuficientes os procedimentos meramente descritivos e reclama a consideração de aspectos humanos psicossociais, culturais e políticos, onde não há consensos prévios e os entendimentos precisam ser construídos (DIAS SOBRINHO, 2003a, p. 26).

Esses processos, políticos por natureza, se constroem em torno de aprendizados, de avanços e de recuos, podendo ser conflituosos porque envolvem as subjetividades dos sujeitos, suas crenças, seus valores, suas histórias de vida expressadas por meio de seus repertórios pessoais.

Assim, ao cotejar os processos avaliativos internos com os dados externos produzidos pelos testes, com vistas à tomada de decisão, efetiva-se o desafio de articular o passado realizado com o projeto de futuro, com possibilidade de vislumbrar as novas etapas avaliativas.

1.1.4 - Resultados - os consensos possíveis entre as potencialidades e fragilidades

Os resultados, portanto, serão os consensos possíveis a respeito das fragilidades e potencialidades vividas no cotidiano escolar e o encaminhamento de ações que objetivem superar os problemas apontados nas múltiplas dimensões do ensino ao reorientar as práticas e formular demandas para a melhoria da escola, seja no âmbito da sala de aula, na relação do professor com os estudantes, seja na gestão, na infraestrutura ou nos recursos.

Assim, ao conjugar os elementos regulatórios com o conhecimento dos atores sobre a sua realidade educativa, a avaliação institucional, ao articular os temas dos diferentes espaços avaliativos pode ser uma ferramenta potente e mediadora entre os

resultados dos testes em larga escala e os processos de ensino e aprendizagem concretizados por meio das práticas dos professores em sala de aula. Esta associação pode convergir para o que se persegue em termos de transformação e mudança, porque se origina no interior da escola e, portanto, genuína, pensada em função da melhoria que se almeja, e, sobretudo, porque ambas vão falar de *um único sujeito: o aluno, a verdadeira figura central da escola* (FREITAS, 2009, p.45).

Os resultados das avaliações externas podem ser apropriados pelos atores e se tornam um dado a mais para ser objeto de reflexão em torno da melhoria da escola. Dada a sua importância, esse processo pode ser visto como potencialmente formativo para os sujeitos.

A afirmação de Betini (2009) fortalece esta concepção:

A utilidade e relevância social da avaliação institucional participativa passa pela sua prática e pela ação formativa do coletivo da escola, como instrumento de integração de todos os seus atores à vida social, à cidadania. A avaliação institucional participativa pode recuperar a função social da escola ao provocar mudanças que signifiquem a liberdade de ação do ser humano na sociedade (BETINI, 2009, p. 80).

Diante do exposto, a hipótese inicial desta pesquisa considera que a *Avaliação Institucional quando bem delineada e assumida pelos atores locais traz, em si, a potência de fortalecimento e a melhoria na qualidade de ensino e aprendizagem da escola* (XAVIER, 2011, p.47)

Quando promove ações para a melhoria dos processos que qualificam essa escola, pode revelar avanços na formação/instrução dos estudantes e de forma mais ampla favorecer as mudanças sociais e concretizar-se como uma prática alternativa de avaliação com compromissos emancipatórios.

CAPÍTULO 2 – A ORIGEM DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL PARTICIPATIVA EM CAMPINAS

Nesse capítulo buscou-se contextualizar a AIP na cidade de Campinas, desde a sua fase embrionária em 2002, passando por marcos importante até a implementação da política em 2008.

2.1 Contextualizando a Avaliação Participativa

Desde 2002 o município de Campinas conta com o Conselho Gestor de Avaliação cuja proposta era construir metodologias alternativas de avaliação que superasse o modelo de avaliação por medição do rendimento dos alunos. A ação do Conselho se orientava pelos princípios em torno da participação solidária entre os segmentos envolvidos com a escola de forma que a possibilidade de relacionamento entre os atores buscasse a qualidade negociada: *Negociar as condições e os patamares de qualidade* através de ações de regulação, que se configurem no pacto de qualidade negociada. Promover essa qualidade por quem vive a escola em seu cotidiano, rumo ao padrão de qualidade ensejado pela sociedade e pelo poder público é o objetivo maior da proposta.

O processo de Avaliação Institucional Participativa² compunha-se por três módulos que abrangiam, em primeiro lugar a avaliação institucional participativa, inspirada no modelo do Ensino Superior tendo a CPA a função de coordenar e elaborar o plano de avaliação da escola, que, segundo o Plano de Avaliação já citado, se caracterizaria por ser

[...] uma metodologia que transcende as questões relacionadas com o desempenho do aluno, e que está voltada para a realidade da Educação Básica, é uma iniciativa pioneira do LOED em parceria com a SME/Campinas. Esta ação é o carro-chefe do processo de avaliação da Rede Municipal, sendo que as demais ações são integradas a esta, e os resultados encaminhados com

² Denominaremos de AIP - O texto na íntegra encontra-se disponível em:
http://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/educacao/depto-pedagogico/avaliacao-pedagogica/plano_de_avaliacao_institucional_da_rede_municipa_%20de_campinas.pdf

vistas à superação dos problemas no âmbito de cada escola (PMC- SME-DEPE, 2007, p.14).

O segundo módulo se referia à avaliação de desempenho dos alunos, que objetivava principalmente,

[...] a construção das matrizes de referência para as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, da 3ª série do Ensino Fundamental, seriado e de oito anos. Embora haja avaliações já estabelecidas e em uso em escolas públicas, a SME/Campinas optou pela elaboração de seu próprio processo de avaliação de desempenho, evitando a utilização de matrizes gerais e externas que poderiam não corresponder ao que a RMEC trabalha/desenvolve na realidade e estimulando a participação dos próprios profissionais da educação no desenvolvimento deste sistema, adquirindo *know-how* em processos/técnicas de avaliação (PMC- SME-DEPE, 2007, p.14).

Esse movimento foi gradativo e se deu de forma articulada ao Projeto GERES³, realizado no período de 2005 a 2008 e tinha como objetivo ampliar o alcance do trabalho de avaliação.

Este projeto pioneiro e com características marcantes⁴ consistiu em avaliar por volta de *20.000 estudantes de uma amostra de 303 escolas estaduais, municipais e particulares* (CANGUSSU, 2010, p.18) em Leitura e Matemática, durante um período de quatro anos (2005 a 2008).

³ O Projeto GERES – Geração Escolar 2005 - é um estudo longitudinal da geração escolar que focaliza a aprendizagem nas primeiras fases do Ensino Fundamental, 1ª a 4ª série (nomenclatura anterior a Lei nº 10274/06, que instituiu o ensino fundamental de nove anos) para estudar os fatores escolares e sóciofamiliares que incidem sobre o desempenho escolar, com duração de quatro anos, de 2005 a 2008. [...] O principal objetivo do GERES é investigar quais fatores e práticas educacionais efetivamente apresentam contribuições à melhoria da qualidade da educação e, ao mesmo tempo à diminuição da desigualdade na distribuição social dos resultados escolares. Os alunos são testados todo ano em Língua Portuguesa e Matemática, enquanto os professores, diretores, pais e os próprios alunos, por meio de entrevistas, contribuem para determinar os impactos na aprendizagem dos fatores escolares e familiares, pretendendo-se com os resultados do estudo oferecer subsídios práticos para a formulação de políticas voltadas para a melhoria da qualidade e da equidade da educação no Brasil (MENDES, 2012, p.17).

⁴ Principais características: o desenho da pesquisa é longitudinal – ou seja, os mesmos estudantes são observados ao longo de quatro anos de escolarização (estudo de painel); abordagem analítica multinível; amostra probabilística; medidas de desempenho cognitivo; medidas não-cognitivas (motivação; autoestima) e instrumentos contextuais. Um diferencial dessa avaliação é o uso do modelo estatístico da Teoria de Resposta ao Item - TRI - para localizar e determinar o nível de aprendizagem dos estudantes. Tal procedimento permite que todos os estudantes, apesar de terem respondido a diferentes itens, recebam notas (ou proficiências) vindas da mesma escala (CANGUSSU, 2010, p.18).

Por diferenciar-se metodologicamente dos testes que medem o desempenho, este projeto tinha ao seu favor os instrumentos avaliativos e contextuais, por meio dos quais foi possível identificar *os principais fatores escolares e sócio-familiares que incidem sobre o desempenho escolar e promovendo o conhecimento dos elementos que mais contribuem para políticas de melhoria da qualidade e eqüidade da educação* (CANGUSSU, 2010, p.17).

O terceiro e último módulo se referia ao censo escolar, que realizaria a conexão entre os dois anteriores ao inserir novas dimensões e atores no processo avaliativo, por meio de informações sobre os dados estatísticos de cada realidade escolar.

Esse movimento envolveu as três Redes de Ensino (Estaduais, Privadas e Municipais) por meio de adesão voluntária dos profissionais das escolas. Na Rede Municipal de Ensino de Campinas, o consentimento envolveu seis escolas de ensino fundamental e três escolas de educação infantil e embora não tivesse tido continuidade, pode apontar as dificuldades e facilidades para a implementação na rede como um todo.

Em 2007, a Secretaria Municipal de Educação (SME) e o Departamento Pedagógico (DEPE) retomam o processo instituindo a Comissão de Avaliação formada por especialistas da Rede Municipal e sob a assessoria da Professora Mara Regina Lemes de Sordi⁵ que assume a atribuição de elaborar o Plano de Ação para a Avaliação Institucional na Rede Municipal.

O referido Plano detalha os procedimentos para instituir a política pública de avaliação da educação básica municipal e regulamenta a coordenação da mesma pela CPA:

A avaliação interna ou auto-avaliação será coordenada pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) de cada UE; terá como apoiador o Orientador Pedagógico (OP) da unidade, e apresentará em relatório as fortalezas e debilidades institucionais, com críticas e sugestões de melhoramento ou, mesmo, de providências a serem tomadas – seja pela própria instituição por meio da ação orquestrada de seus atores, seja pelos órgãos competentes da SME. Sua responsabilidade transversal precisa ter visibilidade e suporte operacional da equipe gestora da UE (PMC-SME-DEPE, 2007, p.9).

⁵ Professora Doutora da Faculdade de Educação – Universidade de Campinas - SP

Constam ainda do plano as atribuições da CPA e os percursos a serem seguidos, depois desta ser aprovada pelo Conselho de Escola: ela atua com a legalidade de sua autonomia para coordenar o processo e, ao final, deve prestar contas ao Conselho de Escola e à instância meio, denominada Núcleo de Ação Educativa Descentralizado (NAED), por meio de relatórios com a finalidade de divulgar, documentar e, sobretudo encaminhar as demandas para as instâncias responsáveis:

Cabe à CPA, também sistematizar e disponibilizar informações da UE solicitadas pelo Núcleo de Ação Educativa Descentralizado (NAED) e DEPE. Uma vez aprovada pelo Conselho de Escola da UE, a CPA funcionará de forma autônoma no âmbito de sua competência legal, fazendo ampla divulgação de sua composição e de sua agenda. Ao final do processo de auto-avaliação, a CPA prestará contas de suas atividades ao Conselho de Escola e à Equipe Educativa do NAED, apresentando relatórios, pareceres e, eventualmente, recomendações. Fica entendido, portanto, que uma vez concluída a avaliação da instituição em sua etapa interna e externa, compete à equipe gestora da UE e do NAED a responsabilidade pela (re)definição e implementação das políticas que o processo avaliativo sugerir (PMC- SME-DEPE, 2007, p.9).

Para a legitimidade da atuação da CPA, esta deve contemplar todos os segmentos da escola em sua composição. Cada representante será indicado pelo Conselho de Escola e preferencialmente que seja membro do Conselho de Escola, por ser essa a instância que catalisa e agrega *as ideias e anseios da comunidade em prol de um projeto que lhe faça sentido* (SORDI, 2009, p.62)

Nessa perspectiva os resultados das avaliações externas devem ser referenciados pelos princípios da avaliação institucional participativa e serem debatidos, compartilhados e compreendidos pelos atores da escola para que caminhem rumo à cultura de avaliação genuína e na contramão das propostas que formulavam o *ranking* das escolas.

A partir de 2008, houve a implementação da AIP enquanto política de avaliação da Secretaria Municipal de Educação (SME), para as 44 escolas da Rede Municipal de Campinas. Os representantes do Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (LOED) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas

(Unicamp) e da SME/FUMEC⁶ realizaram no início de 2008 a primeira reunião com os Orientadores Pedagógicos (OP' s), com o objetivo de definir conceitos fundamentais para estabelecer princípios comuns, que norteariam o trabalho a ser desenvolvido entre a coordenação e os OP' s e a designação desses para a condução do processo nas escolas.

Naquela ocasião foi elaborado um glossário dos termos usuais, que conceitualmente sustentavam os princípios norteadores do projeto: auto-organização, competência coletiva, mediação, participação, contra regulação e qualidade negociada.

A parceria estabelecida entre a SME e a Unicamp, por meio do LOED se propôs ainda a fortalecer a implementação da Política por meio de assessoria aos profissionais da educação em encontros periódicos que se dariam ao longo do processo.

2.1.2 - O Orientador Pedagógico como Articulador do processo

Os Orientadores Pedagógicos foram designados para serem os articuladores do processo de Avaliação Institucional Participativa nas escolas. Conforme nos aponta Sordi (2009):

A escolha de um dos integrantes desta equipe, no caso o orientador pedagógico (OP), inscreve-se como uma escolha estratégica feita pela Rede Municipal de Educação (RME) de Campinas, quando em sua agenda política inclui a Avaliação Institucional. Ao reconhecer neste ator a legitimidade para dar sustentação ao processo, visou ampliar o trabalho de apoio que estes profissionais já realizavam junto aos professores, estudantes e familiares para que se engajassem no projeto da escola (SORDI, 2009, p.61 e 62).

Essa autora acrescenta:

O Orientador Pedagógico no desenho avaliativo que se busca implantar passa a exercer de forma exaustiva, função articuladora dos atores da escola para que estes intensifiquem suas formas de inserção no PP da escola, estimulando o sentido de pertencimento e de colaboração ativa, componentes fundamentais para potencializar o trabalho da equipe gestora na direção de uma escola comprometida com as aprendizagens das crianças (SORDI, 2009, p.61 e 62).

Articular o processo é assumir o lugar de mediador entre as intenções expressas pelo coletivo, que busca pontos em comum e aproxima situações aparentemente

⁶ Fundação Municipal para a Educação Comunitária – FUMEC.

conflitantes entre as partes, que concilia e reforça as intencionalidades em busca de melhoras no processo e garante voz e vez aos segmentos além das condições para que o trabalho aconteça, temos em Xavier (2011) a definição de articular:

Reencontrando o sentido de sua presença e a diferença que pode fazer nos espaços coletivos, o Orientador Pedagógico pode perceber que ARTICULAR um processo é a arte de movimentar energias para promover no espaço escolar, situações que façam com que as crianças, adolescentes e jovens que o ocupam, partilhem desse espaço, tenham contato com situações onde possam ter voz, aprender a solidariedade e entender o que é ser um cidadão crítico e participativo, itens estes que compõem os textos de muitos projetos pedagógicos das Unidades Educacionais (XAVIER, 2011, p.110).

O Orientador Pedagógico foi indicado como sendo o profissional preferencial para conduzir o processo de AIP na escola: “[...] a avaliação interna ou autoavaliação será coordenada pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) de cada UE; terá como apoiador o Orientador Pedagógico (OP) da unidade” (PMC-SME-DEPE, 2007, p.9).

A afirmação de SORDI (2009) argumenta em favor dessa indicação: “Este ator compreende a dinâmica da escola, as relações macro/meso/micro que a perpassam, contribui para que a reflexão dos membros da CPA não ocorra em um vazio” (SORDI, 2009, p.63).

Uma das características marcantes da RME⁷ é a rotatividade dos profissionais. Mesmo não tendo sido uma condição para a efetivação da política, é possível apontar que a permanência dos profissionais na escola é um aspecto favorável, uma vez que os vínculos afetivos estabelecidos com as comunidades e com os atores da CPA são fatores importantes para as (boas) relações no interior da escola.

Entretanto, no âmbito das relações de poder pode haver armadilhas que coloquem em risco a implementação da política, conforme nos alerta Sordi (2009):

A complexidade do processo de avaliação institucional cresce nas atividades que ‘mexem’, de alguma forma, com as ações de comando e relações de poder. A aceitação do princípio de participação e democracia no processo de avaliação a ser formatado pelo grupo introduz nova dinâmica ao jogo, e contraditoriamente, apenas pela aceitação desse risco, poderá o grupo alcançar êxito na empreitada de construir uma proposta de escola cujo PP tenha qualidade social (SORDI, 2009, p.64).

⁷ Rede Municipal de Ensino de Campinas

Assim, é fundamental que as equipes gestoras estejam atentas e não se descuidem das relações com as suas comunidades.

2.1.3 - O papel do Conselho de Escola na avaliação

No município de Campinas as famílias têm assegurado, há mais de vinte anos, por meio de dispositivos legais, o direito à participação nos processos educacionais que concorram para a avaliação das escolas da cidade visando a garantia da melhor qualidade de ensino em todas as unidades escolares do município.

Com a Lei Orgânica do Município, promulgada em 30 de Março de 1990 define-se um marco legal e legítimo pela busca da consolidação do ‘Estado Democrático’ no município de Campinas, na promoção da Educação Pública.

Esta Lei assegura em seus artigos 222 e 223, incisos I, II, III e IV os princípios norteadores do acesso, da permanência, da garantia de qualidade e da gestão democrática, com a participação de representantes da comunidade; no inciso X legitima a “participação ampla de entidades que congreguem pais de alunos, alunos, professores e outros funcionários com o objetivo de colaborar para o funcionamento eficiente de cada estabelecimento de ensino”.

Desse espírito derivam-se as leis: Lei Municipal Nº 6.662, de 10 de outubro de 1991 que institui os Conselhos de Escola e a Lei Nº 7.145, DE 03 de setembro de 1992 (Artigo 230, da Lei Orgânica do Município de Campinas) que cria o Conselho das Escolas Municipais de Campinas, Artigo 3º, Inciso V, define dentre seus objetivos “Garantir a melhor qualidade de ensino em todas as unidades escolares do Município”⁸.

⁸Alterado pela Lei nº 11.893, de 04/03/2004) e em seu Artigo 4º, Inciso X, dos membros, VII - 4 (quatro) pais de alunos; (Alterado pela Lei nº 11.893, de 04/03/2004, inciso VII -- 10 (dez) pais ou mães de alunos; Inciso VIII, § 2º Os representantes dos professores, dos especialistas de educação, dos funcionários, dos alunos da Rede Municipal de Educação e dos pais, deverão ser membros efetivos ou suplentes dos seus respectivos Conselhos de Escola; § 3º Os representantes citados nos parágrafos anteriores serão eleitos pelos seus pares em Assembleias amplamente convocadas.

Disponível em <http://www.campinas.sp.gov.br/bibjuri/lei7145.htm> visitado em 05.10.2010;

Posteriormente, a Lei Nº 11.893 de 04 de Março de 2004 (dispõe sobre a alteração da lei nº 7.145, de 03 de setembro de 1992, que “estabelece objetivo, competência e dá normas de funcionamento do conselho das escolas municipais conforme artigo 230, da lei orgânica do município de campinas”), Art. 3º, Inciso V -- exigir e acompanhar a melhoria do ensino em todas as Unidades Educacionais do Município com qualidade social,

Podemos deduzir daí que a “avaliação institucional” vem sendo gestada por meio de ações políticas originadas com as administrações/governos democráticos e populares, desde o final dos anos 80.

Ressaltamos que os Conselhos de Escola são os pioneiros desse movimento e compartilhamos com a colocação de MORAES (2009) de que os “Conselhos Escolares são propulsores de ações em direção à democratização da escola” (MORAES, 2009, p.114) e assumimos a sua proposição sobre a reflexão em torno do papel do Conselho de Escola:

[...] para além da instância de participação e instrumento de gestão da escola, a não ser que se dê a esse colegiado a possibilidade de decidir os rumos que a escola irá tomar quanto ao processo de desenvolvimento e melhoria do desempenho da própria escola na tarefa de realizar o objetivo para o qual foi idealizada: garantir às crianças e adolescentes a apropriação do saber historicamente produzido pela humanidade. Isso significa permitir ao Conselho Escolar realizar a reflexão sobre o conceito de qualidade da educação escolar, entendida neste contexto não como a mensuração das aprendizagens dos alunos, mas como algo mais rico que a transmissão de informações (MORAES, 2009, p.114).

O movimento de participação que representa avanços nos processos democráticos e, portanto, emancipatórios para a conquista da cidadania, nasce no bojo das propostas políticas das administrações voltadas para as classes populares, que, via de regra, são as usuárias do ensino público e gratuito, oferecido nas escolas públicas do município.

Desta feita, nos valem da colocação desta mesma autora, fundamentada em Paro (2007, p.110) sobre a qualidade buscada na avaliação institucional participativa, ao afirmar que:

[...] a escola só será de qualidade se for democrática garantindo o acesso a todos à “apropriação da cultura para a formação do homem histórico” e se estiver disposta a ser demandada a cumprir esse dever e se o Conselho de Escola, para além da consulta e indicação de sujeitos que fazem a avaliação, puder exercer um mandato participante e mediador dos interesses desses sujeitos (MORAES, 2009, p.115)

também sinaliza o envolvimento dos atores locais em torno do compromisso pela busca da qualidade nas escolas.

Nesse contexto, na conjunção de esforços para não dissociarmos a CPA e o Conselho de Escola levantamos algumas questões que pretendemos, sejam respondidas com essa pesquisa, sobre como os sujeitos têm participado desses coletivos, idealizando e concretizando ações em favor de uma escola com qualidade, quais sejam: como tem se dado a participação dos diferentes segmentos? Os temas que discutem se voltam para a aprendizagem das crianças? Que articulações são possíveis entre os espaços de decisões coletivas da escola? Que outras aprendizagens os atores têm vivenciado nesse espaço?

2.2 - O papel das famílias e da comunidade

O hiato entre os currículos escolares e o que se efetiva nas aprendizagens das crianças e jovens, só recentemente começa a ser questionado. Esse fenômeno denominado '*educabilidade*' (LOPEZ, 2008, p.339) deflagra uma reflexão que traz à tona questões importantes sobre as novas demandas que passam a ser postas para os educadores, sobre como produzir conhecimentos sobre suas comunidades e vizinhanças. Segundo LOPEZ (2008):

[...] Isso resultaria em uma escola com o conhecimento adequado às características de seus alunos, suas carências, suas potencialidades, às condições sociais em que vivem, e que tem a capacidade de desenvolver uma estratégia educacional de acordo com essas características. Mas também nos leva a um contexto social que permite que todas as crianças e adolescentes estejam em condições de participarem de práticas educacionais intensas e de longo prazo. Isso representa o acesso a condições mínimas de bem-estar e o acesso a graus de estabilidade que permitam o planejamento e a abordagem de compromissos que se estendam além do imediatismo e que representem muitos anos na vida dessas crianças. O sucesso dessa articulação entre a escola e o contexto se traduz na capacidade de captar e manter as crianças e os adolescentes nas aulas e conseguir garantir-lhes o acesso a essa educação básica que define o horizonte de igualdade do sistema educacional (LOPEZ, 2008, p.339).

Os limites entre essas instituições, muito bem demarcados pela assimetria cultural e econômica vêm sendo reforçados pelos mecanismos do Estado-avaliador⁹. Ao exercer a autoridade e controle dos processos, a partir de um universo macro e via 'controle remoto', avalia a escola sem considerar a diversidade das dimensões sócio-

⁹ AFONSO, ALMERINDO JANELA: "Denominação que expressa novas formas de atuação e diversas e profundas mudanças nos papéis do Estado." Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n75/22n75a03.pdf> - Visitado em 30.10.2012

culturais, as estruturas familiares e demais aspectos que compõem a complexa teia da sociedade e das comunidades escolares locais.

Todavia, a democratização das sociedades modernas, a remodelação da forma de composição das famílias, as relações de gênero e os laços de autoridade no interior das mesmas, convoca escola e família a elaborarem uma revisão nessas relações, até então autoritárias e que se diluem para a construção de novos territórios embasados no diálogo mais horizontal, na participação e na negociação de interesses dessas partes até se chegar ao 'pacto de qualidade', inegavelmente presentes nas expectativas de ambas, (des)velados ou não.

Podemos inferir daí que, a busca pela qualidade social passa pela (re) definição da função social da escola, por meio da redefinição do conjunto de práticas que compõem os seus currículos.

A partir dessa reflexão, é importante apontarmos a concepção de currículo numa ideia ampliada, conforme sugere Infanger (2004):

A idéia do currículo como construção social nos leva a concluir que todos estamos envolvidos no processo curricular. Portanto isso significa não aceitarmos pacotes prontos, não aceitarmos processos não democráticos de renovação curricular, não aceitarmos imposições. Isso indica que precisamos estar sendo permanentemente criativos, defendendo nossa participação, que precisa se dar de uma forma autônoma, de uma forma bastante refletida (INFANGER, 2004 p. 294)

Nesse contexto, ao delinear percursos em busca de respostas aos conflitos, dilemas e desafios, articulando as dimensões sociais e educacionais e a situação familiar, as escolas podem diminuir os abismos entre si e as famílias, aproximando a escola da ideia do aluno de todos os dias e afastando a ideia do aluno ideal, esperado e que nunca chega. Assim, é Lopez (2008) que nos aponta os fatores que põem em risco a educabilidade:

A situação familiar, o contexto cultural e a exclusão social são exemplos de alguns dos fatores que conformam a lacuna que põe em risco as condições de educabilidade. Principalmente quando esses fatores se articulam e se potencializam (LOPEZ, 2008, p.343).

E de onde vem essa exclusão?

Segundo Freitas (2009),

Deve-se levar em conta que a avaliação não incorpora apenas objetivos escolares, das matérias ensinadas, mas também objetivos ligados à função social da escola no mundo atual, os quais são incorporados na organização do trabalho pedagógico global da escola (FREITAS, 2009, p.17),

Afinar os quesitos que favoreçam a aproximação entre os interesses das comunidades às práticas educativas mais adequadas a essas realidades, talvez seja o caminho em torno do qual se construam as condições ideais para a 'educabilidade' e que poderá atribuir às escolas o caráter de escola com qualidade social. Nesse sentido é possível dizer que a avaliação institucional participativa se explorada em toda a sua potencialidade e convergir os interesses do coletivo em favor da qualidade da escola tem potencialidade para ser essa via.

2.2.1 - As relações entre família e escola: distanciamentos, expectativas e possibilidades na construção da AIP

Sobre a natureza das relações entre a família e a escola, Lopez (2008) aponta a lacuna existente entre a expectativa dos professores sobre a participação das famílias na vida escolar dos estudantes e a correspondência quanto à presença dos pais na escola:

Existe uma ampla gama de expectativas dos professores a respeito da participação das famílias na educação das crianças e adolescentes. São freqüentes as queixas contra os pais que não orientam bem seus filhos, não olham seus cadernos, ou não se interessam pelo progresso deles nos estudos. Há também a ausência na reunião de pais ou na falta de respostas às citações individuais.[...] Essa presença escassa das famílias, segundo os professores [...] vai se aprofundando, até o ponto em que, entre os adolescentes, a ausência familiar é quase uma situação que deve ser assumida por definição (LOPEZ, 2008, p. 340).

Em Malavasi (2009) também vamos encontrar o alerta sobre a importância do olhar atento à natureza das relações entre a família e a escola e o quanto ela é definidora e ao mesmo tempo reveladora dos processos de avaliação:

É tarefa importante no processo de construção da Avaliação Institucional examinar a natureza das relações entre a família e a escola, pois com isso é possível desvelar uma dimensão importante dos processos avaliatórios das instituições educacionais e da sociedade (MALAVASI, 2009, p. 180).

Apoiamo-nos, ainda, nessa mesma autora para reiterar a ideia de que se a 'escola' não acolher os interesses de sua comunidade, tende a perdê-la como importante aliada:

Tomar as famílias como aliadas no processo de construção do conhecimento dos estudantes na formação de cidadãos que ela, escola, anuncia desejar, são alguns compromissos a serem assumidos coletivamente (MALAVASI, 2009, p. 180).

Assim, para o desenvolvimento e a sustentação da política de Avaliação Institucional Participativa, é fundamental que a 'escola' dê visibilidade às suas intenções:

[...] o primeiro passo para uma instituição que pretende implantar a AI com participação das famílias é discutir com elas suas atribuições, suas potencialidades e a melhor maneira de fazer-se representar-se nesse importante espaço educativo. Espaço esse que é público e que, sendo de todos, é também de cada segmento constituinte dela. (MALAVASI, 2009, p.185).

A escola reclama pela presença dos responsáveis pelos estudantes, uma vez que o acompanhamento da vida escolar pelas famílias tem relação direta com o sucesso ou fracasso dos estudantes, uma vez que a educação se processa de forma responsável e parceira envolvendo família e escola.

Para a AIP a presença das famílias é relevante e fundamental para potencializar as ações de melhoria. Ao reconhecer que o espaço da CPA é um espaço formativo no contexto do coletivo, os pais podem contribuir com as mudanças almejadas pela escola, pois a contribuição de cada segmento amplia o debate e legitima os encaminhamentos no que deva se constituir como o pacto de qualidade negociada.

2.3 - O Projeto Pedagógico como importante aliado na concretização da AIP

Nas últimas três décadas, embora o enfoque das políticas educativas municipais tenha sido voltado ao acesso e permanência das crianças na escola, a qualidade de ensino vista como o sucesso da criança inserida no processo educacional, permeou os debates em torno da escola pública de Campinas.

No final dos anos 90 esse debate se intensifica quando se inverte a seta, perspectiva na *qual, a SME atenderia as escolas em suas demandas pedagógicas e*

sociais, e não a determinação de que as escolas deveriam atender às demandas institucionais e burocráticas da SME (OLIVEIRA, 2005, p.143).

Ao centrar na escola - o *lócus* privilegiado para avaliação – e promover a inserção da comunidade local nesse debate, segundo GERALDI (2004) isso seria possível:

[...] organizando cada escola a partir do seu entorno [...] assegurando que as decisões sejam tomadas com a participação de todos os interlocutores de uma escola viva, especialmente dos pais e da população do entorno da escola, viabilizando a participação no projeto de educação de seus filhos, controle social e transparência das verbas da educação.[...] (GERALDI, 2004, p.49)

Esse movimento regional, circunscrito em um movimento maior, nasce no bojo de movimentos de avaliações ‘subnacionais’, pretensiosos de subverter as políticas do Estado-avaliador¹⁰ no sentido de objetivar movimentos de natureza democráticos e emancipatórios, “uma vez que a Escola viva supõe esse jogo aberto, rizomático [...]” (GERALDI, 2004, p.42), promovendo e abrindo caminhos para “escolas reflexivas” (SORDI, 2009, p.49).

É na construção da identidade da escola, no lugar onde ela se situa, seu entorno, sua comunidade, que esse movimento se revela potente e clama por se consolidar, por meio do movimento denominado “Escola Viva”¹¹

[...] Anunciava que toda a comunidade escolar, até então com pouca ou nenhuma visibilidade, seria convocada a participar dessa re-territorialização: “Através do trabalho coletivo, tecemos pelo avesso a *Escola Viva*, com a participação de crianças, jovens, adultos, com suas diferenças, na produção de novos caminhos e inserções capazes de fazer com que Campinas se ‘re-territorialize’ no bojo dos novos atores sociais, antes invisíveis, mas que também querem deixar suas marcas. (GERALDI, 2004, p.39).

O conceito de qualidade social tem sustentado os movimentos de reorientação curricular, abrangendo a formação de professores e de especialistas bem como na organização de tempos e espaços pedagógicos:

Desde fevereiro de 2005, vários documentos do DEPE vêm tratando da implementação do ensino fundamental de 9 anos e do sistema de ciclos. Embora sejam ações distintas, há uma integração entre elas por estarem

¹⁰ Segundo Afonso, é a “definição do papel do Estado com vistas à revalorização da ideologia de mercado”.

Disponível em:

http://www.ucpel.tche.br/revista_soc_debate/arq_artigos/40_v15n2juldez2009/04Silvia%20Yannoulas.pdf, visitado em 15.07.2012.

¹¹[...] como se denominou a construção de uma nova proposta para a Educação Municipal (Oliveira, 2005, p. 164).

comprometidas com a elevação da qualidade social da aprendizagem na educação pública municipal.¹²

Os aspectos apontados naquele período ainda resistem como princípios que fundamentam a formulação das políticas advindas da Secretaria Municipal de Educação, sobretudo para aquelas de natureza avaliativa, como a Avaliação Institucional Participativa.

Para além de avaliar o sistema e melhorar a qualidade do ensino oferecido nas instituições públicas de Campinas, a política de AIP pretende ser um instrumento de contrarregulação que supere as políticas avaliativas externas vigentes, no momento em que instrumentaliza as comunidades escolares com elementos que tenham potenciais de se autoavaliar, alargando o espectro das formas avaliativas, visando atingir a qualidade social.

Para Geraldi (2004) o documento legítimo, reconhecidamente como a identidade da escola é o Projeto Político Pedagógico (PPP)¹³:

Considero o projeto pedagógico uma metodologia de trabalho que supõe três momentos sucessivamente consecutivos: *da crítica à proposta, da proposta à ação, da ação à crítica*, ... Trata-se de um movimento que pode começar pelo que gera o maior consenso possível do grupo num determinado momento histórico, por aquilo que está nos preocupando no momento, bastando que haja consenso de um grupo dos envolvidos e esse fato vivo, que são a vontade e a possibilidade de batalhar por uma solução (GERALDI, 2004, p.51).

A Avaliação Institucional não está dissociada do Projeto Político Pedagógico da escola, portanto, acreditamos que o PPP seja o documento que possa referenciar e conter o registro dos processos que se desenvolvem no interior das escolas, conforme retrata Sordi (2009):

Sendo o PP o elemento mais permanente que rege a vida da escola e que orienta os compromissos aceitos pela comunidade localmente envolvida e interessada na produção de bons resultados educacionais, parece óbvio que, quanto maior for a participação legítima desta comunidade com o processo de avaliação institucional, mais estes dados poderão produzir sentidos e fazer pensar o coletivo destes atores. A transformação da 'medida' em avaliação

¹² Diretrizes para a escola de 9 anos organizada em ciclos – Subsídios para estudos na escola. Documento elaborado pelos coordenadores pedagógicos do Ensino Fundamental: Eliana de Souza, Elisabete Pimentel, Gláucia C. Moreto, Júlio A. Moreto, Sônia Losito, Sônia Regina F. de Oliveira. Assessoria da Prof. Dirce Djanira Pacheco Zan.

¹³ Projeto Político Pedagógico usará a denominação PPP ou PP.

exige necessariamente envolvimento da comunidade a escola. A isto chamaremos de compromisso social com a avaliação (SORDI, 2009, p.48).

Assim, os princípios norteadores afirmados nos PPP para uma escola pública de qualidade devem orientar as metas definidas nos Planos de Avaliação Institucional para que as ações traduzam os anseios dos atores na formulação do pacto de qualidade negociada.

Salientamos que, concomitantemente à implementação da AIP, as escolas da Rede Municipal têm vivido o processo de implementação de dois movimentos não menos importantes: a escola de 09 anos, com ingresso de crianças a partir de 06 anos de idade, desde 2006, com a implementação dos Ciclos I e II e a implementação dos ciclos III e IV, desde 2009 e 2010 respectivamente. Consideramos relevante apontar esses aspectos porque eles sinalizam para uma possível mudança nos referenciais avaliativos.

CAPÍTULO 3 – AS DECISÕES METODOLÓGICAS

Nesse capítulo serão descritos os caminhos escolhidos para o percurso desse estudo, desde o interesse profissional da pesquisadora em realizar a pesquisa sobre as assembleias escolares como espaço de manifestações coletivas em favor da melhoria da escola, até a decisão de realizar um estudo ampliado para o sistema participativo da escola, composto pelo espaço da Comissão Própria de Avaliação (CPA) e Conselho de Escola (CE).

3.1 – Metodologia e Procedimentos

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, enfatizado por André, (2008, p.16), ao citar Stake (1994, p.236) como “uma escolha do objeto a ser estudado”, através do qual o aprendizado é o conhecimento que se adquire com o próprio estudo, porque o caso em si tem importância. Ao encontrar eco em nosso repertório de conhecimento e de experiências, é mais vivo e *mais concreto; mais contextualizado e mais voltado para a interpretação do leitor* que traz para a leitura as suas *experiências e referências* (ANDRÉ, 2008. p.16).

Algumas vantagens e limites, em realizar-se um estudo de caso, são apontados por André (2008, p.33-35). Ao mesmo tempo em que fornece uma *visão profunda e integrada de uma unidade social complexa* exige que o pesquisador invista tempo e planejamento no decorrer de todo o processo de trabalho. *Ao retratar situações da vida real, sem prejuízo de sua complexidade e de sua dinâmica natural*, implica na aceitação do pesquisador ao ingressar em campo e nas relações que serão estabelecidas.

A autora aponta ainda que, *ao jogar luz sobre o fenômeno estudado, de modo que o leitor possa descobrir novos sentidos*, o estudo de caso possibilita a compreensão do fenômeno estudado e o amplia, ao estabelecer relações com o já vivido ou ainda ao criar novas possibilidades ao derivar outros estudos no futuro.

Por considerarmos a metodologia desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa mais adequada à esse estudo, assumimos a afirmação de Minayo (1994), uma vez que

(...) ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis (MINAYO, 1994, p.21-22).

Essa investigação se caracterizou com a opção metodológica de um estudo de caso e uma pesquisa de natureza qualitativa. Segundo André, *as abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que valoriza o papel ativo do sujeito no processo de produção de conhecimento e que concebe a realidade como uma construção social* (ANDRÉ, 2008).

3.2 – Movimentos Iniciais da Pesquisadora

Inicialmente tive um exagerado entusiasmo pelo projeto. Ao elaborar o projeto inicial, eu havia mesclado a função da profissional com o de potencial pesquisadora. O que parecia ser *à priori* um facilitador, que pela presença constante na escola favoreceria o livre acesso ao acervo de documentos ou mesmo para planejar, observar e participar das instâncias de participação enquanto ações inerentes à minha atividade profissional se apresentou como um entrave no sentido que eu não teria o devido distanciamento para proceder à pesquisa com a isenção necessária. Assim, para atingir o estranhamento, *enquanto esforço deliberado de análise do familiar como se fosse estranho*, ao final do ano (2010) eu me removi da escola através do processo anual de remoção de especialistas, promovido pela Secretaria Municipal de Educação, o que não implicou na perda de entusiasmo.

Com a remoção a minha atividade profissional se daria em outra escola que se localizava em outra região (Norte, do município de Campinas). Por esse motivo foi preciso adequar os horários para conciliar as exigências da prática da pesquisa com as atuais demandas do meu trabalho. Planejei a ida à escola quinzenalmente às terças-feiras, depois do meu expediente de trabalho, para observar as reuniões de CPA e de CE cujos encontros ocorreram em grande parte após as 18h00.

3.3 - A entrada no campo

A solicitação para a autorização ao desenvolvimento da pesquisa já havia sido feito em 2010, quando eu ainda era OP da escola. Como o processo de remoção era relativamente recente (dezembro de 2010) quando retornei à escola em janeiro de 2011 para o que seria a primeira entrada no campo, devo ter causado sentimentos confusos a algumas pessoas da escola, especialmente aos professores novos, alguns funcionários e alunos.

Enquanto eu circulava pelo pátio da escola, observando o intervalo e pensando no quanto a ex-orientadora ainda não havia dado lugar a potencial pesquisadora, as pessoas vinham até mim entabular uma conversa com a finalidade de saber se 'eu tinha voltado'. As funcionárias da cozinha chegaram a solicitar a minha ajuda (como era habitual) para acompanhar o lanche das turmas 'mais agitadas'.

Ao mesmo tempo em que me sentia envaidecida ao ser solicitada a participar da rotina da escola, pela naturalidade como me incluíram nos assuntos da escola, me ofereceram um cafezinho fresco e pelas demonstrações de afeto para comigo ao dizer que eu estava 'fazendo falta', o desejo de me agregar às pessoas e colaborar com o cotidiano se mesclavam ao conforto de estar ali na condição de pesquisadora.

Ao retornar ao bloco administrativo, deparei-me com a nova OP à porta de entrada. Ela tinha uma das mãos cheia de papéis devido às 'mil demandas': agendamento de passeios, atendimento a alunos e professores, bilhete para os pais, etc... E tudo 'com urgência para ontem' como ela mesma disse.

A cada ida a campo eu retomava os objetivos da pesquisa buscando reconstruir o sentido da minha presença nos pequenos núcleos de conversa com os docentes, direção, funcionárias ou estudantes. Eu percebia que seria necessário algum tempo ainda para que o distanciamento esperado se consolidasse.

Ao longo do ano o meu envolvimento com as demandas das atuais escolas onde passei a atuar como OP favoreceu o processo de estranhamento e orientou o olhar ao familiar como se fosse estranho e ao estranho como se fosse familiar.

Houve vezes de colegas virem até mim denunciar situações de descontentamento, relatar ocorrências de conflitos envolvendo alunos e professores, pedir opinião ou fazer sugestões de melhorias como se a condição de pesquisadora me credenciasse a ser, talvez, uma porta-voz de algumas de suas angústias.

3.4 - A coleta de dados

A coleta de dados para a pesquisa de campo foi iniciada em janeiro de 2011 e se encerrou em janeiro de 2012. Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: a análise documental, a observação e a entrevista semi estruturada.

A decisão pelo emprego de *fontes variadas, instrumentos mais ou menos estruturados, em diferentes momentos e em situações diversificadas* (ANDRÉ, 2008, p.51) entre outros fatores, é que favorecem o cruzamento das informações coletadas e a descoberta de outras bem como auxilia na confirmação ou rejeição das hipóteses iniciais. Esses instrumentos estão abaixo descritos.

3.4.1 - Análise documental

A consulta à documentação escolar, de natureza pública, como o Projeto Pedagógico e o Plano de Avaliação Institucional; documentos oficiais referentes à legislação vigente publicadas em Diário Oficial do Município (cópias eletrônicas); os livros de registro: de Atas de Conselho de Escola desde 2008 até a última reunião ocorrida em 2011; os livros de registro das reuniões da Comissão Própria de Avaliação (CPA), desde 2008 até finais de 2011; os livros de registro de Trabalho Docente Coletivo, desde 2008 até finais de 2011, documentos esses em que obtive informações que não estariam disponíveis de outro modo.

Segundo André (2008): *Documentos são muito úteis nos estudos de caso porque complementam informações obtidas por outras fontes e fornecem base para triangulação de dados* (ANDRÉ, 2008, p.53).

As informações sobre a fonte pesquisada/documental, local e total de horas estão demonstradas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Documentos pesquisados

DATA	29.02.2012
FONTE	Análise Documental (Livro de Registro das atas da CPA, Livro de Registro das atas do Conselho de Escola - CE, Livros de Registros de Trabalho Docente Coletivo - TDC e Livros de Registros de Trabalho Docente Individual – TDI dos Ciclos I e II/III e IV)
HORA	14h00 às 18h00
LOCAL	Sala da Orientadora Pedagógica
TOTAL	4 Horas

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2012)

3.4.2 – Observações

Grande parte dos dados foi coletada por meio de observação direta nas reuniões de CPA, de CE e em outros locais. Essas observações aconteceram no decorrer do ano de 2011. Embora estivesse atenta ao cronograma das reuniões, não foi possível observá-las em sua totalidade, seja por decisões de cancelamento ou adiamento, nesse caso, tomadas pela equipe da escola ou por questões de agenda da pesquisadora.

Estar presente nesses locais possibilitou obter informações sobre como, no contexto escolar e por meio dessas práticas coletivas e avaliativas, emergiram os temas discutidos bem como perceber como se deram as relações entre os sujeitos. Por meio das observações foi possível perceber detalhes que apoiaram as descrições dos espaços observados.

Os dados das observações foram registrados em diário de campo, de forma manuscrita e posteriormente foram digitadas. A digitação dos dados deu-se pela finalidade de organização e disponibilidade na utilização dos mesmos para a análise dos conteúdos e escrita da dissertação. Cabe ressaltar que constam desses registros, as primeiras impressões da observadora sobre o que ‘saltou aos olhos’, o que pareceu conflitante, o que se mostrou como contradição ou contraste entre o dito, o escrito e o observado.

Foram observadas duas reuniões de Conselho de Escola, totalizando 4h00 de observação:

Quadro 2 – Observações em Reuniões de Conselho de Escola

DATA	09.08	19.10
	1ª	2ª
HORA	17h30 às 19h00	18h00 às 20h30
LOCAL	Sala de leitura BL B	Sala de leitura BL B
TOTAL	1h30	2h30

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Foram observadas cinco reuniões de Comissão Própria de Avaliação, totalizando 8h30m de observação:

Quadro 3 – Observações em reuniões de CPA

DATA	12.04	09.06	07.07	13.09	29.11
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
HORA	17h30 às 19h00	18h00 às 20h00	18h00 às 19h30	18h00 às 20h00	18h30 às 20h00
LOCAL	Sala de aula BL A	Sala de aula BL A	Sala de leitura BL B	Sala de Leitura BL B	Sala de Aula BL A
TOTAL	1h30	2h00	1h30	2h00	1h30

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Além dos espaços mencionados acima, outros espaços como Assembleia de Alunos, Reunião de Representantes de Classe, Encontro de Negociação entre a CPA e representantes da SME, Reunião de Planejamento e Avaliação Institucional, Reunião de Discussão Curricular e intervalo de lanche de alunos do período vespertino, totalizando 18h30m de observação:

Quadro 4 – Observações em Assembleias e outros espaços

DATA	31.05	29.07	02.09	29.11	01.12	05.12
FOCO DA OBSERVAÇÃO	Intervalo de alunos do período vespertino	RPAI ¹⁴ e TDC ¹⁵ Com a presença de professores, Direção e OP	Reunião sobre Diretrizes Curriculares entre professores, Direção e OP	Mostra de Trabalhos no NAED ¹⁶ NORTE Exposição da escola e apresentação de alunos do grupo JOCAD ¹⁷	Encontro de Negociação com a presença de Representantes da SME e CPA da escola	Assembleia de Alunos Representantes, com a presença de alunos, direção e OP.
HORA	15h00 às 16h30	10h30 às 13h30	14h00 Às 17h30	13h30 Às 18h30	14h00 Às 17h30	10h00 Às 12h00
LOCAL	Pátio da escola, refeitório, sala de café dos professores	Sala de aula Bloco A	Sala de aula Bloco A	NAED Noroeste	CEFORTE PE ¹⁸	Sala de aula do Bloco B
TOTAL	1h30	3h00	3h30	5h00	3h30	2h00

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

3.4.3 - Entrevistas¹⁹

A opção pela realização de entrevistas justificou-se por ser um instrumento que permite *revelar os significados atribuídos pelos participantes a uma dada situação, a entrevista se impõe como uma das principais vias* (ANDRÉ, 2008, p.51).

¹⁴ Reunião de Planejamento e Avaliação Institucional

¹⁵ Trabalho Docente Coletivo

¹⁶ Núcleo de Ação Educativa Descentralizada

¹⁷ Jovens Contra as Drogas

¹⁸ Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional Milton Santos

¹⁹ Vide Roteiro de Entrevista (Anexo 1)

As entrevistas fizeram parte da etapa final da pesquisa de campo. Foram iniciadas em novembro de 2011 e encerradas em janeiro 2012, procurando conciliar a disponibilidade de tempo entre os sujeitos e a pesquisadora. O critério de escolha buscou contemplar representantes dos diferentes segmentos: familiares membros da CPA e CE e familiares de alunos representantes de sala; docente responsável pela CPA e docente que realizou assembleia de classe com sua turma; estudantes representantes desse segmento na CPA e CE e representantes de sala; funcionária representante do segmento na CPA e CE e funcionárias que são familiares de representantes de sala; gestoras: diretora educacional, vice-diretora e orientadora pedagógica. O número de sujeitos para compor o quadro das entrevistas não foi determinado *à priori*, mas houve um cuidado para ter representantes de todos os segmentos.

Assim, algumas entrevistas foram feitas em final de reunião de CPA (com familiares) outras foram feitas em dia de Reunião de Famílias e Educadores (com familiares, alunos representantes de sala e funcionárias) outras em horário de 'janela' (tempo de aula vaga na jornada diária dos docentes), outras após encerramento do ano letivo (gestoras). Alguns representantes do segmento de alunos presentes em reunião de CPA no início do ano ou já não estavam mais na escola no período das entrevistas ou não participavam das reuniões. Essas irregularidades na frequência impossibilitaram a realização da entrevista com aqueles membros. Em função das mudanças ocorridas na organização da escola quanto ao atendimento para 1º ao 5º ano, para as entrevistas foram priorizados os alunos de 4ºs e 5ºs anos por terem uma vivência de escola e de representante de classe (alguns eram oriundos da escola antiga). As professoras entrevistadas são membros da CPA e do CE e essa última realizou algumas assembleias de classe com a sua turma. As entrevistas foram gravadas e transcritas, compondo por volta de 06 horas de gravação.

Tabela 1 – Entrevistas com representantes dos segmentos

SEGMENTOS	ESTUDANTES	PROFESSORES	FUNCIONÁRIAS	GESTORAS	FAMÍLIAS
CPA	5	1	1	2	3
CE	1	1	1	2	1
RS ²⁰ (4º e 5ºs anos)	19	-	-	-	-
FAMILIARES DE ESTUDANTES (RS)	-	-	-	-	4
FUNCIONÁRIA E FAMILIAR DE RS	-	-	2	-	-
TOTAL	25	2	4	4	8

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Ao início de cada entrevista foi solicitada e concedida a autorização para a gravação. De forma resumida a pesquisa era contextualizada com destaque para o objetivo geral de descrever os espaços de participação da escola. Na questão primeira os entrevistados eram perguntados sobre a importância e a função da escola, para criar um clima propício à inserção das questões seguintes, sobre os espaços de participação, os temas e as suas possíveis articulações. Para facilitar a compreensão, as perguntas da entrevista foram adaptadas aos diferentes segmentos e o roteiro foi adaptado quando necessário. A maioria das entrevistas foi realizada no espaço da sala de leitura (Bloco B). O ambiente se mostrou bem adequado por ter mesa e cadeira, boa acústica, pouco trânsito de pessoas e quase nenhuma interrupção nas conversas (vide roteiro de entrevistas - Anexo 1).

3.4.4 – Outras fontes de dados

Os dados oficiais sobre as turmas foram obtidos no sistema INTEGRÉ²¹, acessado através de senha, ou mensagens enviadas e recebidas por meio de correio eletrônico (*e-mail*), também acessado através de senha (grupo padrecoonline).

²⁰ Representantes de Sala (alunos representantes das turmas)

Outras informações foram coletadas em páginas na *internet*, em busca de teses e dissertações, trabalhos de conclusão de curso, relatórios de pesquisas, algumas produzidas por profissionais da escola, notícias e reportagens envolvendo a instituição, fotos e vídeos.

O objetivo de reunir o maior número de dados e obter um acervo de documentos relativos à escola foi intencional, para compor um cenário o mais diversificado possível.

3.5 – A análise dos dados

Na análise dos conteúdos desta pesquisa serão atendidas as três etapas sugeridas por Bardin (2005), sendo: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2005, p. 89).

Na definição de André (2008):

A análise está presente nas várias fases da pesquisa, tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados. Desde o início do estudo, no entanto, são usados procedimentos analíticos, quando se procura verificar a pertinência das questões selecionadas frente às características específicas da situação estudada e são tomadas decisões sobre áreas a serem mais exploradas, aspectos que merecem mais atenção e outros que podem ser descartados (ANDRÉ, 2008, p. 54-55).

De acordo com essa autora, tais escolhas “decorrem de um confronto entre os fundamentos do estudo e o que é vai sendo “aprendido” no desenrolar da pesquisa”. A autora ressalta ainda “que esse movimento é constante e perdura até o final do relatório”. Entretanto, “a fase mais formal de análise tem lugar quando a coleta está praticamente concluída” (ANDRÉ, 2008, p. 55).

Esses procedimentos foram seguidos e os passos seguintes consistiram na leitura e releitura de todo o material com o objetivo de identificar os pontos relevantes para a pesquisa.

²¹ Sistema de Gestão Integrada da Rede de Ensino. Disponível em: <http://www.ima.sp.gov.br/solucoes/gestao-da-educacao/integre>.

3.5.1 – A pré - análise dos dados

A análise preliminar foi iniciada selecionando o material que apontava as primeiras aproximações acerca do que tinha relação com os objetivos da pesquisa:

- a) Os registros efetuados na análise dos documentos, para extrair os temas pautados nas reuniões e que constavam em livro ata;
- b) Os relatos de diário de campo foram revisitados, relidos e foram dados os destaques às considerações acerca do que foi registrado sobre a observação direta nos diferentes espaços: como funcionam, os procedimentos adotados, a abrangência, os problemas e as decisões tomadas e suas possíveis articulações e conexões;
- c) Quanto às entrevistas, os trechos mais marcantes dos diálogos foram destacados e organizados dentro de temas que pareceram pertinentes.

Ao proceder o rastreamento dos conteúdos significativos para a pesquisa, os excertos foram agrupados provisoriamente dentro do que pareceu ter pertinência, contabilizando a frequência com que foram citados.

Por meio de quadros, classificados segundo as instâncias observadas (CE, CPA, AE) e a natureza dos instrumentos (observação, análise de documento e entrevistas), os dados foram organizados segundo sete eixos analíticos, conforme demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 5 – Temas ou eixos analíticos

A	B	C	D	E	F	G
ELEIÇÃO E POSSE	REGRAS /MEDIDAS DISCIPLINARES	APLICAÇÃO DE RECURSOS (PLANO E APROVAÇÃO DAS CONTAS)	INFRAESTRUTURA (REFORMA, REPAROS, MANUTENÇÃO)	SEGURANÇA	RECURSOS HUMANOS	PLANEJAMENTO E FUNCIONAMENTO ESCOLAR
N	N	N	N	N	N	N
N = NÚMERO DE VEZES QUE O TEMA FOI CITADO						

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Na pré-análise, foram realizadas as leituras dos textos (*leitura flutuante*) e procedeu-se a organização dos documentos, considerando os relatos das observações, a análise documental e as transcrições das entrevistas.

Nas observações das instâncias (CPA, Conselho de Escola e Assembleia de Estudante) os temas que pautaram as discussões foram relacionados aos encaminhamentos/sugestões, quando houve. Os conteúdos foram agrupados provisoriamente dentro de temas que demonstraram ter alguma pertinência.

Na análise documental, os dados coletados dos livros de registro destinados às atas de reuniões de CPA e de Conselho de Escola, também foram organizados considerando-se as pautas discutidas nas reuniões e os encaminhamentos/sugestões, quando houve. Os conteúdos foram agrupados provisoriamente dentro de temas que demonstraram ter alguma pertinência;

Na pré-análise dos conteúdos das entrevistas buscou-se agrupar os conteúdos das respostas dadas pelos sujeitos entrevistados dentro de categorias que demonstraram ter alguma pertinência.

3.5.2 - A análise e interpretação dos dados

Por meio da descrição dos espaços (CE, CPA e AE) pretendemos oferecer uma ideia inicial das temáticas discutidas e das percepções da pesquisadora em torno do 'clima' nas relações interpessoais. Ao confrontá-las com os conteúdos das entrevistas, por meio das falas dos sujeitos podemos realizar algumas possíveis interpretações e inferências.

Para a análise e interpretação dos dados vamos nos valer da análise de conteúdo sugerida por Bardin (2005).

Para o tratamento dos dados utilizamos a técnica de análise temática ou categorial, que consistem em realizar operações de desmembramento do texto em unidades ou *núcleos de sentido* e reagrupá-los em categorias.

Procederemos à análise temática por considerá-la mais adequada na interpretação dos dados que ora dispomos: conteúdos das entrevistas, conteúdos das observações e conteúdos dos documentos.

A análise temática será feita através da busca dos núcleos de sentido que compõem a comunicação, cuja *presença e frequência de aparição podem significar alguma coisa, para o objeto escolhido* (BARDIN, 2005, p.99).

A etapa final consiste na interpretação dos conteúdos selecionados que se constituirão em dados para a análise reflexiva.

Acreditamos que o trabalho a que nos propusemos realizar com a pesquisa: *“descrever as instâncias de participação no interior da escola que compõem o seu sistema participativo – como funcionam, os procedimentos adotados, a abrangência, os problemas e as decisões que são tomadas e suas possíveis articulações e conexões”* bem como as respostas para as questões que nos colocamos:

- *Identificar que demandas se originam nas práticas que compõem o sistema participativo – (CPA, Conselho de Escola e assembleias) e se elas se voltam para a melhoria na relação entre o professor e os estudantes;*
- *Identificar a relação entre o processo avaliativo e educativo, se tem se constituído enquanto espaço de formação de valores e quais;*
- *Identificar que aprendizados (outros) os segmentos apontam serem construídos nesse exercício; possam ser respondidas por meio da análise desses conteúdos considerando os temas verificados nos diferentes espaços (CPA, CE, AE), articulando-os com as respostas às questões das entrevistas.*

CAPÍTULO 4 – A ESCOLA PESQUISADA E O SISTEMA PARTICIPATIVO

O objetivo deste capítulo é apresentar as características principais da escola pesquisada e seu sistema participativo. Os conteúdos foram extraídos do Projeto Pedagógico da escola, das anotações das observações e dos excertos das entrevistas contendo as falas dos sujeitos entrevistados.

4.1 - Breve Histórico

A escola, objeto da pesquisa, de 1981 até 2009 funcionou em um prédio situado à Rua Ibirapuera, no Jardim Londres. Construção antiga, com alguns comprometimentos estruturais que necessitavam de reforma e de ampliação para suprimir as turmas atendidas no período intermediário.

O prédio tinha cinco salas de aula, atendia quinze turmas e funcionava ininterruptamente, das 7h00 às 19h00, em três períodos de quatro horas, a saber: das 7h00 às 11h00 denominado de período da manhã, das 11h00 às 15h00, período intermediário e das 15h00 às 19h00, período vespertino. À noite havia turmas de alfabetização de adultos coordenada pela Fundação Municipal de Educação Comunitária – FUMEC.

Essa forma de atendimento ininterrupto era alvo de críticas e foi elaborada uma proposta de ampliação de duas salas para suprimir o período intermediário, reforma essa que não chegou a acontecer, em função da mudança da escola (em janeiro de 2010) para o prédio localizado na Vila Castelo Branco.

Assim, por meio de uma ação parceira entre as Secretarias Municipal de Educação e Estadual de Educação, realizou-se a fusão das duas escolas, conforme descrito abaixo.

4.1.2 – O processo de fusão das duas escolas

A fusão mudou radicalmente o rumo da história dessa escola, e imperativamente levou a sua equipe a reconstruir o projeto pedagógico em outro lugar, com outros

sujeitos, obrigando-os a reorientar, portanto, as suas perspectivas, considerando as demandas que a conformação dessa nova escola passou a exigir.

A forma abrupta como a notícia chegou e a mudança ocorreu gerou ansiedade, angústia e descontentamento na comunidade escolar. A equipe gestora foi informada em dezembro de 2009 que deveria concretizar a mudança nas férias de janeiro de 2010. A mudança provocou um movimento de resistência e de evasão de alunos. Alguns pais de alunos da antiga escola municipal não concordaram com as mudanças, que não se limitavam à troca de espaço físico, mas a nova escola abarcaria os alunos do 1º ao 4º ano, já matriculados na antiga escola estadual, por esse motivo eles transferiram seus filhos de escola.

4.1.2 – Uma trajetória feita por muitas histórias

A trajetória dessa escola foi marcada por etapas, definidas por modelos característicos de gestão e de organização curricular inovadora.

A diretora atual esteve à frente da direção da escola de outubro de 2002 até dezembro de 2010 e sua antecessora também permaneceu por longo período na direção:

Esta diretora permaneceu, com grande competência, a frente da direção da escola até a sua aposentadoria em 1 de novembro de 2001. Para substituí-la assumiu ao cargo [...] que ficou até a posse da nova diretora [...] (03/09/2002) que ficou até o ano de 2011.²²

Pelo rigor e disciplina a escola conquistou a fama de uma escola de qualidade enquanto a diretora anterior esteve na gestão. Nessa época se inicia a primeira pesquisa no interior da escola apoiada pela universidade. É desse período o projeto mencionado pela professora da área de Português, efetiva dessa escola até 2010, que relata sobre o Programa de Ensino do Projeto Flora Fanerogâmica do Estado de SP (FAPESP) desenvolvido na escola nos anos de 1999 e 2000:

A ideia de currículo como encontro é trazida, pois diferentes ideias de encontro aparecem: o encontro de diferentes atores, alunos e professores da escola pública, pesquisadores de diferentes instituições, parceiros de significado; o encontro de diferentes linguagens e culturas que foram se transformando, umas

²² Texto do livro: "Padre Silva, uma escola especial, retrato de uma época", da autora Maria Nívea Pinto. Disponível em: <http://www.emefpadrefsilva.com.br/nossa-escola.html>. Visitado em 08.07.2012

influenciando as outras na criação de redes de conhecimento; o encontro de diferentes disciplinas escolares que foram flexibilizando suas fronteiras. A interdisciplinaridade, uma das linhas organizadoras do Programa, foi sendo construída principalmente no planejamento coletivo que era aberto, flexível, exigindo modificações constantes, desestabilizando a disciplina como organizadora dos saberes e experiências escolares. O currículo escolar foi sendo redimensionado, abrindo-se a possibilidade para a criação de um currículo múltiplo, levando-se em consideração diferentes significados e saberes. A arte de narrar tem como superfície de tecitura as memórias e recordações que marcaram mais fortemente os atores dessas experiências vividas. Trechos de entrevistas, aulas, fragmentos escritos e reuniões são trazidos como respingos, atualizando e resignificando essas experiências.²³

Nos anos seguintes, de 1º de outubro de 2004 a 30 de setembro 2008, outro projeto foi desenvolvido, em parceria com a Universidade de Campinas (Unicamp), com perspectivas e objetivos mais amplos.

Este projeto manteve o foco no eixo do 'processo ensino-aprendizagem' e esteve organizado em torno de ações de formação do professor reflexivo, por meio de grupos temáticos de trabalho, cujos temas se derivaram do cotidiano escolar: relações interpessoais, ações didático-pedagógicas, motivação discente, motivação docente, pensamento e ação docentes, avaliação da aprendizagem: como, por que, para quem.

A reflexividade docente visava em última instância, o alcance da construção de uma escola democrática, como afirma Aragão, professora coordenadora do projeto,²⁴:

Assim, podemos apontar que se existe o objetivo de transformar a ação docente de modo que esta alcance o cotidiano escolar como algo histórico e socialmente determinado, temos que levar em consideração que o próprio educador deve partir de uma proposta clara e bem definida, de modo que a reflexividade coletiva e crítica tenha como meta a perspectiva da construção de uma escola democrática.²⁵

Outra professora participante deste projeto, efetiva da disciplina de Ciências até 2007, quando se aposentou, narra as suas percepções sobre os processos vividos e alguns resultados alcançados pela participação dos profissionais no projeto:

²³ "O currículo como encontro : memórias e(m) respingos de uma experiência coletiva." Disponível em <http://lakh.unm.edu/handle/10229/48278?mode=full>, visitado em 22.03.2012.

²⁴ SADALLA, A. M. F. A. Escola singular: ações plurais. Projeto de Pesquisa elaborado em parceria pela Escola Municipal de Ensino Fundamental "Padre Francisco Silva" e a Faculdade de Educação da Unicamp, apresentado à FAPESP, junto à rubrica de Programa de Melhoria do Ensino Público, sob Coordenação Geral da Profa. Dra. Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla, Campinas, 2003.

²⁵ ESCOLA E UNIVERSIDADE PÚBLICAS: CONSTRUINDO UM PROJETO PEDAGÓGICO PAUTADO NA REFLEXIVIDADE. Disponível em: <http://ensino.univates.br/~4iberoamericano/trabalhos/trabalho170.pdf> e visitada em 22.03.2012

O Projeto "ESCOLA SINGULAR: AÇÕES PLURAIS", realizado na nossa unidade escolar, tem trazido a discussão e a reflexão para as nossas reuniões, compreensão de atitudes dos adolescentes e nossas enquanto profissionais. Trabalhar em grupo e viver com as diversidades é um grande desafio e também uma grande aprendizagem. Esta diversidade ocorre entre os colegas de trabalho e na própria sala de aula. Refletir sobre nossas ações nos traz a figura do professor-pesquisador. Realizamos diversas atividades na escola que trouxeram a todos uma maior participação nos espaços escolares, contato com a arte, com a pesquisa, com a observação. Estes processos ocorreram entre os alunos e com a equipe docente também. Participo de reuniões semanais, com os professores de 5ª a 8ª séries para trocas de idéias, estudo e discussões de textos e temas. Ouvir e participar das discussões com os diversos profissionais do Projeto sobre as teorias de aprendizagem, diversidades de estratégias utilizadas nas aulas ou formas de aquisição de conhecimento foi muito importante para o nosso trabalho. Interdisciplinaridade é o tema do subgrupo que participo e inicialmente o interessante do trabalho em grupo é realmente o fortalecimento de cada pessoa e a percepção de uma atitude interdisciplinar. Debates os conceitos de Interdisciplinaridade e planejamos algumas ações de forma interdisciplinar para aplicá-las com os alunos²⁶.

Outras pesquisas se derivaram desse trabalho, tendo como palco a EMEF e reorientaram os rumos das práticas docentes²⁷ e da reflexão em torno da função da orientadora pedagógica²⁸.

Esta escola, alavancada por seus profissionais traçou uma trajetória peculiar no esforço de se tornar uma escola melhor para a sua comunidade.

Segundo Sadalla (2003):

A partir de discussões, dilemas, leituras, acontecidas nos espaços de reflexão coletiva da escola referida, encontros dos quais participam a equipe de gestão, os professores da escola e a universidade, decidiu-se por uma mudança na estrutura, organização e currículo da escola. (SADALLA, 2003, p.97).

Algumas iniciativas foram deflagradas para compor o conjunto de ações²⁹ necessárias que contribuiriam para concretizar os avanços desejados pelo coletivo da escola.

²⁶ Ser um professor pesquisador, disponível em:

http://www.researchgate.net/publication/44199898_Ser_um_professor_pesquisadorBe_a_researcher-teacher. Visitado em 22.03.2012

²⁷ MARÇAL, Maristela. Sentidos e Significados das imagens e palavras de alunos do Ensino Fundamental no cotidiano escolar. Campinas: Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2011 e RIZZO, Ítala Nair Tomei. Ações, experiências e reflexões de uma professora alfabetizadora. Campinas. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2011.

²⁸ PIERINI, Adriana. S. A (des) constituição do Orientador Pedagógico na escola Pública: uma trama de muitos fios, vários laços e alguns nós. Campinas: Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2007.

4.1.3 – A equipe de profissionais

Em 2011 a equipe gestora estava composta por três profissionais efetivas (01 diretora e 02 vice-diretoras) sendo que a vice-diretora ocupava a vaga provisoriamente, no lugar da vice-diretora que estava afastada prestando serviços na SME e a OP estava iniciando na escola. Demonstramos a seguir a composição da equipe escolar:

Quadro 6 – Composição da Equipe Escolar

Equipe Gestora	Apoio administrativo	Serviços gerais	Docentes 1º ao 5º	Docentes 6º ao 9º	Docentes outros
03	03	13	21	07	03 Ed. Esp. 04 Ed.Física

Oito professores se encontravam afastados por motivos diversos, dentre eles, licença para tratamento de saúde e prestando serviços na SME, desfalcando e desestabilizando a equipe.

Fonte: Adendo ao Projeto Pedagógico – 2010-2014.

4.1.4 – Localização e características do bairro

A EMEF está localizada na vila Castelo Branco. Esta foi constituída inicialmente por favelas que foram, posteriormente, urbanizadas com infraestrutura como asfalto, rede elétrica, água e esgoto. Essa origem dá uma configuração diferenciada ao bairro, com ruas estreitas e terrenos pequenos. Entretanto, o bairro é bastante arborizado, com praças e áreas de convívio.

O sistema coletivo de transporte urbano inclui, além de linhas específicas que atendem diretamente o bairro, tantas outras que atendem os bairros adjacentes.

²⁹ A reorganização dos tempos escolares (experiência com ‘semi-módulos’), inserção de novas disciplinas na grade curricular (FEC – Filosofia, ética e cidadania), grupos de trabalho para reflexão sobre as práticas, apoiados pela Universidade (três profissionais ingressaram no mestrado nesse período), propostas de novas dinâmicas para as aulas (experiência com aulas triplas) e mecanismos de ampliação dos espaços de diálogos envolvendo os estudantes (representantes de classe, assembleias de classe e grêmio estudantil), subprojetos envolvendo estudantes (Reforço, Parlamento Jovem) e pais (Núcleo de Pais), ações de incentivo à cultura, formuladas em parceria com os Centros Culturais da comunidade local, entre outras.

Nas proximidades da escola encontra-se a via semi expressa John Boyd Dunlop, situa-se a menos de um km da escola, onde se localizam os grandes comércios e instituições: duas faculdades, bancos, lojas de materiais de construção, revenda de carros, restaurantes, supermercados, borracharias, oficinas mecânicas, açougues, padarias e uma feira-livre. Esta via liga o centro da cidade aos bairros mais extremos da região Noroeste, cruzando as rodovias Anhanguera e Bandeirantes.

A população residente na vila onde a escola está localizada (Castelo Branco) é composta por trabalhadores em empresas e comércio, diaristas, domésticas e proprietários de pequenos estabelecimentos no comércio local.

Próximas à Unidade Educacional localizam-se as seguintes escolas: Centro Integrado Municipal de Educação Infantil (CIMEI Nº 2) – Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) “Castelo Branco” e Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) “Recanto das Crianças”; CIMEI Nº 16 - EMEI “Hermínia Ricci” e CEMEI “Marília Martorano do Amaral”, duas Escolas Estaduais de Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série e Ensino Médio e três escolas privadas, sendo uma de Educação Infantil, uma de Educação Infantil ao Ensino Médio e duas faculdades.

Há na região diversas instituições religiosas: Paróquia Nossa Senhora. de Guadalupe e Igreja “Mãe do Povo”, Batista, Quadrangular, Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus, além de Centros Espíritas Kardecista e Candomblé.

A região conta ainda com um Posto de Saúde (Unidade de Saúde), um Centro de Atendimento Público Especializado (CAPES) e o Hospital Público “Celso Pierro”, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC Campinas.

Os espaços culturais disponíveis são: Casa de Cultura Tainã, Associação de Moradores, Praça dos Trabalhadores e Praça da ‘Pedreira’.

4.1.5 – Recursos físicos e materiais

A escola é composta por dois blocos A e B, os quais abrigam 15 salas de aula equipadas com armários e ventiladores; possui um laboratório de informática equipado com 16 computadores e outro com as instalações feitas, aguardando os equipamentos; uma biblioteca com vasto acervo literário, uma sala de leitura com acervo didático e

uma sala de Artes e vídeo, com materiais e equipamentos específicos e 04 banheiros para uso dos estudantes (dois para uso feminino e dois para uso masculino).

No pátio há uma sala onde funciona uma brinquedoteca/espço de projetos com jogos e materiais pedagógicos diversos, uma TV e um vídeo; sala de manutenção de equipamentos/depósito; espaço para futura sala de recursos para atendimento de pessoas especiais. Há um parque infantil, uma quadra poliesportiva coberta e um refeitório de alvenaria. Ao fundo do refeitório há uma cozinha e depósito para alimentos e materiais de cozinha (despensa); contígua à despensa, há pequena sala para depósito de materiais de Educação Física e uma pequena sala de refeições para professores; há ainda dois pátios cobertos, onde se localizam dois banheiros de alunos (masculino e feminino).

No centro há um anfiteatro aberto com duas coxias onde são guardados os instrumentos da fanfarra e outros materiais.

No bloco administrativo há 02 salas para secretaria com três computadores e uma pequena sala de arquivo; uma pequena cozinha; um depósito de materiais de limpeza; sala de orientação pedagógica com um computador e materiais pedagógicos, sala de professores com quatro computadores; uma sala da direção com um computador; dois banheiros para adultos, sendo um masculino e outro feminino. Todas as salas possuem armários e mesas suficientes para os profissionais.

O acesso aos blocos A e B são feitos através de corredores e as rampas dão acesso ao pavimento inferior.

A escola possui vários equipamentos e recursos pedagógicos: vinte rádios *micro system* com entrada para *MP3* e *pendrive*, três *data shows*, dois *notebooks*, cinco computadores na sala dos professores e um na sala da orientadora pedagógica, uma máquina de *Braille*, jogos multimídia e de tabuleiro e *DVDs* de filmes de diversos gêneros e títulos e *DVDs* educativos de disciplinas do currículo escolar.

4.1.6 – Programas e projetos

A escola está inscrita em dois programas federais: Programa Mais Educação³⁰ (iniciado em 2011 e em continuidade em 2012) por intermédio do qual a escola promove um conjunto de atividades educativas, culturais, esportivas e de lazer voltado aos alunos e realizado por educadores sociais e Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)³¹ que presta assistência financeira, cujo repasse de verba se dá mediante o número de alunos, com base nos dados do Censo Escolar do ano anterior ao do repasse.

Outros projetos são desenvolvidos por docentes da escola, voltados para os alunos como a Bandinha Rítmica, Língua Inglesa para o Ciclo II, Xadrez, Educação Física inclusiva (educação física adaptada para o deficiente físico), Fanfarra, Violão e Mediação. Há ainda projetos voltados para a relação família e escola: Interação família/escola – buscando uma parceria entre a escola e a comunidade e voltados para a formação, organização e divulgação do trabalho pedagógico, como o GT de Currículo, Coordenação de Ciclos I, II e III e a *Home Page*, respectivamente.

³⁰ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica.

O programa visa fomentar atividades para melhorar o ambiente escolar, tendo como base estudos desenvolvidos pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), utilizando os resultados da Prova Brasil de 2005. Nesses estudos destacou-se o uso do “Índice de Efeito Escola – IEE”, indicador do impacto que a escola pode ter na vida e no aprendizado do estudante, cruzando-se informações socioeconômicas do município no qual a escola está localizada. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content&view=article/ acessado em 11.11.2012.

³¹ Criado em 1995, o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) tem por finalidade prestar assistência financeira, em caráter suplementar, às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial mantidas por entidades sem fins lucrativos, registradas no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) como beneficentes de assistência social, ou outras similares de atendimento direto e gratuito ao público. O programa engloba várias ações e objetiva a melhora da infraestrutura física e pedagógica das escolas e o reforço da autogestão escolar nos planos financeiro, administrativo e didático, contribuindo para elevar os índices de desempenho da educação básica. O orçamento previsto para 2011 é de R\$ 1,5 bilhão.

4.1.7 – Organização da Escola

A escola tem capacidade total de atendimento de 1020 alunos e no período da pesquisa estavam matriculados aproximadamente 850 alunos, com idades variando entre seis (11 alunos) e dezesseis anos (1 aluno) ³².

Há uma tendência em ampliar o atendimento aos ciclos I e II, uma vez que ao final de 2010 a escola deixou de atender os 9^{os} anos e no final do ano seguinte (2011) deixou de atender os 8^{os} anos. Nota-se que gradativamente vem reduzindo o atendimento aos anos finais (6^o ao 9^o ano).

Esse processo repercutiu no conjunto de professores dos anos finais, que aos poucos vão ‘evadindo’ em busca de condições mais estáveis de trabalho: em 2010 as áreas de ciências e português ‘perderam’ os professores efetivos. Em função da redução gradativa das turmas até provável extinção dessa etapa do ensino fundamental³³ nesta escola, esses professores anteciparam o risco de terem suas jornadas reduzidas ou remoção compulsória e entraram no concurso de remoção.³⁴ A lacuna deixada pela saída desses professores alterou o ritmo da escola ao reforçar o fenômeno da rotatividade que em nada contribui para a qualidade da mesma.

Esse processo parece provocar sentimentos e interesses conflitantes no coletivo dos docentes, pois também há uma preferência dos professores dos anos iniciais na organização da escola para que atenda apenas os alunos menores (1^o ao 5^o ano).

Em sua análise do primeiro semestre, a OP documenta sua visão desse processo:

[...] Os antigos ainda ressentem-se de terem vindo para o ‘Antônio Fernandes’ e os mais novos ainda não conseguiram formar o pertencimento ao lugar, à comunidade, à clientela abraçando esta como sua escola, de todos e não só de alguns, por isso existe rivalidade entre ciclos, entre professores.³⁵

³² Mapa estatístico por faixa etária de 25.02.2012. Sistema Integre.

³³ Refere-se à afirmação apontada no PP 2011: “a tendência apontada pela SME é a provável transferência gradativa de nossos alunos de 6^o a 8^o anos para o ensino estadual, uma ocorrência que vem ao encontro da mesma política estadual.” Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/dinheiro-direto-escola/dinheiro-direto-escola-apresentacao>. Acessado em 24.11.2012.

³⁴ A remoção se efetiva pela mudança do profissional de um Centro de Custo para outro Centro de Custo ou de um período para outro período, em um mesmo Centro de Custo, quando da ocorrência de vagas potenciais. (RESOLUÇÃO SME Nº 13/2011 Dispõe sobre os critérios para o concurso de remoção de livre escolha dos profissionais do Quadro do Magistério da Rede Municipal de Ensino de Campinas Publicada no DOM de 28.11.2011).

³⁵ RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DA ESCOLA PADRE SILVA NO 1^o SEMESTRE – elaborado pela Orientadora Pedagógica. 2011.

Essa situação se iniciou a partir da proposta de mudança de prédio apresentada à gestão da escola pela equipe educativa do Núcleo de Ação Educativa Descentralizada NOROESTE (NAED), em final de 2009, com a ação denominada “Ação parceira entre Estado e Município” que consistia na mudança da escola instalada no Jardim Londres, em transferir seu atendimento para o prédio da escola estadual, situada na Vila Castelo Branco. A primeira escola atendia de 1º ao 9º ano e não havia interesse em mudar, nem da parte dos educadores nem da parte da comunidade até então atendida (Jardim Londres e adjacências, predominando os bairros localizados do outro lado da Avenida John Boyd). Naquela ocasião, poucos alunos que moravam na Vila Castelo Branco estavam matriculados na escola municipal e SILVA (2011) esclarece o motivo:

A Escola Estadual em seu momento de fechamento atendia em período integral, onde os alunos no parte da manhã tinham suas aulas regulares e na parte da tarde participavam de oficinas na própria escola (SILVA, 2011, p. 39).³⁶

Na segunda etapa do ensino fundamental (5ª a 8ª) os estudantes eram direcionados às escolas da rede estadual situadas nos bairros do entorno.

Havia um projeto de reforma e ampliação (aprovado) para o prédio situado no Jardim Londres, onde seriam construídas duas salas para acomodar as turmas do intermediário. A escola passaria a atender em apenas dois períodos, podendo ampliar a jornada diária dos estudantes. Devido a essa perspectiva, a proposta de mudança não foi bem vinda e gerou apreensão na equipe, nos alunos e nos familiares.

Também na escola estadual a notícia da mudança foi de surpresa, conforme relata SILVA (idem, 2011, p. 34).

O processo de desativação da instituição, de acordo com antigos funcionários, ocorreu do dia para a noite. De forma repentina o castelo de vivências, histórias, memórias e significados daquele lugar se fez ruir, da mesma forma como acontece com os castelos de areia.

³⁶ Refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da aluna Rayane Jéssica Aranha da Silva: Cultura Escolar: ensaio sobre a arquitetura de uma escola pública. Faculdade de Educação Unicamp.2011.

. A nova configuração da escola, com a indicação da redução dos anos finais, foi apresentada através do órgão descentralizado (NAED NOROESTE) para a gestão da Escola no decorrer de 2010, quando o atendimento já estava ocorrendo no prédio da escola estadual, desde janeiro do mesmo ano.

4.1.8 - Nova estrutura de atendimento

A partir de 2011, as unidades escolares da Rede Municipal de Ensino Fundamental com dois turnos de aula passaram a ter **06 aulas de 50 minutos** por período. As turmas da escola seguindo essa orientação foram organizadas conforme o quadro a seguir:

Quadro 7 – Organização dos Tempos e Espaços Escolares

Manhã				Tarde			
Ciclo I		Ciclo IV		Ciclo II		Ciclo III	
7h00 às 12h00		7h00 às 12h20		13h00 às 18h00		13h10 às 18h30	
1º	06	8º	02	4º	04	6º	04
2º	04	-	-	5º	05	7º	02
3º	03	-	-	-	-	-	-
13 turmas 270 alunos		02 turmas 68 alunos		09 turmas 243 alunos		06 turmas 180 alunos	
Total geral - 761 alunos							

Nas turmas de 6º a 8º ano há 20 minutos de intervalo que não são considerados horário de aula.
Fonte: Sistema Integre – coletado em 29.09.2011.

4.1.9 - Caracterização dos alunos e da comunidade escolar

Desde a época do funcionamento da escola no prédio anterior havia uma grande preocupação com o trabalho pedagógico de inclusão das crianças com necessidades especiais. Assim, é significativo o número de alunos com necessidades especiais em todos os ciclos:

Tabela 2 – Dados relativos à Educação Especial

ANO	BV	SLM	SSP	T	DF	DM	C	S/C	AH	DMI	TOTAL
2011	-	4		2	3	3	1	-	-	8	21
2010	2	1	1	1	4	2	1	1	-	10	23
2009	-	2	1	1	2	2	1	1	-	3	13
2008	-	2	1	1	1	1	1	1	-	5	13
LEGENDA											
BV	Baixa Visão				DM	Deficiência múltipla					
SLM	Surdez leve ou moderada				C	Cegueira					
SSP	Surdez severa ou profunda				S/C	Surdo Cegueira					
T	Transtornos globais do desenvolvimento				AH	Alta Habilidade					
DF	Deficiência Física				DMI	Deficiência Mental e Intelectual					

FONTE: Sistema Integre - 2011

Segundo o Projeto Pedagógico (2011), os diagnósticos das deficiências são diversos: paralisia cerebral, síndrome de Dandy Walker, síndrome de Pierre Robin, autismo, deficiência física/hidrocefalia e deficiência mental e ou auditiva.

Observou-se que é necessária alguma adequação no prédio para melhorar a acessibilidade dos alunos e fortalecer a inclusão:

Quanto à acessibilidade, estão sendo planejadas algumas ações para a adequação da estrutura e de alguns equipamentos para melhor atendê-los, principalmente aos alunos usuários de cadeira de rodas, andadores e cegos, através da Coordenadoria de Arquitetura Escolar (CAE). Há um projeto de instalação, na escola, de uma Sala de Recursos para atendimento à região Noroeste sob a coordenação do Departamento Pedagógico da SME (PP 2011, p.11).

Com relação aos processos de leitura e escrita, o Projeto Pedagógico revela que as turmas apresentam desníveis apontando para uma demanda de um trabalho específico dentro de sala de aula e a necessidade de projetos de reforço:

Até 2008, as crianças que têm entrado no ensino fundamental apresentam condições melhores do que em anos anteriores, no que se refere às condições para a aprendizagem da leitura e escrita. Em 2009, a avaliação diagnóstica efetuada no início de fevereiro revelou que esse quadro se alterou: nas duas turmas de 1ºano, tivemos por volta de 50% de alunos entre silábicos com valor sonoro e silábicos sem valor sonoro; uma criança leitora; três alfabéticas e os demais no nível pré-silábico. Em 2010, através de um diagnóstico preliminar, quanto à leitura e escrita, foi constatado que há crianças em diferentes níveis em todas as turmas dos ciclos I e II, revelando um desnível acentuado entre os alunos da mesma turma, por exemplo, um aluno do 3º ano que está na 'garatuja'(PP 2010).página

Para 2011, o Projeto Pedagógico reitera essa diversidade e aponta alguns caminhos: há um desnível nas turmas nos processos de leitura e escrita, apontando uma demanda de um trabalho específico dentro de sala de aula, para atender os casos conhecidos *à priori*, como ‘dificuldades de aprendizagem’, além de um projeto robusto de suporte, fora de sala de aula, de reforço e mediação (PP 2011, p.11).

Os alunos dos Ciclos III e IV são quase todos oriundos da Escola – Jardim Londres, salvo aqueles que vieram transferidos de outras escolas ou que se mudaram para a área de abrangência da escola e foram atendidos em suas solicitações de vagas.

Com relação aos alunos de 1º ao 5º ano, na composição das turmas foram considerados os já atendidos na escola da Rede Estadual com os de mesma faixa etária vindos da escola municipal. Essas misturas não se mostraram como motivo de conflitos.

Afirma-se assim, no Projeto Pedagógico:

Os alunos se destacam por serem participativos, questionadores, agitados, comunicativos, colaborativos e, em sua maioria apresentam boa socialização, principalmente do 1º ao 5º (PP 2011, p.11)

Em relação aos alunos maiores, dos anos finais, após o 5º ano:

A socialização é menor, por conta de alguns alunos que não respeitam professores, colegas, demais profissionais e equipe gestora, tumultuando as aulas; “xingam” entre eles, bem como aos membros da equipe escolar, transformando a convivência no coletivo em momentos muito difíceis (PP 2011, p.11).

Quanto à vida escolar:

[...] alguns são desorganizados com a vida escolar, não reservando o tempo devido às atividades propostas. Outros são citados quanto ao (des) compromisso com os trabalhos escritos, sejam eles, pesquisas, atividades diversas e até as provas. Muitos são faltosos, a ponto de extrapolarem os limites máximos permitidos durante o ano. Em decorrência disso, alguns correrão risco de retenção e outros ficarão retidos (PP 2011, p.11).

Quanto à promoção/retenção, apresentamos de modo resumido os dados dos últimos três anos:

Tabela 3 – Dados relativos à Promoção e Retenção – Resumo³⁷

2009		2010		2011	
MATRICULADOS	PROMOVIDOS	MATRICULADOS	PROMOVIDOS	MATRICULADOS	PROMOVIDOS
493	458 (92%)	823	746 (90,6%)	766	723 (94,4%)
RETIDOS		RETIDOS		RETIDOS	
conceito	frequência	conceito	frequência	conceito	frequência
16 (3,2%)	15 (3%)	49 (6%)	27 (3,3%)	14 (1,8%)	27 (3,5%)
EVADIDOS (não frequente)					
02 (0,4%)		01 (0,1%)		-0-	

Fonte: Sistema Integre

O Projeto Pedagógico (2011) também aponta, que na opinião dos professores, os alunos, desde os ingressantes até os 9º anos, ‘não sabem ouvir’, assim como a ‘dispersão’ ou ‘falta de atenção’, denominação usada com frequência para os alunos que estão desatentos ao tema da aula. Entretanto, são considerados inteligentes e participativos, ainda que demasiadamente agitados principalmente na forma de se relacionar com os colegas.

Formar alunos participativos é em parte atingir o que, intencionalmente, se afirma no Projeto Pedagógico: [...] Se o que buscamos essencialmente é formar cidadãos reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres, participativos e atuantes [...] (PP 2011, p.52) ou dando destaque à participação como condição para se valorizar o protagonismo dos alunos, por meio de projetos como a Fanfarra Escolar: “Por ser uma atividade que valoriza o protagonismo dos alunos, eleva sua autoestima e desenvolve habilidades musicais [...] uma vez que a fanfarra possibilita a participação dos alunos de 6º ao 9º ano” (PP 2010, p.41), então essas atitudes são esperadas e demonstram certa coerência.

Esse protagonismo também é enfatizado nas vivências de eventos cívicos, como os desfiles oficiais (‘07 de Setembro’) ou pelas ruas do bairro, em busca da ressignificação do sentido de civismo e de cidadania.

Esta última, conforme se afirma no Projeto Pedagógico, concretiza-se através dos exercícios participativos nas assembleias de classe, ou em reuniões entre alunos

³⁷ Os quadros que informam de maneira detalhada esses dados se encontram nos documentos Anexos 5, 6 e 7.

representantes e a gestão escolar ou através de comissão de alunos; também tem sido uma estratégia em favor da Avaliação Institucional Participativa: “Nas assembleias de classe, reuniões de representantes de alunos e por comissões de alunos são trazidas as avaliações e reivindicações destes”(PP 2009, p.38).

No documento apontam-se alguns esforços e estratégias para melhor conhecer a comunidade:

Temos buscado construir constantemente conhecimento sobre a comunidade local, sobre a escola, os alunos, suas famílias e a comunidade da qual fazemos parte. Após a fusão, necessitamos atualizar o levantamento de dados referentes às famílias dos alunos, com a utilização de entrevistas, questionários ou em reuniões no que se refere aos aspectos cultural e socioeconômico das famílias e alguns aspectos históricos do(s) bairro(s) do entorno. (PP 2011, p.35)

A participação das famílias é destacada e bem avaliada:

A equipe avalia que há uma boa participação dos pais nas atividades propostas pela escola em diferentes instâncias de participação, quer seja nas reuniões do Conselho de Escola, nas reuniões com o objetivo de discutir a proposta pedagógica da escola e o desenvolvimento das crianças ou em atividades programadas com a participação da família. (PP 2011, p.34).

Constata-se ainda que a participação se dê de maneira diversificada e em espaços diferenciados:

Como integrantes da comunidade escolar, fundamentais no acompanhamento da vida escolar dos filhos; como participantes ativos na discussão e planejamento de ações referentes ao trabalho, estrutura física, organização e funcionamento da escola, destinação das verbas do conta-escola, Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)³⁸, reformas e contribuições espontâneas; como "formadores", coordenando cursos e oficinas; como "educandos", participando de cursos, oficinas e palestras promovidas pela Escola; como representantes de seus pares no Conselho de Escola, em comissões (de formatura, de discussão de problemas específicos) e, desde 2008, na Comissão Própria de Avaliação, da Avaliação Institucional. Os pais participam da rotina escolar individualmente, em grupos, por classe ou grupo de classes, tratando sobre questões específicas do processo pedagógico, da organização da escola e da frequência e desempenho dos alunos; comparecem quando convocados, por iniciativa própria ou por interesse (assembleias de discussão do PPP, de

³⁸ Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) tem por finalidade prestar assistência financeira, em caráter suplementar, às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial mantidas por entidades sem fins lucrativos, registradas no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) como beneficentes de assistência social, ou outras similares de atendimento direto e gratuito ao público. Disponível em <http://www.fnnde.gov.br/index.php/programas-dinheiro-direto-na-escola>, acessado em 06.11.2012.

eleição do Conselho de Escola, participando ou coordenando grupos de discussão). (PP 2011, p.35)

Os coletivos e os órgãos de representação são apontados no PP: Conselho de Classe/Ciclo, constituídos pela direção, orientador pedagógico e por todos os professores que integram o quadro de docentes atuantes na mesma classe/ciclo; Conselho de Escola, constituído nos termos da Lei Municipal nº 6.662, de 10 de outubro de 1991; Comissão Própria de Avaliação (CPA) – composta por membros eleitos do Conselho de Escola, constituída conforme Resolução 05/2008 de 2008; Associação de Amigos da Escola; Grêmios Estudantil da Escola (constituído em 2004, com reeleição realizada em novembro de 2009), Comissão de formatura, Comissão de Festas e Eventos (PP 2011, p.35).

Outros espaços são também apontados, como as **Assembleias de Alunos:**

[...] é um espaço onde alunos e professores discutem, encaminham e tomam decisões sobre temas [...] que têm causado conflitos e que exigem tomadas de decisões coletivas (PP 2011, p.35).

Nesses espaços também ocorrem as eleições dos alunos representantes de classe e vão atuar nas reuniões entre alunos e direção (6º a 8º ano).

Segundo o PP:

É um espaço de representatividade para coletar anseios e encaminhar questões no coletivo dos alunos e que neste ano será também mais um espaço de discussão com vistas à Avaliação Institucional. Essas reuniões são organizadas com frequência quinzenal (PP 2011, p.35).

Essa diversificação dos espaços de participação atribui à escola características favoráveis ao movimento de AIP.

4.2 – A escola e o movimento de Avaliação Institucional Participativa

No início de 2008, quando da implementação da política de AIP, a escola se encontrava com sua ‘musculatura bem flexionada’ para iniciar esse movimento, ao promover assembleias para mobilizar os diferentes segmentos (alunos, pais, funcionários, gestores) na elaboração e discussão do seu plano de metas e ações da avaliação institucional e muitas ações da AIP movimentaram a escola. Iniciou-se com uma pesquisa com a comunidade, sobre a qualidade da escola. Foram realizadas

assembleias com os diversos segmentos até se chegar ao Plano de AIP, contendo os anseios da escola para a melhoria de sua qualidade. A tabulação e divulgação dos resultados do questionário e a avaliação de desempenho dos estudantes foram as ações que fortaleceram a credibilidade no processo avaliativo que se iniciava porque demandou discussão com todos os segmentos da CPA.

Ao final de 2008 foi apresentada uma versão preliminar do Plano de AIP (Anexo 13) contendo metas e ações para combater os problemas apontados quanto às faltas dos alunos, entrega de trabalhos (pesquisas, provas), formação para os professores, propostas para a biblioteca e *play ground*.

No início de 2009 o Plano de AIP foi reapresentado para a equipe nas reuniões de planejamento e elaboração do PP e aos pais por meio de assembleia. As metas e ações foram rediscutidas demonstrando os primeiros avanços do trabalho, na perspectiva de que a AIP se mostrava como processo legítimo e em consonância com os princípios educativos democráticos defendidos no Projeto Pedagógico da escola. As metas e ações foram reajustadas para terem mais plausibilidade, indicando quem seriam os responsáveis por elas (Anexo 14).

Este ano também foi dinâmico para a AIP com a participação dos segmentos nos encontros promovidos pela SME, trocando experiências e ampliando o espectro de ação da escola para a rede e retornando para a comunidade (Anexo 2). O segmento alunos foi bem atuante, mas o segmento pais ficou desfalcado com a saída dos representantes no decorrer do ano. Ainda em 2009, o trabalho foi avaliado pelo coletivo, apontando os rumos para 2010:

[...] foram apresentadas as discussões efetuadas com a Comissão Própria de Avaliação (CPA) para que fossem conhecidas e reafirmadas e/ou complementadas nessa oportunidade. Ao final das reflexões, foi apresentado o Plano de Ação da Avaliação Institucional, documento que vem subsidiando a Avaliação Institucional da escola, no âmbito da CPA e das RPAIs para ser apreciado e (re) formulado, considerando os aspectos prioritários.

Os documentos revelam o processo de discussão e registro das reflexões promovidas pela equipe e em momentos específicos, pela CPA, que embora tenha tido uma baixa representatividade em alguns segmentos, nomeadamente de professores (01) e pais (01), caminhou em consonância com os processos ocorridos na escola, sendo que o Plano de Ação da Avaliação Institucional representa a síntese desse processo (documento de Avaliação do Projeto Pedagógico. 23.12.2009).

Ao final desse ano, com a mudança de prédio, muitos processos foram interrompidos e AIP não foi preservada.

Em 2010 devido a essa mudança a CPA constituída foi descontinuada e novos membros ingressaram. Assim, o Plano de Avaliação Institucional 2010 foi submetido à nova equipe para ser redimensionado e atender às demandas da nova escola (Anexo 15)

Elaborou-se novas metas tentando contemplar as necessidades da nova escola. Foi elaborado o jornal informativo trimestral contendo notícias da escola e da CPA para informar a nova comunidade sobre o plano de AIP, suas metas e ações, ampliando a divulgação da AIP na comunidade.

A discussão sobre ações diretamente ligadas ao aproveitamento dos estudos, como o resultado da Provinha Brasil e dados sobre promoção e retenção aglutinou o diálogo sobre avaliação e formação com os membros da CPA.

O segmento pais se mostrou muito disponível, ativo e participativo, fazendo propostas, realizando ações e encaminhando demandas à escola, à própria CPA e ao poder público, inclusive se posicionando na reunião de negociação, com a equipe da SME. Ao retornar para a escola foi montado um esquema para socializar para os outros segmentos, por meio de assembleias, os resultados da negociação e elencar novas prioridades para a (nova) escola.

O segmento dos estudantes se mostrou frágil na frequência e pouco atuante quando presente, mas a CPA obteve conquistas e melhorias para a qualidade no atendimento aos estudantes, naquele ano. Ao final do ano de 2010 foi elaborado um questionário com a finalidade de caracterizar as famílias, conhecer as expectativas destas com relação à escola e como participavam da vida escolar dos filhos (Anexo 4).

Nos Projetos Pedagógicos dos anos de 2008, 2009, 2010 estão elencadas as ações dentro da perspectiva da AIP:

Foram elaboradas reuniões com os diferentes segmentos e levantadas algumas necessidades:

Com os alunos, através das Assembléias de Classe, sob a coordenação de professores. O material coletado foi tabulado dentro de algumas categorias: Posturas (professores, alunos e direção), aula (estratégias), regras (proibições, punições, exigências), envolvimento das famílias, intervalo (recreação, tempo), merenda (cardápio), estudo do meio e estrutura física. Será feita uma devolutiva para uma discussão no coletivo na próxima Reunião de Planejamento e Avaliação Institucional (RPAI);

Com os funcionários, sobre a organização do trabalho, e não foi apontada nenhuma ação específica para a CPA;
Reunião de Equipe de Gestão encaminhou a realização de uma assembléia com os professores; viabilização da horta;
- Foi realizada a primeira reunião com a CPA e encaminhadas algumas ações: pesquisa com pais: O que é uma escola boa? No que a nossa escola é boa? (Apontar três aspectos); cronograma das reuniões durante o ano de 2008; Usar o espaço das Reuniões entre Famílias e Educadores como um canal de comunicação das decisões da CPA; Elaborar informativos periodicamente para a socialização das decisões/encaminhamentos da CPA.
O primeiro Informativo, referente à pesquisa, foi enviado às famílias (maio) e será tabulado na próxima reunião da CPA (junho).
A organização dos materiais coletados nos diferentes espaços, subsidiarão a elaboração do Plano de Acompanhamento e Avaliação do Plano Escolar/Projeto Pedagógico para essa escola que será encaminhado em forma de ADENDO, após a realização da RPAI (06/06) (PP 2008, p.34).

Diante da relevância da participação de todos os segmentos na composição da CPA, esse aspecto demonstrou certa flutuação, desde 2008 até 2011, quando da realização desta pesquisa. Em 2008 esteve com a sua composição completa, em 2009 foi parcial, com a saída de pais no decorrer do ano. Contou com a baixa frequência de alunos e funcionários, em 2010 e 2011 respectivamente.

Em 2011 em função de alterações na composição da equipe da escola: o afastamento da diretora (por motivo de doença), alteração da vice-direção (por aposentadoria) e da OP (por remoção) e a saída de professores em função da retirada do 8º ano do Ciclo III, o início do ano foi atípico e tumultuado. As mudanças se mostraram um pouco impactantes para o cotidiano da escola. A OP ingressante, por desconhecer os princípios da AIP, levou um tempo para assimilar o processo avaliativo que vinha se desenvolvendo e as expectativas que vinham se restabelecendo: em torno da função do OP como figura central, da busca da resolução dos problemas por meio do diálogo nos espaços da CPA, do encaminhamento das demandas às instâncias NAED e SME e da participação nos encontros externos promovidos pela SME, como a Reunião de Negociação³⁹, seminário e formação.

Esses fatores repercutiram no movimento que a AIP vinha delineando, de forma frágil, nessa nova escola desde as mudanças ocorridas no ano anterior. A CPA sofreu

³⁹ Anexo 11.

recuos indo se estabilizar e tomar força em meados de maio, quando as reuniões voltaram a ocorrer de forma sistemática e o novo Plano de AIP 2011⁴⁰ foi elaborado.

Contudo, ela protagonizou o Encontro de Negociação entre escola e SME e foi coadjuvante do movimento liderado por um pai da CPA, que documentou, por meio de uma carta destinada a SME, a reivindicação da permanência dos anos finais nessa escola: “O pai apontou uma carta da coletividade que tem mais de duzentas e cinquenta assinaturas de pais, leu as reivindicações: arquivar o plano de fechar anos finais na escola [...]” (Ata do Conselho de Escola de 11.11.2011).

As observações dos vários espaços da escola deram conta que há um protagonismo que vem se consolidado no trabalho que os atores internos, sobretudo os professores, vêm desenvolvendo, focado na alfabetização e incrementando a participação da família na vida escolar.

Ao tomarem a frente da problematização do processo de ensino e aprendizagem na perspectiva da avaliação institucional participativa esses professores vêm realizando esforços na implementação das metas do plano de AIP da escola. O segmento de pais se mostrou empenhado na luta em defesa dos interesses da escola chegando a mediar situações de conflitos entre a escola e a instância meio NAED, encaminhando documento com as reivindicações da escola (abaixo-assinado).

Se os entraves iniciais foram sendo superados ao longo do ano, houve processos que se mostraram fragilizados. A exemplo disso citamos a necessidade de problematizar os resultados das avaliações externas que poderiam ser aglutinadores das discussões em torno da avaliação nos diferentes espaços coletivos, em confronto com as práticas pedagógicas que visem o fortalecimento da instrução dos estudantes.

Diante dos desafios e esforços que a equipe dessa escola vem enfrentando em sua trajetória em busca da melhoria da qualidade da educação oferecida pela escola, ela demonstra potência em vários fatores e ruma para a consolidação da política de AIP, conforme demonstrado sinteticamente no quadro de indicadores (Anexo 17).

⁴⁰ Anexo 3.

4.3 – Situando o cenário – dados da Pesquisa sobre o Sistema Participativo

Para essa pesquisa, tomamos como ponto de partida os espaços oficiais que compõem o sistema participativo da Escola que são o Conselho de Escola e a Comissão Própria de Avaliação, conforme descreveremos a seguir.

Apresentamos ainda dados sobre as Assembleias de Alunos por terem sido relevantes no período da implementação do processo de AIP (2008) e no ano seguinte (2009), entretanto, essa prática perdeu força, ocorreu de forma esporádica e atingiu questões pontuais (2009 e 2010).

4.3.1 – O Conselho de Escola

Conforme mencionado, o Conselho de Escola é regulamentado pela Lei Municipal Nº 6.662 de 10 de outubro de 1.991.⁴¹ A partir dos dados coletados na pesquisa foi possível realizar uma descrição dos procedimentos adotados para a organização como a sua composição, escolha dos membros, cronograma de reuniões, dias da semana e horários, definição da pauta e a articulação dos assuntos discutidos com os outros espaços de participação que serão apresentados na pesquisa.

Composição do Conselho de Escola (CE)

No Conselho de Escola o Diretor é membro nato e os demais representantes da gestão (especialistas de educação) devem ocupar 05% das vagas, conforme aponta o Artigo 10 da Lei 6662 de 10 de Outubro de 1991 ⁴².

Os representantes, no Conselho de Escola, são eleitos pelos pares e conforme aponta o Artigo 10 da lei citada anteriormente, quantitativamente a ocupação das vagas obedece à seguinte proporcionalidade:

⁴¹ Em 26.11.2011 foi enviado o Comunicado SME/CEB Nº 66 / 2011 encaminhada a MINUTA DE ALTERAÇÃO DA LEI DE CRIAÇÃO DOS CONSELHOS DE ESCOLA para discussão nos espaços da comunidade educacional.

⁴² Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/bibjuri/lei6662.htm> visitado em 15.07.12.

Quadro 8 – Proporcionalidade de ocupação das vagas por segmento

Unidades Escolares	Docentes	funcionários	alunos	familiares
I - Nas Escolas de 1º Grau:	40% (quarenta por cento) de docentes;	05% (cinco por cento) dos demais funcionários;	25% (vinte e cinco por cento) de alunos.	25% (vinte e cinco por cento) de pais e alunos;
II - Nas Unidades de Educação Infantil (C.I.):	15% (quinze por cento) de docentes e/ou especialistas	35% (trinta e cinco por cento) dos demais funcionários;	-	50% (cinquenta por cento) de pais de crianças.
III - Nas Unidades de Educação Infantil (Pré):;	40% (quarenta por cento) de docentes;	05% (cinco por cento) dos demais funcionários;	-	50% (cinquenta por cento) de pais de alunos
IV - Nas Unidades de Ensino Supletivo: (1ª a 4ª e 5ª a 8ª séries)	40% (quarenta por cento) de docentes;	05% (cinco por cento) dos demais funcionários;	50% (cinquenta por cento) de alunos.	-

Fonte: Lei 6662 de 10 de Outubro de 1991

Comporá também o Conselho de Escola 1 (um) representante da Associação ou Associações de Moradores do(s) bairro(s) atendido(s) pela Unidade, quando esta(s) existirem e estiverem devidamente registradas.

Calendário das Reuniões de Conselho de Escola

As reuniões do Conselho de Escola, cujo calendário está sob a organização interna da escola, são orientadas por uma normatização da SME em Resolução de Calendário, divulgada no início do ano. Em 2011 o calendário das reuniões ordinárias ficou organizado conforme aponta o quadro a seguir:

Quadro 9 – Calendário das reuniões de CE - 2011

MESES	FEV	MARÇO	MAIO	AGOSTO	NOVEMBRO
DIAS	11 Sexta-feira	04 Sexta-feira	10 Terça-feira	09 Terça-feira	11 Sexta-feira
TIPO	APE*	CE**	CE	CE	CE
HOUVE SIM/NÃO	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM ***
PRESENÇA DA PESQUISADORA	NÃO	-	-	SIM	NÃO

* APE – Assembleia de Pais e Educadores

** CE – Reuniões Ordinárias do Conselho de Escola

*** Esta reunião foi realizada sob a convocação e coordenação da Representante Regional e foi restrita aos membros do Conselho de Escola e CPA.

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

O cronograma foi definido pela equipe educativa da escola no início do ano letivo. Outros aspectos como o melhor dia da semana e horário mais adequado para ocorrer de modo a concentrar o maior número de representantes foram combinados com o grupo. Os dias da semana foram a terça e a sexta-feira.

Reuniões Extraordinárias⁴³

Após a primeira reunião ordinária ocorrida em 09 de Agosto, foram realizadas algumas reuniões em caráter extraordinário, conforme o quadro a seguir:

⁴³ Reuniões extraordinárias são mediante convocação (do diretor, de 1/3 dos membros ou do Conselho Municipal).

Quadro 10 – Calendário das Reuniões Extraordinárias – CE - 2011

MESES	Agosto	Setembro		Outubro	
DIAS	11** Quinta-feira	16 Sexta-feira	27 Terça-feira	19** Quarta-feira	24 Terça-feira
TIPO	Extraordinária.	Extraordinária	Extraordinária	Extraordinária	Extraordinária
Houve SIM/NÃO	SIM	*	SIM	SIM	SIM
PRESEÇA DA PESQUISADO RA	NÃO	-	NÃO	SIM	NÃO

* Não houve *quórum*;

** Reuniões ocorridas em dias da semana diferentes daqueles marcados para as reuniões ordinárias; As convocações aos pais em geral ocorreram por contato telefônico.

Fonte: Anotações em Diário de Campo 2011

Escolha dos Representantes, Composição e Participação

A primeira reunião, denominada Assembleia de Pais e Educadores (APE) foi realizada em 11 de fevereiro de 2011. Essa reunião deve ocorrer nos primeiros 30 dias da data de início das aulas, que nesse ano foi em 07 de fevereiro. Todos os pais de alunos foram convidados por meio de bilhetes, entretanto, dentre os que compareceram, aqueles que se candidataram já preencheram as vagas de titular e suplente, sem que houvesse votação.

A proporção de conselheiros⁴⁴ para 2011, conforme o número de turmas (30 turmas, 750 alunos aproximadamente) correspondeu a 29 conselheiros, assim distribuídos:

⁴⁴ Artigo 9º - O número de Conselheiros vinculados à Unidade Escolar será determinado pelo número de classes ou turmas existentes na mesma, de acordo com a seguinte proporcionalidade: I - Até 10 classes ou turmas: 09 Conselheiros; II - De 11 a 20 classes ou turmas: 19 Conselheiros; III - De 21 a 30 classes ou turmas: 29 Conselheiros; IV - Mais de 30 classes ou turmas: 39 Conselheiros;

Tabela 4 – Número de Representantes por Segmento 2011

SEGMENTOS	PROPORÇÃO	EFETIVOS	SUPLENTES
DOCENTES	40%	11	11
ESPECIALISTAS	05%	01	01
DEMAIS FUNCIONÁRIOS	05%	03	03
PAIS DE ALUNOS	25%	07	07
ALUNOS	25%	07	07

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Como demonstra a tabela abaixo, em alguns segmentos houve ampliação no número de representantes, de 2010 para 2011 e alguns representantes de 2010 permaneceram em 2011:

Tabela 5 – Número de Representantes por Segmento 2010 - 2011

SEGMENTOS/ANOS	2010	2011	2010/2011
DOCENTES	7	11	6
ESPECIALISTAS	3	3	1
FUNCIONÁRIOS	1	3	1
PAIS DE ALUNOS	05	07	-
ALUNOS	05	07	02

Fonte: Livro de Atas do Conselho de Escola

O Diretor é membro nato e presidente do Conselho. O segmento de gestores é composto por dois especialistas (vice-diretora e orientadora pedagógica) que se revezam na titularidade e suplência a cada eleição anual.

Os pronunciamentos da diretora se fundamentaram, sobretudo, nos direitos das crianças dentro do espaço escolar, os adultos como os responsáveis em garantir esses direitos e a Secretaria com a responsabilidade de prover a escola desses profissionais.

Em algumas situações pareceu assumir uma postura 'do contra' identificada pelo pai e interpretada como se não quisesse por seu cargo em risco, conforme relata o pai em entrevista:

Muitos contextos que há necessidade a gente abrange, outros não. Muitas coisas foram omissas – acaba atrapalhando o desenvolvimento; mas o colegiado foi muito importante, mas precisa melhorar; foi importante pra essa escola – falta de funcionários: a diretora é pessoa limitada por temer o próprio cargo, ou represália da hierarquia de uma pessoa sobre a outra; CE não depende de pessoas do Estado ou do Município; não tem temor de sofrer retaliações; O CE ficou sabendo, cobrou dos órgãos, a questão da VIOLÊNCIA DENTRO DA ESCOLA, MS não queria expor isso, ela não queria causar alarde; mas ele não tem vínculo, não têm que prestar contas, com medo de repressão, brigaram por essa causa, pra inibir essa violência, defender os professores, a diretora, os funcionários – não são saco de pancadas e estão aqui pra prestar serviços. (Diário de Campo de 05.12 Entrevista com pai representante da CPA)

Ao assumir uma postura que reforçava que as questões educacionais deveriam se resolvidas por educadores, ela contrariou as tendências de alguns pais que defendiam a presença da polícia na escola para combater as denúncias de uso de drogas e outras situações de violência, conforme narrado em Diário de Campo:

A diretora prefere que a SME sirva a escola, que assuma a necessidade que a escola tem de INSPETORES DE ALUNOS; ela justifica o porquê não solicita o policial: para lidar com alunos tem que ser educadores; a vice-diretora pergunta então se não chama pais? Justifica que também cria situação de tensão. (Diário de Campo – reunião de CE 09.08.2011).

Sobre a aprendizagem a diretora mobilizou esforços extras para fortalecer o espaço de sala de aula, como a reunião de alunos representantes – que ocorria quinzenalmente na escola, entre direção, uma funcionária e estudantes. Essas reuniões tinham o objetivo de saber como ‘andavam as salas’ e que melhorias poderiam ser feitas.

As reivindicações que os estudantes apresentavam, de ordem material ou pedagógica eram apresentadas aos professores nos espaços de Trabalho Docente Coletivo (TDC), que são reuniões semanais entre professores e gestão em que, coletivamente poderiam propor soluções. A realização dessas reuniões era também uma forma da direção ‘sondar’ as percepções dos alunos sobre o decurso das aulas e as posturas dos professores.

A vice-diretora compôs o segmento de especialistas junto com a outra especialista (OP). A vice-diretora iniciou na escola em 2011, por meio de um processo provisório de escolha de cargos. Nas reuniões, ela demonstrou zelo e organização com

os documentos administrativos apresentados: Balancetes, Planos de aplicação de recursos, prestação de contas e livros de registros.

A OP iniciou na escola em 2011, através de processo de atribuição de cargos realizado pela SME. Segundo ela, no ato da escolha, não foram ofertados cargos para as escolas de Educação Infantil, que seria a sua preferência (faz mestrado em educação Infantil na Unicamp). Ela fez a opção pela Escola por ser moradora do bairro.

No início do ano esteve 'sozinha' na gestão da escola, devido ao afastamento da diretora por motivo de acidente de trabalho. Mesmo estando presente em duas reuniões, demonstrou estar informada sobre os temas discutidos nas reuniões de CE:

Em uma reunião falou da questão disciplinar de um aluno, mas a família veio e ouviu, diz que não vai tirar a criança e a criança continua, o CE teve essa reflexão disciplinar; O CE não funciona como eu imagino: as coisas que acontecem na escola passavam pelo CE; o que eu vi foi mais pra saber onde vai gastar o que vai gastar o que aprova, o que não aprova, foi mais fiscal, essa coisa assim. (Diário de Campo – entrevista realizada com a OP, em 27.12.2011);

Quando esteve presente se posicionou informando aos participantes sobre a atuação da equipe de gestão nos processos já encaminhados:

A Orientadora Pedagógica diz que já houve ofício para o PROIN⁴⁵ e PROERD⁴⁶, mas não houve retorno; diz que nós estamos tomando algumas providencias. Já oferecemos palestra para mães e vieram duas mães, tivemos palestra promovida para os alunos, tiveram pouquíssimos presentes. Para os menores, colocamos o projeto Mais educação. A TABA⁴⁷ está atendendo aos sextos e sétimos anos, abordando sexualidade e temas morais, mas não aderiram. Vamos oferecer pros menores o PROERD e o PROIN para os maiores. Amor exigente para pais e professores; NOP explicou o que é JOCAD⁴⁸. Tem ainda o trabalho com as Assembleias de classe que está sendo reativado. Vamos construir o Regimento Interno da Escola até o final do ano, os pais que colocarem os filhos na escola já receberão as regras de convivência (Diário de Campo – Ata do CE de 11.11.2011).

⁴⁵ O PROIN – Projeto Integração - é um projeto da Guarda Municipal de Campinas, voltado para alunos de escolas públicas e particulares e tem como principal tema a prevenção da violência.

⁴⁶ PROERD: Programa Educacional de Resistência às Drogas Polícia Militar do Estado de São Paulo (<http://www.polmil.sp.gov.br/unidades/11bpmm/pag8.htm>)

⁴⁷ ONG sem fins lucrativos, criada em 1996 que faz formação sobre sexualidade, violência, ética e cidadania na adolescência;

⁴⁸ JOCAD – Jovens contra as drogas (projeto interno coordenado por uma funcionária).

A OP não esteve presente em todas as reuniões de Conselho de Escola e justifica o motivo: “ [No] Conselho de Escola eu participei uma vez só. Não sou primeiro membro eu sou suplente”. (Diário de Campo – entrevista com a OP realizada em 27.12.2011)

A escolha dos representantes dos docentes ocorreu em Reunião de Planejamento e avaliação Institucional (RPAI), no início do ano cujo processo se deu por indicação dos colegas, convite da gestão ou voluntariamente.

Percebe-se que há, de um ano para outro, a alternância entre a titularidade e a suplência no preenchimento dos cargos, porque o número de professores com disponibilidade e ou interesse em participar é abaixo do desejado.

A presença e participação dos docentes no espaço das reuniões foram irregulares e não se percebe se há relação direta com o tema da pauta e os interesses do segmento que se possa afirmar que quando se discutiu assuntos que atingiu diretamente o interesse individual de um professor ou de um grupo de professores (de uma turma ou de um nível – 6º ao 9º) o número de docentes presentes aumentou.

Os docentes representantes em 2011 se distribuíram da seguinte maneira: 18 eram de 1º ao 5º ano, 03 eram de 6º ao 9º ano e a professora de Educação Especial.

Para os funcionários o processo de escolha dos representantes foi semelhante ao de docentes e ocorreu na mesma reunião, entretanto a forma de participação da maioria visa cumprir a formalidade. A baixa frequência e baixa representação definiram uma forma de participação com pouca manifestação. Uma funcionária titular compareceu em apenas uma reunião e os demais representantes não compareceram em nenhuma.

A voz desse segmento veio por intermédio da inspetora de alunos que presta serviços na secretaria da escola (e não é membro do CE). Ela desenvolve um projeto de orientação aos jovens contra o uso de drogas desde os anos 90 e informou que reativou esse projeto:

A diretora inicia a reunião relatando sobre a ocorrência com Droga na escola; a inspetora de alunos informa que já retomou as atividades do grupo – JOCAD mirim – espécie de grupo de teatro que dramatiza músicas e situações de uso de drogas. [...] Ela apoia a gestão sugerindo a mobilização dos pais: ela sugere que os pais se mobilizem (Diário de Campo 09.08.2011).

Os pais representantes eleitos, 12 eram pais de alunos de 1º ao 5º ano e 02 eram pais de alunos de 7º ano, mas proporcionalmente o segmento de pais teve presença inferior ao número de representantes e se caracterizou pela rotatividade dos membros.

Podem compor o CE um representante da Associação de Moradores se estiver registrada e representantes das turmas da FUMEC⁴⁹, se houver. No caso da escola, havia um pai que acumulava as funções de pai e presidente da Associação de Amigos do Bairro. Não havia representantes da FUMEC.

Os representantes do segmento dos alunos foram convidados pela OP (antigos) e os novos foram indicados pelos professores e eles aceitaram. Eram todos de 6º ao 8º ano (04 alunos do 6º ano, 03 alunos do 7º ano e 07 alunos do 8º ano) e tiveram baixa presença às reuniões e não se manifestaram, quando presentes.

Em uma das reuniões observadas não foi verificada a presença de representantes do segmento alunos:

A reunião transcorreu em torno do diálogo entre duas representantes do segmento família, predominando a palavra com a diretora; houve a participação da inspetora de alunos e não foi registrada a presença de alunos (Diário de Campo - CE 09.08.2011).

Em outra reunião, quando esteve presente uma aluna representante, esta não fez uso da palavra. Percebeu-se a predominância no uso da palavra pela diretora que a compartilhou com professores:

A palavra é bem distribuída aos participantes, predominando algumas vezes com um professor e a diretora; não há registro de falas de funcionários e da aluna presente. (DC - 19.10.2011).

O levantamento de presença às reuniões é importante para apontar o quórum (15=50% +1). Esse procedimento foi apontado em apenas uma reunião extraordinária, conforme as tabelas a seguir:

⁴⁹ FUMEC – Fundação Municipal para Educação Comunitária - Criada em 1987 com a missão de alfabetizar jovens e adultos, através de programa equivalente às cinco primeiras series de educação básica,

Tabela 6 – Presença às reuniões ordinárias

MESES	FEV	MARÇO	MAIO	AGOSTO	NOVEMBRO
DIAS	11	04	10	09	11
SEGMENTOS	Sexta-feira	Sexta-feira	Terça-feira	Terça-feira	Sexta-feira
Diretora	APE Assembleia de pais e educadores	Não houve	Não houve	1	2
OP				0	1
Professores				1	7
Funcionária				0	0
Pais				1	1
Alunos				0	0

** CE – Reuniões ordinárias do Conselho de Escola

*** Esta reunião foi realizada sob a convocação e coordenação da Representante Regional e foi restrita aos membros do Conselho de Escola e CPA⁵⁰

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Tabela 7 – Presença às reuniões extraordinárias

MESES	AGOSTO	SETEMBRO			OUTUBRO	
DIAS	11**	16*	27	19**	24	
SEGMENTOS	Quinta-feira	Sexta-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Terça-feira	
Diretora	1	2	2	2	2	
OP	0	0	1	0	0	
Professores	5	6	2	3	5	
Funcionária	0	0	1	0	0	
Pais	2	0	1	2	6	
Alunos	0	1	2	1	1	

* Não houve *quórum*;

** Reuniões ocorridas em dias da semana diferentes daqueles marcados para as reuniões ordinárias; As convocações aos pais em geral ocorreram por contato telefônico.

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

⁵⁰ Representante do Segmento Pais lê as reivindicações constantes na carta endereçada à SME: carta de coletividade que tem mais de duzentas e cinquenta assinaturas de pais leu as reivindicações: arquivar o plano de fechar anos finais na escola cita o prédio do NAED e diz ser escola usada para outro fim; solicita a revista de mochilas e bolsas, solicita ao Secretário de Educação a contratação de inspetor de alunos, solicita que se crie um código de conduta interna de uso da escola, solicita enviar ao Conselho Tutelar e a Vara da Infância relatório dos alunos que estão cometendo infrações, pedem a Secretaria de obras a não construção da AR dentro do espaço da escola; após agressão da Professora solicita a transferência do aluno; solicita a anistia absoluta aos professores que se recusaram a trabalhar no dia do incidente, solicita a colocação de câmaras nas dependências da escola, solicita a revista com detectores de metal e cães nos portões de entrada. Diretora MS lembra e quer que se registre que nenhum professor ou aluno apontou que haja qualquer tipo de arma dentro da escola. MGA lembra que o documento está indo em nome da escola. Diretora esclarece que está indo a favor da escola, mas não em nome da escola. (Ata CPA de 11.11.2011)

Nas reuniões observadas foram realizados os seguintes apontamentos sobre os presentes:

Havia apenas uma professora que não é membro do segmento, a vice-diretora, a diretora, uma funcionária que não é membro do segmento; de familiares havia duas mães – uma mãe de aluno que também é funcionária, mas não é membro do segmento e uma tia de aluno; não havia representante de alunos (DC 09.08.2011).

A diretora explicou que se tratava da primeira reunião do ano conforme a justificativa: “Segundo a diretora, ainda não havia nenhuma reunião porque ela esteve doente em Licença Saúde no início do ano” (DC 09.08.2011).

Em outra reunião, observou-se a seguinte situação:

Presentes: voluntária biblioteca; Direção (2), professores (8); funcionária (1) e uma mãe de aluno e funcionária que não são membros do segmento; do segmento pais: duas mães, sendo que uma não é membro do segmento e uma aluna que não é membro do segmento de alunos (DC 19.10.2011).

Não se observou levantamento de *quórum*⁵¹ (50% +1), que é a contagem dos presentes logo ao início da reunião em nenhuma das reuniões observadas. E não foram oficializadas possíveis desistências de membros em nenhum dos segmentos.

Pautas

A partir dos dados coletados nas observações, os assuntos a serem discutidos nas reuniões de Conselho de Escola foram definidos pela gestão e também continham demandas que se originaram nos espaços coletivos, como o TDC.

Nas reuniões observadas, as pautas se organizaram em temas que emergiram do cotidiano, com questões relacionadas às regras/medidas disciplinares:

Assunto da pauta: caso de uso de drogas na escola e correção da ata da AAE. Ao que me pareceu, o motivo primeiro da reunião era a urgência na correção da ATA (para a liberação dos talões de cheques); os demais assuntos foram mais informativos, como o caso da reunião com pais do 8º ano por causa do uso de drogas na escola (DC 09.08.2011)

⁵¹ Artigo 22 - As reuniões serão realizadas em primeira convocação com a presença da maioria simples dos membros do Conselho ou em segunda convocação, 30 (trinta) minutos após, com qualquer *quórum*.

Outros temas que emergiram do cotidiano e foram submetidos ao Conselho de Escola abrangeram fatos que adquiriram destaque ou que desestabilizaram o cotidiano, interferindo negativamente no ambiente e na aprendizagem. Foram as ocorrências envolvendo alunos (uso de drogas na escola, como já foi citado anteriormente) conflitos nas relações interpessoais (*bullying* entre alunos ou alunos e professores, desacato ao professor, postura que atentou contra regras da escola ou ao Regimento Comum das Escolas Municipais) e ocorrências com o patrimônio (depredação, pichação):

O docente de matemática informa que solicitaram em TDC que trouxessem o nome do aluno J. R. M. (4º ano D) para a Reunião de CE; o aluno tem 11 anos (06.06.2000) e está no 4º ano: sobe no telhado, tenta entrar pelas janelas, ofende verbalmente e agressão física (chute)ameaça, etc...roubo de objetos também; a diretora mostra as ocorrências com o aluno em 2011; família: a mãe veio uma vez falar com a direção, não brigam, não falam palavrão em casa, ela acredita que ele faça porque os vizinhos se queixam dele também; ela já foi chamada ao Conselho Tutelar e lá 'passaram a mão na cabeça dele', e ela não pode bater; perguntou o que fazer;

O docente acrescenta outras informações sobre o que o aluno tem causado: tentativa de estupro e passa a mão em partes íntimas nas meninas; a professora de Ed. Física lê o relato sobre ele, no relato há brincadeiras de mau gosto; xingamentos, palavras de baixo calão; murcharam pneus de carros de professor, intimidações, chicletes, bala, fica fora da sala, sobe no telhado, atrapalha a aula, desrespeita professores, alunos e funcionários (DC 19.10.2011).

O Conselho de Escola encaminhou, por meio de votação (9 votaram sim e 2 abstenções) pela transferência desse aluno para outra escola.

Outros assuntos de ordem permanente, como a aplicação de recursos (consulta sobre gastos, plano e aprovação das contas), reformas (melhorias, manutenção) que envolveram despesas ou não:

A vice-diretora apresenta as aquisições feitas e as verbas e suas origens: 01 projetor multimídia, 03 impressoras, 03 HD externo para armazenar dados; ela trouxe as atas prontas e digitadas e informa que são enviadas separadamente; informa ainda os valores para atender a pergunta do professor: FNDE – (K) capital e (C) Custeio material de Educação física e outros bens; melhorias na estrutura e aquisições: o Parque está sendo reestruturado (manutenção pela PMC) e corrimão nas escadas. (DC 19.10.2011)

Os recursos e aplicação das verbas que a escola recebeu, o planejamento para o seu uso e prestação de contas foram:

- a) Conta escola – recursos advindos da administração municipal, de envio trimestral para as escolas; base: número de alunos;
- b) PDDE - recursos advindos do governo federal (MEC), de envio anual, com cota para custeio (C) e capital (K);
- c) Mais Educação – recursos advindos da administração federal (MEC) para subsidiar o desenvolvimento de projetos na escola.

Dentre os temas abordados, aqueles que predominaram foram: Regras e medidas, uso de drogas no espaço da escola, conflitos e depredação do patrimônio.

Na coleta de dados dos livros de registros as temáticas foram as mesmas, acrescidas dos itens segurança, recursos humanos, planejamento e funcionamento da escola. Não se observou a submissão e aprovação das pautas aos presentes, no início das reuniões.

Impasses ou conflitos

Foram observadas situações de impasse e de impotência, diante de algumas adversidades, conforme apontam os registros sobre a discussão de questões do cotidiano da escola:

A tia sugere solicitar a presença de duas guardas da Guarda Municipal; a diretora prefere que a SME sirva a escola, que assuma a necessidade que a escola tem de INSPETORES DE ALUNOS; ela justifica o porquê não solicita o policial: para lidar com alunos tem que ser educadores; a vice-diretora pergunta então se não chama pais? Justifica que também cria situação de tensão; a diretora diz que as serventes terceirizadas não podem olhar as crianças; a representante do segmento família (tia de aluno) afirma que a gestão, então está de mãos atadas... (DC, observação de reunião de CE em 09.08.2011).

Diante da necessidade de inspetores de alunos, expressa pela direção, e a rejeição pela presença da Guarda Municipal que pode imprimir um caráter de repressão, fica claro o posicionamento do lugar educativo que a escola ocupa. Entretanto, a recusa à presença de outros pais não é esclarecida a contento aos membros.

Lugar do Conselho na Escola e a articulação com outros espaços

Foram coletadas algumas percepções sobre o lugar que o Conselho de Escola ocupa ou deveria ocupar nos espaços participativos da escola. Segundo a OP, o Conselho seria o espaço onde se discute os acontecimentos da escola, mas tem destinado mais tempo à questão fiscal, uso de verbas e prestação de contas:

O CE não funciona como eu imagino: as coisas que acontecem na escola passavam pelo CE; o que eu vi foi mais pra saber onde vai gastar o que vai gastar o que aprova, o que não aprova, foi mais fiscal, essa coisa assim. (Entrevista com a OP)

Segundo a base legal que regulamenta o Conselho de Escola, esse espaço se define como “um centro de debates e articulação” entre os vários setores da escola, visando atender as necessidades e os conflitos que afetem o funcionamento da mesma, seja de ordem pedagógica ou administrativa.

A questão da insegurança perpassou as discussões em várias reuniões (conflitos, *bullyng* e uso drogas) e foi abordada também nas reuniões da CPA e na reunião conjunta NAED, CE e alguns membros da CPA, ocorrida em 11 de novembro na escola.

É importante destacar que, diante dos conflitos e impasses ora relatados enfrentados pela escola, em contraste com as atribuições do CE, podemos apontar que essas atribuições poderiam ter sido mais exploradas.

Registros

Ressalta-se que há um livro destinado ao registro de atas do CE voltados as reuniões previstas no cronograma ou extraordinárias. Os registros das atas foram realizados por representantes nomeados (*ad hoc*) ou voluntários, em geral um docente. Foram encontradas dificuldades em reconhecer as assinaturas dos membros e identificar os representantes dos segmentos presentes nas reuniões. Contudo, não foi observado nenhum procedimento de divulgação das atas para manter informada a comunidade escolar sobre as decisões que ocorreram nas reuniões, seus encaminhamentos e resultados.

4.3.2 - A Comissão Própria de Avaliação⁵²

A Resolução 05/2008 estabelece as Diretrizes para a implementação do processo de Avaliação interna das Unidades Municipais de Ensino Fundamental e para a constituição da Comissão Própria de Avaliação.

Segundo essa normatização, a implantação do processo de AIP tem a finalidade de planejar as ações destinadas ao aprimoramento institucional e à superação das dificuldades, cabendo à CPA, por meio de suas atribuições e competências, a condução dos trabalhos de AIP:

Segundo a normatização, as atribuições são definidas em seu artigo 3º:

Art. 3º. A partir das prioridades estabelecidas coletivamente e elencadas no Plano Escolar/Projeto Pedagógico, a CPA deverá:

I - assumir a condução do processo de Avaliação Interna na Unidade Educacional;

II - sistematizar as informações obtidas no processo de Avaliação Interna para facilitar a interlocução com as ações desencadeadas por meio das políticas públicas da Secretaria Municipal de Educação – SME;

III - desenvolver o processo de Avaliação Interna de tal modo que haja superação das experiências avaliativas descontextualizadas e geradoras de comparações e competições entre os envolvidos;

IV - estimular a participação de todos os atores da Unidade Educacional nas diferentes etapas do processo de Avaliação Interna;

V - incluir, co-responsabilizar e valorizar a comunidade escolar na análise dados coletados no processo de Avaliação Interna;

VI - manter informada a comunidade escolar sobre o processo de Avaliação Interna, seus encaminhamentos e resultados;

VII - identificar, no processo educativo, fragilidades e/ou potencialidades e estabelecer estratégias para superação das dificuldades observadas;

VIII - elaborar e sistematizar o Plano de Acompanhamento e de Avaliação do Plano Escolar/Projeto Pedagógico, expressando as metas a serem atingidas pela Unidade Educacional, as ações.

Assim, o processo de Avaliação Interna em cada uma das Unidades Municipais de Ensino Fundamental, sob a coordenação da Comissão Própria de Avaliação tem na figura do OP o membro articulador desse processo.

Cabe destacar que, a função de articular aqui é entendida como a responsabilidade em mediar as discussões e também reconhecer a importância de que todas as atribuições e competências desta instância sejam conhecidas e exploradas em sua potencialidade pelos participantes. O diretor como corresponsável nesse trabalho

⁵² [Anexo10](#)

deverá gerir os tempos e espaços de modo que favoreçam o desenvolvimento do processo.

A composição da CPA demanda procedimentos de escolha para os representantes dos segmentos e essas escolhas são definidas pela equipe da escola.

Composição da Comissão Própria de Avaliação (CPA)

Na composição da CPA o Diretor Educacional deverá corresponsabilizar-se pela composição da CPA e pela otimização de tempos e espaços para o desenvolvimento do processo de Avaliação Interna da Unidade Educacional, conforme aponta o Artigo 4º da Resolução 05/2008 de 07 de Maio de 2008⁵³.

Segundo a mesma normatização, os representantes são eleitos pelos pares, devendo ter, no mínimo a representação de um membro por segmento para a ocupação das vagas. O segmento docente e funcionários obedecem a algumas especificidades. No caso dos docentes a resolução regulamenta que:

Art. 5º. O número de docentes remunerados por meio de horas- projeto, de cada Escola Municipal de Ensino Fundamental, não poderá exceder a:

- I** - um docente para cada período de funcionamento da Unidade Educacional;
- II** - um docente para o grupo de 01 até 500 alunos; ou dois docentes para o grupo de 01 até 1000 alunos, ou três docentes para o grupo de 01 a 1500 alunos e assim sucessivamente.

No caso do segmento de funcionário, este deve ter representação de, no mínimo, um funcionário, que deverá participar da CPA dentro de sua jornada de trabalho.

Os segmentos alunos e familiares devem ter a representação de, no mínimo, um membro.

⁵³ Publicada em Diário Oficial do Município de 07/05/2008. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/uploads/pdf/1531891068.pdf> visitado em 02.10.2012.

Os dados da pesquisa na descrição da CPA

A partir dos dados coletados na pesquisa (diário de campo, registros, entrevistas) foram feitos esforços em realizar uma descrição dos procedimentos adotados para a organização como a sua composição, escolha dos membros, cronograma de reuniões, dias da semana e horários, definição da pauta, o clima das reuniões, os temas e a articulação desses com os outros espaços de participação apresentados na pesquisa.

Na caracterização da escola situamos como foi o funcionamento da CPA nos anos anteriores à pesquisa, apontando os procedimentos utilizados, as ações realizadas, os planos de AIP, as fragilidades e potências.

Calendário das reuniões

O calendário de reuniões da CPA está sob a organização interna da escola, contendo um cronograma em que se definem as datas e o dia da semana. Busca-se conciliar para que essas datas sejam as mais adequadas de forma que concentrem o maior número de representantes. Inicialmente foi definida a quinta-feira (a segunda do mês) e posteriormente essa data foi alterada para a terça-feira (a partir de agosto/2011).

Um cronograma provisório contendo algumas datas previstas foi apontado inicialmente no Projeto Pedagógico de 2011. Este cronograma foi posteriormente redefinido. As datas das reuniões seguintes, em geral eram acordadas ao final de cada reunião.

O quadro a seguir demonstra o cronograma das reuniões da CPA:

Quadro 11 – Cronograma das reuniões realizadas - CPA

MESES	ABRIL	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
REUNIÕES REALIZADAS	12/04	09/06	07/07	16/08	13/09	29/11	01/12
TIPO	R	R	R	R	R	R	RN
PRESENÇA DA PESQUISADORA	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM

* R - Reuniões de CPA -
** RN - Reunião de Negociação SME/Escolas
Em 11.11 houve uma reunião realizada sob a convocação e coordenação da Representante Regional e restrita aos membros do CE e CPA⁵⁴

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Escolha dos representantes, composição e funções

Dentre as pessoas que compõem o conjunto de representantes da CPA, há dois representantes que pela natureza das responsabilidades, devem dar a sustentabilidade ao processo avaliativo de forma integral – o Diretor Educacional e o Orientador Pedagógico, como o articulador do processo.

A OP assumiu suas funções em fevereiro de 2011 e estava se inteirando dos processos na escola. Ela recebeu apoio das docentes e da direção na coordenação das reuniões iniciais e na condução dos trabalhos da CPA. Em algumas reuniões ela compartilhou a coordenação com a OP e também com a docente coordenadora.

Por tratar-se de trabalho com horas remuneradas (Horas-Projeto ou Carga Horária Pedagógica – CHP), a escolha dos docentes se dá entre os pares e pelo critério inicialmente de interesse do docente. No caso dessa escola, com a anuência dos pares uma das docentes assumiu as funções desde o início de 2010 e outras duas ingressaram em meados de maio de 2010. As três docentes foram reeleitas pelos pares

⁵⁴ Pai lê as reivindicações constantes na carta endereçada à SME: carta de coletividade que tem mais de duzentas e cinquenta assinaturas de pais leu as reivindicações: arquivar o plano de fechar anos finais na escola cita o prédio do NAED e diz ser escola usada para outro fim; solicita a revista de mochilas e bolsas, solicita ao Secretario de Educação a contratação de inspetor de alunos, solicita que se crie um código de conduta interna de uso da escola, solicita enviar ao Conselho Tutelar e a Vara da Infância relatório dos alunos que estão cometendo infrações, pedem a Secretaria de obras a não construção da AR dentro do espaço da escola; após agressão da Professora de EF solicita a transferência do aluno; solicita a anistia absoluta aos professores que se recusaram a trabalhar no dia do incidente, solicita a colocação de câmaras nas dependências da escola, solicita a revista com detectores de metal e cães nos portões de entrada. Diretora lembra e quer que se registre que nenhum professor ou aluno apontou que haja qualquer tipo de arma dentro da escola. A pesquisadora lembra que o documento está indo em nome da escola. Diretora esclarece que está indo a favor da escola, mas não em nome da escola. (Ata CPA de 11.11.2011)

na Reunião de Planejamento ocorrida em fevereiro e deram continuidade em 2011. Uma professora que estava na CPA desde 2010 esteve afastada em Licença para Tratamento de Saúde (LTS) até junho de 2011 e reingressou na CPA ao retornar às suas funções.

As docentes eram atuantes, assumindo a coordenação das reuniões quando necessário, fazendo proposições e provocações no sentido de estimular os participantes e conscientizá-los da importância e do poder decisório da CPA. Fora das reuniões elas apoiavam o trabalho da CPA, elaborando informativos e murais, para divulgação da CPA, do plano de metas e das ações.

Segundo a Resolução nº 5/2008 deve ter no mínimo um funcionário participando da CPA dentro de sua jornada de trabalho. Nesta escola constatou-se que a funcionária representante desse segmento faz parte da CPA desde o processo de implantação da AIP, em 2008, permanecendo nos anos seguintes.

Em 2011 ela foi reeleita pelos pares na mesma reunião em que elegeram as professoras. No entanto, devido a problemas de saúde, ela se manteve afastada do trabalho por longos períodos, ausentando-se também das reuniões.

Em 2011 o processo de escolha dos pais e alunos ocorreu por intermédio de um convite enviado pelo jornal elaborado pelas professoras da CPA. Esse convite, explica o que é a CPA, o que cada um pode fazer e as metas a serem alcançadas. Alguns pais compareceram a primeira reunião e outros vieram à reunião seguinte. A partir da terceira reunião o grupo se mostrou mais estável e assim permaneceu até a última reunião.

Nesse segmento não houve representantes do ano anterior, mas houve um número ampliado com relação ao mínimo estabelecido.

Um pai e duas mães foram mais assíduos e mantiveram regularidade na frequência. Eram participativos e sugeriram encaminhamentos práticos. O pai, por ser também o representante da Associação de Bairro, fez a articulação entre os dois espaços ao trazer as reivindicações da escola e comunidade ao espaço da CPA, como o documento 'abaixo assinado' para a permanência dos Ciclos III e IV na escola.

Os estudantes eram iniciantes na CPA de 2011. Em função da proposta de reorganização da escola (em se tornar uma escola de 1º ao 5º ano, com a saída dos anos finais – 6º ao 9º) os estudantes eram de 4º e 5º anos.

As reuniões ocorreram após o período letivo, à noite, dificultando a participação desse segmento.

Entretanto, três representantes mantiveram regularidade na frequência e sugeriram melhorias para o cotidiano, independente das ações contidas no Plano de AIP.

Rotatividade, baixa permanência e pouca regularidade na frequência

É importante ressaltar que foi observada a baixa permanência de representantes nos diferentes segmentos de um ano para o outro.

A OP estava iniciando na escola e nos segmentos de alunos e pais os representantes também estavam participando pela primeira vez. Apenas os segmentos de docentes e de funcionários permaneceram de um ano para o outro.

Com o objetivo de mobilizar a comunidade e ampliar o número de participantes do segmento pais e alunos, em setembro as docentes e a OP encaminharam outro convite às famílias:

Quadro 12 - Convite às famílias e alunos

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO - CPA
Convidamos os pais e alunos para participar de nossa CPA! Dia 13/ 09 /2011 Terça Feira
OBJETIVO: estudar, discutir, eleger e avaliar os <u>fatores, as metas e as ações</u> indispensáveis para obtermos a <u>qualidade do ensino</u> cada vez mais elevada! Juntos buscaremos superar os desafios que possuímos e os que surgirem durante o ano. Venham trazer suas ideias e sugestões! Reunião: Toda segunda semana do Mês - Terça feira, às 17h 30min.

Fonte: Arquivos da Escola

Nas primeiras reuniões foi percebida pouca regularidade na frequência de funcionários, segundo os apontamentos sobre a presença dos representantes dos segmentos:

A reunião estava sendo realizada com 03 pais, 13 alunos, uma professora e a OP, representando a gestão e articuladora da CPA; mas quem coordenou a reunião foi a professora (DC, 12.04.2011);

Presentes 03 pais; 02 professoras, 02 gestoras, 0 funcionária e 0 alunos; Nem todos os presentes eram membros representantes eleitos da CPA, eleitos ou derivados do CE (DC, 09.06.2011);

A reunião começa a se estruturar melhor, com pauta e certa regularidade na frequência dos membros; Presentes: 3 pais; 3 professoras, 2 gestoras, 1 funcionária e 3 alunos; Nem todos os presentes eram membros representantes eleitos da CPA, eleitos ou derivados do CE (DC, 07.07.2011);

Presentes: mãe de aluna 4° C, Pai de aluno 7° A, diretora, funcionária, e professoras e dois alunos (5° C).

Obs: a avó da aluna avisou que não poderá comparecer à reunião (fonte: ata de reunião da CPA, 16.08.2011);

Presentes: mãe da aluna do 4° C, pai do aluno do 7° A, avó, diretora, professora e aluna do 5° C (DC 13.09.2011);

Presentes: diretora, OP, 2 professoras, 4 pais, e 6 alunos (DC 29.11.2011).

Como mostra a tabela abaixo, a síntese da presença dos segmentos às reuniões da CPA 2011:

Tabela 8 – Presença dos Segmentos às reuniões de CPA - 2011

MESES	ABRIL	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
REUNIÕES	12/04	09/06	07/07	16/08	13/09	29/11	01/12
SEGMENTOS						*	**
Diretora	-	x	x	x	x	x	x
OP	x	x	x	-	x	x	-
Professores	1	2	3	2	2	2	3
Funcionária	0	0	1	0	0	0	0
Pais	3	3	3	2	3	4	0
Alunos	13	0	3	2	1	6	5
TOTAL	18	7	12	7	8	14	9
* Reunião de negociação na escola							
** Reunião de negociação escola/SME							

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Plano de trabalho

Conforme consta no PP 2011, o Plano de Trabalho traçado para a Comissão Própria de Avaliação definiu as seguintes ações como preliminares:

Para o ano de 2011 os membros da CPA decidiram reunir-se, primeiro as professoras para elaborarem as primeiras ações da comissão, organizar o jornal de apresentação da CPA aos pais a ser distribuído no final de abril, começo de maio, quando será marcada a primeira reunião com os pais em 12/05/2011 (quinta) às 18:00, para marcarmos as demais reuniões, previstas para ocorrerem uma vez por mês, sempre as quintas-feiras à noite.

Para este primeiro semestre pretendemos trabalhar em relação ao problema de violência na unidade e outras demandas menores, todas oriundas da primeira como: depredação do patrimônio; excesso de presença dos alunos na direção e chamada dos pais à unidade etc. Buscaremos, em grupo, organizar ações que possam minimizar a problemática da violência na escola e tornar o ambiente escolar mais otimizado para que a aprendizagem de fato possa ocorrer. (PP 2011, p.52)

Esse entendimento na forma de participação revela uma prática alternativa de funcionamento da CPA. Essa forma de organização possibilita supor que os professores planejam as ações de forma isolada e desconectadas do coletivo. Os demais segmentos ficariam à margem desse processo em sua fase inicial de discussão das questões e só compartilhariam dessas informações nas reuniões. Com esse procedimento estariam sendo subtraídas as possibilidades de contribuições por meio da participação de todos os segmentos, fato que pode comprometer a efetividade das tomadas de decisão de forma global.

Forma de organização e funcionamento

A partir da avaliação do projeto pedagógico realizada ao final de 2010 e da realização da RPAI no início do ano pela equipe educativa da escola, o plano de ação foi retomado e as metas foram submetidas à nova equipe para serem ratificadas, eleitas as prioridades ou agregados novos itens.

A primeira reunião da CPA, em 12/04/2011, teve a finalidade de dar a ver aos presentes o plano de AIP da escola. As metas foram apresentadas aos novos representantes para inteirá-los do plano de ação da escola e definir algumas alterações quando necessárias e possíveis, conforme segue:

A professora coloca as metas na lousa e vai apresentando uma a uma aos presentes. (Foi distribuído o INFORMATIVO número 03 referente a MAIO/2011 onde os presentes poderiam acompanhar as metas).

O item 1 – Redução do número de falta dos alunos; (foi um tema votado para permanecer);

O item 2 – Reduzir em 70% o número de alunos que não entregam trabalhos; (a professora argumenta que esse dado não seria abrangente da escola toda e se refere apenas aos estudantes do 6º ao 9º ano, portanto, não constaria mais do plano);

O item 3 – Trabalho com projetos e interdisciplinar; (este item deveria ser discutido com os professores, portanto, não foi apreciado pelo grupo por tratar-se de um aspecto diretamente ligado aos professores);

O item 4 - Funcionamento dos equipamentos pedagógicos, parque, LIED (laboratório de Informática) e biblioteca – esta meta já foi cumprida em 2010, portanto, seria eliminada;

O item 5 – A alfabetização de todos os alunos; (esta meta permanece);

Duas outras metas foram colocadas – redução da violência e indisciplina (3) e conscientização sobre o consumo de drogas (4)(DC 12.04.2011).

Os procedimentos adotados na forma de condução da reunião de 12.04 demonstraram ser bem didáticos e favoreceram a discussão, as decisões tiradas no conjunto e o registro dos temas apontados no Plano de Ação para a sistematização e memória do processo avaliativo:

Houve a convocação/convite aos membros, o registro em livro próprio; as decisões/encaminhamentos se deram através de consulta aos membros; embora as metas iniciais e as ações já tenham sido trazidas 'semi-prontas' e apreciadas pelo grupo de professores (DC 12.04.2011).

Nos dois encontros seguintes os temas discutidos incluíram itens relacionados ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos, relevantes e inerentes ao processo de avaliação da escola como um todo e se articularam com as questões que emergiram no cotidiano, evocando a responsabilidade das famílias e demandando ações para as instâncias externas:

Temas abordados: metas (inclusão da 4ª meta: Ampliar a participação da família na escola); relação família escola: presença da família e a responsabilidade da mesma na aprendizagem dos alunos; motivos reais das ausências dos alunos no que diz respeito à escola. (DC 09.06.2011)

Temas abordados: compromisso de cada um com a CPA; relação família escola: presença da família e a responsabilidade da mesma na aprendizagem dos alunos – o que cada um está fazendo para a melhoria dessa aprendizagem; a escola está complementando com os projetos e a questão é: E a FAMÍLIA? (DC 07.07.2011)

Ao que parece, a parceria na responsabilidade da educação das crianças está com uma fenda quando a família não envia as crianças para a escola. Com isso, o grupo encaminha para a inclusão da meta 4.

Na reunião seguinte, em 07.07.2011, vem à tona novamente a relação família-escola e o compromisso de cada um para a melhoria da aprendizagem das crianças. A escola tem realizado ações e cobra da família as suas responsabilidades. O clima de convocar cada um para a responsabilidade com a CPA é retomado de forma mais incisiva.

Em 13.09 é apresentado um estudo realizado pela escola e um documento apontando as ações já realizadas. A proposta desse dia era elencar demandas para o encontro de negociação entre escolas e SME:

Temas: motivos das faltas dos alunos (estudos realizados pela escola); Discussão das ações já observadas; eleição das demandas para enviar à SME para a reunião de NEGOCIAÇÃO; A função dos pais e alunos: o que cada um pode estar fazendo para que alcancem as metas? (DC 13.09.2011)

Há um novo chamado em forma de questionamento sobre a função de cada um dentro da CPA para que as metas sejam alcançadas.

Em 29.11 a proposta desse dia era revisar as metas e conferir as ações já concretizadas. Foram elencadas as demandas urgentes para o encontro de negociação entre escolas e SME agendado para 1º de dezembro de 2012.

Temas: encontro de negociação (1º de dezembro) Metas da escola para 2011
1 – Alfabetização de todos; 2 diminuir o número de faltas; 3 – diminuição da violência na unidade; 4 – trazer a família pra escola;
E as ações da CPA 2011 concretizadas: 1- Projeto mediação, oficina de alfabetização, Projeto voo da águia; 2 - Reunião pontual com pais destes alunos, apresentando gráfico, tabela, com dados; elaborar carta ao Conselho Tutelar, para casos graves; 3 – Palestra com Nelson Hossri, ofício ao PROIN, Palestras com psicóloga Raquel Guzzo para professores , parcerias com ONG – TABA, PUC, Palestra com o instituto Padre Haroldo; 4 – Dia da família na escola – em junho; outro para Outubro/Novembro; Seminário com a família, alunos e professores e palestra para alunos dos anos finais (6,7,8º) – com instituto Pe. Haroldo;
Demandas urgentes da escola para SME:
1 – falta de inspetor de alunos/educador/agente de apoio escolar(4 por período)
2 – falta de professores de inglês (1 ao 5)
3 – acessibilidade da escola – rever rampas, escadaria, banheiro adaptado
4 – câmeras blocos A, B e pátio;
5 – arborizar o terreno ao lado da escola; (as três últimas foram levantadas na reunião) (DC 29.11.2011)

No decorrer dos encontros da CPA durante o período observado (2011), nota-se que alguns temas são recorrentes: itens relacionados ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos, relevantes e inerentes ao processo de avaliação da escola como um todo. Esses temas se articularam com as questões que emergiram no cotidiano, evocando a responsabilidade das famílias e demandando ações para as instâncias externas.

As metas que a escola estabeleceu para si própria, diretamente relacionadas com a aprendizagem das crianças como a assiduidade (infrequência) e a alfabetização já pautadas nos planos anteriores, foram reavaliadas e mantidas, ajustadas e ressignificadas. Outras metas foram incluídas para melhorar as condições de aprendizagem e das relações, sobre a redução da violência (indisciplina) e o uso de drogas na escola e o esforço para ampliar a participação da família na vida escolar.

Apontamos ainda os esforços para o cumprimento das metas pelos atores da escola realizando reuniões e contato telefônico com as famílias, desenvolvendo projetos internos e com parceiros externos e promovendo eventos visando aproximar a família da escola.

Ressalta-se que as demandas elencadas para o encontro de negociação não corresponderam e não contemplaram as demandas constantes no plano de AIP da escola.

Finalidades e funções da CPA na concepção dos docentes e demais segmentos

Os docentes têm papel relevante na implementação de políticas públicas para a educação. Nesse caso, pela familiaridade com os processos avaliativos e valorativos inerentes à docência, as suas ações se tornaram mais determinante. Provocar, questionar, debater, emitir juízos foram posturas constantes durante o período observado em busca de instigar a compreensão dos atores sobre o sentido de estar naquele espaço. Nesse contexto, percebeu-se que foram veiculadas pelas docentes diferentes finalidades para a CPA e também foram questionadas as funções dos representantes dos segmentos.

A CPA como um espaço de diálogo e trocas: É um canal de comunicação, de ideias, novidades, questões do entorno, hora de entrada, saída (Professora 1. DC 09.06.2011).

A CPA como o local de onde se originam as demandas para as diferentes instâncias e como um espaço de decisões, de definições de competências e de socialização das demandas da escola:

A professora informa que é um 'espaço político' para dar atenção aos problemas, dificuldades, discute-se e registra-se e que o Secretário pode até 'não fazer nada', mas não pode alegar ignorância; [...] da parte do Secretário, quer que a gente divulgue os dados da avaliação externa, quer melhoria nos índices, onde a avaliação = provas e avaliam as escolas; a CPA aponta as metas e a quem compete as ações; se diz respeito a Ensino-aprendizagem é para os professores; é espaço político, onde foi pleiteado, discutido e tudo vira documento (Representante do segmento de docentes. DC 09.06.2011).

A CPA aponta problemas e as condições necessárias para solucionar esses problemas e faz encaminhamentos aos órgãos competentes (DEPE, professores, gestão) (Representante do segmento de docentes. DC 09.06.2011).

E afirma também o que ela não é: "Ela não é o órgão que resolve, mas encaminha as questões" (Representante do segmento de docentes. DC 09.06.2011).

A CPA como um espaço de conquistas e soluções: O que [A CPA] resolveu ano passado: água gelada nos corredores dos blocos A e B; pintura nas salas, biblioteca com pessoas atendendo, ventiladores nas salas (Representante do segmento de docentes. DC 09.06.2011);

E questiona as responsabilidades da instância SME para o bom funcionamento da escola e pela melhoria na qualidade das aulas e também defendem os interesses da escola:

Essas 'coisas físicas' aconteceriam com a CPA ou não; Secretário se preocupa com ensino de qualidade e nenhuma criança sem aprender; então não pode faltar professor, não pode faltar inspetor de alunos, não podem faltar cuidados com as crianças especiais, ele prometeu que ia contratar" (Professora 1); "E

agora? Passou um ano e cadê?” (Professora 2); ““Cuidador⁵⁵, profissional para ajudar a cuidar, para a professora ficar com o pedagógico; seria vitória das CPAs se conseguissem isso! (Representante do segmento de docentes. DC 09.06.2011).

A CPA como um espaço de firmar compromissos pelos participantes, quando levantam as questões: “Quais os empecilhos para a sua participação efetiva na CPA? Acredita que a CPA seja um órgão que pode fazer a diferença na escola?” (DC 07.07.2011)

Com o objetivo de promover uma reflexão sobre maneira como cada ator e cada segmento pode/deve contribuir concretamente com as metas, são questionados: “A função dos pais e alunos: o que cada um pode estar fazendo para que alcancemos as metas?” (OP. DC 13.09.2011).

Um pai, ao responder, apontou os aspectos negativos reunindo as duas questões: “[o pai] quer participar – expressar ideias, respeitar sugestões, o empecilho seria a falta de democracia; chegar ao consenso e dar resultados!”(Representante do segmento de pais. DC 13.09.2011).

Uma mãe já havia se manifestado apontando a importância de se ter clareza quanto às responsabilidades de cada um: *O responsável deve encaminhar; enviar pra frente, o que ficar decidido na reunião* (Representante do segmento de pais. DC 07.07.2011).

O segmento estudantil também se manifestou sugerindo ações para melhorias dos espaços:

O aluno solicita que o LIED (Laboratório de informática) fique aberto para os alunos fazerem reforço. A OP explica que o LIED vai ficar aberto até sexta para os alunos virem fazer pesquisa; e NTE forma alunos monitores que vão assessorar o professor para trabalhar no LIED (DC 07.07.2011).
Aluna sugere a instalação de câmera ou lembra que há solicitação para câmera nos corredores (DC13. 09.2011).

A funcionária esteve presente em uma reunião e foi propositiva para a meta de ampliação na participação das famílias na vida escolar: “A funcionária sugere a cada pai trazer 10 pais e propõe uma premiação. A diretora contesta a proposta” (DC 07.07.2011).

⁵⁵ Profissional para auxiliar o professor junto aos estudantes com necessidades especiais.

A boa intenção na proposta da funcionária é rejeitada pela diretora nos permite inferir que essa concepção de premiar não condiz com os propósitos educativos do PP, com a imagem da escola e possivelmente com a posição pessoal e ideológica da diretora.

O interesse sobre a responsabilidade dos atores, no sentido da definição das funções de cada um e do conjunto dos segmentos parece ser uma pergunta com a intencionalidade de conhecer como cada um se vê naquele coletivo e percebe que também tem atribuições para o cumprimento das metas ou se emite opiniões e delega as ações para os profissionais da escola.

Nessa perspectiva, houve a intenção dos atores profissionais da escola de coletar dos participantes as propostas de ações para o desenvolvimento e cumprimento das metas para a melhoria das condições de aprendizagem dos estudantes.

Algumas propostas foram apresentadas pelos pais para a questão das ausências (ligar para as famílias, levantar as justificativas das faltas, reposição dos dias de greve, mapear a rotina das crianças pra saber onde estão quando não vai à escola, algum atrativo na aula que a criança queira vir pra escola). As duas primeiras foram aceitas e as e outras foram rejeitadas.

As causas ou justificativas das ausências dos alunos foram enumeradas pela OP:

- 1 - São 'casos de famílias', por exemplo, se falta do 1º ano, falta o do 3º e o do 5º ano também (os irmãos);
- 2 – Excesso de zelo (da mãe) - chora, dor de barriga, espirro, etc, fica com dó e não envia para a escola;
- 3 – Dificuldade de contato – mudam o número do telefone (celular) e não avisam a escola; Professores relatam que há casos que já estão perdendo o ano) (DC, 13.09.2011).

Diante dos problemas que a escola estava enfrentando, já enumerados e as consequências negativas na aprendizagem dos alunos em decorrência de drogas,

vandalismo, fuga de alunos e grande número de ausências dos alunos, os segmentos apontaram os limites e as possibilidades da escola para a superação das dificuldades enfrentadas.

A posição da OP reitera o direito das crianças à presença, mesmo quando comete alguma infração:

A OP diz que quando chama a família (mãe ou pai) no caso de dano ao patrimônio, e alegam que não vão pagar, não é pra suspender o aluno porque a criança tem direito a vir pra escola (OP.DC 13.09.2011).

O pai pondera que o número de alunos que causam problemas é pequeno com relação à totalidade dos alunos atendidos e as famílias tem que assumir a responsabilidade pelos filhos, já a direção evoca o direito das crianças de frequentar a escola mas o faz com uma conotação negativa à escola pública:

Pai aponta que a escola tem por volta de 800 alunos e poucos são os que atrapalham; Pai aponta a necessidade da família assinar e se comprometer senão vai embora da escola; a direção reluta – escola pública não tem como ‘mandar embora’ (DC 13.09.2011).

A professora manifesta sua indignação e clama pelo CE sugerindo a possibilidade recorrer ao CE para que este impeça de os alunos terem as suas matrículas confirmadas para o ano seguinte ou as condicionem a aceitar as regras da escola, posição semelhante é reforçada pela OP e a diretora desqualifica um pouco essa forma de pressão (CE e aceitar as regras) e reitera que direito à vaga se sobrepõe às formas de pressão:

Professora 1: em que tempos estamos? Não rematrícula, chama o Conselho de Escola! (DC 13.09.2011).

A OP sugere condicionar essa matrícula a aceitar as regras da escola; a direção reforça que a escola pode fazer ‘teatro’, mas que a criança tem direito à vaga. Há casos de crianças que não tem adulto responsável e o PROGEN é parceiro da escola, acolhe crianças desassistidas (DC 13.09.2011).

O pai atribui credibilidade às regras da escola e avó traz novamente a necessidade da presença e da responsabilidade das famílias dos estudantes em

questão: Pai solicita novamente o 'código de ética'(regras da escola); A avó aponta a necessidade de se envolver mais famílias (DC 13.09.2011).

A diretora põe fim ao debate e atribui essa postura de distanciamento das famílias ao fato da instalação recente da escola e aposta na cultura que a escola vai imprimir com o passar do tempo aos alunos que permanecerem:

A diretora diz que é trabalho de mudança de mentalidade; só estamos aqui há dois anos e aponta a movimentação de alunos através de transferências; a área de abrangência é grande; é a única escola de 1º ao 5º ano (DC 13.09.2011).

O pai sugere a ação de visita às famílias, projeto esse que, segundo a diretora, já foi reprovado pelo NAED e se utiliza das justificativas da instância meio; não querendo sair sem uma resposta, o pai insiste e oferece a alternativa de valorizar os talentos da comunidade como uma forma de atraí-los para a escola.

Pai – sugere visita às famílias – a diretora relata que havia um projeto no início do ano, mas não foi aprovado sob o argumento que teria que ter habilidade para adentrar as casas. O NAED apresentou reclamação da mãe pela professora ter ido a casa, que ela tenha insinuado para colocar a criança em outra escola (DC 13.09.2011).

Pai – sugere valorizar os talentos (das famílias) em arte, artesanato (DC 13.09.2011).

Enquanto esse debate parece chegar num impasse a aluna se volta para a questão da insegurança e sugere a instalação de câmeras, já prometidas em outra reunião. Aluna sugere instalação de câmera ou lembra que há solicitação por câmera nos corredores (DC 13.09.2011).

Nessas discussões percebe-se de forma velada a 'cobrança' que é feita pelos segmentos internos à escola, das responsabilidades do segmento 'família' quando confronta o que a 'escola está fazendo', apresentando as ações que a escola já realizou, às soluções para os problemas que seriam de responsabilidade dos familiares, por exemplo, as ausências dos alunos e quando essas ações são sugeridas (algumas são contestadas) elas se voltam novamente para a escola.

A participação da família é evocada na reunião de 09.06, em que é criada a meta para 'ampliar a participação da família na vida escolar'. O clima de confronto de ações é percebido mais intensamente nas reuniões ocorridas em 07.07 e 13.09. Entretanto, em todas as reuniões emergem crenças, emoções, sentimentos, motivações, (in) satisfações, perceptíveis nas manifestações dos sujeitos.

Articulação dos temas da CPA com outros espaços

A questão da insegurança mencionada na primeira reunião (indisciplina, violência e uso drogas) definida como meta 3 foi abordada também nas reuniões de Conselho de Escola e na reunião conjunta NAED, alguns membros do CE e alguns membros da CPA, ocorrida em 11 de novembro na escola.

Registros

No livro destinado aos eventos voltados para a CPA constam registros sobre as reuniões ordinárias previstas no cronograma ou extraordinárias, assembleias de devolutiva por segmentos, os eventos promovidos pela SME como palestras, encontros por segmentos e Reuniões de Negociação de 2008 até 2010. À época da pesquisa não foram encontrados registros das reuniões dos dias 09.06 e 13.09.2011.

A redação das atas e relatórios sobre o processo de AIP é realizado pelas docentes.

O conhecimento e acompanhamento das ações foram realizados através de procedimentos para manter informada a comunidade escolar sobre o processo de Avaliação Interna, seus encaminhamentos e resultados, como o envio de convites para as famílias participarem das reuniões, informes contendo a divulgação das metas e ações concretizadas e a existência de mural com o Plano de AIP.

4.3.3 - As Assembleias de Alunos

Breve histórico

As assembleias de alunos foram iniciadas em 2004, na vigência do projeto “Escola Singular, ações Plurais”⁵⁶.

O interesse por essa prática surgiu a partir do contato dos professores com relatos de experiências de outras unidades que utilizaram esta dinâmica objetivando aumentar a participação dos alunos e docentes na solução de problemas cotidianos e as leituras a respeito do tema realizadas nos Grupos de Trabalho (GT).

Essa metodologia foi adotada com a finalidade de instituir micro espaços de decisão e de promover a participação de pessoas (alunos e professores) com o objetivo de melhorar as relações interpessoais e a convivência coletiva no cotidiano da escola.

Isso foi constatado em texto dos professores envolvidos com o projeto ao relatarem essas práticas:

A proposta da Assembleia de Classe surgiu a partir da necessidade da Escola de solucionar alguns problemas do cotidiano e reafirmar os princípios do Projeto Político Pedagógico, que tem como eixo norteador o tema “Cultura de Paz”. Na busca de criar condições para que os alunos posicionem-se de modo crítico, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos nas relações interpessoais entre alunos, professores, funcionários e gestão escolar e a falta de interesse de alguns alunos. Tomar decisões coletivas frente aos problemas abordados, iniciando-se um processo de conscientização no reconhecimento das diferenças existentes na comunidade. Tendo em vista que essa experiência sirva a novos aprendizados.⁵⁷

O recurso utilizado para que os alunos colocassem suas manifestações era um painel confeccionado em tecido, com quatro bolsinhos com as indicações: eu elogio, eu critico, eu proponho e eu quero saber. Esse painel era fixado na parede das salas de

⁵⁶ SADALLA, A. M. F. A. **Escola singular: ações plurais**. Projeto de Pesquisa elaborado em parceria pela Escola Municipal de Ensino Fundamental “Padre Francisco Silva” e a Faculdade de Educação da Unicamp, apresentado à FAPESP, junto à rubrica de Programa de Melhoria do Ensino Público, sob Coordenação Geral da Profa. Dra. Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla, Campinas, 2003.

⁵⁷ SADALLA, A. M. F. A, ET al. Assembleia de classe, um processo em construção, texto apresentado no “II Seminário Produção de Conhecimento, Saberes e Formação Docente”, dentro do 15º COLE.

aula e nos dias anteriores ao dia marcado para a assembleia os estudantes colocavam seus textos contendo suas opiniões, nos bolsos correspondentes. Havia uma orientação para que as críticas, os elogios, as propostas ou dúvidas mantivessem o foco nas atitudes, sem, contudo citar nomes de pessoas. No ato da assembleia eram eleitos dois alunos para ser relator, para fazer a leitura dos textos e redator para tomar nota. Eram feitas as leituras desses textos e as questões eram anotadas na lousa. Após todo o material ser retirado, lido e exposto na lousa, o grupo elegia alguns tópicos para o debate e decidia sobre os encaminhamentos.

Nas primeiras séries, inicialmente as professoras poderiam assumir essas funções, que constituía em ler o que, em momento anterior, os alunos haviam registrado em bilhetes através de desenhos, de escrita por eles mesmos ou tendo a professora como escriba.

A organização das salas se dava dispendo as carteiras em círculo para favorecer a visão do grupo e o diálogo. A organização das falas ocorria por meio de inscrição ou por algum objeto que revezavam entre si e concedia ao portador a permissão para a fala.

Temas

Mesmo tendo como pano de fundo as regras de convivência dentro do espaço escolar, os temas não eram escolhidos *à priori*, entretanto, a depender do professor, poderia ser lido um texto ou usado algum recurso objetivando a motivação dos estudantes ao debate, como relata uma professora:

Em algumas oportunidades, utilizamos um pequeno texto, uma música ou uma história para sensibilizar as crianças a refletir sobre determinadas questões, em outras, apenas fazemos a leitura dos bilhetes, iniciando sempre pelos elogios e questionamentos⁵⁸.

Através da prática das assembleias, ao mesmo tempo em que abordavam alguns valores, já os exercitavam, como aponta o relato a seguir:

⁵⁸ LUCCA, MÔNICA DE. Texto produzido para o Grupo de Trabalho (GT) do Projeto “Escola Singular, Ações Plurais”. 2005

Este ano, com uma turma de 3^a. série, trabalhamos o respeito pela opinião alheia, o aprendizado de falar e ouvir nos momentos certos, os deveres que temos com relação aos nossos materiais pessoais e aos equipamentos públicos, o compromisso com as tarefas, os apelidos e xingamentos, o respeito aos idosos, o desperdício da comida no refeitório e o barulho excessivo da sala. Também demos encaminhamento a questões ligadas ao comportamento de alguns integrantes do grupo, como as brincadeiras violentas no recreio e nas aulas de educação física(idem).

Identifica-se temáticas mais amplas envolvendo as condições (de violência) do município:

Uma assembleia importante que realizamos este ano foi para conversar sobre como as crianças estavam se sentindo com relação aos acontecimentos recentes ligados ao terrorismo instaurado por conta das ações violentas e criminosas do PCC em nosso estado e em nossa cidade (idem).

Além disso, há posicionamentos quanto à avaliação sobre a prática pedagógica dos professores e à construção da crítica: "Em uma oportunidade, foi questionada a forma de ação dos professores em algumas atividades. Considero esse um tópico importante, pois demonstra, por parte das crianças, a aprendizagem da crítica de forma positiva" (idem).

Por fim, destaca-se a proposta de reflexão sobre a função da escola:

Os bilhetes foram colocados nos espaços reservados no painel, com os tópicos: Eu critico, eu elogio, eu proponho e eu quero saber. Dentre as questões apresentadas pelas crianças, houve uma que me chamou a atenção: uma criança aponta em sua crítica o 'ter que fazer as lições' e outra criança diz que, 'a lição é importante para que não fiquem burros na escola'.⁵⁹

Ao final era realizada uma ata com o registro do material coletado e apresentado, bem como os encaminhamentos propostos. Esta ata era entregue à direção para análise e providências. As demandas que esbarrassem em legislação eram discutidas entre a equipe de gestão e a turma para viabilizar a efetivação dessas demandas.

⁵⁹ CAMASÃO, MARLENE GONZAGA DOS ANJOS. Texto produzido para o Grupo de Trabalho (GT) para o Projeto "Escola Singular, Ações Plurais". 2008

Novos professores e novos contornos para a prática das assembleias

Com o encerramento do Projeto “Escola Singular, Ações Plurais” em 2008, os anos que se seguiram foram de vivências que se derivaram do modelo construído inicialmente e sustentado pelos momentos de reflexividade sobre a prática docente foi desenvolvida durante a vigência do projeto. No início do ano, os professores mais antigos faziam uma oficina sobre os procedimentos das assembleias com os colegas novos, na reunião de Trabalho Docente Coletivo (TDC) para que esses vivenciassem essa prática. Assim, o rigor nos procedimentos e a fundamentação teórica que embasavam as assembleias de alunos deram lugar a práticas ‘híbridas’, executadas por professores que haviam vivenciado o projeto e por outros que ingressaram na escola posteriormente, diversificando os sentidos dessa prática que foi adquirindo novos contornos e também as finalidades foram atendendo às novas demandas da escola.

Em 2008 e 2009, conforme aponta o Adendo ao Projeto Pedagógico 2010, a Assembleia de Classe estava assim definida:

[...] Este espaço, com alunos, professores e pais foi, em 2008/9, a instância de coleta de material (sistematizado pela CPA) para subsidiar os encaminhamentos para a elaboração do Plano de Avaliação Institucional desta escola (Adendo ao Projeto Pedagógico 2010).

[...] é um espaço onde alunos e professores discutem, encaminham e tomam decisões sobre temas que foram apontados anteriormente, que têm causado conflitos e exigem tomadas de decisões coletivas. Nesse espaço também ocorrem as eleições dos representantes de classe (Adendo ao Projeto Pedagógico 2010).

O modelo praticado nas assembleias de alunos foi ampliado para outros espaços, como a Reunião de Planejamento e Avaliação Institucional (RPAI), envolvendo os segmentos de professores, funcionários e gestão, ampliando também a sua função, para ser a instância de coleta de materiais para subsidiar o processo de Avaliação Institucional Participativa que se articulava na escola, conforme cita o Projeto Pedagógico:

Importante ressaltar as ações que vêm sendo desenvolvidas com vistas à Avaliação Institucional: as assembleias de alunos e em 2009, também pelos

professores e demais segmentos de profissionais (Adendo ao Projeto Pedagógico 2010).

Ao mesmo tempo em que se ampliava para outros espaços, apontava a necessidade de aumentar a frequência na sua realização:

Quanto à prática de assembleia de classe, esta vem sendo incorporada na rotina de todas as classes e dos profissionais da escola de modo geral. Os alunos depositam suas manifestações por escrito sobre as questões a serem elogiadas, criticadas, propostas, ou que tenham dúvidas, em painéis próprios instalados em cada sala de aula e os professores coordenam as assembleias. A frequência ainda é muito espaçada, ocorrendo praticamente duas vezes por ano. A perspectiva é que esse tempo se reduza para quinzenal ou semanalmente. (Adendo ao Projeto Pedagógico 2010)

Os professores eram os responsáveis por orientar esse processo. Na vigência do Projeto “Escola Singular, Ações Plurais” as dúvidas de como realizá-lo foram amparadas pela formação teórica inerente ao projeto, entretanto, com a chegada de novos professores, anualmente, essas dúvidas se renovavam e a inclusão desses docentes era feita através da simulação dessa prática:

[...] Para os novos professores que compõe a equipe a partir desse ano de 2009, esta prática será exercitada no TDC, para depois ser realizada com os alunos (Adendo ao Projeto Pedagógico 2010).

O PP 2009 indicava que os alunos de 6º ao 9º ano assumissem outros papéis nas Assembleias de Classe uma vez que a permanência de alunos que haviam vivenciado as assembleias poderia fortalecer e ampliar as formas de participação dos mesmos: “[...] Progressivamente os alunos devem estar assumindo as funções de coordenação, organização das falas e registro para o desenvolvimento de sua autonomia” (Adendo ao Projeto Pedagógico 2010).

Em 2010 em função da fusão das duas escolas: a mudança de prédio, o aumento no número de salas/turmas/alunos, o ingresso de professores novos e a remoção de alguns professores, essa prática se diluiu e obteve pouca visibilidade diante da expansão dos espaços escolares e das questões que emergiam do cotidiano. Entre os professores de 1º ao 5º ano, ela passou a ocorrer esporadicamente, com uma ou duas turmas para definir alguns combinados internos.

Para as turmas de 6º ao 9º ano as assembleias tinham o objetivo de socializar a devolutiva da reunião de negociação entre SME e CPA pelos representantes dos segmentos.⁶⁰ Conforme demonstra o recorte do cronograma da CPA, para o primeiro semestre do ano de 2010:

Quadro 13 – Cronograma das Assembleias de classe - 2010

28/06	29/06	30/06	01/07	02/07
Manhã: 8ºB, 9ºA e B; Tarde: 6º A e B, 7º A e B e 8º A. Alunos e gestão	-	CPA com funcionários e gestão 11h15min- 12h15min	RPAI (TDC) CPA Com professores 1º ao 5º	RPAI (TDC) CPA Com professores 6º ao 9º

Fonte: Arquivos da Escola

Nos arquivos da escola não constam registros sobre as discussões ocorridas nessas Assembleias de Classe, sobre a socialização dos assuntos tratados na CPA.

As assembleias com as turmas e com os representantes de sala

Em 2011 não foi apresentado um cronograma ‘oficial’ com datas de assembleias de sala. Ainda que tenha sido uma prática apontada no Projeto Pedagógico, não houve uma discussão prévia nos coletivos dos docentes, como mostram os registros realizados nos livros de Ata de Trabalho Docente. Ao que parece, foi uma prática de algumas professoras com suas turmas.

Segundo alguns relatos informais de professoras do ciclo II (4º e 5º ano) sobre a realização de assembleias com suas turmas, a pesquisadora solicitou o cronograma e foi à escola para acompanhar as assembleias que haviam sido agendadas, entretanto, foram canceladas, conforme consta no Diário de Campo:

Nesse dia eu tinha ido à escola para acompanhar a Assembleia de Sala com a turma da Professora C e posteriormente, com a professora VLPC, entretanto, em função da dispensa dos alunos para a discussão curricular, as Assembleias foram canceladas. A professora C vai informar a nova data, mas antecipou que tem registros sobre as discussões feitas nas assembleias anteriores. Mostrou-me o registro da Assembleia ocorrida em 06/05/2011 com os temas: ofensas, bater, xingamentos, limpeza do banheiro (Diário de Campo, 02.09.2011).

⁶⁰ Cronograma das Assembleias de CPA – Junho e Julho (documento coletado nos arquivos da escola)

Oficialmente, foi realizada uma assembleia entre a Direção – diretora e Orientadora Pedagógica e estudantes, em 05 de Dezembro de 2012. Os estudantes presentes eram representantes de sala⁶¹, sendo 1º, 2º e 3ºs anos do período da manhã, 4ºs, 5ºs e uma aluna do 7º ano do período da tarde, conforme mostra a tabela:

Tabela 9 – Alunos representantes na Assembleia de Classes – Dez/2011

MANHÃ			TARDE				TOTAL
1ºS ANOS	2ºS ANOS	3ºS ANOS	4ºS ANOS	5ºS ANOS	6ºS ANOS	7ºS ANOS	
6	7	3	1	3	0	1	21

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

A Assembleia foi iniciada sem que houvesse esclarecimento prévio, realizado pela coordenação sobre os procedimentos que seriam adotados no decurso da mesma.

Dessa forma, vamos nos referenciar nas diversas experiências que foram relatadas no texto inicial (breve histórico) para apreender alguns dos procedimentos habituais como a eleição de um coordenador, um tema, um redator para o registro na lousa/da ata, o recurso do diálogo, o pedido da palavra e os encaminhamentos finais. Entendemos que a ausência de algum desses elementos pode comprometer a potencialidade desse exercício para os participantes. Conforme já foi dito, por não dispormos de dados sobre a realização das assembleias em sala por todas as turmas não sabemos se os procedimentos estariam claros para todos os participantes.

A diretora dá algumas informações de forma breve: “a diretora explica como será a colocação no quadro; uma aluna vai registrar na lousa, a OP vai ler todos os registros; a aluna vai colocar na lousa e a gente vai decidir como é que melhora a escola” (DC 05.12.2011).

Com relação à coordenação da Assembleia, a direção e a OP assumiram com o apoio da aluna do 7º ano para o registro na lousa (redatora), posteriormente foi substituída pela OP.

O tema para o debate tratava das regras de convivência, para o ano de 2012 e a diretora apontou o objetivo, perguntando ao grupo se eles sabiam por que estavam ali.

⁶¹ Representantes de Classes são os estudantes escolhidos através de eleição ou indicação, responsáveis em representar a turma em situações como reuniões com Direção, Conselho de Ciclo, CPA, etc.

Na coleta das respostas, foram obtidas as temáticas: “Pra discutir as regras de convivência, ajudar a melhorar a escola, o que gostam e o que não gostam da sala e da escola” (Diário de Campo, 05.12.2011). A condução das discussões foi alternada entre a diretora e a OP: “Foram apresentados os resumos das discussões ocorridas nas turmas para serem apreciadas e encaminhadas” (Diário de Campo, 05.12.2011).

A adoção do diálogo é um dos pressupostos para a realização da assembleia. Deseja-se ainda que o coordenador tenha a função de facilitador ou de ajuda no diálogo durante a condução da assembleia. Para um diálogo que se pretenda democrático, atribuir a palavra é fundamental para que todos tenham, igualmente, a possibilidade de falar. Como apontam os registros da pesquisadora, mais de uma vez houve pedido da palavra que não foi atendido: “algumas crianças levantam a mão pra pedir a palavra, mas ninguém percebe e elas permanecem longo tempo com as mãos erguidas” e ainda: “outra criança levanta a mão, pede a palavra e não é atendida, seguem com o registro na lousa” (Diário de Campo, 05.12.2011).

Alguns dos temas abordados se mostraram mais conflituosos, exigiram esclarecimentos da ordem de conteúdo:

Alguns temas foram mais polêmicos, como a obrigatoriedade no uso do uniforme, o que demandou uma longa explicação pela diretora, sobre a importância do uso e em consequência disso terem mais segurança e facilidade na identificação dos alunos (Diário de Campo, 05.12.2011).

E da forma, quando os participantes propunham regras novas, derivadas daquelas que estavam sendo apresentadas:

Durante a apresentação dos registros das turmas os representantes se manifestavam propondo novas regras àquelas que já tinham sido levantadas com as turmas, isso dificultou a apresentação e discussão de todos os tópicos para a eleição das prioridades (Diário de Campo, 05.12.2011).

A assembleia foi interrompida com a entrada de uma professora na sala para falar com a diretora e a espera causou dispersão no grupo:

[...] Uma professora entra, entrega um documento para a diretora assinar enquanto isso fala com a OP; as crianças ficam à parte, em situação de espera; alguns começam a fazer brincadeiras com as mãos, outros ficam calados no lugar, outros conversam com o vizinho (Diário de Campo, 05.12.2011).

A dispersão do grupo exige a retomada dos objetivos do encontro, bem como a intervenção da coordenadora para chamar a atenção e regular a participação:

A OP tenta a estratégia do Pamparampam... – Pam, pam! Respondem eles e fazem um silêncio agradável; [...]a diretora chama a atenção porque depois eles vão ter que saber do que está falando; [...]a diretora chama a atenção deles pra o que é lido e o que registram na lousa, para poderem se posicionar depois; a OP tenta o silêncio usando: *Own*, E usa novamente o Pamparampam... As crianças atendem, fazem silêncio e retomam a conversa em seguida (Diário de Campo, 05.12.2011).

Em função de alguns representantes de alunos estudarem no período da tarde, com entrada após 13h00, foi observada a ausência de alunos representantes desse período.

Posteriormente a OP realizou a tabulação dos dados e produziu um documento com as regras para os alunos (Anexo 8).

CAPÍTULO 5 – OS DADOS COLETADOS

Neste capítulo serão descritas as etapas de tratamento e preparação do material para a construção dos temas e categorias que embasaram a análise, inferência e interpretação, que serão abordadas no capítulo seguinte.

5.1 – Os temas que emergiram nas diferentes instâncias e a frequência de aparição

O tratamento dos dados demandou várias etapas. Preliminarmente foram elaborados quadros gerais das diferentes instâncias (CE, CPA, AE e outros), contendo os conteúdos coletados por diferentes fontes (observações e registro em diário de campo e análise documental). Esses dados foram categorizados dentro de temas que tinham pertinência, similitude ou estivessem de alguma forma relacionados. Com esse tratamento inicial pudemos chegar ao conjunto de temas discutidos nas instâncias e a frequência com que apareceram. Nas páginas seguintes, os quadros numerados ilustram esses passos e demonstram as categorias temáticas que foram criadas, conforme o quadro abaixo:

Quadro 14 – Legenda dos temas

CE		CPA		AE	
A	Eleição e Posse	A	Objetivos, função, finalidades, cronograma e funcionamento da CPA	A	-
B	Regras e medidas disciplinares	B	Regras/medidas disciplinares Uso do Uniforme	B	Regras/medidas disciplinares Uso do Uniforme
C	Aplicação de Recursos (Plano de Aprovação das Contas)	C	Plano de Avaliação Institucional: Metas e Ações	C	-
D	Infraestrutura (Reforma, reparos e manutenção)	D	Infraestrutura (reforma, reparos, manutenção)	D	-
E	Segurança	E	Segurança (violência, drogas)	E	-
F	Recursos Humanos	F	Recursos Humanos e Materiais	F	-
G	Planejamento e funcionamento escolar	G	Planejamento e Funcionamento Escolar (Projetos LIED, Biblioteca, trabalho pedagógico Ensino-Aprendizagem)	G	-

Os temas foram destacados para proceder à análise, como será visto no capítulo seguinte.

Quadro 15 – Conselho de Escola - CE – Temas e frequência de aparição a partir das observações						
FONTE: OBSERVAÇÕES E REGISTRO EM DIÁRIO DE CAMPO						
PAUTAS/DEMANDAS			DECISÕES/SUGESTÕES/ENCAMINHAMENTOS			
B - Ocorrência com uso de droga por aluno de 8º ano na escola			B - Reunião com pais para tomarem ciência sobre o ocorrido; JOCAD mirim - Retomada das atividades do grupo; PROIN – tia sugere contato; PROGEN – vai dar ajuda; Presença da GM; Necessidade de Inspetores de alunos; Mobilização dos pais			
B - Mãe questiona Alunos meninos entram no banheiro das meninas			B - Vão para a diretoria			
B - Uniformes (alteram os originais)						
C - Retificação da Ata da AAE			C - Nova ata para ser assinada.			
C - Informes sobre verba PDDE/MEC, aquisições para escola de três verbas – Conta escola 9000,00; FNDE PDDE/MEC e + Educação 120.000,00, cada verba tem atas e livros próprios;			C - Assinatura das Atas			
D -Informes sobre as melhorias na estrutura (parque);						
B - Caso do aluno Jonatas Manoel (surto de agressividade na escola)			B - 1 - Encaminhar ao psicólogo, psiquiatra; 2 - Encaminhar processo para CT com abaixo assinado; 3 - Carta registrada para informar a família das ocorrências; (Decisão – a mãe Cristiane vai levar pessoalmente a convocação para a mãe);			
A	B	C	D	E	F	G
ELEIÇÃO E POSSE	REGRAS/MEDIDAS DISCIPLINARES	APLICAÇÃO DE RECURSOS (PLANO E APROVAÇÃO DAS CONTAS)	INFRAESTRUTURA (REFORMA, REPAROS, MANUTENÇÃO)	SEGURANÇA	RECURSOS HUMANOS	PLANEJAMENTO E FUNCIONAMENTO ESCOLAR
-	4	2	1	-	-	-

Quadro 16 – Conselho de Escola – CE – Temas e frequência de aparição a partir das Atas de registro das reuniões	
FONTE: ANÁLISE DOCUMENTAL – ATAS DO CONSELHO DE ESCOLA 2011	
PAUTAS/DEMANDAS	DECISÕES/SUGESTÕES/ENCAMINHAMENTOS
A - Eleição e posse do CE	
B - Informes diversos sobre o funcionamento da escola – regras, horário de entrada e saída, uso do uniforme,	
B - Regras para disciplina e punições	
G - Entrega de trabalhos pelos alunos	
F - Ausência (não existência do profissional) professor de inglês	
G - Atendimento do 1º ao 9º ano	G - Pais fazerem abaixo assinado para SME
B - Drogas	B - Reunião com pais para tomarem ciência sobre o ocorrido; JOCAD mirim - Retomada das atividades do grupo; PROIN – tia sugere contato; PROGEN – vai dar ajuda; Presença da GM Necessidade de Inspectores de alunos; Mobilização dos pais
C - Aprovação do Plano de Aplicação	C - Aprovação do plano
C - Retificação da Ata da AAE	C - Nova ata para ser assinada.
B - Mãe questiona Alunos meninos entram no banheiro das meninas	B - Vão para a diretoria
C - Balancete APM, conta escola, gastos PDDE, verba e conta do Banco do Brasil;	C - Deliberação sobre os balancetes; Regularização efetuada pela Direção na conta corrente e na ATA da Diretoria;
B - Drogas e parcerias – TABA, ONG, et	B - Parceria com Conselho Tutelar Outras parcerias TABA, Viva a vida sem drogas, Amor exigente, etc;

C - Uso de recursos, Mais educação, PDDE,			C - Definição das prioridades dos gastos com PDDE/2011			
D - Parque, corrimão, vidros, alambrado.						
B - Caso de aluno J.			B - Leitura de relatório de professores Mãe (Cristiane) ira conversar com a família Convocação do CE com a presença da família (há outras propostas que não são aceitas nem votadas)			
B - Aluno J.			B - 9x1 votam pela transferência do aluno; Encaminhamento para Psiquiatra/psicólogo;			
C - Recursos PDDE, Conta Escola,			C - Aprovação da prestação de contas			
E - Segurança, (ronda escolar), falta de funcionários.			E - Ofício à GM para ficar uma viatura na porta da escola			
G - Planejamento 2012,			G - 2012 – saem os 8ºs			
F - Falta de funcionários,			F - Não tem concurso para Inspetor de Alunos			
E - Guarda Municipal			E - Guarda municipal na E/S dos alunos e palestra para pais; mais um vigilante da GOCIL			
B - Medidas disciplinares para alunos			B - Relatório das ocorrências e encaminhar pra Vara da Infância para o juiz avaliar.			
A	B	C	D	E	F	G
ELEIÇÃO E POSSE	REGRAS/MEDIDAS DISCIPLINARES	APLICAÇÃO DE RECURSOS (PLANO E APROVAÇÃO DAS CONTAS)	INFRAESTRUTURA (REFORMA, REPAROS, MANUTENÇÃO)	SEGURANÇA	RECURSOS HUMANOS	PLANEJAMENTO E FUNCIONAMENTO ESCOLAR
1	8	5	1	2	2	3

C P A	Quadro 17 – Comissão Própria de Avaliação – CPA – Temas e frequência de aparição a partir das observações	
	FONTE: OBSERVAÇÕES E REGISTRO EM DIÁRIO DE CAMPO	
	PAUTAS/DEMANDAS	DECISÕES/SUGESTÕES/ENCAMINHAMENTOS
	C- Plano de Avaliação Institucional (Discussão das metas*)	C - Inclusão de duas metas Exclusão da meta 2 Meta 4 - cumprida
	A - Cronograma dos encontros – dia e horário	A - 2ª quinta-feira do mês às 18h00
	A - Esclarecimentos sobre função da CPA e das metas: são desafios sobre as prioridades, as urgências.	A - Divulgar o que acontece na CPA Fazer mural para CPA
	C - Presença da família e a responsabilidade da mesma na aprendizagem dos alunos;	C - Definição de uma meta para aproximar a família da escola
	G - Motivos reais das ausências dos alunos no que diz respeito à escola (escola atraente?)	G - Proposta: mapear a rotina da criança para saber o que ela faz quando não está na escola;
	A - Acolhida dos membros, Firmar compromisso de participação dos membros nas reuniões; Estabelecer o melhor dia para as mesmas; Função da CPA	A - 3ª terça-feira do mês às 18h00
	C - Apresentação das metas (leitura do texto em anexo, contendo as 4 metas);	C - A – projetos que são desenvolvidos na escola: 1 - O voo da águia – em parceria com a PUCC (psicologia) 2 – PROGEN – Programa Gente Nova – processos culturais – teatro, biblioteca, etc; 3 – Projetos dos Professores: violão, mediação, biblioteca; Com a intenção de melhorar as condições culturais das crianças;
A - Avaliação da CPA: Reunião por setor para discutir: 1 - Quais os empecilhos para a sua participação efetiva na CPA? na escola?	A - PAIS - Acompanhar as ações, tem que estar na escola em outros horários; Participação dos pais – expressar ideias, respeitar sugestões (o	

		<p>empecilho seria a falta de democracia; chegar ao consenso e dar resultados)</p> <p>Ações – pensar estratégias para as metas, trazer na próxima reunião;</p> <p>Dificuldade: a família joga para a escola a responsabilidade de EDUCAR; Escola, Estado, município é corresponsável;</p> <p>Texto para enviar aos pais, com perfil de cada criança; se a criança morar em lugar vulnerável, aciona a Assistência Social e a Segurança;</p> <p>ALUNOS: problemas com os 'horários', mas podem ajudar, colaborar com o grupo;</p> <p>PROFESSORAS:</p> <p>Horário; socializar no TDC as metas, os objetivos; dificuldades de 'por em prática'; o trabalho, a disposição dos colegas, a colaboração, etc.</p>
	A - 2 - Acredita que a CPA seja um órgão que pode fazer a diferença na escola?	<p>A - PAIS – O responsável deve encaminhar; enviar pra frente, o que ficar decidido na reunião; trazer gente (vencedores) para fazer palestra, ter objetivos;</p> <p>A - PROFESSORAS – Se bem trabalhado, sim; estar democraticamente bem representado e divulgar aos colegas; A professora elogia a participação do segmento alunos.</p> <p>A - ALUNOS – (esvaziou...) os alunos já haviam se retirado, devido ao horário e não se manifestaram quanto ao solicitado.</p>
	<p>Informações gerais</p> <p>E - Sucesso na reunião com pais, sobre DROGAS no 8º ano; ações de depredação e violência na escola;</p> <p>faltas dos alunos;</p>	<p>B - Sugestão de medidas: exclusão de alunos, transferências;</p> <p>Comunicar famílias;</p>
	C - Discussão das ações já observadas	<p>C - Os motivos das faltas dos alunos (levantamento) –</p> <p>1 - são 'casos de famílias', por exemplo, se falta do 1º ano, falta o do 3º e o do 5º ano também – (os irmãos);</p> <p>2 – Excesso de zelo (da mãe) - chora, dor de barriga, espirro, etc. fica</p>

		<p>com dó e não envia para a escola;</p> <p>3 – Dificuldade de contato – mudam o número do telefone (celular) e não avisam a escola;</p> <p>Professores relatam que há casos que já estão perdendo o ano;</p>
	<p>A - Eleição das demandas para enviar à SME</p> <p>Para a reunião de NEGOCIAÇÃO</p>	<p>F - 1 – falta de inspetor de alunos/educador/agente de apoio escolar(4 por período)</p> <p>F - 2 – falta de professores de inglês (1 ao 5)</p> <p>D - 3 – acessibilidade da escola – rever rampas, escadaria, banheiro adaptado</p> <p>D - 4 – câmeras blocos A, B e pátio;</p> <p>D - 5 – arborizar o terreno ao lado da escola; (as três últimas foram levantadas na hora)</p>
	<p>A - A função dos pais e alunos: o que cada um pode estar fazendo para que alcancemos as metas?</p>	<p>A - Pai exercita sua função e participa dando sugestões: valorizar os talentos (das famílias) em arte, artesanato; criação de uma horta, visita às famílias; informa que pode fazer contato com delegado (polícia militar) para fazer um trabalho com a escola (as bases da PM abrem as portas pra escola visitar);</p>
	<p>C - Texto sobre as ações da CPA 2011:</p> <p>1 – Alfabetização de todos;</p> <p>2 diminuir o número de faltas;</p> <p>3 – diminuição da violência na unidade;</p> <p>4 – trazer a família pra escola;</p>	<p>C - 1- Projeto mediação, oficina de alfabetização, Projeto voo da águia;</p> <p>2 - Reunião pontual com pais destes alunos, apresentando gráfico, tabela, com dados; elaborar carta ao Conselho Tutelar, para casos graves;</p> <p>3 – Palestra com Nelson Hossri, ofício ao PROIN, Palestras com psicóloga Raquel Guzzo para professores , parcerias com ONG – TABA, PUCCAMP, Palestra com o instituto Padre Haroldo;</p> <p>4 – Dia da família na escola – em junho; outro para Outubro/Novembro; Seminário com a família, alunos e professores e palestra para alunos dos anos finais (6,7,8º) – com instituto Pe. Haroldo;</p>
	<p>A - Reunião de Negociação</p>	<p>A - Informa que será no dia 1º de Dezembro e convida os presentes a participarem;</p>
	<p>C - Demandas urgentes da escola e o que já foi realizado:</p>	<p>C - Indicadores de aprendizagem: tenham 139 alunos; 57 alfabetizados;</p> <p>2 – faltas dos alunos – iniciaram procedimento de compensação de</p>

<p>1 – falta de inspetor de alunos/educador/agente de apoio escolar(4 por período)</p> <p>2 – falta de professores de inglês (1 ao 5)</p> <p>3 – acessibilidade da escola – rever rampas, escadaria, banheiro adaptado</p> <p>4 – câmeras blocos A, B e pátio;</p> <p>5 – arborizar o terreno ao lado da escola; (as três últimas foram levantadas na hora)</p>		<p>ausências; para 2012 – haverá um professor responsável para fazer contato com as famílias;</p> <p>Violência – palestra aos estudantes com Nelson Hossri, palestra aos professores com Raquel Guzzo; Ofício ao PROIN; Projeto Voo da águia com atendimento aos alunos e visitas às famílias; palestra e seminário com Instituto Pe. Haroldo, parceria com ONG TABA, início de 2012 – dar aos pais a cópia do Regimento Interno (regras) e assinar termo de responsabilidade;</p>				
A	B	C	D	E	F	G
<p>OBJETIVOS, FUNÇÃO, FINALIDADES, CRONOGRAMA E FUNCIONAMENTO DA CPA</p>	<p>REGRAS/MEDIDAS DISCIPLINARES</p> <p>USO DO UNIFORME</p>	<p>PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: METAS E AÇÕES</p>	<p>INFRAESTRUTURA</p> <p>(REFORMA, REPAROS, MANUTENÇÃO)</p>	<p>SEGURANÇA</p> <p>VIOLÊNCIA</p> <p>DROGAS</p>	<p>RECURSOS HUMANOS</p> <p>E</p> <p>MATERIAIS</p>	<p>PLANEJAMENTO</p> <p>E</p> <p>FUNCIONAMENTO ESCOLAR</p> <p>PROJETOS, LIED, BIBLIOTECA,</p> <p>TRABALHO PEDAGÓGICO E/A</p>
6	1	5	1	1	1	2

C P A	Quadro 18 - Comissão Própria de Avaliação – CPA - Temas e frequência de aparição a partir das Atas de Registro das reuniões	
	FONTE: ANÁLISE DOCUMENTAL – ATAS DE REGISTRO DAS REUNIÕES DE CPA	
	PAUTAS/DEMANDAS	DECISÕES/SUGESTÕES/ENCAMINHAMENTOS
	12.04	
	A - Esclarecimentos sobre a dinâmica das reuniões, o que é CPA;	A - Junho e Dezembro (negociação)
	A - Cronograma dos encontros – dia e horário	A - 2ª quinta-feira do mês às 18h00
	G - Solicitações de alunos e pais: G - Horário fixo de atendimento da Biblioteca e LIED; E - Ações para diminuição da violência F - Aviso aos pais - G - Trabalho do professor pautado na cópia de textos na lousa e questões	F - Contratar dois oficinairos do Projeto Mais Educação para esses locais; E - Palestras sobre <i>bullying</i> , uso de drogas, violência, por ONG e pai de alunos F - Atendimento por psicólogos (PUCCAMP) aos pais G - Retomada de Assembleias e plenárias com alunos G - Incentivo ao trabalho pedagógico interdisciplinar
	C - Análise das Metas do Plano de Avaliação Institucional (Discussão das metas*)	C - Exclusão da meta 2; Meta 4 - cumprida Inclusão de duas metas para 2011 – implementação de projetos que visem diminuir a violência, coibir o uso de drogas realização de abaixo assinado para manter os 8ºs e retornar os 9ºs;
	09.06	
	A - Apresentação dos membros, cronograma, ausência de representantes e presença do segmento de alunos pela primeira vez;	
C - Metas tiradas junto aos professores	C - 1 – Alfabetização de todos os alunos 2 – Redução do número de faltas dos alunos e; 3 – Redução da violência/drogas;	
A - CPA – função de apontar os problemas, registrar, elaborar relatórios para que todos conheçam as demandas;	A - Encaminhar aos órgãos competentes: DEPE, professores, pais, gestão, SME, etc.;	

D - 2010 – soluções para problemas	D - Sinalização da rua da escola, uso do LIED, Biblioteca;
D - Percepção de demandas do entorno e encaminhamentos para SME;	D - Condições de trabalho dos funcionários, cuidados para os Portadores de Necessidades Especiais (PNEE); credibilidade da CPA;
F - Professor de Inglês para 1º ao 5º ano	F - Falta de professores de outras áreas: ciências, inglês, história, Língua Portuguesa
C - Discussão de cada meta e demandas a quem compete: 1 - Alfabetização de todos 2 – Redução das faltas dos alunos 3 – Diminuição da violência 4 – (Sugestão de inclusão de 4ª meta)	C - 1 – aulas de reforço (Mais Educação); reposição de dias da greve; 2 – levantamento das faltas, premiação para sala que diminuir faltas, orientação de estudos para os faltosos, estímulos para os alunos virem pra escola; contato com famílias a partir de 15 faltas, levantamento de faltas trimestralmente; 3 – Parceria com ONG, justiça restaurativa, palestras com pais e alunos, projetos e parceria com 'Voo da Águia' (PUC); 4 – Ampliação da família na escola – mostrar aos pais a importância da criança comparecer na escola; envolvimento da família na vida escolar da criança;
07.07	
A - Acolhida e apresentação dos membros, entrega de pauta e texto sobre o que é a CPA e as metas da escola; quadro de faltas por turmas(1º ao 3)	
G - Motivos reais das ausências dos alunos no que diz respeito à escola (escola atraente?)	G - Proposta: mapear a rotina da criança para saber o que ela faz quando não está na escola;
A - Firmar compromisso de participação dos membros nas reuniões; Estabelecer o melhor dia para as mesmas;	A - 3ª terça-feira do mês às 18h00
A - Definição da CPA e finalidades	A - A CPA é um espaço político, de discussão, onde estudamos, elegemos e refletimos sobre a qualidade do ensino e os recursos disponíveis para que esta qualidade ocorra, dentro de nosso espaço escolar. Todas essas discussões ficam registradas e há o momento em que as autoridades da Secretaria de Educação se reúnem com os membros das CPAs (divididos por segmentos), para ouvi-las. Em contrapartida, a Secretaria de Educação cobra da CPA e estudo/reflexão e a utilização/divulgação dos dados dos índices das provas de avaliação externas: Prova Brasil e Prova Campinas. Explicação de como funcionam estas avaliações externas.
C - Leitura do textos sobre objetivos da CPA e apresentação das 4 metas	C - 1 – ampliar o número de alunos alfabetizados desde os anos iniciais, 2 – Reduzir o número de faltas, 3 – Diminuir a violência, 4 – Ampliar a participação

	da família na escola.
G - projetos que são desenvolvidos na escola:	G - 1 - O voo da águia – em parceria com a PUCC (psicologia) 2 – PROGEN – Programa Gente Nova – processos culturais – teatro, biblioteca, etc; 3 – Projetos dos Professores: violão, mediação, biblioteca; Com a intenção de melhorar as condições culturais das crianças;
C - Comentários e retomada das metas do ano anterior	C - As metas do ano anterior e os esforços para serem cumpridas, como por exemplo, o funcionamento da biblioteca, funcionamento do parque e do laboratório de Informática, a solução para o calor e o sol dentro das salas de aula, a melhora da circulação do trânsito de veículos/peruas no entorno da escola e a grande participação de pais nestes assuntos.
G - Comentários sobre: cobrar mais compromisso dos alunos e Dificuldades para trazer os pais na escola Solicitação de abertura/funcionamento do LIED	G - Sugestão: enviar aos pais pequenos textos, não criticando, mas motivando, pra fazer pais e mães pensar na necessidade de participar mais da vida dos filhos; Oficineiros do Projeto Mais Educação e alunos que estão sendo treinados (CEFORTEPE) para atendimento;
A - Questões sobre a CPA para enviar para SME: 1 - Quais os empecilhos para a sua participação efetiva na CPA?	A - Mãe- os horários, o que já foi resolvido; Pai - Questão da democracia, não quer vir só para fazer número: tem que respeitar ideias e sugestões. Espera que a comissão seja verdadeira e transparente. Não veio só para concordar, espera resultados e que não fique só no papel. Mãe - Quer conhecer a escola, participar. Acha que para a próxima reunião, a gente possa trazer alguma ideia para utilizar com os demais pais. Professora: horário, outra coisa ser necessário os professores estarem cientes do que acontece na CPA, discussão das metas e objetivos tem que ser comunicado aos professores nos TDCs. Professora: tem dificuldade na questão da ação, na hora de colocar em prática, demanda colaboração, planejamento para que se coloquem em ação as demandas. Alunos: concordam
G - Comentários sobre a participação dos pais na escola:	G - Pai - boa parte dos pais não vem por que acham que eles já pagam

		impostos e o dever da escola é ensinar, e eles não tem nada a ver com isso; Funcionária: propõe dizer aos alunos pra trazer os pais e ganhar algo (direção discorda) Mãe: merenda não é boa; direção discorda e explica sobre a merenda balanceada e que atende até casos específicos (alergia).
A - 2 - Acredita que a CPA seja um órgão que pode fazer a diferença na escola?		A - Professora: bem "trabalhadinha", pode. Pai: se convidar pessoas para vir fazer palestras, sobre Orientação Sexual, pois temos jovens; palestras sobre drogas, é só falar "a porta está aberta" e a pessoa vem; pessoas que vem para dar o exemplo de como ser vencedor, todos querem ser vencedores. Exemplo algum ex- aluno de escola pública que está bem de vida; Funcionária: fazendo uma avaliação da CPA, houve metas que foram cumpridas: sinalização para os perueiros, psicólogos, assistentes social, cuidadores para a educação especial já se pensa em fazer concurso;
B - Pai comenta sobre: Uniformes – (a falta) já se passaram seis meses e eles ainda não chegaram. G - Fechamento dos 9ºs anos		- - - G - A professora levou um dossiê com documentos e abaixo –assinado dos pais.
16.08		
D - Solicitações dos alunos: - Arrumar o bebedouro que sai pouca água, e os ventiladores que não estão funcionando no bloco A; - As pombas no refeitório; - Os tampo de algumas mesas do refeitório estão soltando; - A diretora informa que hoje (16/08) houve reunião com os representantes de classes onde foram pautadas as reivindicações dos alunos, como por exemplo, mais recreio;		D - - A Direção explica que os ventiladores estão na garantia, vai contatar a fabrica. E o bebedor do bloco B é muito maltratado pelos alunos, sendo que o pequeno foi necessário retirá-lo; - A direção explica que é necessário arrumar a grade, mas que não pode colocar veneno para nenhum animal; é necessário contatar o serviço de saúde;
D - - Uso dos espaços físicos da Escola: - Professora pergunta sobre a pavimentação do espaço no terreno ao lado da escola. Professora havia solicitado aquela área para uso do projeto Mais Educação e havia pedido		D - - Uso dos espaços físicos da Escola: - Diretora informa que quem solicitou a pavimentação daquela área foi a "Associação de Amigos do Bairro", e está sendo feito pela Prefeitura.

para a Vice-diretora Márcia, fazer um orçamento de um toldo.	---
G - - Projeto que auxiliam com verbas:	G - - Diretora explicou a todos os presentes sobre a verba que vem junto com o Projeto mais Educação. A mesma é destinada ao pagamento de recursos humanos e materiais; e recursos culturais como a entrada a museu, cinema, teatro, estudo do meio; deu-nos também 10 violões; e pode pagar transporte para irmos à outras cidades (o que a Prefeitura não paga). São dois projetos que com verbas: Mais Educação e outro do PROGEN.
F - Recursos humanos e materiais que virão com o Projeto Mais educação:	F - - Professora informou que foram solicitados dominós, sequência de histórias, corpo humano que retira os órgãos e alfabetários; F - - Na próxima semana iniciarão as aulas/oficinas de Língua Portuguesa.
Retomada do objetivo maior da reunião: Metas e ações da CPA	
C - Meta 1 - Ampliar o número de alunos alfabetizados desde os anos iniciais: - Preocupação com 20 alunos que estão em processo inicial de alfabetização e 20 alunos que ainda não concluíram este processo de aprendizagem e estão no 4º e 5º ano; - Buscar aproximação consciência e comprometimento dos pais em relação a esses 40 alunos; - Comentário sobre alunos que vem apresentando problemas disciplinares, pai pergunta se já foi solicitado um psicólogo para esses alunos; --- Meta 2 - Reduzir o número de faltas --- Meta 3 - Diminuir a violência, Diminuir a sensação de impunidade (ações);	C - - Projeto mediação e reforço paralelo (CHP); - Oficinas do projeto Mais Educação: vantagem dosicineiros do PROGEN: eles têm formação e vínculo com as crianças; - Reforço com as quatro estagiárias; - Visitar pais/responsáveis: verificar quem pode fazer isso; - Diretora explicou sobre o Projeto Voo da Águia (PUCC). --- - Enviar para o Conselho Tutelar; Reunião com os pais; Impresso sobre a Lei (artigo) do ECA (faltas); Pegar o e-mail dos pais e manter contato; - Questionário --- - Reunião com pais, Palestras com ONGs e profissionais; Ofício para a Guarda Municipal; Palestras com profissionais de Segurança, Colocar esses alunos como monitores no recreio; Pedir pessoal (inspetores de alunos); - Incentivar a transferência dos mais velhos; Ações: - Palestra com Nelson Osry – 13/10 – “Sou feliz sem drogas” - Contato com TABA, PROIN (Ofício) e Amor Exigente (Pais).

		<ul style="list-style-type: none"> - Palestra Sobre conflitos na sala de aula: Raquel Guzzo (educadores); - Oficinas para pais/responsáveis. - Possibilidade de fazer reuniões trimestrais com pais diferenciadas: informar gráficos/tabelas de grupos de aprendizagem, faltas, perfil da classe; - Parceria com a PUC Campinas
<p>E - - Pai trouxe para apreciação possíveis medidas para a violência na escola, discutidas com outros pais, em um churrasco da comunidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - pedir para a polícia vistoriar alunos; - câmera secreta no banheiro; - volta do inspetor de alunos; - Serviço de Inteligência da Polícia trabalhando na escola; - guarda (polícia) surpresa no recreio: 		<p>E - - Diretora questiona algumas medidas; não se coloca a favor da polícia dentro da escola; isto seria banalizado; assustaria alguns alunos;</p> <ul style="list-style-type: none"> - O profissional deve ser formado para este tipo de ação; - Sobre câmeras secretas no banheiro, a lei não permite; - - - NAED Noroeste proibiu a entrada de polícia na escola;
C - Meta 4 - Ampliar a participação da família na escola		C - - Visitas as famílias: Pai diz que até se disporia a fazer as visitas, mas acredita ser necessário o Poder público enviar psicólogos, por que não sabemos como seríamos recebidos;
C - Divulgação das Ações da CPA		<p>C - Mural informativo pelas professoras e OP</p> <ul style="list-style-type: none"> - Projeto reforço: quantidade de alunos atendidos; - Psicólogos do Projeto Voo da Águia: Fotos e falas. - Reuniões com pais: quantos convocados, quantos compareceram. Fazer por ciclo. - Fazer um cartaz informativo da CPA – convites reunião 13/09. (divulgar objetivos e ações) - Cartas enviadas: não.
A - 13.09 – não foi encontrada a ata da reunião referente a essa data		
A - Informe e convite sobre a Reunião de Negociação		A - Informa que será no dia 1º de Dezembro e convida os presentes a participarem;

<p>C - Demandas urgentes da escola:</p> <p>C - Solicitação da vinda de agentes de organização escolar (4 por período)</p> <p>Falta de professores de inglês (1º ao 5º);</p> <p>A reforma para a acessibilidade da escola aos alunos de Educação Especial;</p> <p>Instalação de câmeras de segurança;</p> <p>Reurbanização do terreno ao lado da escola; com quiosques, jardins, campo de futebol e horta;</p> <p>C - Há 24 projetos na escola e é necessário espaço para abrigá-los;</p> <p>No encontro de negociação serão mencionadas as metas e o que foi realizado:</p>	<p>C - 1 - Alfabetização de todos – 139 alunos em processo de alfabetização, com o projeto Mediação, 57 se alfabetizaram;</p> <p>2 - Diminuir o número de faltas; - recurso de compensação de ausências porque os alunos continuam faltando (motivos: doença, problemas familiares, transporte, etc); Para 2012 – haverá um professor para contato com pais dos alunos faltosos (enviará cartas, ligará, documentará e enviará ao CT)</p> <p>3 - Diminuição da violência na unidade – ofereceu palestras aos estudantes (Nelson Osri), palestras para professores (Raquel Guzzo); enviou ofício ao PROIN da Guarda Municipal solicitando o Programa na escola; Projeto Voo da Águia com atendimento dos profissionais aos estudantes e visitas às famílias; Palestra e Seminário com o Instituto Pd. Haroldo Rahn; Parceria com a ONG TABA;</p> <p>4 - Trazer a família pra escola – cópia do regimento escolar para os pais no início do ano letivo – 2012 para tomar ciência das REGRAS da ESCOLA; orientar os filhos a cumpri-las e assinar termo de responsabilidade;</p>
<p>B - Comentário (avó) – tem muitas crianças peraltas na escola; a neta não aprende nada, pensa em muda-la de escola;</p> <p>- Mãe parabeniza a equipe pelos desafios que enfrenta;</p> <p>- Pai faz a leitura do documento que será enviado ao Sr. Secretário, onde constam diversas solicitações para a escola;</p>	<p>OP explica que a escola é grande e faltam funcionários;</p> <p>B - é preciso criar regras para 2012;</p>

A	B	C	D	E	F	G
<p>OBJETIVOS, FUNÇÃO, FINALIDADES, CRONOGRAMA E FUNCIONAMENTO DA CPA</p>	<p>REGRAS/MEDIDAS DISCIPLINARES</p> <p>USO DO UNIFORME</p>	<p>PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: METAS E AÇÕES</p>	<p>INFRAESTRUTURA (REFORMA, REPAROS, MANUTENÇÃO)</p>	<p>SEGURANÇA</p> <p>VIOLÊNCIA</p> <p>DROGAS</p>	<p>RECURSOS HUMANOS</p> <p>E</p> <p>MATERIAIS</p>	<p>PLANEJAMENTO</p> <p>E</p> <p>FUNCIONAMENTO ESCOLAR</p> <p>PROJETOS, LIED, BIBLIOTECA,</p> <p>E/A</p>
10	2	8	4	2	5	10

A S S E M B L E I A	Quadro 19 – Assembleia de Estudantes Representantes de Sala (RS) – Temas e aparição a partir das observações					
	FONTE: OBSERVAÇÕES E REGISTRO EM DIÁRIO DE CAMPO					
	PAUTAS/DEMANDAS			DECISÕES/SUGESTÕES/ENCAMINHAMENTOS		
	B - Regras de convivência para ajudar a melhorar a escola, o que gostam e o que não gostam da sala e da escola;			B - Vão fazer as regras da escola, o que pode o que não pode fazer na escola;		
	Em sala a professora perguntou sobre o que gostam e o que não gostam na escola e o que podiam fazer pra melhorar? (produziram uma síntese de cada turma); Leitura do que gostaram na escola;			Definir, quais regras são legais e explicar por que;		
Foram apresentados os resumos das discussões ocorridas nas turmas para serem apreciadas e encaminhadas as regras de convivência;			Relação aluno-aluno, danos ao patrimônio, uso do uniforme			
A	B	C	D	E	F	G
	REGRAS/MEDIDAS DISCIPLINARES USO DO UNIFORME					

A S S E M B L E I A	Quadro 20 – Assembleia de Estudantes Representantes de Sala (RS) – Temas e aparição a partir do registro em documento da escola					
	FONTE: DOCUMENTO DA ESCOLA					
	PAUTAS/DEMANDAS			DECISÕES/SUGESTÕES/ENCAMINHAMENTOS		
	REGRAS TIRADAS A PARTIR DE DEBATE SOBRE AS CRÍTICAS <ol style="list-style-type: none"> 1. Não estragar os bebedouros. 2. Não desperdiçar água. 3. Não subir nas mesas do refeitório e nem estragá-las. 4. Não rabiscar as carteiras. 5. Não pichar as paredes, portas, portões... 6. Não ligar e desligar ventiladores sem a autorização dos adultos. 7. Não sujar os banheiros. 8. Não brigar. 9. Não fazer <i>bullying</i>. 			PUNIÇÕES <ol style="list-style-type: none"> 1. Quanto aos danos materiais, a criança deverá arcar com os custos e permanecer no intervalo junto com o técnico. Quando não houver danos, o aluno levará advertência e na segunda vez, suspensão. <ol style="list-style-type: none"> 2. Limpar o que sujou e acompanhar o trabalho das faxineiras para ver como é difícil limpar a escola. 3. Agressão verbal: <ol style="list-style-type: none"> 1º Conversar junto com adulto; 2º Bronca; 3º Advertência; 4º Suspensão. OBS: Podemos combinar essas punições com deixar o aluno sem recreio, pois sabemos que muitas vezes a advertência e a suspensão não funcionam. <p>Agressão física:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1º Advertência; 2º Chamar os pais; 3º Suspensão. <p>OBS. De acordo com o grau da agressão o aluno deverá ficar sem brincar no intervalo.</p>		
<p>As crianças perceberam o que depende delas e o que não dependem.</p> <p>Pedem o encaminhamento das críticas escritas por elas e solicitam, especialmente, mais funcionários.</p> <p>Percebem que grande parte dos problemas seria solucionada – ao menos em partes – se houvesse mais funcionários.</p>						
	B					
	REGRAS/MEDIDAS DISCIPLINARES					
	USO DO UNIFORME					

5.2 – Categorias que emergiram com as entrevistas

As questões do roteiro da entrevista foram organizadas preliminarmente agrupando as respostas de cada segmento, conforme demonstrado no quadro 21.

A partir dessa primeira categorização, numeradas de 1 a 10, as respostas mais relevantes aos objetivos da pesquisa foram destacadas e foi elaborado o quadro 22 contendo os itens 1, 7 e 8 que demonstra as categorias que posteriormente estruturaram a análise.

Quadro 21 – Questões do Roteiro de Entrevistas, categorizadas de 1 a 10 e as respostas dos segmentos	
1 – A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA/FUNÇÃO DA ESCOLA (INSTRUÇÃO, FORMAÇÃO)/ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO/PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM/ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA (CICLOS)	
DIRETORA	<p>A escola é importante. Ultimamente a escola tem evitado a barbárie, embora pareça que seja o contrário;</p> <p>O que a gente vê dos processos de socialização, se você comparar aquele espaço com esse espaço, aqui ele ensina muito mais sobre essa região;</p> <p>Se eu for separar, eu tenho uma escola de 1º ao 5º e de 6º a 8ª; 6º ao 9º tem uma característica e 1º ao 5º tem outra; isso em todo lugar; o que se faz com isso aqui, os professores de 1º ao 5º – esse ano aqui – que tem poucos funcionários; eles assumiram, na prática, acabam fazendo coisas, que antes eles não faziam; por exemplo, tirar <i>Xerox</i>, um professor acaba tirando <i>Xerox</i> pra todo mundo pra poder o <i>Xerox</i> sair porque não tinha ninguém;</p> <p>o recreio – não tem ninguém pra ficar lá, então eles organizaram quem come e quem olha, e outros processos assim, aqueles mais miúdos, do cotidiano, nos passeios, quem controla se todos estão, ligar pro pai, etc... 1º ao 5º isso é tranquilo para os professores; 6º a 8º o processo todo era mal elaborado, prejudicado;</p> <p>Se a escola é importante? Muito mais do que as pessoas tem noção porque elas estão muito fixadas naquela coisa do conteúdo e isso foi a coisa que nós mais perdemos. Com essa discussão toda de que a criança tem que passar de ano, de que só reprova por faltas, de que o Sistema, a Secretaria, sei lá quem, só quer que passe criança, isso deu pra alguns maus professores a justificativa pro mau trabalho; É assim? Então tá...então vamos passar. Então quando você olha os documentos que ele tem que apresentar, ou quem ele tá atendendo de fato no TDI, no CHP, projeto, o tipo de responsabilidade é diferente, é menor.</p>
VICE-DIRETORA	<p>Na verdade é um espaço de trocas; onde você convive com as diferenças e aprende com elas; é um espaço de extrema importância pra todos: pro aluno, pro funcionário, pra professor, existe crescimento entre professor/aluno, professor/professor, aluno/aluno;</p> <p>Tudo favorece o crescimento, os conflitos, os momentos de troca entre alunos, de troca de experiências entre os professores, os desafios, os problemas que nós enfrentamos no dia a dia, tudo é motivo pra crescimento;</p> <p>Por ex nós temos estagiárias, as experiências que eles trazem a forma que eles veem que é diferente da nossa, que muitas vezes estamos imbuídas, orgulhadas na rotina do dia a dia, algumas coisas, nós não damos conta de enxergar, é um espaço de crescimento;</p> <p>Crescimento: Crescimento pessoal, crescimento profissional, enquanto ser humano, enquanto profissional, acho que existem momentos que o crescimento é pessoal e profissional. TDC, troca de experiências.</p> <p>Conhecimento. Conhecimento científico, mas que também leva a formar cidadãos. Na verdade é assim: o que a criança busca na escola? Busca conhecimento. Conhecimento científico o que seria? Português – gramática; você busca conhecimento pra você ser alguém; como que poderia te explicar... algumas coisas, o espaço é só da escola. O conhecimento mesmo é nosso, é daqui, só que também juntamente com isso, vem a convivência com o outro; e cada um é de um jeito; isso propicia a troca de experiência.</p> <p>Eles aprendem a viver em sociedade, a respeitar o limite de cada um...que ninguém pode tudo em lugar nenhum.</p> <p>Valores: Cada um tem um valor em casa (cita um exemplo de famílias mais permissivas, outras não); alguns tem umas regras, outros tem outras regras, então é a acomodação, a adaptação;</p>
ORIENTADORA PEDAGÓGICA	<p>Considero a escola importante; a educação é o caminho que a gente tem; se não tiver educação, como a gente vai resolver os problemas? Acredito na educação, nos meninos, que eles podem aprender que eles podem melhorar, que nós professores podemos fazer diferença na vida das crianças; se a gente não acreditar, não existe escola, não acontece nada, se você não acreditar que isso é importante, que trabalhar com os meninos é importante, que eles podem</p>

	<p>melhorar e fazer o melhor que a gente puder;</p> <p>Eu estou aqui há um ano, acho que tem muitas coisas boas nessa escola, os professores de 1º ao 5º trabalham bem legal, tem muito material, tem muito recurso;</p> <p>Alguns professores (6º ao 9º) não acreditam muito na escola e aí quando você não acredita na escola, não acredita nos meninos, você pode fazer o melhor trabalho que não vai... Se você não acredita você não alcança mais os meninos porque eles que já estão longe da escola, estão distante da escola, como é o caso de muitos aqui, você não alcança mais;</p> <p>É uma escola de qualidade, mas que perdeu o foco perdeu o rumo e precisa entrar de novo no prumo senão a gente vai continuar ano após ano, simplesmente massacrando os meninos, sofrendo todo mundo porque eles também sofrem e deixando o tempo passar.</p> <p>Nós começamos e tivemos um ano sem regra. Se a gente tivesse tido regras mínimas e elas valessem eu acho que a aprendizagem teria sido melhor. Porque os alunos teriam depredado menos a escola, promovido menos confusão, menos briga e aí com isso eles iam aprender mais; o ano inteiro tinha aluno correndo no corredor, batendo na porta, professor não consegue dar aula porque o aluno sentava em cima da mesa, o aluno não quer saber, não quer ouvir, não quer fazer; e isso prejudica a ele e aos colegas; se a gente tivesse conseguido se articular melhor, teria sido melhor pros alunos;</p> <p>É porque é assim...nós também não conseguimos nos organizar (mudança da OP, vice nova, Diretora em LTS) sem âncoras na escola; OP nova, em uma realidade que não conhecia, não tiraram regras, mudou o pessoal da secretaria – muitas ações e não conseguiram se organizar na direção/secretaria e não conseguiram organizar as salas (de aula) ; os professores se sentindo meio lesados, meio abandonados – não deu certo porque a diretora não veio aqui ajudar a gente, vocês não vem... e assim foi um discurso e um apagar incêndio. Pra 2012 espera organizar melhor; Do 1 a 5 não sentiu isso, mas do 6 ao 8.</p>
PROFESSORES	<p>Em qual sentido? Clichê: é importante pra sociedade; porque ela já faz parte de uma estrutura social; a gente sabe que ela é pra reproduzir, mas ela pode ser um mecanismo de revolução se for usada de maneira adequada: de ajudar as pessoas a saírem de uma condição de opressão que está colocada pras classes mais populares (escola pública); Longe da questão material, na questão intelectual eu gostaria que a escola fosse um espaço de formação do intelecto das pessoas; não é... A porcentagem é 20% disso, cumpre a função a formar as pessoas como questionadoras, inseridas em situações politizadas – sabem dos seus direitos e lutam por eles – apenas 20 por cento alcança essa formação;</p> <p>Aprende muito; é um espaço social e ela aprende a se relacionar nesse espaço: os instrumentos, o formato, o banheiro, o material, o livro, caderno e as questões curriculares e superiores - dominar bem;</p> <p>Eu gostaria que aprendessem em qualquer espaço e saber quais são seus direitos, ou onde buscar os seus direitos: escrever um a carta, um ofício, a quem se dirigir, uma prova, um concurso, gostaria que fosse mais enfático nisso, deveria ser 90 por cento;</p>
FUNCIONÁRIOS	<p>É importantíssima. A escola - o olhar na vida da criança – é importante e é muito mais importante quando ela abraça a criança não só pra conteúdo; também pra ajudar no sentido... A criança às vezes é muito distante da família, do pai, da mãe; (já passou por muita experiência assim); quando o professor ou funcionário abraça pra ouvir, pra dar uma assistência, eles acabam tendo um olhar pra gente como um pouco mãe; Criança carente de amor;</p> <p>Isso vai contribuir pra que venha ser um cidadão melhor, uma pessoa melhor, pra que vá para um caminho melhor, a criança que se afasta da família, a tendência é cair pro mundo das drogas, da prostituição; tinha aluno que vinha pra escola pra ser acolhido, pra ter atenção – eu venho na escola por causa de você; desde o segurança, o professor, direção, funcionário da limpeza (trabalho de equipe) as crianças estão muito pobres de carinho e atenção; estão mais agressivos, por conta disso, da distância da família; os pais separaram, a mãe sai pra trabalhar, chega e sai, tá dormindo, perdem o interesse não querem ficar na sala de aula a criança sozinha, com tv, com internet e rua; muitas vezes ela está fazendo o papel da família.</p> <p>É um apoio a mais, mas é o papel dela; a outra função – na coisa de ensinar conteúdo – de passar, de ensinar, a criança aprender, não só a ser um cidadão melhor, mas aprender pra poder encarar faculdade; preparar a criança pro futuro; termina o ensino médio pra ser alguma coisa; eu falo – se não estuda vai ser</p>

	<p>o quê?</p> <p>As crianças tem perdido o interesse pela escola na parte da aprendizagem: falta de motivação; não tem mais aquela motivação de tirar 9, 10; passar de ano tá fácil; importante é passar de ano, e isso tá muito fácil; a gente não vê mais aquele compromisso, aquela responsabilidade; a maioria não tem aquele interesse por aprender; tudo é muito mais fácil, tem muita informação – tv, internet- muita informação; professor pede um trabalho entra na internet e imprime, já tá pronto; não tem mais aquilo de pegar um livro, estudar, é uma pena.</p> <p>SIM, muito importante por causa das participações, sem contar que os alunos tem que ter uma formação; eu estou referindo ao conhecimento pra ter a capacidade para ter o diploma; todo trabalho hoje precisa de um diploma.</p> <p>A escola é importante, mas a família é muito também. Pra escola dar continuidade o aluno tem que vir mais ou menos preparado de casa;</p> <p>Eu acho que hoje não tá acontecendo isso (do aluno vir mais ou menos preparado de casa);</p>
<p>FUNCIONÁRIAS E MÃES DE ALUNOS</p>	<p>É. Quem educa o filho é o pai e mãe; a escola complementa; ensina a ser alguém na vida, essa parte o professor faz;</p> <p>A parte do professor ele dá a matéria pro aluno, tem que copiar, o professor tá na sala tem obrigação e direito de dar a DISCIPLINA pra o aluno. Dar as regras, dar os limites; É praticamente um pai e mãe na sala.</p> <p>Na escola têm que aprender coisas boas, coisas ruins o mundo ensina;</p> <p>Aprender a ser alguém na vida, pra depois não se arrepender; pra depois passar pros filhos, pros netos.</p> <p>A escola poderia ser melhor ainda, com mais participação; aqui tem espaço e tem como ser trabalhado por isso; Tem bastante projetos, mas pelo tamanho da escola, deveria ter mais projetos (mais funcionários também); ter mais ocupação pra eles (alunos), porque eles gostam das atividades, tem tudo o que eles gostam – aula de dança, eles se empolgam (até os que não gostam);</p> <p>A escola é boa, mas pode incrementar mais ainda; Quanto mais participação, melhor pra eles;</p> <p>(tia de aluno e funcionária) A escola: é uma segunda família, segunda casa, pra educar também;</p> <p>Aprende a valorizar o que ele é hoje – a escola incentiva mais, se não tivesse a escola, o que ele seria hoje?</p>
<p>FAMÍLIAS</p>	<p>A educação é a base da sociedade.</p> <p>Tem uma educação que é a família e uma que é a escola;</p> <p>É o convívio social, companheirismo, diferentes religiões, diferentes culturas, diferentes etnias;</p> <p>Ponto de encontro onde se aprende e onde se ensina;</p> <p>Escola – aqui é lugar dos direitos sociais, aprende a respeitar mutuamente, a cultura de diferentes povos, respeito, ler e escrever;</p> <p>Extremamente importante para o desenvolvimento do ser humano;</p>

	<p>Tiveram problemas gravíssimos que precisaram de ajuda polícia, CT, GM, Imprensa, que feriu muito a comunidade e a imagem da escola;</p> <p>A escola já foi grande escola, com a fusão houve esse declínio, e conseguiram obter alguns êxitos, outros não.</p> <p>Aprender e ter educação ser educado pras outras coisas – saber onde chegar; Entrar em uma conversa e sair da conversa;</p> <p>A função da escola é ensinar; a Educação vem de casa;</p> <p>Ensino – a escola complementa; a educação vem do berço; Educação é postura, comportamento;</p> <p>Dar estudo que venha complementar a vida delas pro futuro; E dependem muito da escola, do professor.</p> <p>Nos dias de hoje a escola não está agradando muito os pais, está deixando a desejar – pelas informações que chegam- não pela escola falando;</p> <p>Não culpando a direção, que é limitada, que algumas coisas a escola não pode fazer; a escola devia bater mais nos pais que não vem; A reunião é feita pra pais que não precisam vir, porque os filhos não dão problema;</p> <p>A escola devia rever os conceitos; não deu certo, tem que ter plano B, C; não pode parar e deixar pegar fogo, nessa parte a escola deixa a desejar;</p> <p>2012 - Perspectiva de melhora com a mudança de direção e saída dos maiores (6º ao 9º) que são problemáticos;</p> <p>A polícia foi lá, a diretora foi escoltada da escola, no final do ano, foi tumultuado; Aluno deu bolada na professora de educação física; Numa festa teve uso de bebida alcoólica, uso de drogas; menino e menina juntos em banheiro (a filha não vai ao banheiro de medo); dar uma chance pra escola porque tenho expectativa de melhorar</p> <p>Tem que ter outros meios para que os pais dos alunos problemáticos chegassem até a escola (caso do aluno J que bate em todo mundo, e o aluno H não revida, só apanha) e a mãe do J nunca foi vista na reunião;</p> <p>É um complemento à educação que tem em casa; se é particular, você vê os seus valores e na escola publica você tem que reforçar muito em casa;</p> <p>Hoje é ao contrário, a escola educa e a casa complementa;</p> <p>Na escola eles aprendem os dois lados – coisas boas (matérias), mas convivem com todo tipo de criança, criações diferentes, conversas com as coleguinhas, palavrão, etc; Aprende a conviver com todo tipo e selecionar as amizades;</p>
ESTUDANTES	<p>(a escola)Mudou muito, era boa e mudou muito, pra pior;</p> <p>Só estudou o ano passado; estava bom; pode melhorar algumas coisas; algumas pessoas, acham que 8 º deve não deve ficar, outras acham que deve sair, dá pra melhorar mais, tá mais ou menos;</p> <p>O ensino é ótimo. Falta aula de inglês hoje;</p> <p>(na sala) Tem 4 pessoas não alfabetizadas – Fausto tem um tipo uma deficiência – não consegue aprender na mesma velocidade que a gente; às vezes ele consegue fazer, ele tenta, mas ele tem capacidade de aprender, quando ele quer, ele aprende; hoje ele foi embora; a professora manda ele pra diretoria; O Fausto queria ficar na sala da Sandra; ele pediu a professora falou com a MS, nem a Sandra quis; ele sabe ler e escrever, sabe mais que o Mateus, a Helem, a</p>

	Lidiane, ele escreve quando tem vontade; ele pode fazer tudo, sair da sala, quando quer, etc.
2 – RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: A COMUNIDADE NA ESCOLA/PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS	
DIRETORA	<p>A escola lá em cima tinha muito mais a comunidade lá dentro do que aqui;</p> <p>A participação lá era muito maior do que aqui, o interesse dos pais era muito maior com a escola e com os processos que aconteciam na escola do que aqui; aqui é a exceção; o pai que tá interessado no que acontece na escola, não só no que acontece com a criança, o que acontece com a escola enquanto escola do bairro, aqui é exceção;</p>
ORIENTADORA PEDAGÓGICA	<p>Acontece algo muito estranho nessa escola: Os professores tem formação, eles acreditam na capacidade das crianças, mas não acreditam muito que possam mudar; que eles vêm de uma realidade que a família não ajuda; mas que família que é essa? Os professores acham que a família é importante, mas falta a família; que tipo de família a gente tá pensando? Se a gente ficar pensando naquela família: pai, mãe, filho, que a mãe não trabalha...Tem que lidar com a família que tem aqui hoje e acho que é onde a gente começa a pecar e também a falta de confiança nos meninos;</p> <p>Pode ser contraditório o que eu falei que a gente tem a imagem da família nuclear e falar da ausência da família, mas é que é assim: quando a gente pensa em ausência da família; eu digo assim: você entrega os meninos aqui; os professores têm duas visões: tem uma visão que é aquela que a família ainda tem que ser constituída pela felicidade dele, parari, parará; mas as mães às vezes chegam e os filhos estão até dormindo; outra coisa é a ausência da família – é uma coisa que a gente tem que começar a trabalhar nesse bairro; tem muitas famílias que não é só a questão...o aluno vai bem...sem tantos problemas, mas por exemplo, o menino passou mal a família se recusa a vir buscar; o menino tá passando mal ela manda, com febre, vômito (aluno veio uma semana, todo dia ligava e ele ficava aqui todo dia porque ela não vinha buscar!); teve outra que eu liguei e o pai estava trabalhando e a mãe trabalhando e não pode vir buscar, quando ele chega em casa ele não tem mais dor de cabeça; Pai, ele tá reclamando, tem caso de meningite, expliquei pra ele; Ah, por que a escola não falou? Tem a J que é de PNEE – a família não atende nosso telefonema e um dia a menina ia apanhar de um monte de gente, ligava, não atendia, alguém ligou do orelhão e a mãe atendeu...então, isso eu vejo como ausência total da família, ausência de responsabilidade; não como a gente quer – o pai, a mãe.. o que eu vejo da família é isso: não dá pra entregar pra escola uma responsabilidade que é dele – se tá doente, tem que cuidar, vir pra escola, tem que vir buscar se estiver doente, é obrigação dele, o filho dele, não é nosso; Nisso eu vejo como ausência da família; eu não vejo como um dos empecilhos pra criança vir pra escola e progredirem; nesses casos, mas também não são todas; e aí se coloca tudo no mesmo balaio.</p>
PROFESSORES	<p>Por outro lado, as famílias já estão estabelecidas, num momento histórico; socialmente ela já tem os costumes, valores, dela; A escola passou pra segundo plano; segundo...se fosse segundo plano tava bom; a grande parte das famílias que tem esses filhos com dificuldades não sabe mais qual é a função da escola, não valoriza mais a escola como deveria ser valorizada; e pra chamar esses pais pra poder trabalhar com esses alunos, é muito difícil, só não falo impossível porque aí seria desacreditar na educação; mas é muito difícil, o trabalho tem que ser muito árduo pra conseguir;</p> <p>A postura dos pais na escola: são sempre os mesmos e muito poucos os que se preocupam; sociedade não valoriza, não valoriza o professor; estão remando contra a maré e tem que ter uma força gigantesca pra conseguir vencer esse desafio; às vezes a gente tem alguma dificuldade com aluno, a gente chama pai, chama aluno, a gente quer alfabetizar, a gente dá reforço em sala de aula, pai e mãe não trazem no reforço paralelo; pai e mãe não acompanha lição de casa, o menino falta, a gente liga lá, não resolve, final do ano essa criança não está alfabetizada, a gente desprende energia pra essa criança conseguir ser alfabetizada um trabalho, e falta alguma coisa ainda, por conta da... eu acredito que é por conta da família.</p>
FAMÍLIAS	<p>Os pais jogam os filhos, como se fosse um convento; aqui tudo se aprende e eu como pai e mãe não tenho dever de fazer nada; a escola que tá ensinando lá;</p> <p>Perdemos contato com famílias que precisávamos ter vínculo com essas pessoas pra expor as necessidades, as dificuldades, e os problemas dos seus filhos que estavam contagiando com os demais que não tinham nada a ver com o foco do problema;</p> <p>Os pais tem que ter compromisso com a escola, tem 900 e poucas e 10 ou 15 está causando transtorno que fere os interesses e o futuro desses demais, tem</p>

	que fazer alguma coisa;
3 – CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS	
DIRETORA	As crianças elas são mais... falam mais no gesto, no jeito dela agir, na forma, naquilo que ela comenta com a gente, muito mais dos processos de socialização do que lá(no prédio 'antigo'): lá todo mundo queria parecer muito certinho, aqui não, aqui a coisa é mais escancarada, as negligências, as eficiências, é muito mais escancarada;
VICE-DIRETORA	Eles dão trabalho, aqui tem muito uso de droga, tem marginalidade, mas se a gente não tentar mostrar alguma coisa diferente pra eles, eles não vão mudar mesmo, vão perpetuar o que eles vêm lá do pai, da mãe, do tio, família, que é usuário de droga e eles vão ser também usuários de drogas; a escola tem que mostrar uma coisa diferente;
ORIENTADORA PEDAGÓGICA	"O normal deles é falar palavrão", diz uma professora; mas a escola não é lugar de falar palavrão, então quem é que tem que mostrar pra eles? A gente educa os meninos pra vida, pro trabalho, pra que eles possam viver em sociedade então eles têm que saber que existem momentos que a gente pode falar de uma forma; isso tudo é função da escola; parece que isso se perdeu no meio do caminho;
FAMILIAS	Os alunos daqui não tem educação, agride professor, aluno; Meu filho sofre porque não é de briga; Minha filha também sofre; chegou a chorar que não queria vir mais pra escola;
ESTUDANTES	Levam porrada dos alunos (guardinha levou chute no saco); Os meninos começaram a brigar (desse lado de cá) saiu sangrando porque levou joelhada na cara, os menores nem tanto, quando eles brigam já resolvem rápido, os maiores (6º ao 9º), esses daqui ficam horas e horas brigando; chamam gente pra matar; 'Grandão' vem aqui, bate na porta, bebedouros, chutam porta, etc..
4 – PARTICIPAÇÕES DAS CRIANÇAS (ALUNOS REPRESENTANTES)	
DIRETORA	O que eu acho da participação das crianças, eu acho que pras crianças é exatamente a participação; como é que você participa e você participar, você percebe uma diferença dos meninos que foram representantes, dos meninos que foram em algum ano, de alguma forma participaram em projetos que teve algum tipo de organização, você percebe uma diferença em relação às outras crianças; as outras são muito mais alheias; então você percebe, quando fomos lá pra CPA, os adultos falaram e uma das meninas pede pra falar, ela tinha uma expectativa que ia dizer; quando a coisa terminou e ela viu que não ia dizer, ela pediu a palavra e falou; Pablo – você percebe que é uma criança que aprendeu; ela já se identifica se vem falar sozinho ou se está representando; pena que seja para um número reduzido de crianças; tem um grupo de criança que se aprimora nisso; eles exercitam e gostam;
ORIENTADORA PEDAGÓGICA	Eu acho que sim; a partir da assembleia, por exemplo, a aluna Y, já começa a ter uma outra visão da escola; o aluno P e a aluna Y do 5 ano B, eles tiveram, durante o ano todo, participaram da CPA, então eles tinham mais ações, eles vinham aqui, propunham projetos pra trabalhar com a disciplina, se organizando, se articulando mesmo; então eu acho que a participação favorece a cidadania, a prática dos meninos, eu acredito que se tivesse mais, seria até melhor; a aluna L é uma menina bem articulada, fala bem, Acho que a representação forma a boa articulação; eu não sei se umas crianças eram antes, mas quando eles estavam participando ali, elas conseguiam assim, não tinham vergonha de tá expondo, não sei se na sala de aula elas eram também assim, eu só conheci mesmo naquele espaço, mas falavam o que pensavam, umas mais simples, outras mais jogadas, mas sempre colocando a opinião; e é um trabalho de articulação também; às vezes também em casa, na

	<p>vida, o pai tem que ensinar a ser crítica desde pequena mesmo que seja ruim na sala de aula depois, né? Eu acho que ela tem que ser crítica desde pequena e eu acho que a participação ajuda bastante nesse sentido;</p>
PROFESSORES	<p>A participação dos alunos é pouca e eles não se mantem no grupo; talvez a CPA esteja muito distante, muito inacessível, no sentido das discussões que tem na CPA: a linguagem, as discussões, o posicionamento, talvez não cheguem a motivar que eles continuem (limitador da participação dos alunos)</p> <p>Pras crianças teria que ser diferente o momento da CPA, mais pedagógico; a gente conversa discussões que pra eles não faz sentido, que não estão entendendo, pegam uma palavra e outra não estão compreendendo o contexto; talvez tivessem que tentar outro jeito, pra se manter na CPA, eles até se interessam, mas depois.</p> <p>Os representantes da CPA foram ouvidos; na avaliação de desempenho eles deram nota aos professores; a pessoa tem que saber no que ela é avaliada, no desempenho, não na pessoa;</p> <p>Socialização, respeito, dividir;</p>
FUNCIONÁRIOS	<p>O olhar deles (RS) na sala de aula muda; eles começam a valorizar mais, a questionar mais, a chegar e cobrar da escola – quebrou carteira, mesa, riscou parede, - começam a cobrar dos colegas também e passam a se sentir importante; Eles questionam e cobram (o trabalho dos professores); na reunião a gente percebe que o olhar deles - eles sabem exatamente como é cada professor, eles sabem valorizar o professor que motiva, eles fazem críticas com aquele professor que não caminha, que está sempre dando livro, que está sempre dando cópia; eles questionam – “olha, aquele professor, não dá nada, manda aluno passar na lousa” – isso é o papel dele.</p> <p>É uma experiência de reivindicar, isso é importante, tanto na vida escolar como lá fora, se torna um adulto que vai saber ir em busca daquilo que ele quer; saber reivindicar; não é que está aqui, tem que saber brigar pelos direitos, vivenciando isso, o compromisso, a responsabilidade de vir, muitos vem fora do horário de aula;</p> <p>Eu acho que eles ficam mais esclarecidos, tem mais responsabilidade, dentro do que eles estão fazendo aqui na escola; porque tem uns que vem por vir;</p> <p>Pro aluno que tá participando eu acho que sim, maior responsabilidade, um esclarecimento maior.</p> <p>[...]precisa da participação deles; não estão antenados que a participação deles é importante ali, se pergunta, E aí, o que você achou, você está entendendo? É muito superficial a compreensão deles; não foram ensinados a pensar dessa maneira, talvez não foram ensinados a trabalhar com isso de você opinar, de ouvir, com esse de reflexão, com esse momento político;</p>
FUNCIONÁRIAS E MÃES DE ALUNOS	<p>Aprendem a ter mais responsabilidade, aprendem mais, veem coisas que normalmente não veem; Passar pra aqueles que não participam (exercitar a representatividade); Quando ele chegar lá na frente, vai tira proveito dessa experiência;</p>
FAMILIAS	<p>A criança vai interagir melhor com os problemas da escola, dos alunos pra trazer pra direção; de um espírito de liderança da criança pra ela passar pras outras. Vai se sentir um pouco líder;</p> <p>Cria mais juízo; ele fala superbem, tem um português, conversa bem;</p> <p>É uma coisa que ele pode levar pra vida inteira – o sonho dele é ser professor- e por aí que começa, dando uma oportunidade dessa;</p>
ESTUDANTES	<p>(Aprendem) como lidar com as pessoas; eu era tímido, depois passei a conversar com as pessoas;</p>

	<p>A ter um bom emprego;</p> <p>Tem mais responsabilidade, às vezes;</p> <p>Com o tempo com a convivência, conhece os professores, o que eles sentem sobre a sala;</p> <p>Aprendo com a dúvida dos outros – se alguém pergunta eu tento responder</p> <p>A responsabilidade de ser líder de sala; tem dúvidas que se a gente não sabe, tem que buscar responder;</p> <p>É bom porque a gente aprende pra ajudar a quem não sabe;</p>
5 – DESISTÊNCIAS NA PARTICIPAÇÃO/ AUSÊNCIAS /POUCOS INTERESSADOS – MOTIVOS, JUSTIFICATIVAS	
DIRETORA	O que há de outras crianças que é muito comum, inclusive, é o abandono de responsabilidades: representantes que abandonam, na CPA, no CE, simplesmente assumem, mas não tem aquela responsabilidade de assumir o ano inteiro; (são os mesmos que não entregam prova...) é legal você ganhar uma disputa na sala de aula pra ser representante, muitos se candidatam, muitos querem, agora manter a representação não é comum;
PROFESSORES	<p>talvez teria que tentar outro jeito, pra se manter na CPA, eles até se interessam mas depois...</p> <p>1 –pela rotatividade – cada hora é um, não se mantem;</p> <p>2 –os que se mantem - muitas vezes está numa discussão calorosa, precisa da participação deles, eles saem pra ir ao banheiro; não estão atentos que a participação deles é importante ali, se pergunta, E aí, o que você achou, você está entendendo? É muito superficial a compreensão deles; não foram ensinados a pensar dessa maneira, talvez não foram ensinados a trabalhar com isso de você opinar, de ouvir, com esse de reflexão, com esse momento político;</p>
FAMILIAS	<p>Não ficaram sabendo de nenhuma reunião – ficou uma interrogação; a criança não sabe pra que foi eleita representante, e a mãe não tinha respostas também;</p> <p>A criança veio empolgada, com propostas de ajuda e acabaram as aulas e não sei como ajudar;</p> <p>Vem de perua escolar e não teve como vir no dia, então...;</p> <p>A direção tem que informar a família, falta de comunicação (sobre as reuniões);</p>
ESTUDANTES	tem vôlei no horário das reuniões;
6 – PROCESSO DE ELEIÇÃO/ESCOLHA/ PREPARAÇÃO/FORMAÇÃO PARA SER ALUNO REPRESENTANTE (DE SALA, DE CPA, DE CE)/FUNÇÕES/PERFIL	
DIRETORA	<p>Vou dar o exemplo de duas salas de aula; uma professora prepara o que deveria ser esse menino; mas ela prepara minuciosamente. Esse tipo deveria ser o representante? Não. Esse tipo, não citando nome, citando o perfil da criança. Qual seria o tipo que tem que participar disso, participar daquilo: tem que ter disponibilidade, tem que ter horário; Ela prepara a criança pra dizer o seguinte: isso é trabalho, Não é festa.</p> <p>Tem outra professora, de meninos maiores, ela não prepara a eleição pra ela é simplesmente as pessoas se candidatarem, e ela acompanha isso, ela impede que outras crianças se candidatem, quer dizer, intervir pra que aquela criança, mesmo que ela tenha vencido, ela burla o processo... Isso a criança</p>

	<p>também aprende; as nossas crianças também aprendem que isso se faz; que o professor inclusive faz isso...</p> <p>Manipula, burla, isso eles também aprendem e eles sabem exatamente quem é o professor que faz isso e o professor que não faz; quando nós fizemos uma reunião, eu e a inspetora pra perguntar pra eles sobre avaliação da aula, dos projetos, dos processos da escola, eles comentam sobre isso. Eles sabem o perfil do professor, eles desenham pra você. E tem uma professora que disse o seguinte: a gente coloca assim: como você avalia o professor (da matéria); ela diz o seguinte: ela é a professora que faz que não vê; define pra ele o que pode contar com essa professora; tem conduta de professor pra esse processo, que encaminha o processo;</p> <p>Sempre é uma formação, tanto uma quanto outra. Ele aprende que nos processos se burla, ele aprende lá, in loco, e ele aprende que tem uma instância – ele foi lá reclamar pra mim – tá errado! Tem que voltar, ele diz o que tem que ser feito, então não deixa de ser uma formação, mas infelizmente quem trouxe essa necessidade, foi o professor, com a atitude errada do professor; é claro que nos dois processos se aprende, aliás, no doloroso se aprende mais. Aqui eu acho que eles aprendem a se defender e veem em mim uma pessoa que arruma o processo. Ele não aceita outra coisa, ele já vai lá esperando que a gente tenha que voltar. Às vezes é um 'baile' ter que voltar sem ferir a imagem do professor respeitável.</p>
VICE-DIRETORA	<p>É pra ser eleito na sala. A sala escolhe cada qual escolhe seu representante;</p> <p>Às vezes não, depende como foi escolhido o representante. Se for um grupo amadurecido, p.ex. se o grupo tiver claro que esse representante é o representante da classe, não é o aluno que todo mundo mais gosta, não é o bonitinho, não é o eleito pela sala; se eles tiverem noção de que ele vai pra pegar essas informações pra devolver pro grupo; Alguma classe tem feito outras não, depende do amadurecimento da turma;</p>
PROFESSORES	<p>A gente (professora) começa a enxergar a escola a partir de um todo, não como um professor de uma sala de aula; eu. A minha postura, desde que eu entrei na escola, é de tentar buscar espaço onde eu pudesse discutir a escola como um todo; eu acredito que os alunos que são 'meus' alunos, são alunos de uma escola, os que hoje são 'meus', ano que vem serão de outras, e assim...a escola é um coletivo, se a escola tiver fluindo bem a gente vai conseguir fazer um bom trabalho, senão, não... Na CPA eu me enxergo como participante mais ativa, com voz pra buscar soluções e caminhos pra todos esses problemas que a escola tá enfrentando; A gente mais aprende a pensar a escola.</p>
FUNCIONÁRIOS	<p>Tem sala de aula que eles querem que seja o mais terrível, o líder o que agita a sala de aula, pra ser RS tem que ter compromisso com a sala de aula; liderança negativa; (o critério para ser escolhido) Tem que ter compromisso (passar na sala de aula e levar pra gente); Orientações a gente sempre dá; quem faz a eleição é o professor coordenador de classe; e ele fala – você não vai ser o RS, o próprio professor acaba não deixando, trabalha pra que seja uma coisa séria;</p> <p>Às vezes o próprio professor indica;</p> <p>No caso do 7º B, ela (a RS) tinha um espírito dominador, mais por liderança (principalmente a T).</p>
FAMÍLIAS	<p>Ela se interessou e por prestar atenção, estar bem adiantada, sempre se oferece pra ajudar a coleguinha do lado, falou que ia ter representante; ela é muito de defender ideias; nossa...quem sabe uma futura política – ela tem ideias e defende, tem opinião bem própria., ela pesquisa o que conversam nas reuniões, lê no jornal, ela quer entender porque estão debatendo uma ideia, é uma forma dela expressar, de defender o que é melhor pra classe, pra escola, fala com entusiasmo; o bebedouro quebrado...ela quer resultado; não é só na hora, tá atenta pra o que está acontecendo na escola, acompanha....além de denunciar, ela quer resultado;</p> <p>É uma forma de defender a opinião dela, e está aberto ao conhecimento, um assunto que ela não entendeu bem ela vai atrás;</p> <p>Poderia pensar só nela, ela tem o pensamento do conjunto – na mãe, no irmão na cachorra; pensa no colega, que a classe poderia estar melhor, se preocupa no grupo, essa integração e defende tudo isso;</p>

	<p>Ela tá mais atenta, isso não tá bom....a torneira quebrou, ela cobra; ela leva isso pra casa, pra vida, não só com ela, mas com todos, com o planeta (água); banheiro; ela cuida da escola no geral, vendo com outros olhos;</p> <p>Tem que valorizar as coisas que tem em casa, cuidar do que tem, e ela está na escola com todo esse cuidado;</p> <p>Ela fica quietinha, mas está atenta, não pisca, depois conta tudo pra mãe o que aconteceu; se dá a palavra ela fala, elabora bem o pensamento, tenta falar com contribuição;</p> <p>Participou da reunião de negociação – ia ver o secretário, se preocupou até com a roupa – uniforme, calça comprida;</p>
ESTUDANTES	<p>A gente é inteligente, não falta muito, é quieto na sala, eles têm confiança em nós;</p> <p>Não pode se candidatar: quem faltava muito, não tinha caderno em ordem...</p> <p>Todos tiveram direito, mas só eu e ele quisemos; teve um voto, pra quem ia participar na CPA- tem que ter 4 pessoas, pôs o nome de quem queria e votaram; e dois não quiseram;</p> <p>A professora colocou os nomes na lousa e o grupo votou;</p> <p>Votarem na gente é legal (as meninas votaram na menina)</p> <p>Eu não queria, a professora colocou o nome;</p> <p>Professora pede pra marcar o nome de quem bagunça (o aluno ameaça pra tirar o nome senão vai bater)</p> <p>'Cuida', tem mais responsabilidades; Vê quem faz bagunça;</p> <p>A Thamiris é mais organizada, faz as lições,</p> <p>(os alunos) colocaram nomes dos bagunceiros na lousa, mas não votaram neles;</p> <p>A professora convidou (para o lugar do suplente);</p> <p>Não tinha vontade de ser RS; a professora colocou o nome na lousa;</p> <p>A professora falou pra classe ir votando nas pessoas;</p> <p>Pra poder ajudar a sala, porque tem muita bagunça;</p> <p>A professora conversa com a gente pra depois a gente conversar com a sala; fala assim: fala isso pra eles, se não fizerem vocês chamam a MS;</p> <p>A professora fala pra usar a educação (ao falar);</p> <p>A gente conversa entra num ouvido e sai no outro;</p>

	<p>Por que a gente tinha mais responsabilidade;</p> <p>Na verdade a gente não queria, a professora escolheu de última hora;</p> <p>A gente escreveu coisas que mais importavam pra melhorar e dar mais chances pros alunos do que pra nossa vida;</p> <p>Pra ajudar a escola, ajudando a melhorar, né?</p> <p>Deixando melhor pros alunos; vamos ficar no recreio, olhando; se brigam a gente leva pra MS;</p> <p>A gente também vai falar: se continuarem a brigar a gente vai chamar a MS.</p> <p>A gente votou; professora fez uma eleição, mas teria que ser bom de ouvido e bom pra falar; o grupo escolheu os dois;</p> <p>Ouvir bem é ouvir o que a professora está falando, quando está fazendo uma pergunta, saber responder na hora certa;</p> <p>Falar bem é não ter vergonha de falar e quando a gente for falar, não errar as palavras;</p> <p>Quando está fazendo um briga na sala, separar, apaziguar; ajudar quem precisa;</p> <p>Quando a professora está explicando e alguém tem dúvida, ajudar a fazer a lição;</p> <p>Tem que ser comportada, inteligente, falar bem, ouvir bem, não responder a professora;</p> <p>A professora perguntou quem queria ser RS e marcou na lousa, deu um papelzinho pra cada um pra colocar o nome de uma menina e de um menino;</p> <p>A gente fez assembleia os que conseguiram se inteirar mais na sala ficaram sendo o RS na assembleia;</p> <p>Um registrou tudo o que os outros falavam; os que mais se destacaram;</p> <p>Cada um dava a sua opinião;</p> <p>Eu acho que ajuda ser RS – tirar dúvidas das pessoas, melhorar pros dois;</p> <p>Pode passar o conhecimento pra outras pessoas, passar o conhecimento, o que você já sabe;</p> <p>É bom que você pode passar o conhecimento que você tem pra outras que ainda não estudaram o conteúdo;</p>
7 – ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO/TEMAS/ARTICULAÇÃO ENTRE OS TEMAS	
DIRETORA	<p>Alguns (temas) muito comuns. Alguns saiam em todo lugar. Você percebe que tem uma influência do professor mesmo. Aquilo que a criança vem; os professores estavam fechados em algumas posições do que se queria pra escola, porque quando você vê que algumas coisas não são atendidas, isso passa a ser pauta de discussão entre os professores então não é muito incomum (e nem acho que é incorreto, não);</p> <p>Acho que é uma coisa assim: temos que pedir inspetor de alunos é o exemplo clássico, todo lugar saiu; saiu com pais... Todos os lugares 1º – 5º/ 6º – 8º, de</p>

	<p>aluno, de pai, de professor;</p> <p>Outra reivindicação: as câmeras; você percebe que os alunos, menos; eles chegaram mais tarde nesse processo. Primeiro os professores, depois os pais, depois os alunos. As Câmeras chegaram tarde no processo, não tá desde o início do ano;</p> <p>É apontado o interesse do adulto e ela leva ou não; às vezes ela leva o contrário; Por exemplo, os uniformes: todo mundo falou de uniforme, diferente, mas falou; UNIFORME foi um assunto comum em todos, embora as defesas fossem diferentes; tanto o uso pra todo mundo, do uniforme inteiro, quanto só a camiseta, quanto só a parte de baixo e a camiseta, você percebe que variou; a escola discutiu alguma coisa;</p> <p>Foi muito discutido a falta de regras. Esse começo de ano foi tumultuadíssimo. (Diretora chega em abril com os processos atrasados e errados, por ex. segmentos do CE, nº de pessoas) aprovação do conselho deu-se em maio, banco não aceita, teve que fazer o acerto no Cartório; verba ficou presa; como se começasse do meio do ano pra cá, processos que teriam que ser iniciados antes.</p> <p>Regras: sempre tivemos as regras na escola; só tinha OP; quando houve discussão do início do ano, não discutiu regras, porque a diretora não estava presente; algumas pessoas ficaram insatisfeitas com as sanções. A OP reclassificou alunos para os 8os anos, os mais agitados, os 8s ficaram impossíveis, dos professores não conterem: tiram a porta, os fios, entortam ventilador, cada dia tinha novidade; coisas do tipo: não tem ninguém tomando conta da gente; e isso redundava numa suspensão, se chama pai, etc...então as pessoas muito insatisfeitas e então se discutiu muito a falta de regras, e isso acaba acontecendo só no final do ano; final do ano é como se fosse a antecipação do próximo – discutiu-se em várias instâncias regras – que é quando reúne as crianças pra saber oque é que foi tirado das crianças, dos professores, e antecipar o próximo ano; não conseguimos finalizar ainda, mesmo assim. no final do ano tem três dias de RPAI – qual foi o último dia de RPAI? regras. Não fecha a gente só amadurece na discussão.</p> <p>Violência – menos os pais no geral, os pais foram os mais incisivos – foram no NAED,</p> <p>Pleiteavam medidas – tiram os meninos que causavam os distúrbios, guarda dentro da escola (recreio) – polícia, guarda municipal – (que devia vir armado); levou abaixo assinado, foi pra Ministério Público; via NAED – manter os 9ºs na escola e usar o antigo prédio; Inspetor de Alunos, as câmeras;</p>
VICE-DIRETORA	<p>Na sala de aula, na sala de informática, nos intervalos, na EF, nos passeios, acho que em todos os momentos; No CE, na CPA, na Assembleia;</p> <p>Esse ano também foi feito um trabalho pro ano que vem, foi levantado, em salas, com o grupo de professores, com a equipe de gestão, levantaram algumas coisas pra 2012 – regras, pra quando começarmos o ano que vem, já estar pré-estabelecido, com o grupo (Na verdade, elas já foram elaboradas, tá quase tudo pronto, só pra ser executada ou pra aceitar sugestões também);</p> <p>Sala, sala de aula, nos TDCs, entre os professores, nós também (no CE nós nem chegamos);</p> <p>Eu acho que são os mesmos assuntos: os problemas que nós enfrentamos durante o ano de 2011: Questão de comportamento, de indisciplina;</p>
ORIENTADORA PEDAGÓGICA	<p>Eu participei da CPA, RPAI, Conselho muito pouco, assembleia eu participei pouquinho (justifica que não tem muita experiência de assembleia e que estava aprendendo com os meninos); Outros espaços: CPA, RPAI, a escola aqui é muito democrática então todo mundo opina muito, às vezes nem precisava discutir muito, daria pra enxugar, e ser mais objetiva, na última RPAI consegui que fosse mais objetiva e que fosse a mais produtiva do ano inteiro (foram 3 e das 3 a última foi mais produtiva);</p> <p>A gente conseguiu criar as regras; a gente não montou muitas regras, elencou umas 10 regras, mas básicas: horário de entrada/saída; de respeitar,(pegamos o Regimento, onde a gente se ampara,) boné, chiclete, por que não pode usar? Uso do uniforme, que as crianças não gostam mas é dado pela prefeitura, é uma forma de identificação;</p> <p>Os meninos fizeram, a gente não conseguiu fechar a dos alunos; eu vou pontuar tudo o que foi falado dos alunos e montar as regras dos alunos; na</p>

	<p>assembleia de sala eles já tiraram as regras; algumas turmas não; algumas turmas deram sugestão pra 2012; outras turmas montaram as regras; a partir daquelas regras que foram montadas com as turmas eu vou montar as regras dos alunos; e agora a gente tem que montar as regras dos professores; isso não deu pra fazer com a equipe gestora;</p> <p>CE eu participei uma vez só, o que eu vi no CE que eu participei a gente foi falar sobre verbas: o que ia gasta, dinheiro do Conta escola; tinha um prazo pra gastar aí foi convocação extraordinária; as outras reuniões do CE eu não sou primeiro membro eu sou suplente ; o que eu sei das outras – uma falou da questão disciplinar de um aluno, mas a família veio e ouviu, diz que não vai tirar a criança e a criança continua; O CE teve essa reflexão disciplinar;</p> <p>O CE não funciona como eu imagino: as coisas que acontecem na escola passavam pelo CE; o que eu vi foi mais pra saber onde vai gastar, o que vai gastar...o que aprova, o que não aprova, foi mais fiscal, essa coisa assim;</p> <p>A CPA – eu comecei esse ano na CPA, não conhecia, algumas coisas você é que trouxe, na primeira CPA e a professora, eu fui pesquisando mais algumas coisas, sobre CPA (livrinho preto) que a Eliana me deu, eu fui lendo sobre a CPA e entendendo mais um pouquinho;</p> <p>Eu acho assim: deveria ser um espaço que você organiza as ações que vão ser pontuais na escola, mas eu acho uma coisa complicada você pensar na CPA, como é que os professores, os alunos, os pais, vão ter essas ações na escola; eu não consigo ir muito mais longe do que a reunião; então fica-se muito na reunião e não se expande, mas eu também não vejo como a gente pode fazer isso;</p> <p>É, e as ações são sempre do lado da escola – a família, os alunos, eu não sei muito bem como fazer pra que isso ocorra; não sei como eles fazem em outras escolas; parece uma coisa mais burocrática também: a gente vai lá, vê o que a escola precisa, toma algumas decisões, mas depois a escola que vai procurar solucionar essas coisas; não fica muito claro como é que os membros da cpa podem atuar? por exemplo, pai trabalha, como é que a gente vai se encontrar pra ter as ações que precisa? os meninos estudam, têm um horário limitado aqui dentro da escola, como é que eles vão vir pra conversar com outros meninos; COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO – eu vejo que ela fica mesmo só na avaliação;</p> <p>E aí a gente foi pra aquela reunião... (negociação com SME) A gente falou, ele falou, falou e escutou também.</p> <p>De uma certa forma estão porque todos vão acabar falando sobre a realidade que a gente acabou vivendo aqui na escola nesse ano. A CPA vai falar da violência, minto, eu participei de duas reuniões do CE – a outra foi CE, CPA, GM, NAED, Conselho Tutelar, veio pra falar sobre violência; todas elas acabam virando...a RPAI, CPA, CE - acabam virando tudo em prol da nossa realidade que foi esse ano: muita violência, muita indisciplina, muitos alunos faltosos, muita ausência da família; então, foi nesse sentido que a gente discutiu; então todas se articularam da mesma forma;</p>
PROFESSORES	<p>Uma parte dela sim, as duas grandes questões ou desafios desse ano: alfabetização (nos 4^{os} e 5^{os} anos em média 40 alunos em fase de alfabetização); número de não alfabetizados;</p> <p>A questão da violência; reincidência de casos de agressão a professores (físicas e verbais) limites já foram rompidos; respeito já foi quebrado; não medem palavras pra agredir – e as armas que o professor tem pra lutar contra isso são muito poucas ou quase nenhuma: agride, leva suspensão, fica um dia fora, volta; agride. Leva suspensão e volta e esse processo dura 200 dias letivos; esse é o limite da escola;</p> <p>A escola, pra – conquistar as famílias – CPA vê A escola deve pra passar e romper, conseguir conquistar as famílias, a CPA enxerga que um dos caminhos seria a conquista das famílias;</p> <p>A estrutura do evento da AE – a vivência nessa estrutura é um aprendizado pra eles (a gente não aprende a ler escrever em um dia, em duas vezes que você vai na escola, leva um período esse processo); O evento: como você senta, o que você vai estar discutindo, quando que anota, o meu tempo de falar, de não falar, nessa hora vai estar discutindo tais coisas, a vivência em um espaço formatado dessa forma, o principal ganho da minha turma; A incidência de xingamentos, de discussões a partir da aparência dos alunos, diminuiu (depois das AE); Virou uma questão... É uma atividade que ficou incorporada no</p>

	<p>cotidiano das crianças;</p> <p>Por isso é importante esse espaço de discussão (CPA), porque ali que você vai escutar o outro, que de repente, tem uma visão diferente, como pra mim não existe certo e errado estabelecido, que naquele momento pode ser mais adequado que a minha visão daquele momento de algum aspecto; e aí a gente reflete, tudo gera reflexão e aí reflete, e aí em outra reunião a gente já está com outra cabeça daquilo, aí a gente vai com outra ideia e aí as pessoas também estão pensando sobre o que a gente tá falando, aí é um espaço de reflexão;</p>
FUNCIONÁRIOS	<p>Muitos assuntos giram em torno de várias reuniões e acaba até ajudando; e muitos são tratados na forma de... Uma reunião abraça mais, se preocupa mais com um assunto... Principalmente as prioridades da escola, giram em torno de várias reuniões; passa por vários coletivos;</p> <p>Comportamento de aluno – tem dado muito trabalho, da violência, do desinteresse, não param em sala, deixa o portão aberto eles vão embora, tem rádio, tem segurança, se acontece algo embaixo, contata o rádio, todos correm. Essa coisa do comportamento, da postura, tem muito o que falar em todas as reuniões;</p> <p>Acredito que cada um deve ter a opinião própria e no conjunto, discute;</p> <p>Não ficam sabendo do que se discute nessas reuniões; só no CE e coisas graves: o caso do aluno LV e que todos votaram a favor dele sair e os pais não tiraram. E o pai disse que não ia transferir; ele já não é mais o mesmo... tem mais grave do que ele.</p>
FAMILIAS	<p>Muitos contextos que há necessidade a gente abrange, outros não.. Muitas coisas foram omissas – acaba atrapalhando o desenvolvimento; mas o colegiado foi muito importante, mas precisa melhorar mas foi importante pra essa escola;</p> <p>Falta de funcionários: MS pessoa limitada ou temer o próprio cargo, ou represália hierarquia de uma pessoa sobre a outra;</p> <p>CE não depende de pessoas do Estado ou do Município; não tem temor de sofrer retaliações;</p> <p>O CE ficou sabendo, cobrou dos órgãos, a questão da violência dentro da escola, a professora não queria expor isso, ela não queria causar alarde; mas ele não tem vínculo, não tem que prestar contas, com medo de repressão, brigaram por essa causa, pra inibir essa violência, defender os professores, a diretora, os funcionários – não são saco de pancadas e estão aqui pra prestar serviços; Vereadores tiveram reunião com Secretário de Educação - Reunião com SME – não sabiam dos problemas; pairava sobre aquela questão – roupa suja se lava em casa, e a mania de esconder lixo embaixo do tapete;</p> <p>No CE nós fizemos nosso papel; se você não pode nos ajudar, nós vamos buscar solução onde fosse necessário pra mudar esse quadro negativo que estava aqui;</p> <p>Chegamos ao extremo dos pais dos bons pedindo transferência e sair, tirar seus filhos por causa dos RUINS, a imensa maioria dos bons é que tem que prevalecer sobre a minoria que não está querendo ter compromisso com aprendizagem, não ter respeito o seu professor, não ter respeito pelo convívio social importante para o desenvolvimento do cidadão que quer se formar;</p> <p>O CE foi decisivo nisso – o CE foi importante e analisou isso – poupando pessoas que não podiam e não queriam se expor, foram cobrar acima da esfera ; se você não pode tomar providência nisso, nós vamos cobrar qualquer que esteja acima da sua esfera;</p> <p>Quando envolve interesse público é burocrático. Devia ser mais rápido, mais ágil; envolve pessoas, envolve crianças e a resposta deveria ser de imediato;</p> <p>Passou um ano pedindo o professor de Inglês e esse professor não chegou; exigimos faxineira, exigimos INSP ALUNOS que faria função de polícia; aquela turma do 'deixa disso'; banheiro – ficou local de acerto de contas;</p>

	<p>Perdemos o IA extinto pela própria SME; exigimos imediatamente a reposição dessas pessoas aqui; ele é quem faz a vez do policiamento, amenizando conflito;</p> <p>Tivemos como Respaldo: pro ano que vem vão prestar concurso e teremos 1 ou 2 nomeado pra outro cargo e fazer a vez desse profissional; é muita burocracia que envolve a instituição pública.</p> <p>O CE buscou o foco do problema, onde tem a solução, como proceder, como fazer, quais as dificuldades, as necessidades, e buscamos na medida do possível, responder isso;</p> <p>O filho está se transferindo, mas é indiferente, se ainda me mantiverem, eu faço parte da comunidade, se puder ser a solução de alguns problemas,</p>
ESTUDANTES	<p>A gente discute sobre o que vai fazer com os alunos;</p> <p>No recreio: nós falamos que tinha gente brigando; aí agora tem professor olhando;</p> <p>O pai do aluno falou que precisa de IA; agora tem funcionários lá embaixo, agora eles ficam andando pelo corredor;</p> <p>Melhora porque o professor vai lá, conversa com aluno, senta embaixo da árvore;</p> <p>O projeto Mais educação – tem dança, atividade no recreio;</p> <p>Quando o aluno faz alguma coisa, não pode falar na sala, mas pode falar na reunião (de RS);</p> <p>O que eu não gosto na escola – não tem ph no banheiro, os adultos não tomam atitude; não é os adultos, as crianças não melhoram; as maçanetas quebradas, pichação na escola; pessoal sentando em cima da mesa, mesa quebrada, banheiro sujo, falta de funcionário;</p> <p>Regras – quem pichar deve pagar um preço; quem quebrar bebedouro tem que pagar a reforma ou ficar junto com o cara consertando;</p> <p>Teve uma regra assim que foi bom pra sala – muita gente faz <i>bulling</i> – advertência, na 2ª vez advertência, na 3ª vez suspensão e chama os pais – xingamento e provocação;</p> <p>A sala toda só elogiou a professora e mais nada; ela ensina muito bem, no eu critico eu critiquei tudo – minha amiga tava no banheiro e não tem trinco, a pessoa entra, não tem trava, vaso solto, a descarga espirra água;</p> <p>Os meninos vão ao banheiro ver as meninas, puxar elas pra fora; meninos provocam, provocam; a hora que eles querem pegar elas, entram no banheiro; não tem como fugir;</p> <p>Mais segurança, no corredor – gente ou câmera;</p> <p>Ajeitar o banheiro – falta – descarga, não tem limpeza, fazem xixi no chão;</p> <p>A gente ficou sabendo que a diretora ia decidir se ia fazer ou não;</p> <p>Só ia acontecer no ano que vem 2012;</p> <p>Na AE foi mais falta de funcionário, que não tomam decisão de nada, e quando tomam, acusam pessoas sem saber quem é;</p>

	<p>Proposta pra escola ficar melhor; Algumas não podem ser atendidas; A diretora fala que vai poder, depois não vai ter mais;</p> <p>A sala fez umas propostas assim – (mascar) chiclete, (chupar) bala;</p> <p>Segurança e melhorar a falta de atenção dos professores na sala – muita coisa acontece na sala que o professor não vê;</p> <p>Câmera e monitores pra o recreio;</p> <p>A professora colocou um envelope eu critico, eu felicito, eu proponho;</p> <p>Pra melhoria da escola em 2012 e você propõe do que você criticou,</p> <p>(felicito) a pintura nas salas durante as férias; Mais aulas de informática que antes não tinha; bebedouro com água gelada, Parque; quadra coberta;</p> <p>Felicita – a sala – os professores ensinam bem; critica – sem professor na aula de inglês;</p> <p>Sendo RS você pode ajudar a melhoria na escola pra todo mundo, mas não pode só você fazendo;</p> <p>A câmera nos corredores; pra ver os maiores que entram aqui; Fizeram uma lista com tudo pra 2012; aí tá tudo – e todos votaram pra 2012 melhor; uniforme – alguns não tem, estão sendo parados na porta, vão ficar na diretoria; alguns grandes tem uniforme mas não usam; Muita polêmica porque quem vem de uniforme, está cumprindo uma regra da escola e todos tem que cumprir;</p>
<p>8 – RELAÇÕES ENTRE OS TEMAS DISCUTIDOS E A APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES/OUTROS APRENDIZADOS</p>	
<p>DIRETORA</p>	<p>Eu acredito numa escola que discute; eu acredito em uma escola em que a pessoa discute, não só as crianças; Os professores às vezes ficam na queixa e isso não é discussão – o que eu falo é discussão mesmo: vamos lá pras vias de fato e qual é o encaminhamento?</p> <p>O que teve muito na escola: a queixa teve bastante, depois chega um momento que eles param de queixar, que é um momento de amadurecimento; Encaminhar é difícil – encontrar dentro da legislação o que é possível da gente fazer? Quando eu pergunto: o que você acha que deveria fazer? É a hora que as pessoas silenciam, porque não é fácil mesmo, que é as pessoas tirarem posições. Tem algumas posições: tem a punição – a suspensão, a advertência, consulta a família, chamar a família, tem algumas coisas que a gente já faz, as tradicionais, aquelas punições que eu considero mais educativas: o menino vai limpar, etc...</p> <p>Mas o nó da questão que é a ausência da família, aquele menino que não vai pra casa, aquele que a família não atende... a gente e avança no seguinte sentido _ pegar o e-mail do pai , mandar por e-mail, mandar por carta registrada, manda mensagem por celular isso são sugestões de próprios pais; o pai da CPA, o pai que faz abaixo assinado, pra que a gente consiga nos comunicar com a família;</p> <p>Os professores propõe isso como uma forma de resolver as punições dos meninos. É no nível da punição que essas coisas acabam acontecendo. No nível dos pais, e aí são poucos, eu estou falando dos pais da CPA, basicamente foram os pais que mais atuaram, mais até que os pais do CE, embora alguns sejam comuns, nós estamos falando de 03 pais numa escola de 800 crianças.</p> <p>O que aconteceu esse ano mais que o outro: a gente conheceu mais pais que a gente não conhecia que não vinham e acabam vindo em função da situação que ficou; chamamos uma reunião de pais, foi a maior reunião do ano – pais dos 80s anos pra dizer que havia droga na sala de aula; o que a gente viu esse ano – a depredação foi na sala de aula (exceto o banheiro (quebraram um vidro) ou se reunirem no banheiro pra combinarem coisas, e uma pichação da quadra (2 semestre) ; se tirar isso, a escola não foi depredada, não foi pichada, não foi nada...enquanto que a sala de aula, principalmente 7 e 8s foi de uma forma a-</p>

	<p>bu-si-va, constante, de uma forma que eu nunca vi; vandalismo mesmo (chutar bebedouro);</p> <p>Aprendizado pros meninos: alguns meninos chegam pra mim e falam: isso eu não quero ser (relata casos de 'abusos' cometidos pelos alunos' e as consequências disso na escola);</p>
VICE-DIRETORA	<p>Aprendem a reivindicar algumas coisas, a ouvir, a descobrir que as pessoas, cada uma acredita ou que tem opiniões diferentes e também é através disso que a gente consegue as coisas – através da entidades;</p> <p>Então, do CE, geralmente são assuntos pontuais, o que não era pra ser, mas realmente, é assim: Pra que que reúne conselho? Reúne CE pra discutir verbas, no que vai ser aplicada, eu acho que também contribui; até pra questão de administração: de administrar o que ganha em casa, de eles estarem contribuindo, que um dia eles vão ser assalariados, vão ter alguma coisa pra administrar...</p> <p>Que mais – foi discutido a respeito de regras de comportamento de aluno, que é a vivência em grupo;</p>
ORIENTADORA PEDAGÓGICA	<p>Eles contribuem, o duro é que fica na base da discussão. [...]</p> <p>Os assuntos versam todos em torno da melhoria da aprendizagem como um todo, muito ficou na fala e pouco na ação; esses assuntos deveriam melhor articulados com a aprendizagem dos meninos; por exemplo, as faltas; uma das METAS era diminuir, eu não vejo onde diminuiu, teria que fazer uma análise como o ano passado (quantos tiveram problema de falta do ano passado com relação a esse ano, aí poderia ver se houve melhora ou não; 10 alunos evadidos, eu acho um número alto; de 728, é mais que 10%; e muitos faltosos; os pequenos nem tanto, mas os maiores; a evasão é dos maiores – ficam fora da sala, faltas, bola de neve, e vai pra reprovação;</p> <p>Deveria ser melhor; outra meta – alfabetização de todos (Mais educação), mas a CPA não acompanhou como é que foi feito esse trabalho com as pessoas; a RPAI é a que mais contribui pra aprendizagem meninos porque é ali que nós vamos discutir sobre a aprendizagem sobre o que eles evoluíram, ou não evoluíram; os demais ficam muito no burocrático, vai fazer tal coisa... E param por aí.</p>
PROFESSORES	<p>Desse ano, não; Depois que as crianças se apropriarem desse espaço, acho que aí sim, elas poderão pensar além do espaço, a função dele; estão bem distante de entender que aquilo que está sendo discutido vai ser colocado em prática, essa prática vai ser sistematizada e acontecer dentro de pouco tempo; as discussões fizeram com que eles vissem a escola de outra forma, mas não num plano de consciência: eu vou participar da AE e o que decidido lá eu vou acatar e vou fazer; não, eles não tem essa consciência; é um potencial pra que isso se torne uma prática, positiva, relevante, importantíssima, pra pessoa, pro coletivo, pra todo mundo pra vida toda;</p> <p>Ele pode lidar com essa situação em outros momentos na vida e vai usar essas situações de tomar decisões - argumentar, expor sua opinião, dialogar, debater, ele vai poder usar isso em outros espaços, mesmo que seja de maneira particular, pra um emprego, pra casa dele;</p> <p>Dificuldade – criar argumento pra defender as ideias deles, ou ter consciência das ideias que eles têm;</p> <p>(Cita caso de) aluno que não escreve, mas escreveu um projeto e ganhou como representante de sala;</p> <p>Os alunos até avaliaram os professores (desempenho) – atribuíram notas; pelo que perceberam, eles querem ter boa aula, querem que o professor seja 'duro';</p> <p>Uma parte dela(demanda da CPA) sim, as duas grandes questões ou desafios desse ano: ALFABETIZAÇÃO (nos 4 e 5 anos em média 40 alunos em fase de alfabetização); número de não alfabetizados</p> <p>E a questão da violência: reincidência de casos de agressão a professores (física e verbais) limites já foram rompidos; respeito já foi quebrado; não medem palavras pra agredir – e as ARMAs que o professor tem pra lutar contra isso são muito poucas ou quase nenhuma: agride, leva suspensão, fica um dia fora,</p>

	<p>volta; agride. Leva suspensão e volta e esse processo dura 200 dias letivos; esse é o limite da escola;</p> <p>A escola, pra – conquistar as famílias – CPA vê A escola deve pra passar e romper, conseguir conquistar as famílias, a CPA enxerga que um dos caminhos seria a conquista das famílias;</p> <p>A gente mais aprende a pensar a escola. Olhar a escola como um todo é o principal aprendizado; aprende também que outras pessoas tem outros olhares daquilo que você enxerga de um jeito o outro não necessariamente enxerga do mesmo jeito;</p>
FUNCIONÁRIOS	<p>Eles questionam muito, falam mal de professor, a gente tem que segurar um pouco; não é pra falar mal de professor, é pra melhorar a aula, trazer novidades pra escola; Às vezes (a crítica) tem (fundamento) outras (vezes) não têm, muitos falam querendo cobrar da direção da escola – cópia de livro...</p> <p>Se a pessoa que participa aproveitar a chance que tá tendo, sim.</p> <p>Até no CE são discutidos alguns problemas, se as pessoas que são representantes prestarem atenção, ficam por dentro do que está sendo discutido;</p>
FAMÍLIAS	<p>A gente expõe bastante... questões da educação;</p> <p>A gente passa o melhor pra eles se eles aprenderem o melhor eles vão passar o melhor também;</p> <p>A gente colabora pra que tenha uma educação melhor; daí depende da escola; depende da direção pra por em prática o que a gente fala e discute;</p> <p>A gente julga; vindo a gente aprende o que está acontecendo, a julgar menos ou a julgar melhor;</p> <p>A experiência tá sendo legal, só falta um pouco de AÇÃO, colocar em prática as coisas que a gente fala, não sabe se a direção é barrada ou se algum órgão, ou se nada do que a gente fala vai pra frente...</p> <p>Demandas para o aprendizado das crianças: pelo que está encaminhando, sim , o caminhar é pra chegar nesse ponto;</p> <p>Entre muitos lidar com o outro no coletivo, de cuidar, para tentar mudar para o coletivo, e não para si; não está ali para melhorar só pra ele, melhorando o coletivo ele vai melhorar pra ele.</p> <p>O cuidado, a educação, o conhecimento no geral, direitos, deveres, eles já vão se formando, entre muitos são esses;</p> <p>A gente sempre tira um aprendizado – fica refletindo bastante como existem pessoas que ficam preocupadas em melhorar para o cidadão, para a criança, para o outro; à noite, ficam aqui envolvidas, preocupados na melhora pra todos, não é só pra si;</p> <p>A gente não está só pra falar, pra questionar, está pra ouvir, pra ser criticado, às vezes pode estar convicto de que está fazendo tudo certo, e de repente está fazendo tudo errado, se a pessoa fala, agradece;</p> <p>Não é o rei da sabedoria, aprende com criança de 10 anos, fica calado porque sabe que errou...a humildade</p> <p>Aprende muito, deu lições positivas, ouviu e vai levar na bagagem;</p> <p>Quando faz parte de um grupo de pessoas mais velhas, mais jovens, mais bem formadas, menos formadas, a gente só tem a aprender;</p> <p>(ser RS) Agrega principalmente a Responsabilidade e disciplina – que o Ser Humano tem que ter, se sentir útil um dos valores da vida; responsabilidade é isso</p>

	<p>– a mãe/família ensinar o certo, mostrar a realidade do mundo;</p> <p>(ser RS) Por ele ser responsável foi eleito e por ser eleito, amplia essa responsabilidade na criança, responsabilidade, compromisso;</p>
ESTUDANTES	<p>Aprende a conversar mais, interagir com as pessoas, sobre a escola, sobre algumas partes boas que elogiamos – a diretoria;</p> <p>Forma pro futuro, né.</p> <p>Os grandões (alunos de 6º ao 9º) tinham passeio bom. A gente ia aprender sobre geografia, lugar perto, todos passeavam, reclamaram na CPA, na sala abriram um passeio legal pra gente; O que a gente ganha passeando? É legal sair da escola, conviver com outra gente; nesse passeio é sobre História, onde viviam os negros (Solar das Andorinhas);</p> <p>Responsabilidade; a vir nas reuniões;</p> <p>Que melhoria queríamos pra escola, o que aumentar, o que poderia fazer ; MS anotou e disse que iam tomar uma decisão do que ia fazer;</p> <p>A gente fica sabendo o que vai acontecer na escola;</p> <p><i>Ping pong</i> não colocaram até hoje; o que estão fazendo é do que foi falado na primeira reunião;</p> <p>O que eles (os alunos) querem – várias coisas; vender cone (de chocolate), cantina, MS falou que ia ver;</p> <p>(a sala melhora) Deixa de ser aquela bagunça;</p> <p>Eu acho que estou aprendendo a não brigar.</p> <p>Ajudando os outros eu estou me ajudando ao mesmo tempo;</p> <p>Eu aprendi uma coisa desde o 'prezinho' e nunca esqueci – se você tem um amigo que usa droga ele acabou de roubar um carro, você entra no carro e vê você a polícia vai ter ver e não vai saber..</p> <p>Eu não consigo parar de me meter em briga; todo mundo me coloca em briga, já tomei bastante decisão; já parei de brigar;</p> <p>Eu, no meu comportamento eu não posso fazer coisa errada, não posso brigar: senão os outros vão dizer: lá está o representante, brigando; então, o certo deveria ser: eles olharem pra mim e pra Catherine ver que a gente fica quieto, que a gente não vai em confusão, e fazer: vou seguir esse conselho, não vou me meter em confusão, aí vai lá, fica quieto; também pros alunos que gostam de ficar brincando na sala de aula, porque a gente tá fazendo até, ah, já que eles estão se dando bem, vou ficar quieto, vou fazer minha tarefa, vou me esforçar e um dia vou ficar que nem eles;</p> <p>Porque muita gente vai olhar e vai dizer – olha, eles estão lá quieto, fazendo atividade, enquanto a gente tá aqui brincando; e vai olhar e refletir: nossa, a gente deveria estar fazendo atividade, a gente tá fazendo uma coisa errada aí vai sentar e vai fazer atividade, e vai se dar melhor, vai passar de ano,</p> <p>Melhorando a escola, melhoram os alunos, todo mundo aqui briga por causa de uma coisa, por causa da escola – essa aqui é minha área – mais banco, eles sentariam não teria discussão; dividir a quadra, cada dia uma turma,</p> <p>Tem muitos alunos que estragam a escola – chutando, quebrando, - se eles tomassem atitude de fazer: vou ficar quieto pra escola melhorar e a gente poder</p>

	<p>brincar e se divertir, vou parar de fazer bagunça; e vou ajudar a consertar a escola;</p> <p>Pra mim é importante porque a gente pode desabafar porque pode melhorar a escola;</p> <p>A prender a ser mais calmo, porque pra ajudar o colega tem que ter calma, não pode ser nervoso;</p> <p>Ser paciente com os alunos;</p> <p>Até fazer faculdade, até lá tem muito que aprender;</p> <p>Quando for trabalhar, chefe manda a fazer uma coisa, vai lá e faz; não responde; tem chefe que é ranzinza, então a gente não vai conseguir nada.</p> <p>Arrecadamos leite para os velhinhos. Fizemos campanha pro Lar dos Velhinhos;</p> <p>Aprende que tem que repartir as coisas com alguém, com quem não tem nada, que já foram da nossa idade...</p> <p>Tem mais responsabilidade consigo mesmo, com os colegas, com a turma;</p> <p>Pra deixar a sala melhor, ajuda a escola a melhorar o ensino;</p>
09 – REPRESENTATIVIDADE/DEVOLUTIVA PARA AS BASES	
VICE-DIRETORA	<p>Voltam, voltam (para as bases); nós temos muitos (representantes), está bem representado (alunos);</p> <p>Na escola, nós não temos um numero grande de pais;</p> <p>O trabalho da escola não tem sentido sem a comunidade; de fora, tem outra opinião; e nossos pais não tem muita noção, talvez pela rotina; mas eles não têm noção...</p>
FUNCIONÁRIOS	<p>Às vezes, a própria sala de aula não está interessada em saber o que os representantes foram fazer; Não sei o lado de lá (se referindo ao bloco de 1º ao 5º ano) com os menores.</p>
FAMÍLIAS	<p>Eu acredito que elas devam passar pras outras crianças. Na cabecinha delas, se tudo contribui pro bem, vai fazer alguma coisa;</p> <p>Tem (CE) mas não expande para os pais; não é passado nada o que foi resolvido: quem são os alunos problemáticos, tem que ser posto aos pais, pelo menos os pais interessados;</p>
ESTUDANTES	<p>A professora fala oque foi discutido pra ela, se a gente quiser falar, também fala;</p>
10 – SUGESTÕES/SOLUÇÕES POSSÍVEIS/JUSTIFICATIVAS/CONTRADIÇÕES/DIFICULDADES	
ORIENTADORA PEDAGÓGICA	<p>Proposta para 2012 – [...] Eu venho e janeiro e faço com a vice e a professora ou vou pegar o Regimento e vou elencar algumas regras a partir dali;</p> <p>Sim, porque tem que ter regra pra todo mundo: dar uma boa aula, a família tem que saber disso, e aí a gente vai colocar regra pra todo mundo e aí fazer um</p>

	<p>cartilha (como a professora deu a ideia), pros pais, colocar pela escola, corredores, na sala de aula;</p> <p>Na primeira semana, a gente faz a primeira reunião de pais e apresenta pros pais, os pais vão assinar, os que não vierem nós vamos chamar depois, pra assinar, tomando ciência que na escola existem regras, que o filho dele tem que cumprir, se ele não cumprir tem as sanções; se não faz tarefa,</p> <p>Também vamos fazer algum projeto da família na escola –(infelizmente) em uma coisa os professores tem razão em relação as famílias, muitas das famílias do bairro meio que abandonam as crianças; criança falta, criança não faz tarefa,</p> <p>projeto – um professor de cada ciclo pra entrar em contato com as famílias – se ele não estiver fazendo tarefa, entregando trabalho, se ele não vem pra escola; a cada 15 dias esse professor vai entrar em contato com as famílias, chamando pra reunião, marcando se a família vem, se não vem; no final do trimestre, depois da reunião, a gente vai decidir se encaminha ou não pro Conselho Tutelar; mas aí a gente vai estar documentado que a gente fez o que a gente podia, que ofereceu reforço, que o menino não sabe se ele tem reforço, se ele frequentou o reforço, a mãe assinou, não assinou;</p> <p>É uma forma da gente fazer com que a família se inteirasse melhor com a escola</p>
PROFESSORES	<p>Como melhorar a participação dos alunos: <i>Problematização de fatores do cotidiano – (exemplo – caso do prefeito) trazer problemas reais pra sala de aula; (questão do cardápio para exemplificar); deveriam refletir pensar, tentar estabelecer as suas opiniões com base nas opiniões das outras pessoas, saber que tem outras opiniões além da deles, mas se tiverem bons argumentos, a opinião deles vai ser sempre aceita, independente de ser a esperada;</i></p> <p><i>2 - outro momento: ASS de classes - aluno participa e dá opinião sobre o que acontece na sala</i></p> <p>Justificativa de não ter havido AE:</p> <p>Raramente, por falta de tempo; justificativa – EF e EA – tem que trabalhar junto com o professor (especialista);</p> <p>Repensar a grade curricular – tem obrigação de ensinar tanta coisa, que pra eles não faz tanto sentido, que não é tão importante quanto uma cidadania, um momento de reflexão, de amadurecimento, de crescimento; Necessidade deles não é tanta aprender no 4º ano, cálculos com fração, são questões importantes, mas talvez tivesse momento após, pra aprender com calma... Tem questões do currículo que são muito forte e acaba deixando de lado esse momento de reflexão;</p> <p>Escola Ideal:</p> <p><i>Relacionar as aulas com as práticas da vida; a gente fala muito, mas a gente parte da teoria pra prática; (ideal) fazer coisas da vida que sejam benéficas da vida e depois sistematização teórica;</i></p> <p><i>Sou uma professora, nessa escola te m 30.. .sou um pensamento dentre vários, e eu o meu fica delimitado; É uma unidade escolar e tem que ter um certo grau de unidade; se pudesse propor, iria propor que trabalhassem em prática;</i></p> <p><i>O banheiro da escola – meninas – é um banheiro limpo, mas ainda tá limpo de um banheiro aconchegante... Trazer os alunos e pensar como seria esse banheiro – área, torneira, convivência – não quebrar, não sujar; ter consciência do entorno, das questões políticas; os alunos não tem muita percepção do entorno, percepção política;</i></p> <p>Proposta para motivar os alunos a colaborarem com a limpeza da sala:</p> <p><i>Fazer a sala do mês – ia usar o TDI pra ver alunos que não estavam colaborando; A sala do mês seria em limpeza, funcionamento; Colocaria o papel,</i></p>

	<p><i>compraria uma caixa de bombom, mas a direção não apoiou.</i></p> <p>Contradição sobre aprendizagem no espaço da ASS – forma e conteúdo:</p> <p>Afirma que aprenderam com a forma, a estrutura do evento:</p> <p><i>A estrutura do evento da ASS – a vivência nessa estrutura é um aprendizado pra eles (a gente não aprende a ler escrever em um dia, em duas vezes que você vai na escola, leva um período esse processo); O evento: como você sente, o que você vai estar discutindo, quando que anota, o meu tempo de falar, de não falar, nessa hora vai estar discutindo tais coisas, a vivência em um espaço formatado dessa forma, o principal ganho da minha turma;</i></p> <p>E só vão aprender sobre o ‘conteúdo’ depois que se apropriarem desse espaço:</p> <p><i>Desse ano, não; Depois que as crianças se apropriarem desse espaço, acho que aí sim, elas poderão pensar além do espaço, a função dele; estão bem distante de entender que aquilo que está sendo discutido vai ser colocado em prática, essa prática vai ser sistematizada e acontecer dentro de pouco tempo; as discussões fizeram com que eles vissem a escola de outra forma, mas não num plano de consciência: eu vou participar da ASS e o que decidido lá eu vou acatar e vou fazer; não, eles não tem essa consciência; é um potencial pra que isso se torne uma prática, positiva, relevante, importantíssima, pra pessoa, pro coletivo, pra todo mundo pra vida toda;</i></p> <p><i>Ele pode lidar com essa situação em outros momentos na vida e vai usar essas situações de tomar decisões - argumentar, expor sua opinião, dialogar, debater, ele vai poder usar isso em outros espaços, mesmo que seja de maneira particular, pra um emprego, pra casa dele;</i></p> <p><i>Dificuldade – criar argumento pra defender as ideias deles, ou ter consciência das ideias que eles têm;</i></p>
FUNCIONÁRIOS	<p>CONTRADIÇÃO sobre a função da escola e função da família:</p> <p><i>Muitas vezes ela está fazendo o papel da família... É um apoio a mais, mas é o papel dela;</i></p> <p>PROPOSTA PARA APROXIMAR A FAMÍLIA DA ESCOLA:</p> <p><i>A escola trazer, aproximar mais a família dentro da escola, envolver mais a família, fazer os pais perceberem o comportamento do filho na escola, o dia que a família se unir com a escola, a criança vai ter mais motivação, mais confiança, mais segurança e os pais vão ter outro olhar sobre a escola; as crianças estão muito abandonadas, dá uma revolta muito grande, a criança briga, chora, ela começa a contar da vida dela e você começa a entender por que; você vê a criança agir com violência, falar palavrão, pra criança é normal porque ela vive isso na casa família dela; como fazer a criança entender?</i></p> <p>Estratégias:</p> <p><i>Grupo de pais (antiga reunião entre família e pais para discutir assuntos sobre a educação dos filhos, relação pais e filhos, não teve em 2011;</i></p> <p><i>2012 – grupo de pais, fim de semana fazer atividades pra trazer pais;</i></p> <p><i>Festa da família – a partir da festa, acalmou, aquele olhar ruim acabou; mães que estavam no portão falando mal da escola montaram barraquinhas pra vender artesanato.</i></p>
FUNCIONÁRIAS E MÃES DE	<p>CONTRADIÇÃO entre a função da escola e da família:</p> <p><i>A parte do professor ele dá a matéria pro aluno, tem que copiar, o professor tá na sala tem obrigação e direito de dar a disciplina pra o aluno. Dar as regras, dar</i></p>

ALUNOS	<p><i>os limites; É praticamente um pai e mãe na sala.</i></p> <p>Proposta para 2012:</p> <p><i>Que seja um ano melhor que esse, que todos caminhem juntos, falem a mesma língua, que as crianças não deem muito trabalho;</i></p>
FAMÍLIAS	<p><i>Ação: Vamos fazer um novo cadastro, atualizar dados, os pais tem que ter compromisso com a escola, tem 900 e poucas e 10 ou 15 está causando transtorno que fere os interesses e o futuro desses demais, tem que fazer alguma coisa;</i></p> <p><i>Elaboramos o Código de Conduta – para o pai, pra mãe e pra todos que cadastrarem seus filhos, pra que tenha contato imediato com as famílias, se mudou, atualize os dados pra que a escola tenha contato com os pais, os pais com a escola pra que em conjunto decidir, resolver os problemas;</i></p>
ESTUDANTES	<p><i>Proposta - Tinha uma coisa que eu queria que acontecesse – expulsar pra quem não está se comportando (vários alunos que ficam saindo da aula) [...] Expulsar - tirar do colégio – mudar de colégio, deixar na rua, não – mudar de colégio, pra ver se ele aprende; Tirar de um e por em outro; Um (colégio) mais rígido – porque o pessoal daqui gosta muito de bater, colocando num mais rígido eles não conseguiriam ficar querendo bater nos outros, que já seriam mais forte;</i></p> <p><i>Proposta - Que ficasse alguém no corredor olhando, ou câmera, porque lá no corredor ninguém é santo, mas esse aqui é pior que lá; tipo gang, aqui é pior que lá... usam droga aqui dentro;</i></p>

Quadro 22 – Questões do Roteiro de Entrevistas, destacadas as categorias 1,7 e 8 e as respostas dos segmentos	
1 – A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA/FUNÇÃO DA ESCOLA (INSTRUÇÃO, FORMAÇÃO)/ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO/PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM/ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA (CICLOS)	
DIRETORA	<p>A escola é importante. Ultimamente a escola tem evitado a barbárie, embora pareça que seja o contrário;</p> <p>O que a gente vê dos processos de socialização, se você comparar aquele espaço com esse espaço, aqui ele ensina muito mais sobre essa região;</p> <p>Se eu for separar, eu tenho uma escola de 1º ao 5º e de 6º a 8ª; 6º ao 9º tem uma característica e 1º ao 5º tem outra; isso em todo lugar; o que se faz com isso aqui, os professores de 1º ao 5º – esse ano aqui – que tem poucos funcionários; eles assumiram, na prática, acabam fazendo coisas, que antes eles não faziam; por exemplo, tirar <i>Xerox</i>, um professor acaba tirando <i>Xerox</i> pra todo mundo pra poder o <i>Xerox</i> sair porque não tinha ninguém;</p> <p>o recreio – não tem ninguém pra ficar lá, então eles organizaram quem come e quem olha, e outros processos assim, aqueles mais miúdos, do cotidiano, nos passeios, quem controla se todos estão; ligar pro pai, etc... 1º ao 5º isso é tranquilo para os professores; 6º a 8º o processo todo era mal elaborado, prejudicado;</p> <p>Se a escola é importante? Muito mais do que as pessoas tem noção porque elas estão muito fixadas naquela coisa do conteúdo e isso foi a coisa que nós mais perdemos. Com essa discussão toda de que a criança tem que passar de ano, de que só reprova por faltas, de que o Sistema, a Secretaria, sei lá quem, só quer que passe criança, isso deu pra alguns maus professores a justificativa pro mau trabalho; É assim? Então tá...então vamos passar. Então quando você olha os documentos que ele tem que apresentar, ou quem ele tá atendendo de fato no TDI, no CHP, projeto, o tipo de responsabilidade é diferente, é menor.</p>
VICE-DIRETORA	<p>Na verdade é um espaço de trocas; onde você convive com as diferenças e aprende com elas; é um espaço de extrema importância pra todos: pro aluno, pro funcionário, pra professor, existe crescimento entre professor/aluno, professor/professor, aluno/aluno;</p> <p>Tudo favorece o crescimento, os conflitos, os momentos de troca entre alunos, de troca de experiências entre os professores, os desafios, os problemas que nós enfrentamos no dia a dia, tudo é motivo pra crescimento;</p> <p>Por exemplo, nós temos estagiárias, as experiências que eles trazem a forma que eles veem que é diferente da nossa, que muitas vezes estamos imbuídas, mergulhadas na rotina do dia a dia, algumas coisas, nós não damos conta de enxergar, é um espaço de crescimento,</p> <p>Crescimento: Crescimento pessoal, crescimento profissional, enquanto ser humano, enquanto profissional, acho que existem momentos que o crescimento é pessoal e profissional. TDC, troca de experiências...</p> <p>Conhecimento. Conhecimento científico, mas que também leva a formar cidadãos. Na verdade é assim: o que a criança busca na escola? Busca conhecimento. Conhecimento científico o que seria? Português – gramática; você busca conhecimento pra você ser alguém; como que poderia te explicar... algumas coisas, o espaço é só da escola. O conhecimento mesmo é nosso, é daqui, só que também juntamente com isso, vem a convivência com o outro; e cada um é de um jeito; isso propicia a troca de experiência.</p> <p>Eles aprendem a viver em sociedade, a respeitar o limite de cada um...que ninguém pode tudo em lugar nenhum...</p> <p>Valores: Cada um tem um valor em casa (cita um exemplo de famílias mais permissivas, outras não); alguns tem umas regras, outros tem outras regras, então é a acomodação, a adaptação;</p>
ORIENTADORA	Considero a escola importante; a educação é o caminho que a gente tem; se não tiver educação, como a gente vai resolver os problemas? Acredito na

PEDAGÓGICA	<p>educação, nos meninos, que eles podem aprender que eles podem melhorar, que nós professores podemos fazer diferença na vida das crianças; se a gente não acreditar, não existe escola, não acontece nada, se você não acreditar que isso é importante, que trabalhar com os meninos é importante, que eles podem melhorar e fazer o melhor que a gente puder;</p> <p>Eu estou aqui há um ano, acho que tem muitas coisas boas nessa escola, os professores de 1º ao 5º trabalham bem legal, tem muito material, tem muito recurso;</p> <p>Alguns professores (6º ao 9º) não acreditam muito na escola e aí quando você não acredita na escola, não acredita nos meninos, você pode fazer o melhor trabalho que não vai... Se você não acredita você não alcança mais os meninos porque eles que já estão longe da escola, estão distante da escola, como é o caso de muitos aqui, você não alcança mais;</p> <p>É uma escola de qualidade, mas que perdeu o foco perdeu o rumo e precisa entrar de novo no prumo senão a gente vai continuar ano após ano, simplesmente massacrando os meninos, sofrendo todo mundo porque eles também sofrem e deixando o tempo passar.</p> <p>Nós começamos e tivemos um ano sem regras. Se a gente tivesse tido regras mínimas e elas valessem eu acho que a aprendizagem teria sido melhor. Porque os alunos teriam depredado menos a escola, promovido menos confusão, menos briga e aí com isso eles iam aprender mais; o ano inteiro tinha aluno correndo no corredor, batendo na porta, professor não consegue dar aula porque o aluno sentava em cima da mesa, o aluno não quer saber, não quer ouvir, não quer fazer; e isso prejudica a ele e aos colegas; se a gente tivesse conseguido se articular melhor, teria sido melhor pros alunos;</p> <p>É porque é assim...nós também não conseguimos nos organizar (mudança da OP, vice nova, Diretora em LTS) sem âncoras na escola; OP nova, em uma realidade que não conhecia, não tiraram regras, mudou o pessoal da secretaria – muitas ações e não conseguiram se organizar na direção/secretaria e não conseguiram organizar as salas (de aula) ; os professores se sentindo meio lesados, meio abandonados – não deu certo porque a diretora não veio aqui ajudar a gente, vocês não vem... e assim foi um discurso e um apagar incêndio. Pra 2012 espera organizar melhor; Do 1 a 5 não sentiu isso, mas do 6 ao 8..</p>
PROFESSORES	<p>Em qual sentido? Clichê: é importante pra sociedade; porque ela já faz parte de uma estrutura social; a gente sabe que ela é pra reproduzir, mas ela pode ser um mecanismo de revolução se for usada de maneira adequada: de ajudar as pessoas a saírem de uma condição de opressão que está colocada pras classes mais populares (escola pública); Longe da questão material, na questão intelectual eu gostaria que a escola fosse um espaço de formação do intelecto das pessoas; não é... A porcentagem é 20% disso, cumpre a função a formar as pessoas como questionadoras, inseridas em situações politizadas – sabem dos seus direitos e lutam por eles – apenas 20 por cento alcança essa formação;</p> <p>Aprende muito; é um espaço social e ela aprende a se relacionar nesse espaço: os instrumentos, o formato, o banheiro, o material, o livro, caderno e as questões curriculares e superiores - dominar bem;</p> <p>Eu gostaria que aprendessem em qualquer espaço e saber quais são seus direitos, ou onde buscar os seus direitos: escrever um a carta, um ofício, a quem se dirigir, uma prova, um concurso, gostaria que fosse mais enfático nisso, deveria ser 90 por cento;</p>
FUNCIONÁRIOS	<p>É importantíssima. A escola - o olhar na vida da criança – é importante e é muito mais importante quando ela abraça a criança não só pra conteúdo; também pra ajudar no sentido... A criança às vezes é muito distante da família, do pai, da mãe; (já passou por muita experiência assim); quando o professor ou funcionário abraça pra ouvir, pra dar uma assistência, eles acabam tendo um olhar pra gente como um pouco mãe; Criança carente de amor;</p> <p>Isso vai contribuir pra que venha ser um cidadão melhor, uma pessoa melhor, pra que vá para um caminho melhor, a criança que se afasta da família, a tendência é cair pro mundo das drogas, da prostituição; tinha aluno que vinha pra escola pra ser acolhido, pra ter atenção – eu venho na escola por causa de você; desde o segurança, o professor, direção, funcionário da limpeza (trabalho de equipe) as crianças estão muito pobres de carinho e atenção; estão mais agressivos, por conta disso, da distância da família; os pais separaram, a mãe sai pra trabalhar, chega e sai, tá dormindo, perdem o interesse não querem ficar na sala de aula a criança sozinha, com tv, com internet e rua; muitas vezes ela está fazendo o papel da família...</p>

	<p>É um apoio a mais, mas é o papel dela; a outra função – na coisa de ensinar conteúdo – de passar, de ensinar, a criança aprender, não só a ser um cidadão melhor, mas aprender pra poder encarar faculdade; preparar a criança pro futuro; termina o ensino médio pra ser alguma coisa; eu falo – se não estuda vai ser o quê?</p> <p>As crianças tem perdido o interesse pela escola na parte da aprendizagem: falta de motivação; não tem mais aquela motivação de tirar 9, 10; passar de ano tá fácil; importante é passar de ano, e isso tá muito fácil; a gente não vê mais aquele compromisso, aquela responsabilidade; a maioria não tem aquele interesse por aprender; tudo é muito mais fácil, tem muita informação – tv, internet- muita informação; professor pede um trabalho entra na internet e imprime, já tá pronto; não tem mais aquilo de pegar um livro, estudar, é uma pena...-</p> <p>SIM, muito importante por causa das participações, sem contar que os alunos tem que ter uma formação; eu estou referindo ao conhecimento pra ter a capacidade para ter o diploma; todo trabalho hoje precisa de um diploma.</p> <p>A escola é importante, mas a família é muito também. Pra escola dar continuidade o aluno tem que vir mais ou menos preparado de casa;</p> <p>Eu acho que hoje não tá acontecendo isso (do aluno vir mais ou menos preparado de casa);</p>
<p>FUNCIONÁRIAS E MÃES DE ALUNOS</p>	<p>É. Quem educa o filho é o pai e mãe; a escola complementa; ensina a ser alguém na vida, essa parte o professor faz;</p> <p>A parte do professor ele dá a matéria pro aluno, tem que copiar, o professor tá na sala tem obrigação e direito de dar a DISCIPLINA pra o aluno. Dar as regras, dar os limites; É praticamente um pai e mãe na sala.</p> <p>Na escola têm que aprender coisas boas, coisas ruins o mundo ensina;</p> <p>Aprender a ser alguém na vida, pra depois não se arrepender; pra depois passar pros filhos, pros netos...</p> <p>A escola poderia ser melhor ainda, com mais participação; aqui tem espaço e tem como ser trabalhado por isso; Tem bastante projetos, mas pelo tamanho da escola, deveria ter mais projetos (mais funcionários também); ter mais ocupação pra eles (alunos), porque eles gostam das atividades, tem tudo o que eles gostam – aula de dança, eles se empolgam (até os que não gostam)</p> <p>A escola é boa, mas pode incrementar mais ainda; Quanto mais participação, melhor pra eles;</p> <p>(tia de aluno e funcionária) A escola: é uma segunda família, segunda casa, pra educar também;</p> <p>Aprende a valorizar o que ele é hoje – a escola incentiva mais, se não tivesse a escola, o que ele seria hoje?</p>
<p>FAMILIAS</p>	<p>A educação é a base da sociedade.</p> <p>Tem uma educação que é a família e uma que é a escola;</p> <p>É o convívio social, companheirismo, diferentes religiões, diferentes culturas, diferentes etnias;</p> <p>Ponto de encontro onde se aprende e onde se ensina;</p> <p>Escola – aqui é lugar dos direitos sociais, aprende a respeitar mutuamente, a cultura de diferentes povos, respeito, ler e escrever;</p>

	<p>Extremamente importante para o desenvolvimento do ser humano</p> <p>Tiveram problemas gravíssimos que precisaram de ajuda polícia, CT, GM, Imprensa, que feriu muito a comunidade e a imagem da escola;</p> <p>A escola já foi grande escola, com a fusão houve esse declínio, e conseguiram obter alguns êxitos, outros não...</p> <p>Aprender e ter educação ser educado pras outras coisas – saber onde chegar; Entrar em uma conversa e sair da conversa;</p> <p>A função da escola é ensinar; a Educação vem de casa;</p> <p>Ensino – a escola complementa; a educação vem do berço; Educação é postura, comportamento;</p> <p>Dar estudo que venha complementar a vida delas pro futuro; E dependem muito da escola, do professor...</p> <p>Nos dias de hoje a escola não está agradando muito os pais, está deixando a desejar – pelas informações que chegam- não pela escola falando;</p> <p>Não culpando a direção, que é limitada, que algumas coisas a escola não pode fazer; a escola devia bater mais nos pais que não vem; A reunião é feita pra pais que não precisam vir, porque os filhos não dão problema;</p> <p>A escola devia rever os conceitos; não deu certo, tem que ter plano B, C; não pode parar e deixar pegar fogo, nessa parte a escola deixa a desejar;</p> <p>2012 - Perspectiva de melhora com a mudança de direção e saída dos maiores (6º ao 9º) que são problemáticos;</p> <p>A polícia foi lá, a diretora foi escoltada da escola, no final do ano, foi tumultuado; Aluno deu bolada na professora de educação física; Numa festa teve uso de bebida alcoólica, uso de drogas; menino e menina juntos em banheiro (a filha não vai ao banheiro de medo); dar uma chance pra escola porque tenho expectativa de melhorar</p> <p>Tem que ter outros meios para que os pais dos alunos problemáticos chegassem até a escola (caso do aluno J que bate em todo mundo, e o aluno H não revida, só apanha) e a mãe do J nunca foi vista na reunião;</p> <p>É um complemento à educação que tem em casa; se é particular, você vê os seus valores e na escola publica você tem que reforçar muito em casa;</p> <p>Hoje é ao contrário, a escola educa e a casa complementa;</p> <p>Na escola eles aprendem os dois lados – coisas boas (matérias), mas convivem com todo tipo de criança, criações diferentes, conversas com as coleguinhas, palavirão, etc; Aprende a conviver com todo tipo e selecionar as amizades;</p>
ESTUDANTES	<p>(a escola)Mudou muito, era boa e mudou muito, pra pior;</p> <p>Só estudou o ano passado; estava bom; pode melhorar algumas coisas; algumas pessoas, acham que 8 º deve não deve ficar, outras acham que deve sair, dá pra melhorar mais, tá mais ou menos;</p> <p>O ensino é ótimo. Falta aula de inglês hoje;</p> <p>(na sala) Tem 4 pessoas não alfabetizadas – Fausto tem um tipo uma deficiência – não consegue aprender na mesma velocidade que a gente; às vezes ele consegue fazer, ele tenta, mas ele tem capacidade de aprender, quando ele quer, ele aprende; hoje ele foi embora; a professora manda ele pra diretoria; O</p>

	Fausto queria ficar na sala da Sandra; ele pediu a professora falou com a MS, nem a Sandra quis; ele sabe ler e escrever, sabe mais que o Mateus, a Helem, a Lidiane, ele escreve quando tem vontade; ele pode fazer tudo, sair da sala, quando quer, etc...
7 – ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO/TEMAS/ARTICULAÇÃO ENTRE OS TEMAS	
DIRETORA	<p>Alguns (temas) muito comuns. Alguns saiam em todo lugar. Você percebe que tem uma influência do professor mesmo. Aquilo que a criança vem; os professores estavam fechados em algumas posições do que se queria pra escola, porque quando você vê que algumas coisas não são atendidas, isso passa a ser pauta de discussão entre os professores então não é muito incomum (e nem acho que é incorreto, não);</p> <p>Acho que é uma coisa assim: temos que pedir inspetor de alunos é o exemplo clássico, todo lugar saiu; saiu com pais... todos os lugares 1º – 5º/ 6º – 8º, de aluno, de pai, de professor;</p> <p>Outra reivindicação: as câmeras; você percebe que os alunos, menos; eles chegaram mais tarde nesse processo. primeiro os professores, depois os pais, depois os alunos. as câmeras chegaram tarde no processo, não tá desde o início do ano;</p> <p>É apontado o interesse do adulto e ela leva ou não; às vezes ela leva o contrário; por exemplo, os uniformes: todo mundo falou de uniforme, diferente, mas falou; uniforme foi um assunto comum em todos, embora as defesas fossem diferentes; tanto o uso pra todo mundo, do uniforme inteiro, quanto só a camiseta, quanto só a parte de baixo e a camiseta, você percebe que variou; a escola discutiu alguma coisa;</p> <p>Foi muito discutido a falta de regra. esse começo de ano foi tumultuadíssimo. (diretora chega em abril com os processos atrasados e errados, por ex. segmentos do ce, nº de pessoas) aprovação do conselho deu-se em maio, banco não aceita, teve que fazer o acerto no cartório; verba ficou presa; como se comesse do meio do ano pra cá, processos que teriam que ser iniciados antes.</p> <p>Regras: sempre tivemos as regras na escola; só tinha OP; quando houve discussão do início do ano, não discutiu regras, porque a diretora não estava presente; algumas pessoas ficaram insatisfeitas com as sanções. A OP reclassificou alunos para os 8os anos, os mais agitados, os 8s ficaram impossíveis, dos professores não conterem: tiram a porta, os fios, entortam ventilador, cada dia tinha novidade; coisas do tipo: não tem ninguém tomando conta da gente; e isso redundava numa suspensão, se chama pai, etc...então as pessoas muito insatisfeitas e então se discutiu muito a FALTA DE REGRAS, e isso acaba acontecendo só no final do ano; final do ano é como se fosse a antecipação do próximo – Discutiu-se em várias instâncias REGRAS – que é quando reúne as crianças pra saber oque é que foi tirado das crianças, dos professores, e antecipar o próximo ano; não conseguimos finalizar ainda, mesmo assim. No final do ano tem três dias de RPAI – qual foi o último dia de RPAI? regras. Não fecha a gente só amadurece na discussão.</p> <p>Violência – menos os pais no geral, os pais foram os mais incisivos – foram no NAED,</p> <p>Pleiteavam medidas – tiram os meninos que causavam os distúrbios, guarda dentro da escola (recreio) – polícia, guarda municipal – (que devia vir armado); levou abaixo assinado, foi pra Ministério Público; via NAED – manter os 9ºs na escola e usar o antigo prédio; Inspetor de Alunos, as câmeras;</p>
VICE-DIRETORA	<p>Na sala de aula, na sala de informática, nos intervalos, na EF, nos passeios, acho que em todos os momentos; No CE, na CPA, na Assembleia;</p> <p>Esse ano também foi feito um trabalho pro ano que vem, foi levantado, em salas, com o grupo de professores, com a equipe de gestão, levantaram algumas coisas pra 2012 – REGRAS, pra quando começarmos o ano que vem, já estar pré-estabelecido, com o grupo (Na verdade, elas já foram elaboradas, tá quase tudo pronto, só pra ser executada ou pra aceitar sugestões também);</p> <p>Sala, sala de aula, nos TDCs, entre os professores, nós também (no CE nós nem chegamos);</p>

	<p>Eu acho que são os mesmos assuntos: os problemas que nós enfrentamos durante o ano de 2011: Questão de comportamento, de indisciplina;</p>
<p>ORIENTADORA PEDAGÓGICA</p>	<p>Eu participei da CPA, RPAI, Conselho muito pouco, assembleia eu participei pouquinho (justifica que não tem muita experiência de assembleia e que estava aprendendo com os meninos); Outros espaços: CPA, RPAI, a escola aqui é muito democrática então todo mundo opina muito, às vezes nem precisava discutir muito, daria pra enxugar, e ser mais objetiva, na última RPAI consegui que fosse mais objetiva e que fosse a mais produtiva do ano inteiro (foram 3 e das 3 a última foi mais produtiva);</p> <p>A gente conseguiu criar as regras; a gente não montou muitas regras, elencou umas 10 regras, mas básicas: horário de entrada/saída; de respeitar, (pegamos o Regimento, onde a gente se ampara,) boné, chiclete, por que não pode usar? Uso do uniforme, que as crianças não gostam mas é dado pela prefeitura, é uma forma de identificação;</p> <p>Os meninos fizeram, a gente não conseguiu fechar a dos alunos; eu vou pontuar tudo o que foi falado dos alunos e montar as regras dos alunos; na assembleia de sala eles já tiraram as regras; algumas turmas não; algumas turmas deram sugestão pra 2012; outras turmas montaram as regras; a partir daquelas regras que foram montadas com as turmas eu vou montar as regras dos alunos; e agora a gente tem que montar as regras dos professores; isso não deu pra fazer com a equipe gestora;</p> <p>CE eu participei uma vez só, o que eu vi no CE que eu participei a gente foi falar sobre verbas: o que ia gasta, dinheiro do Conta escola; tinha um prazo pra gastar aí foi convocação extraordinária; as outras reuniões do CE eu não sou primeiro membro eu sou suplente ; o que eu sei das outras – uma falou da questão disciplinar de um aluno, mas a família veio e ouviu, diz que não vai tirar a criança e a criança continua; O CE teve essa reflexão disciplinar;</p> <p>O CE não funciona como eu imagino: as coisas que acontecem na escola passavam pelo CE; o que eu vi foi mais pra saber onde vai gastar, o que vai gastar...o que aprova, o que não aprova, foi mais fiscal, essa coisa assim;</p> <p>A CPA – eu comecei esse ano na CPA, não conhecia, algumas coisas você é que trouxe, na primeira CPA e a professora, eu fui pesquisando mais algumas coisas, sobre CPA (livrinho preto) que a Eliana me deu, eu fui lendo sobre a CPA e entendendo mais um pouquinho;</p> <p>Eu acho assim: deveria ser um espaço que você organiza as ações que vão ser pontuais na escola, mas eu acho uma coisa complicada você pensar na CPA, como é que os professores, os alunos, os pais, vão ter essas ações na escola; eu não consigo ir muito mais longe do que a reunião; então fica-se muito na reunião e não se expande, mas eu também não vejo como a gente pode fazer isso;</p> <p>É, e as ações são sempre do lado da escola – a família, os alunos, eu não sei muito bem como fazer pra que isso ocorra; não sei como eles fazem em outras escolas; parece uma coisa mais burocrática também: a gente vai lá, vê o que a escola precisa, toma algumas decisões, mas depois a escola que vai procurar solucionar essas coisas; não fica muito claro como é que os membros da CPA podem atuar? Por exemplo, pai trabalha, como é que a gente vai se encontrar pra ter as ações que precisa? Os meninos estudam, têm um horário limitado aqui dentro da escola, como é que eles vão vir pra conversar com outros meninos; COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO – eu vejo que ela fica mesmo só na avaliação;</p> <p>E aí a gente foi pra aquela reunião... (negociação com SME) A gente falou, ele falou, falou e escutou também.</p> <p>De uma certa forma estão porque todos vão acabar falando sobre a realidade que a gente acabou vivendo aqui na escola nesse ano. A CPA vai falar da violência, minto, eu participei de duas reuniões do CE – a outra foi CE, CPA, GM, NAED, Conselho Tutelar, veio pra falar sobre violência; todas elas acabam virando...a RPAI, CPA, CE - acabam virando tudo em prol da nossa realidade que foi esse ano: muita violência, muita indisciplina, muitos alunos faltosos, muita ausência da família; então, foi nesse sentido que a gente discutiu; então todas se articularam da mesma forma;</p>
<p>PROFESSORES</p>	<p>Uma parte dela sim, as duas grandes questões ou desafios desse ano: alfabetização (nos 4ºs e 5ºs anos em média 40 alunos em fase de alfabetização); número de não alfabetizados;</p>

	<p>A questão da violência; reincidência de casos de agressão a professores (físicas e verbais) limites já foram rompidos; respeito já foi quebrado; não medem palavras pra agredir – e as armaS que o professor tem pra lutar contra isso são muito poucas ou quase nenhuma: agride, leva suspensão, fica um dia fora, volta; agride. Leva suspensão e volta e esse processo dura 200 dias letivos; esse é o limite da escola;</p> <p>A escola, pra – conquistar as famílias – CPA vê A escola deve pra passar e romper, conseguir conquistar as famílias, a CPA enxerga que um dos caminhos seria a conquista das famílias;</p> <p>A estrutura do evento da AE – a vivência nessa estrutura é um aprendizado pra eles (a gente não aprende a ler escrever em um dia, em duas vezes que você vai na escola, leva um período esse processo); O evento: como você senta, o que você vai estar discutindo, quando que anota, o meu tempo de falar, de não falar, nessa hora vai estar discutindo tais coisas, a vivência em um espaço formatado dessa forma, o principal ganho da minha turma; A incidência de xingamentos, de discussões a partir da aparência dos alunos, diminuiu (depois das AE); Virou uma questão... É uma atividade que ficou incorporada no cotidiano das crianças;</p> <p>Por isso é importante esse espaço de discussão (CPA), porque ali que você vai escutar o outro, que de repente, tem uma visão diferente, como pra mim não existe certo e errado estabelecido, que naquele momento pode ser mais adequado que a minha visão daquele momento de algum aspecto; e aí a gente reflete, tudo gera reflexão e aí reflete, e aí em outra reunião a gente já está com outra cabeça daquilo, aí a gente vai com outra ideia e aí as pessoas também estão pensando sobre o que a gente tá falando, aí é um espaço de reflexão;</p>
<p>FUNCIÓNÁRIOS</p>	<p>Muitos assuntos giram em torno de várias reuniões e acaba até ajudando; e muitos são tratados na forma de... Uma reunião abraça mais, se preocupa mais com um assunto... Principalmente as prioridades da escola, giram em torno de várias reuniões; passa por vários coletivos;</p> <p>Comportamento de aluno – tem dado muito trabalho, da violência, do desinteresse, não param em sala, deixa o portão aberto eles vão embora, tem rádio, tem segurança, se acontece algo embaixo, contata o rádio, todos correm. Essa coisa do comportamento, da postura, tem muito o que falar em todas as reuniões;</p> <p>Acredito que cada um deve ter a opinião própria e no conjunto, discute;</p> <p>Não ficam sabendo do que se discute nessas reuniões; só no CE e coisas graves: o caso do aluno LV e que todos votaram a favor dele sair e os pais não tiraram. E o pai disse que não ia transferir; ele já não é mais o mesmo... tem mais grave do que ele.</p>
<p>FAMÍLIAS</p>	<p>Muitos contextos que há necessidade a gente abrange, outros não.. Muitas coisas foram omissas – acaba atrapalhando o desenvolvimento; mas o colegiado foi muito importante, mas precisa melhorar mas foi importante pra essa escola;</p> <p>Falta de funcionários: a diretora é pessoa limitada ou temer o próprio cargo, ou represália hierarquia de uma pessoa sobre a outra;</p> <p>CE não depende de pessoas do Estado ou do Município; não tem temor de sofrer retaliações;</p> <p>O CE ficou sabendo, cobrou dos órgãos, a questão da violência dentro da escola, a diretora não queria expor isso, ela não queria causar alarde; mas ele não tem vínculo, não tem que prestar contas, com medo de repressão, brigaram por essa causa, pra inibir essa violência, defender os professores, a diretora, os funcionários – não são saco de pancadas e estão aqui pra prestar serviços; Vereadores tiveram reunião com Secretário de Educação - Reunião com SME – não sabiam dos problemas; pairava sobre aquela questão – roupa suja se lava em casa, e a mania de esconder lixo embaixo do tapete;</p> <p>No CE nós fizemos nosso papel; se você não pode nos ajudar, nós vamos buscar solução onde fosse necessário pra mudar esse quadro negativo que estava aqui;</p>

	<p>Chegamos ao extremo dos pais dos bons pedindo transferência e sair, tirar seus filhos por causa dos RUINS, a imensa maioria dos bons é que tem que prevalecer sobre a minoria que não está querendo ter compromisso com aprendizagem, não ter respeito o seu professor, não ter respeito pelo convívio social importante para o desenvolvimento do cidadão que quer se forma;</p> <p>O CE foi decisivo nisso – o CE foi importante e analisou isso – poupando pessoas que não podiam e não queriam se expor, foram cobrar acima da esfera ; se você não pode tomar providência nisso, nós vamos cobrar qualquer que esteja acima da sua esfera;</p> <p>Quando envolve interesse público é burocrático. Devia ser mais rápido, mais ágil; envolve pessoas, envolve crianças e a resposta deveria ser de imediato;</p> <p>Passou um ano pedindo o professor de Inglês e esse professor não chegou; exigimos faxineira, exigimos inspetores de alunos que faria função de polícia; aquela turma do 'deixa disso'; banheiro – ficou local de acerto de contas;</p> <p>Perdemos o IA extinto pela própria SME; exigimos imediatamente a reposição dessas pessoas aqui; ele é quem faz a vez do policiamento, amenizando conflito;</p> <p>Tivemos como Respaldo: pro ano que vem vão prestar concurso e teremos 1 ou 2 nomeado pra outro cargo e fazer a vez desse profissional; é muita burocracia que envolve a instituição pública;</p> <p>O CE buscou o foco do problema, onde tem a solução, como proceder, como fazer, quais as dificuldades, as necessidades, e buscamos na medida do possível, responder isso;</p> <p>O filho está se transferindo, mas é indiferente, se ainda me mantiverem, eu faço parte da comunidade, se puder ser a solução de alguns problemas,</p>
ESTUDANTES	<p>A gente discute sobre o que vai fazer com os alunos;</p> <p>No recreio: nós falamos que tinha gente brigando; aí agora tem professor olhando;</p> <p>O pai falou que precisa de IA; agora tem funcionários lá embaixo, agora eles ficam andando pelo corredor;</p> <p>Melhora porque o professor vai lá, conversa com aluno, senta embaixo da árvore;</p> <p>O projeto Mais educação – tem dança, atividade no recreio;</p> <p>Quando o aluno faz alguma coisa, não pode falar na sala, mas pode falar na reunião (de RS);</p> <p>O que eu não gosto na escola – não tem ph no banheiro, os adultos não tomam atitude; não é os adultos, as crianças não melhoram; as maçanetas quebradas, pichação na escola; pessoal sentando em cima da mesa, mesa quebrada, banheiro sujo, falta de funcionário;</p> <p>Regras – quem pichar deve pagar um preço; quem quebrar bebedouro tem que pagar a reforma ou ficar junto com o cara consertando;</p> <p>Teve uma regra assim que foi bom pra sala – muita gente faz <i>bulling</i> – advertência, na 2ª vez advertência, na 3ª vez suspensão e chama os pais – xingamento e provocação;</p> <p>A sala toda só elogiou a professora e mais nada; ela ensina muito bem, no eu critico eu critiquei tudo – minha amiga tava no banheiro e não tem trinco, a pessoa entra, não tem trava, vaso solto, a descarga espirra água;</p>

	<p>Os meninos vão ao banheiro ver as meninas, puxar elas pra fora; meninos provocam, provocam; a hora que eles querem pegar elas, entram no banheiro; não tem como fugir;</p> <p>Mais segurança, no corredor – gente ou câmera;</p> <p>Ajeitar o banheiro – falta – descarga, não tem limpeza, fazem xixi no chão;</p> <p>A gente ficou sabendo que a diretora ia decidir se ia fazer ou não;</p> <p>Só ia acontecer no ano que vem 2012;</p> <p>Na AE foi mais falta de funcionário, que não tomam decisão de nada, e quando tomam, acusam pessoas sem saber quem é;</p> <p>Proposta pra escola ficar melhor; Algumas não podem ser atendidas; A MS fala que vai poder, depois não vai ter mais;</p> <p>A sala fez umas propostas assim – (mascar) chiclete, (chupar) bala;</p> <p>Segurança e melhorar a falta de atenção dos professores na sala – muita coisa acontece na sala que o professor não vê;</p> <p>Câmera e monitores pra o recreio;</p> <p>A professora colocou um envelope eu critico, eu felicito, eu proponho;</p> <p>Pra melhoria da escola em 2012 e você propõe do que você criticou,</p> <p>(felicito) a pintura nas salas durante as férias; Mais aulas de informática que antes não tinha; bebedouro com água gelada, Parque; quadra coberta;</p> <p>Felicita – a sala – os professores ensinam bem; critica – sem professor na aula de inglês;</p> <p>Sendo RS você pode ajudar a melhoria na escola pra todo mundo, mas não pode só você fazendo;</p> <p>a câmera nos corredores; pra ver os maiores que entram aqui; Fizeram uma lista com tudo pra 2012; aí tá tudo – e todos votaram pra 2012 melhor; uniforme – alguns não tem, estão sendo parados na porta, vão ficar na diretoria; alguns grandes tem uniforme mas não usam; Muita polêmica porque quem vem de uniforme, está cumprindo uma regra da escola e todos tem que cumprir;</p>
<p>8 – RELAÇÕES ENTRE OS TEMAS DISCUTIDOS E A APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES/OUTROS APRENDIZADOS</p>	
<p>DIRETORA</p>	<p>Eu acredito numa escola que discute; eu acredito em uma escola em que a pessoa discute, não só as crianças; Os professores às vezes ficam na queixa e isso não é discussão – o que eu falo é discussão mesmo: vamos lá pras vias de fato e qual é o encaminhamento?</p> <p>O que teve muito na escola: a queixa teve bastante, depois chega um momento que eles param de queixar, que é um momento de amadurecimento; Encaminhar é difícil – encontrar dentro da legislação o que é possível da gente fazer? Quando eu pergunto: o que você acha que deveria fazer? É a hora que as pessoas silenciam, porque não é fácil mesmo, que é as pessoas tirarem posições. Tem algumas posições: tem a punição – a suspensão, a advertência, consulta a família, chamar a família, tem algumas coisas que a gente já faz, as tradicionais, aquelas punições que eu considero mais educativas: o menino vai limpar, etc...</p>

	<p>Mas o nó da questão que é a ausência da família, aquele menino que não vai pra casa, aquele que a família não atende... a gente e avança no seguinte sentido _ pegar o e-mail do pai , mandar por e-mail, mandar por carta registrada, manda mensagem por celular isso são sugestões de próprios pais; o pai da CPA, o pai que faz abaixo assinado, pra que a gente consiga nos comunicar com a família;</p> <p>Os professores propõe isso como uma forma de resolver as punições dos meninos. É no nível da punição que essas coisas acabam acontecendo. No nível dos pais, e aí são poucos, eu estou falando dos pais da CPA, basicamente foram os pais que mais atuaram, mais até que os pais do CE, embora alguns sejam comuns, nós estamos falando de 03 pais numa escola de 800 crianças.</p> <p>O que aconteceu esse ano mais que o outro: a gente conheceu mais pais que a gente não conhecia que não vinham e acabam vindo em função da situação que ficou; chamamos uma reunião de pais, foi a maior reunião do ano – pais dos 8os anos pra dizer que havia droga na sala de aula; o que a gente viu esse ano – a depredação foi na sala de aula (exceto o banheiro (quebraram um vidro) ou se reunirem no banheiro pra combinarem coisas, e uma pichação da quadra (2 semestre) ; se tirar isso, a escola não foi depredada, não foi pichada, não foi nada...enquanto que a sala de aula, principalmente 7 e 8s foi de uma forma a-bu-si-va, constante, de uma forma que eu nunca vi; vandalismo mesmo (chutar bebedouro);</p> <p>Aprendizado pros meninos: alguns meninos chegam pra mim e falam: isso eu não quero ser (relata casos de 'abusos' cometidos pelos alunos' e as consequências disso na escola);</p>
VICE-DIRETORA	<p>Aprendem a reivindicar algumas coisas, a ouvir, a descobrir que as pessoas, cada uma acredita ou que tem opiniões diferentes e também é através disso que a gente consegue as coisas – através da entidades;</p> <p>Então, do CE, geralmente são assuntos pontuais, o que não era pra ser, mas realmente, é assim: Pra que que reúne conselho? Reúne CE pra discutir verbas, no que vai ser aplicada, eu acho que também contribui; até pra questão de administração: de administrar o que ganha em casa, de eles estarem contribuindo, que um dia eles vão ser assalariados, vão ter alguma coisa pra administrar...</p> <p>Que mais – foi discutido a respeito de regras de comportamento de aluno, que é a vivência em grupo;</p>
ORIENTADORA PEDAGÓGICA	<p>Eles contribuem, o duro é que fica na base da discussão. [...]</p> <p>Os assuntos versam todos em torno da melhoria da aprendizagem como um todo, muito ficou na fala e pouco na ação; esses assuntos deveriam melhor articulados com a aprendizagem dos meninos; por exemplo, as faltas; uma das METAS era diminuir, eu não vejo onde diminuiu, teria que fazer uma análise como o ano passado (quantos tiveram problema de falta do ano passado com relação a esse ano, aí poderia ver se houve melhora ou não; 10 alunos evadidos, eu acho um número alto; de 728, é mais que 10%; e muitos faltosos; os pequenos nem tanto, mas os maiores; a evasão é dos maiores – ficam fora da sala, faltas, bola de neve, e vai pra reprovação;</p> <p>Deveria ser melhor; outra meta – alfabetização de todos (Mais educação), mas a CPA não acompanhou como é que foi feito esse trabalho com as pessoas; a RPAI é a que mais contribui pra aprendizagem meninos porque é ali que nós vamos discutir sobre a aprendizagem sobre o que eles evoluíram, ou não evoluíram; os demais ficam muito no burocrático, vai fazer tal coisa... E param por aí.</p>
PROFESSORES	<p>Desse ano, não; Depois que as crianças se apropriarem desse espaço, acho que aí sim, elas poderão pensar além do espaço, a função dele; estão bem distante de entender que aquilo que está sendo discutido vai ser colocado em prática, essa prática vai ser sistematizada e acontecer dentro de pouco tempo; as discussões fizeram com que eles vissem a escola de outra forma, mas não num plano de consciência: eu vou participar da ASS e o que decidido lá eu vou acatar e vou fazer; não, eles não tem essa consciência; é um potencial pra que isso se torne uma prática, positiva, relevante, importantíssima, pra pessoa, pro coletivo, pra todo mundo pra vida toda;</p> <p>Ele pode lidar com essa situação em outros momentos na vida e vai usar essas situações de tomar decisões - argumentar, expor sua opinião, dialogar,</p>

	<p>debater, ele vai poder usar isso em outros espaços, mesmo que seja de maneira particular, pra um emprego, pra casa dele;</p> <p>Dificuldade – criar argumento pra defender as ideias deles, ou ter consciência das ideias que eles têm;</p> <p>(Cita caso de) aluno que não escreve, mas escreveu um projeto e ganhou como representante de sala;</p> <p>Os alunos até avaliaram os professores (desempenho) – atribuíram notas; pelo que perceberam, eles querem ter boa aula, querem que o professor seja 'duro';</p> <p>Uma parte dela(demanda da CPA) sim, as duas grandes questões ou desafios desse ano: alfabetização (nos 4 e 5 anos em média 40 alunos em fase de alfabetização); número de não alfabetizados</p> <p>E a questão da violência: reincidência de casos de agressão a professores (física e verbais) limites já foram rompidos; respeito já foi quebrado; não medem palavras pra agredir – e as armas que o professor tem pra lutar contra isso são muito poucas ou quase nenhuma: agride, leva suspensão, fica um dia fora, volta; agride. Leva suspensão e volta e esse processo dura 200 dias letivos; esse é o limite da escola;</p> <p>A escola, pra – conquistar as famílias – CPA vê A escola deve pra passar e romper, conseguir conquistar as famílias, a CPA enxerga que um dos caminhos seria a conquista das famílias;</p> <p>A gente mais aprende a pensar a escola. Olhar a escola como um todo é o principal aprendizado; aprende também que outras pessoas tem outros olhares daquilo que você enxerga de um jeito o outro não necessariamente enxerga do mesmo jeito;</p>
FUNCIONÁRIOS	<p>Eles questionam muito, falam mal de professor, a gente tem que segurar um pouco; não é pra falar mal de professor, é pra melhorar a aula, trazer novidades pra escola; Às vezes (a crítica) tem (fundamento) outras (vezes) não têm, muitos falam querendo cobrar da direção da escola – cópia de livro...</p> <p>Se a pessoa que participa aproveitar a chance que tá tendo, sim.</p> <p>Até no CE são discutidos alguns problemas, se as pessoas que são representantes prestarem atenção, ficam por dentro do que está sendo discutido;</p>
FAMÍLIAS	<p>A gente expõe bastante... questões da educação;</p> <p>A gente passa o melhor pra eles se eles aprenderem o melhor eles vão passar o melhor também;</p> <p>A gente colabora pra que tenha uma educação melhor; daí depende da escola; depende da direção pra por em prática o que a gente fala e discute;</p> <p>A gente julga; vindo a gente aprende o que está acontecendo, a julgar menos ou a julgar melhor;</p> <p>A experiência tá sendo legal, só falta um pouco de AÇÃO, colocar em prática as coisas que a gente fala, não sabe se a direção é barrada ou se algum órgão, ou se nada do que a gente fala vai pra frente...</p> <p>Demandas para o aprendizado das crianças: pelo que está encaminhando, sim, o caminhar é pra chegar nesse ponto;</p> <p>Entre muitos lidar com o outro no coletivo, de cuidar, para tentar mudar para o coletivo, e não para si; não está ali para melhorar só pra ele, melhorando o coletivo ele vai melhorar pra ele.</p>

	<p>O cuidado, a educação, o conhecimento no geral, direitos, deveres, eles já vão se formando, entre muitos são esses;</p> <p>A gente sempre tira um aprendizado – fica refletindo bastante como existem pessoas que ficam preocupadas em melhorar para o cidadão, para a criança, para o outro; à noite, ficam aqui envolvidas, preocupados na melhora pra todos, não é só pra si;</p> <p>A gente não está só pra falar, pra questionar, está pra ouvir, pra ser criticado, às vezes pode estar convicto de que está fazendo tudo certo, e de repente está fazendo tudo errado, se a pessoa fala, agradece;</p> <p>Não é o rei da sabedoria, aprende com criança de 10 anos, fica calado porque sabe que errou...a humildade</p> <p>Aprendeu muito, deu lições positivas, ouviu e vai levar na bagagem;</p> <p>Quando faz parte de um grupo de pessoas mais velhas, mais jovens, mais bem formadas, menos formadas, a gente só tem a aprender;</p> <p>(ser RS) Agrega principalmente a Responsabilidade e disciplina – que o Ser Humano tem que ter, se sentir útil um dos valores da vida; Responsabilidade é isso – a mãe/família ensinar o certo, mostrar a realidade do mundo;</p> <p>(ser RS) Por ele ser responsável foi eleito e por ser eleito, amplia essa responsabilidade na criança, responsabilidade, compromisso;</p>
ESTUDANTES	<p>Aprende a conversar mais, interagir com as pessoas, sobre a escola, sobre algumas partes boas que elogiamos – a diretoria;</p> <p>Forma pro futuro, né...</p> <p>Os grandões(6º ao 9º) tinham passeio bom. A gente ia aprender sobre geografia, lugar perto, todos passeavam, reclamaram na CPA, na sala abriram um passeio legal pra gente; O que a gente ganha passeando? É legal sair da escola, conviver com outra gente; nesse passeio é sobre História, onde viviam os negros (Solar das Andorinhas);</p> <p>Responsabilidade; a vir nas reuniões;</p> <p>Que melhoria queríamos pra escola, o que aumentar, o que poderia fazer ; a diretora anotou e disse que iam tomar uma decisão do que ia fazer;</p> <p>A gente fica sabendo o que vai acontecer na escola;</p> <p><i>Ping pong</i> não colocaram até hoje; o que estão fazendo é do que foi falado na primeira reunião;</p> <p>O que eles (os alunos) querem – várias coisas; vender cone (de chocolate), cantina, MS falou que ia ver;</p> <p>(a sala melhora) Deixa de ser aquela bagunça;</p> <p>Eu acho que estou aprendendo a não brigar.</p> <p>Ajudando os outros eu estou me ajudando ao mesmo tempo;</p> <p>Eu aprendi uma coisa desde o 'prezinho' e nunca esqueci – se você tem um amigo que usa droga ele acabou de roubar um carro, você entra no carro e vê você a polícia vai ter ver e não vai saber..</p>

	<p>Eu não consigo parar de me meter em briga; todo mundo me coloca em briga, já tomei bastante decisão; já parei de brigar;</p> <p>Eu, no meu comportamento eu não posso fazer coisa errada, não posso brigar: senão os outros vão dizer: lá está o representante, brigando; então, o certo deveria ser: eles olharem pra mim e pra Catherine ver que a gente fica quieto, que a gente não vai em confusão, e fazer: vou seguir esse conselho, não vou me meter em confusão, aí vai lá, fica quieto; também pros alunos que gostam de ficar brincando na sala de aula, porque a gente tá fazendo até, ah, já que eles estão se dando bem, vou ficar quieto, vou fazer minha tarefa, vou me esforçar e um dia vou ficar que nem eles;</p> <p>Porque muita gente vai olhar e vai dizer – olha, eles estão lá quieto, fazendo atividade, enquanto a gente tá aqui brincando; e vai olhar e refletir: nossa, a gente deveria estar fazendo atividade, a gente tá fazendo uma coisa errada aí vai sentar e vai fazer atividade, e vai se dar melhor, vai passar de ano,</p> <p>Melhorando a escola, melhoram os alunos, todo mundo aqui briga por causa de uma coisa, por causa da escola – essa aqui é minha área – mais banco, eles sentariam não teria discussão; dividir a quadra, cada dia uma turma,</p> <p>Tem muitos alunos que estragam a escola – chutando, quebrando, - se eles tomassem atitude de fazer: vou ficar quieto pra escola melhorar e a gente poder brincar e se divertir, vou parar de fazer bagunça; e vou ajudar a consertar a escola;</p> <p>Pra mim é importante porque a gente pode desabafar porque pode melhorar a escola;</p> <p>A prender a ser mais calmo, porque pra ajudar o colega tem que ter calma, não pode ser nervoso;</p> <p>Ser paciente com os alunos;</p> <p>Até fazer faculdade, até lá tem muito que aprender;</p> <p>Quando for trabalhar, chefe manda a fazer uma coisa, vai lá e faz; não responde; tem chefe que é ranzinza, então a gente não vai conseguir nada.</p> <p>Arrecadamos leite para os velhinhos. Fizemos campanha pro Lar dos Velhinhos;</p> <p>Aprende que tem que repartir as coisas com alguém, com quem não tem nada, que já foram da nossa idade...</p> <p>Tem mais responsabilidade consigo mesmo, com os colegas, com a turma;</p> <p>Pra deixar a sala melhor, ajuda a escola a melhorar o ensino;</p>
--	---

5.3 – Categorias que emergiram com as entrevistas, aproximadas aos conteúdos das observações e análise documental

A partir das categorias 1,7 e 8, buscou-se realizar as aproximações possíveis entre essas categorias que emergiram das entrevistas aos conteúdos, quando houve, das reuniões de CPA, das reuniões de CE, da análise documental, reunião de negociação e Assembleia de Estudantes.

Os quadros que seguem ilustram esse processo.

Quadro 23 - A partir das categorias que emergiram das entrevistas, este quadro demonstra as aproximações aos conteúdos das observações das reuniões de CPA

1 – A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA/FUNÇÃO DA ESCOLA/ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO/PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM/ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA (CICLOS)

7 – ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO/TEMAS/ARTICULAÇÃO ENTRE OS TEMAS/PAUTAS

<p>1ª.12.04. CPA</p>	<p>Foi distribuído o informativo número 03 referente a MAIO/2011 onde os presentes poderiam acompanhar as metas.</p> <p>O item 1 – Redução do número de falta dos alunos foi um tema votado para permanecer;</p> <p>O item 2 – Reduzir em 70% o número de alunos que não entregam trabalhos – a professora argumenta que esse dado não seria abrangente da escola toda e se refere apenas aos estudantes do 6º ao 9º ano, portanto, não constaria mais do plano;</p> <p>O item 3 – Trabalho com projetos e interdisciplinar – deveria ser discutido com os professores, portanto, não foi apreciado pelo grupo por tratar-se de um aspecto diretamente ligado aos professores;</p> <p>O item 4 - Funcionamento dos equipamentos pedagógicos, parque, LIED e biblioteca – esta meta já foi cumprida em 2010, portanto, seria eliminada;</p> <p>O item 5 – A alfabetização de todos os alunos – essa meta permanece;</p>
<p>2ª.09.06 CPA</p>	<p>A reunião esclareceu a função da CPA e que as metas são desafios sobre as prioridades, as urgências;</p> <p>Temas abordados: metas (inclusão da 4ª meta: Ampliar a participação da família na escola) relação família escola: presença da família e a responsabilidade da mesma na aprendizagem dos alunos; motivos reais das ausências dos alunos no que diz respeito à escola (escola atraente?)</p> <p>Das 4 metas, 3 já vieram prontas, com algumas ações pensadas com o grupo de professores; 01 meta surge no encontro mas é sugerida pela Diretora;</p> <p>Projetos na escola</p> <p>Querem saber com os pais- ideias para esses desafios/metras; Por exemplo, já têm ideias que foram tiradas em reuniões com professores: Palestras, Parcerias com ONGs, Parceria com universidade (PUC) estão mapeando os problemas através do projeto O Voo da água.</p> <p>Profª justiça restaurativa é um projeto que funciona como justiça, explica como se dá esse processo; Diretora explica com exemplo – CMDCA e Vara da Infância;</p> <p>Ações de reforço para alfabetizar (meta)</p> <p>- mediação – o aluno é atendido em número pequeno;</p>

	<p>- reforço no contra turno mas faltam muito;</p> <p>- oficinas – Projeto do Governo Federal “Mais Educação” que oferece oficinas (jogos culturais, música, teatro);</p> <p>Articulação dos problemas com as metas:</p> <p>Os alunos faltam – por que?</p> <p>Os pais não valorizam a escola – por que?</p> <p>As aulas não são atraentes – por que?</p>
3ª CPA 07.07	<p>Reunião da cpa 07/07/2011 pauta: Acolhida dos membros, Firmar compromisso de participação dos membros nas reuniões; Estabelecer o melhor dia para as mesmas; Breve apresentação da CPA e apresentação das metas (leitura do texto em anexo, contendo as 4 metas);</p> <p>Reunião por setor para discutir: Quais os empecilhos para a sua participação efetiva na CPA? Acredita que a CPA seja um órgão que pode fazer a diferença na escola?</p> <p>O item 1 – A alfabetização dos alunos;</p> <p>O item 2 – Redução do número de falta dos alunos;</p> <p>O item 3 – Diminuição da violência na escola;</p> <p>O item 4 - Ampliação da participação da família na escola;)</p> <p>Projetos desenvolvidos na escola</p> <p>A – projetos que são desenvolvidos na escola:</p> <p>1 - O voo da águia – em parceria com a PUCC (psicologia)</p> <p>2 – PROGEN – Programa Gente Nova – processos culturais – teatro, biblioteca, etc;</p> <p>3 – Projetos dos Professores: violão, mediação, biblioteca;</p> <p>Com a intenção de melhorar as condições culturais das crianças;</p> <p>Percebo que houve um esforço coletivo para pensar metas e ações para o PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL, para concretizar as solicitações da SME quanto à CPA, adequando à realidade da escola.</p>

4ª CPA 13.09	<p>Pauta: Boas vindas aos participantes</p> <p>Discussão das ações já observadas</p> <p>Eleição das demandas para enviar à SME</p> <p>A função dos pais e alunos: o que cada um pode estar fazendo para que alcancemos as metas?</p> <p>Em anexo vem um texto sobre as ações da CPA 2011:</p> <p>Mural com apresentação das metas 1 – Alfabetização de todos; 2 diminuir o número de faltas; 3 – diminuição da violência na unidade; 4 – trazer a família pra escola;</p> <p>Para o dia 16 (encontro de negociação) ver cinco demandas que a escola precisa com urgência e seus impactos na aprendizagem (qualidade na educação)</p> <p>1 – falta de inspetor de alunos/educador/agente de apoio escolar(4 por período)</p> <p>2 – falta de professores de inglês (1 ao 5)</p> <p>3 – acessibilidade da escola – rever rampas, escadaria, banheiro adaptado</p> <p>4 – câmeras blocos A, B e pátio;</p> <p>5 – arborizar o terreno ao lado da escola; (as três últimas foram levantadas na hora)</p> <p>Pai informa contato com delegado para fazer um trabalho com a escola (as bases da PM abrem as portas pra escola visitar)</p> <p>Temas: motivos das faltas dos alunos (estudos realizados pela escola); Discussão das ações já observadas; eleição das demandas para enviar à SME para a reunião de negociação; a função dos pais e alunos: o que cada um pode estar fazendo para que alcancem as metas?</p> <p>Projetos</p> <p>Diretora inicia a reunião falando sobre o projeto 'O Voo da Águia' em parceria com a professora da PUC (psicologia);</p> <p>PROGEN é parceiro da escola, acolhe crianças desassistidas;</p>
--------------	--

5.ª. CPA. 29.11	<p>Temas: encontro de negociação (1º de dezembro) Metas da escola para 2011</p> <p>1 – Alfabetização de todos;</p> <p>2 diminuir o número de faltas;</p> <p>3 – diminuição da violência na unidade;</p> <p>4 – trazer a família pra escola;</p> <p>E as ações da CPA 2011 concretizadas:</p> <p>1- Projeto mediação, oficina de alfabetização, Projeto voo da águia;</p> <p>2 - Reunião pontual com pais destes alunos, apresentando gráfico, tabela, com dados; elaborar carta ao Conselho Tutelar, para casos graves;</p> <p>3 – Palestra com Nelson Hossri, ofício ao PROIN, Palestras com psicóloga Raquel Guzzo para professores , parcerias com ONG – TABA, PUC, Palestra com o instituto Padre Haroldo;</p> <p>4 – Dia da família na escola – em junho; outro para Outubro/Novembro; Seminário com a família, alunos e professores e palestra para alunos dos anos finais (6,7,8º) – com instituto Pe. Haroldo;</p> <p>Demandas urgentes da escola para SME:</p> <p>1 – falta de inspetor de alunos/educador/agente de apoio escolar(4 por período)</p> <p>2 – falta de professores de inglês (1 ao 5)</p> <p>3 – acessibilidade da escola – rever rampas, escadaria, banheiro adaptado</p> <p>4 – câmeras blocos A, B e pátio;</p> <p>5 – arborizar o terreno ao lado da escola; (as três últimas foram levantadas na hora)</p> <p>Projetos – Mais educação</p> <p>Palestra com Nelson Hossri, ofício ao PROIN, Palestras com psicóloga Raquel Guzzo para professores , parcerias com ONG – TABA, PUCCAMP, Palestra com o instituto Padre Haroldo;</p>
8 – RELAÇÕES ENTRE OS TEMAS DISCUTIDOS E A APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES/OUTROS APRENDIZADOS	
---	----

Quadro 24 - A partir das categorias que emergiram das entrevistas, este quadro demonstra as aproximações aos conteúdos das observações das reuniões de CE e análise documental dos livros de Ata	
1 – A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA/FUNÇÃO DA ESCOLA/ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO/PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM/ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA (CICLOS)	
CONSELHO DE ESCOLA - OBSERVAÇÕES	ANÁLISE DOCUMENTAL – LIVROS CE
7 – ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO/TEMAS/ARTICULAÇÃO ENTRE OS TEMAS/PAUTAS	
	AD ATA CE 11.02
	<p>Eleição e posse do CE</p> <p>Regras da escola</p> <p>Horário de Entrada e saída de alunos; pintura e reforma do prédio</p> <p>Solicitação aos pais para conscientizar os filhos da preservação</p> <p>Inscrição de alunos retidos para reclassificação</p> <p>Falta de livros didáticos</p> <p>Falta de funcionários (inspetor de alunos); Troca dos funcionários terceirizados</p> <p>Indisciplina dos alunos e regras de punição</p> <p>Alunos que não realizam tarefas – comunicado aos pais</p> <p>Agressão – contato imediato com as famílias</p> <p>Proibido o uso de celulares e semelhantes</p> <p>Chicletes e Balas</p> <p>Uso obrigatório dos uniformes</p> <p>Falta professor de Inglês</p> <p>Ações para a escola voltar a ser 1 ao 9(abaixo assinado para o Secretário)</p>
1CE 09.08	AD ATA CE 09.08

<p>Diretora inicia a reunião relatando sobre a ocorrência com Droga na escola;</p> <p>PROJETOS</p> <p>IA informa que já retomou as atividades do grupo – JOCAD mirim – espécie de grupo de teatro que dramatiza músicas e situações de uso de drogas; PROIN – Guarda Municipal desenvolve trabalho de orientações sobre prevenção ao uso de drogas semelhante ao PROERD realizado pela Polícia Militar - tia de aluno sugere contato); PROGEN - Amanda vai colaborar com a escola;</p> <p>PROBLEMAS</p> <p>A vice-diretora informa sobre as dificuldades que a equipe está enfrentando com a fusão das duas escolas, o quanto piorou; a tia de aluno diz que deixa o sobrinho e não sente confiança em deixar; não pela equipe, mas por alguns alunos; a tia sugere solicitar a presença de duas guardas da guarda municipal; a diretora prefere que a sme sirva a escola, que assuma a necessidade que a escola tem de inspetores de alunos; diretora justifica o porque não solicita o policial: para lidar com alunos tem que ser educadores; vice-diretora pergunta então se não chama pais? justifica que também cria situação de tensão; diretora diz que as serventes terceirizadas não podem olhar as crianças; tia de estudante afirma que a gestão, então está de mãos atadas...</p> <p>A funcionária sugere que os pais se mobilizem.</p> <p>o segundo assunto foi a retificação da ata da AAE – Erro de digitação e quando foi ao banco foi apontado o erro. Por causa disso estão sem poder usar cheques porque dependem da assinatura dos novos membros do CE.</p> <p>Percebi situação difícil, onde não parecia haver uma saída favorável (impasse) quando são oferecidas algumas sugestões para a melhoria do cotidiano e a direção justifica o 'porquê não' em todas elas;</p> <p>Articulação com outros espaços</p> <p>Diretora conta que também tiveram uma reunião com a SME para tratar da continuidade dos 9ºs anos ou retorno dos 9ºs para a escola;</p> <p>A tia sugere solicitar a presença de duas guardas da Guarda Municipal; Diretora prefere que a SME sirva a escola, que assuma a necessidade que a escola tem de inspetores de alunos; Diretora justifica o porque não solicita o policial: para lidar com alunos tem que ser educadores;</p>	<p>Drogas – pais foram chamados pra tomar ciência do ocorrido;</p> <p>medidas: PROIM, JOCAD, palestras,</p> <p>PROJETOS</p> <p>PROIM, JOCAD, palestras,</p> <p>Retificação da ata da Diretoria Executiva</p>
	<p>AD ATA CE EXTR 11.08</p>

	Aprovação do Plano de Aplicação
	AD ATA CE 16.09
	Balancete APM, conta escola, gastos PDDE, verba e conta do Banco do Brasil, drogas e parcerias PROJETOS – TABA, ONG, etc
2 CE 19.10	AD ATA CE 19.10
Assunto da pauta: Informes sobre verba PDDE/MEC, aquisições para escola de três verbas – Conta escola 9000,00; FNDE PDDE/MEC e + Educação 120.000,00, cada verba tem atas e livros próprios; melhorias na estrutura (parque); alunos suspensos, reações da família quando é chamada; Articulação com outros espaços Professor (Mat) informa que solicitaram em TDC que trouxessem o nome do aluno JRM (4º ano D) para a Reunião de CE	Uso de recursos, Mais educação, PDDE, manutenção do parque, corrimão nas escadas, vidros, alambrado, caso de aluno J. Leitura de relatório de professores Mãe ira conversar com a família Convocação do CE com a presença da família (há outras propostas que não são aceitas nem votadas)
	AD ATA CE 27.09
	Balancetes de APM e Conta Escola Prioridades de gastos com PDDE 2011; Uso de Drogas e violência(a/a e a/p) Faltas dos alunos – não tratou Aprovação dos gastos Projetos Vinda de palestrante e parceria com ONGS
	AD ATA CE 24.10

	<p>Aluno JRM</p> <p>recursos PDDE, Conta Escola</p> <p>Segurança,(ronda escolar), falta de funcionários</p> <p>9x1 votam pela transferência do aluno;</p> <p>Encaminhamento para Psiquiatra/psicólogo;</p> <p>Aprovação da prestação de contas</p> <p>Articulação com outros espaços</p> <p>Ofício à GM para ficar uma viatura na porta da escola</p>
	<p>AD ATA CE 11.11</p> <p>Alunos que estão dando problema</p> <p>Planejamento 2012,</p> <p>falta de funcionários,</p> <p>Guarda Municipal/segurança</p> <p>medidas disciplinares para alunos</p> <p>Ação escola+ família e providenciar as ocorrências dos alunos</p> <p>planejamento 2012 – saem os 8ºs</p> <p>Não tem concurso para Inspetor de Alunos</p> <p>Articulação com outros espaços</p> <p>Guarda municipal na E/S dos alunos e palestra para pais; mais um vigilante da GOCIL</p> <p>Relatório das ocorrências e encaminhar pra Vara da Infância para o juiz avaliar.</p>
<p>8 – RELAÇÕES ENTRE OS TEMAS DISCUTIDOS E A APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES/OUTROS APRENDIZADOS</p>	
<p>====</p>	<p>====</p>

Quadro 25 - A partir das categorias que emergiram das entrevistas, este quadro demonstra as aproximações aos conteúdos das observações das reuniões de negociação e AE	
01.12	05.12
Encontro de negociação	Assembleia de estudantes
1 – A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA/FUNÇÃO DA ESCOLA/ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO/PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM/ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA (CICLOS)	
===	===
7 – ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO/TEMAS/ARTICULAÇÃO ENTRE OS TEMAS/PAUTAS	
<p>Apresentação da escola/ Metas do plano de AIP</p> <p>Estratégias para melhorar os saberes dos estudantes</p> <p>Gráficos</p> <p>Mudanças geradas a partir das estratégias</p> <p>Ações positivas 2011 – (Conquistas CPA)</p> <p>Demandas</p>	relação estudante-estudante, danos ao patrimônio, uso do uniforme;
8 – RELAÇÕES ENTRE OS TEMAS DISCUTIDOS E A APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES/OUTROS APRENDIZADOS	
====	====

CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo será descrita a análise dos dados. Inicialmente serão apresentados os quadros referentes às instâncias CE, CPA e AE e a frequência com que os temas aparecem.

Os dados foram classificados pelas instâncias observadas por meio de análise dos documentos e entrevistas, procedendo ao rastreamento dos conteúdos e agrupando-os provisoriamente dentro do que pareceu ter pertinência e similitude.

A partir da pré-análise foi possível delimitar os temas que predominaram nas diferentes instâncias observadas: CE, CPA e AE e a frequência com que esses temas ocorreram.

Em seguida serão apresentadas as categorias de análise construídas no decorrer desse estudo e por meio das quais pretende-se obter elementos para responder aos objetivos da pesquisa:

- Identificar que demandas se originam nas práticas que compõem o sistema participativo – (CPA, Conselho de Escola e assembleias) e se elas se voltam para a melhoria na relação entre o professor e os estudantes;
- Identificar a relação entre o processo avaliativo e educativo, se tem se constituído enquanto espaço de formação de valores e quais;
- Identificar que aprendizados (outros) os segmentos apontam serem construídos nesse exercício.

6.1 – Conselho de Escola (CE)

As tabelas a seguir demonstram os temas coletados na instância Conselho de Escola por meio das observações, análise documental e a frequência com que aparecem:

Tabela 10 – Temas do Conselho de Escola a partir das observações e frequência de aparição

FONTE: OBSERVAÇÕES DAS REUNIÕES DE CE E REGISTRO EM DIÁRIO DE CAMPO						
A	B	C	D	E	F	G
ELEIÇÃO E POSSE	REGRAS/MEDIDAS DISCIPLINARES	APLICAÇÃO DE RECURSOS (PLANO E APROVAÇÃO DAS CONTAS)	INFRAESTRUTURA (REFORMA, REPAROS, MANUTENÇÃO)	SEGURANÇA	RECURSOS HUMANOS	PLANEJAMENTO E FUNCIONAMENTO ESCOLAR
0	4	2	1	0	0	0

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Tabela 11 – Temas do Conselho de Escola a partir da análise das Atas e frequência de aparição

FONTE: ANÁLISE DOCUMENTAL – ATAS DO CONSELHO DE ESCOLA 2011						
A	B	C	D	E	F	G
ELEIÇÃO E POSSE	REGRAS/MEDIDAS DISCIPLINARES	APLICAÇÃO DE RECURSOS (PLANO E APROVAÇÃO DAS CONTAS)	INFRAESTRUTURA (REFORMA, REPAROS, MANUTENÇÃO)	SEGURANÇA	RECURSOS HUMANOS (RH)	PLANEJAMENTO E FUNCIONAMENTO ESCOLAR
1	8	5	1	2	2	3

Fonte: Documentos da Escola

Na observação das reuniões de Conselho de Escola que totalizaram duas reuniões observadas, percebeu-se que os assuntos com frequência predominante foram as regras e medidas disciplinares, em função de muitas queixas em torno do comportamento dos estudantes. Em seguida aparece a aplicação dos recursos e ao final, as questões sobre a infraestrutura da escola.

Na análise documental das atas de CE que totalizaram sete reuniões, percebeu-se a predominância de frequência no tema regras e medidas disciplinares, em função de queixas e denúncias sobre o uso de drogas e atitudes de violência praticada por alguns estudantes.

A aplicação dos recursos também é recorrente, uma vez que o CE é a instância de aprovação do uso/destinação dos diferentes recursos recebidos pela escola.

O tema sobre o planejamento e funcionamento escolar vem a seguir e revela que esse espaço também pauta questões relacionadas diretamente ao processo ensino aprendizagem, como os projetos, horários de aulas e atividades pedagógicas e falta de professor na disciplina de Inglês.

Os temas segurança e RH aparecem menos, mas revelam a mobilização em torno dos temas, uma vez que foi apontada a necessidade de mais funcionários (inspetores de alunos) para o controle da disciplina e medidas de segurança, como a instalação de câmeras nos corredores.

A infraestrutura também aparece pouco, mas a escola passou por pintura recente (início de 2010) e a manutenção é constante.

A eleição e posse, por ocorrerem apenas no início do ano, aparecem apenas uma vez.

6.2 – Comissão Própria de Avaliação (CPA)

As tabelas a seguir demonstram os temas coletados na instância da Comissão Própria de Avaliação (CPA) por meio das observações, da análise documental e da frequência com que aparecem:

Tabela 12 – Temas da Comissão Própria de Avaliação a partir das observações e frequência de aparição

FONTE: OBSERVAÇÕES E REGISTRO EM DIÁRIO DE CAMPO						
A	B	C	D	E	F	G
OBJETIVOS, FUNÇÃO, FINALIDADES, CRONOGRAMA E FUNCIONAMENTO DA CPA	REGRAS/ MEDIDAS DISCIPLINARES USO DO UNIFORME	PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL : METAS E AÇÕES	INFRAESTRUTURA (REFORMA, REPAROS, MANUTENÇÃO)	SEGURANÇA VIOLÊNCIA DROGAS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	PLANEJAMENTO E FUNCIONAMENTO ESCOLAR PROJETOS, LIED, BIBLIOTECA, TRABALHO PEDAGÓGICO E/A
6	1	5	1	1	1	2

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Tabela 13 – Temas da Comissão Própria de Avaliação a partir da análise das Atas e frequência de aparição

FONTE: ANÁLISE DOCUMENTAL – ATAS DE REGISTRO DAS REUNIÕES DE CPA						
A	B	C	D	E	F	G
OBJETIVOS, FUNÇÃO, FINALIDADES, CRONOGRAMA E FUNCIONAMENTO DA CPA	REGRAS/ MEDIDAS DISCIPLINARES USO DO UNIFORME	PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL - METAS E AÇÕES	INFRAESTRUTURA (REFORMA, REPAROS, MANUTENÇÃO)	SEGURANÇA VIOLÊNCIA DROGAS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	PLANEJAMENTO E FUNCIONAMENTO ESCOLAR PROJETOS, LIED, BIBLIOTECA, TRABALHO PEDAGÓGICO E/A
10	2	8	4	2	5	10

Fonte: Documentos da escola

Nas observações das reuniões de CPA que totalizaram cinco reuniões percebeu-se a frequente predominância do tema sobre os objetivos, função, finalidades cronograma e funcionamento da CPA. Entendemos que esse fato se

deva à necessidade de formação dos membros sobre a representação da CPA para a escola e seu sistema avaliativo. Levamos em conta outro fator sobre os integrantes da CPA, alguns participantes já eram membros no ano anterior e outros estavam iniciando naquele ano.

O Plano de Avaliação com as metas e ações vem em seguida e revela também uma pauta voltada para as questões pedagógicas, com prioridade na alfabetização e na *infrequência* de alguns estudantes (Anexo 3).

O tema sobre o planejamento e funcionamento escolar vem a seguir e revela uma pauta com questões relacionadas diretamente ao processo ensino aprendizagem, como os projetos, horários de aulas e atividades pedagógicas e falta de professor na disciplina de Inglês.

Os demais temas, regras, infraestrutura, segurança (violência, drogas), RH e recursos materiais, denotam que essas questões permearam o debate sem ter predominância sobre as questões diretamente ligadas ao processo ensino aprendizagem.

Na análise documental das atas de CPA que totalizaram cinco atas percebeu-se a predominância do tema sobre os objetivos, função, finalidades cronograma e funcionamento da CPA. Pelos mesmos motivos citados na observação, entendemos que esse fato se deva à necessidade de formação dos membros sobre a representação da CPA para a escola e seu sistema avaliativo.

Em igual número de ocorrências, o tema sobre o planejamento e funcionamento escolar, envolvendo horários de aulas e projetos e atividades pedagógicas é indicador de que essas questões pedagógicas foram pautadas de forma predominante nessas reuniões.

Em seguida aparece o Plano de Avaliação com as metas e ações (Anexo 3) que revelam também uma pauta voltada para as questões pedagógicas com prioridade sobre a alfabetização e a infrequência de alguns estudantes.

Os temas de RH e recursos materiais, próximos às questões de infraestrutura denotam que essas questões permearam o debate, sem, contudo, serem predominantes sobre as questões diretamente ligadas ao processo ensino aprendizagem. Questões sobre a segurança, indisciplina, regras e medidas disciplinares foram as que apareceram em menor número nessa instância.

6.3 – Assembleia de Estudantes (AE)

Os quadros a seguir demonstram os temas coletados na instância da Assembleia de estudantes (AE) por meio das observações e análise documental e a predominância no tema regras e medidas disciplinares e uso do uniforme:

Quadro 26 – Temas da Assembleia com Representantes de Sala a partir das observações

FONTE: OBSERVAÇÕES E REGISTRO EM DIÁRIO DE CAMPO						
	B					
	REGRAS/ MEDIDAS DISCIPLINARES USO DO UNIFORME					

Fonte: Anotações em Diário de Campo (2011)

Quadro 27 – Temas da Assembleia com Representantes de Sala a partir da análise de documento da escola

FONTE: SÍNTESE DA ASSEMBLEIA DOS ESTUDANTES 2011 (Anexo 8)						
	B					
	REGRAS/ MEDIDAS DISCIPLINARES USO DO UNIFORME					

Fonte: Documento da Escola

Na observação da AE bem como comparativamente ao documento elaborado pela equipe gestora, percebeu-se a predominância do tema regras e medidas disciplinares e uso do uniforme. Faz sentido uma vez que essa

assembleia tinha como objetivo o levantamento de regras para o funcionamento da escola no ano seguinte (2012).

6.4 – As categorias de análise

Por meio do roteiro da entrevista, buscamos delinear os caminhos desse estudo para chegarmos às questões que estruturaram o eixo da pesquisa. A partir das manifestações dos sujeitos entrevistados buscamos confrontar o observado e o coletado nos registros documentais com as hipóteses iniciais deste estudo. Nesse movimento, emergiram algumas categorias de análise, o que possibilitou efetuar a triangulação dessas informações. Dentre as categorias foram selecionadas aquelas que mais se relacionaram com os objetivos da pesquisa, a saber:

- 1 – A importância da escola, as funções da escola – instrução e formação, o clima escolar, a qualidade da escola;
- 2 – Os espaços de participação, os temas e a articulação entre os temas;
- 3 – As relações entre os temas discutidos e as aprendizagens dos estudantes e outros aprendizados.

6.4.1 - A importância da escola, as funções da escola – instrução e formação, o clima escolar e a qualidade da escola

Como já foi dito, a escola está situada em um bairro da região Noroeste e passou por recentes mudanças, de prédio e de organização geral, com previsão de encerramento gradativamente do atendimento aos anos finais, tendendo a permanecer apenas com o atendimento de 1º ao 5º ano.

O prédio atual conta com salas amplas e devido à mudança, a escola passou por adequação de turmas e espaços, mas curiosamente, a ampliação do número de salas de aula, coincidiu com a redução no atendimento, o que causou descontentamento entre alguns docentes, estudantes e familiares. Nas

observações foi percebida a divisão de opiniões entre os docentes de 1º ao 5º e os docentes de 6º ao 9º anos.

A fala da diretora revela a ruptura presente nos grupos de docentes, expõe as trajetórias que esse movimento promove e ressalta a repercussão no trabalho coletivo da escola, de forma global:

Se eu for separar, eu tenho uma escola de 1º ao 5º e de 6º a 8ª; 6º ao 9º tem uma característica e 1º ao 5º tem outra; isso em todo lugar; o que se faz com isso aqui, os professores de 1º ao 5º – esse ano aqui – que tem poucos funcionários; eles assumiram, na prática, acabam fazendo coisas, que antes eles não faziam; por exemplo, tirar *Xerox*, um professor acaba tirando *Xerox* pra todo mundo pra poder o *Xerox* sair porque não tinha ninguém; o recreio – não tem ninguém pra ficar lá, então eles organizaram quem come e quem olha, e outros processos assim, aqueles mais miúdos, do cotidiano, nos passeios, quem controla se todos estão, ligar pro pai, etc... 1º ao 5º isso é tranquilo para os professores; 6º a 8º o processo todo era mal elaborado, prejudicado (D.C., dez.2011. Entrevista com a diretora).

Essa ruptura é perceptível também na fala da OP e como isso reflete no trabalho com os estudantes:

Eu estou aqui há um ano, acho que tem muitas coisas boas nessa escola, os professores de 1º ao 5º trabalham bem legal, tem muito material, tem muito recurso; Alguns professores (6º ao 9º) não acreditam muito na escola e aí quando você não acredita na escola, não acredita nos meninos, você pode fazer o melhor trabalho que não vai... Se você não acredita você não alcança mais os meninos porque eles que já estão longe da escola, estão distante da escola, como é o caso de muitos aqui, você não alcança mais (D.C., dez.2011. Entrevista com a OP).

O tempo é uma questão urgente, segundo a OP, para que a escola reencontre seu rumo:

É uma escola de qualidade, mas que perdeu o foco perdeu o rumo e precisa entrar de novo no prumo senão a gente vai continuar ano após ano, simplesmente massacrando os meninos, sofrendo todo mundo porque eles também sofrem e deixando o tempo passar (D.C., dez.2011. Entrevista com a OP).

Ainda sobre ‘as duas escolas’ percebidas pela diretora ela avalia que a escola tem muita importância, entretanto, alguns fatores como a organização do

sistema em ciclos, a retenção por ausências, tem favorecido para que alguns docentes descuidem do aspecto da instrução, conforme desabafa:

Muito mais do que as pessoas tem noção porque elas estão muito fixadas naquela coisa do conteúdo e isso foi a coisa que nós mais perdemos. Com essa discussão toda de que a criança tem que passar de ano, de que só reprova por faltas, de que o Sistema, a Secretaria, sei lá quem, só quer que passe criança, isso deu pra alguns maus professores a justificativa pro mau trabalho; É assim? Então tá...então vamos passar. Então quando você olha os documentos que ele tem que apresentar, ou quem ele tá atendendo de fato no TDI, no CHP, projeto, o tipo de responsabilidade é diferente, é menor prejudicado (D.C., dez.2011. Entrevista com a diretora).

De outro ponto de vista o segmento de funcionárias, aponta que os conteúdos escolares têm sido tratados com pouca seriedade, a organização da escola (ciclos) favorece que haja pouca motivação para aprender e há outros espaços mais atraentes, onde possam extrair certos conteúdos escolares:

As crianças tem perdido o interesse pela escola na parte da aprendizagem: falta de motivação; não tem mais aquela motivação de tirar 9, 10; passar de ano tá fácil; importante é passar de ano, e isso tá muito fácil; a gente não vê mais aquele compromisso, aquela responsabilidade; a maioria não tem aquele interesse por aprender; tudo é muito mais fácil, tem muita informação – tv, *internet*- muita informação; professor pede um trabalho entra na internet e imprime - já tá pronto; não tem mais aquilo de pegar um livro, estudar, é uma pena prejudicado (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

O segmento dos estudantes também avalia a organização da escola e desvelam outra face nos processos de sala de aula como a falta de professor na disciplina de inglês, um exemplo de diversidade na forma de aprendizagem e ratificam o declínio na qualidade:

Tem quatro pessoas não alfabetizadas – o aluno F. tem um tipo de deficiência – não consegue aprender na mesma velocidade que a gente; às vezes ele consegue fazer, ele tenta, mas ele tem capacidade de aprender, quando ele quer, ele aprende. [...] a escola mudou muito, era boa e mudou muito, pra pior. O ano passado; estava bom; pode melhorar algumas coisas; algumas pessoas acham que 8^o ano deve ficar, outras acham que deve sair, dá pra melhorar mais, tá mais ou menos. O ensino é ótimo. Falta aula de inglês hoje (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento dos estudantes).

As múltiplas visões revelam as contribuições e influências de cada segmento no reconhecimento da importância da escola. Entretanto, ainda que pareçam unânimes ao serem portadoras de reivindicações por um processo educativo sério e qualificado, é visível a contradição entre a visão dos estudantes e a da direção. A primeira reconhece o sentido real da inclusão, ao identificar ao menos duas formas diferentes de aprender. A segunda, entre outros fatores, denuncia a concepção equivocada e que revela uma deformação no perfil do docente para com as suas responsabilidades docentes em relação ao trabalho pedagógico dentro da organização em ciclos, promovendo conscientemente a *eliminação adiada* (FREITAS, 2005 p.11) ⁶².

Essas questões se não forem tratadas em profundidade bem como o devido apoio aos docentes podem não garantir uma visão ampliada sobre os princípios da política bem como as informações necessárias para o enfrentamento das dificuldades reais vivenciadas por eles e põem em risco os objetivos e finalidades da escola.

A política da mudança do sistema seriado para a organização por ciclos foi implantada em 2006 para os anos iniciais e 2008 para os anos finais do ensino fundamental, na Rede Municipal de Campinas. Entretanto, desde 2005 o Departamento Pedagógico (DEPE) vem promovendo reflexões em torno da organização por ciclos⁶³.

No contexto atual, onde a escola está organizada por ciclo, as exigências com a questão da aprendizagem e práticas avaliativas são tão grandes ou maiores do que as anteriores, com o sistema seriado, uma vez que agrega ao trabalho da escola a dimensão da qualidade social.

⁶² O conceito de eliminação adiada é proposto para explicar as novas formas de exclusão que as reformas educacionais podem estar gerando. Disponível em: http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/48_dossie_freitaslc_1.pdf. Acessado em 12.01.2013.

⁶³ Diretrizes para a escola de 9 anos organizada em ciclos – Subsídios para estudos na escola. Documento elaborado pelos coordenadores pedagógicos do Ensino Fundamental: Eliana de Souza, Elisabete Pimentel, Gláucia C. Moreto, Júlio A. Moreto, Sônia Losito, Sônia Regina F. de Oliveira. Assessoria da Prof. Dirce Djanira Pacheco Zan.

6.4.1.2 – As funções da escola – instrução e formação

Reconhecida como espaço de instrução, como é apontado na fala da vice-diretora, a escola ainda é considerada como o espaço privilegiado para a busca de conhecimento e formação do cidadão:

Conhecimento científico, mas que também leva a formar cidadãos. Na verdade é assim: o que a criança busca na escola? Busca conhecimento. Conhecimento científico o que seria? Português – gramática; você busca conhecimento pra você ser alguém; como que poderia te explicar... algumas coisas, o espaço é só da escola. O conhecimento mesmo é nosso, é daqui, só que também juntamente com isso, vem a convivência com o outro; e cada um é de um jeito; isso propicia a troca de experiência (D.C., dez.2011. Entrevista com a vice- diretora).

A formação escolar como possibilidade de melhorar de vida e preparar para a conquista de um trabalho no futuro está presente na fala do segmento de funcionárias:

Os alunos tem que ter uma formação; eu estou referindo ao conhecimento pra ter a capacidade para ter o diploma; todo trabalho hoje precisa de um diploma (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

E:

É um apoio a mais, mas é o papel dela; a outra função – na coisa de ensinar conteúdo – de passar, de ensinar, a criança aprender, não só a ser um cidadão melhor, mas aprender pra poder encarar faculdade; preparar a criança pro futuro; termina o ensino médio pra ser alguma coisa; eu falo – se não estuda vai ser o quê? (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

Segundo o segmento de pais, para alcançar um futuro melhor os estudantes dependem da escola e do ensino: “Dar estudo que venha complementar a vida delas para o futuro e dependem muito da escola, do professor...” (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

A vice-diretora destaca outras características para a escola, como espaço de trocas, de crescimento pessoal e profissional por meio dos conflitos e das relações estabelecidas entre as pessoas, nas experiências e nos diferentes olhares que cada qual traz para esse espaço:

Na verdade é um espaço de trocas; onde você convive com as diferenças e aprende com elas; é um espaço de extrema importância pra todos: pro aluno, pro funcionário, pra professor, existe crescimento entre professor/aluno, professor/professor, aluno/aluno; tudo favorece o crescimento, os conflitos, os momentos de troca entre alunos, de troca de experiências entre os professores, os desafios, os problemas que nós enfrentamos no dia a dia, tudo é motivo pra crescimento; Crescimento pessoal, crescimento profissional, enquanto ser humano, enquanto profissional, acho que existem momentos que o crescimento é pessoal e profissional (D.C., dez.2011. Entrevista com a vice- diretora).

O segmento de funcionárias aponta que o espaço da escola propicia tanto o aprendizado quanto o confronto de valores oriundo dos diferentes modelos familiares e das diferentes formas de educar, em que algumas famílias são mais liberais, outras não:

Cada um tem um valor em casa; alguns têm umas regras, outros têm outras regras; Na escola eles aprendem os dois lados – coisas boas (matérias), mas convivem com todo tipo de criança, criações diferentes, conversas com as coleguinhas, palavrão, etc.; Aprende a conviver com todo tipo e selecionar as amizades (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias)..

Do ponto de vista do segmento docente, a escola ensina na forma e no conteúdo:

Aprende muito; é um espaço social e ela aprende a se relacionar nesse espaço: os instrumentos, o formato, o banheiro, o material, o livro, caderno e as questões curriculares, contudo, a escola ainda não exerce todo o potencial formativo, quanto ao exercício dos direitos dos estudantes. Eu gostaria que aprendessem em qualquer espaço e saber quais são seus direitos, ou onde buscar os seus direitos: escrever um a carta, um ofício, a quem se dirigir, uma prova, um concurso, gostaria que fosse mais enfático nisso, deveria ser 90 por cento (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de docentes).

Esse potencial formativo ainda não explorado também se mostra nas atividades desenvolvidas que favorecem a participação dos estudantes, como é ressaltado nas colocações do segmento de funcionárias que são também familiares de estudantes:

A escola poderia ser melhor ainda, com mais participação; aqui tem espaço e tem como ser trabalhado por isso; Tem bastante projetos, mas pelo tamanho da escola, deveria ter mais projetos (mais funcionários também); ter mais ocupação pra eles (alunos), porque eles gostam das atividades, tem tudo o que eles gostam – aula de dança, eles se

empolgam, até os que não gostam (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

A escola é boa, mas pode incrementar mais ainda; Quanto mais participação, melhor pra eles (idem)

O caráter afetivo também é componente formativo importante e deve estar presente na escola. Por vezes, o carinho e a atenção dedicada pelos funcionários suprem e compensam a carência afetiva familiar, como é colocado pelo segmento de funcionárias que declara já ter vivido muitas situações assim:

A escola - o olhar na vida da criança – é importante e é muito mais importante quando ela abraça a criança não só pra conteúdo; também pra ajudar no sentido... A criança às vezes é muito distante da família, do pai, da mãe; quando o professor ou funcionário abraça pra ouvir, pra dar uma assistência, eles acabam tendo um olhar pra gente como um pouco mãe; Criança carente de amor; Isso vai contribuir pra que venha ser um cidadão melhor, uma pessoa melhor, pra que vá para um caminho melhor, a criança que se afasta da família, a tendência é cair pro mundo das drogas, da prostituição; tinha aluno que vinha pra escola pra ser acolhido, pra ter atenção – *eu venho na escola por causa de vocês*, dizia; desde o segurança, o professor, direção, funcionário da limpeza (trabalho de equipe) as crianças estão muito pobres de carinho e atenção; estão mais agressivos, por conta disso, da distância da família; os pais separaram, a mãe sai pra trabalhar, chega e sai, tá dormindo, perdem o interesse não querem ficar na sala de aula a criança sozinha, com tv, com *internet* e rua; muitas vezes ela está fazendo o papel da família (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

Ao expressarem as necessidades da comunidade em que está inserida, seja no conhecimento científico, na perspectiva de trabalho futuro para a melhoria nas condições vida, na afetividade e no cuidado, os atores definem as suas concepções de educação. Na perspectiva exposta pelos atores, a escola como via de formação humana desempenha importante papel nas camadas populares. Segundo Freitas, *os estudantes que estão na escola não aprendem apenas as disciplinas escolares, eles vivenciam relações sociais e terminam desenvolvendo valores e atitudes* (FREITAS, 2009, p.22).

Ainda, segundo esse autor:

A escola tem se limitado a prover, de forma desigual, a apropriação da instrução. A *formação* é feita de maneira tácita e informal através da vivência das situações cotidianas no ambiente escolar, as quais confirmam valores já conhecidos no âmbito da sociedade (individualismo, competição, etc) (FREITAS, 2009, p.22, grifos do autor).

Os mesmos atores não negam haver potencialidades e fragilidades e outros espaços de aprendizagem mais atraentes e que transmitem a impressão de que concorrem injustamente com a escola. Porém, há qualidade e atributos do espaço e tempo escolar que são inerentes a esse espaço, expressados nessas ideias e que trazem à tona os sentidos do conjunto de atividades e finalidades cumpridas exclusivamente pela escola pública. Que conteúdos devem ser ensinados e que valores devem ser vivenciados, é a pergunta que a escola deve se fazer o tempo todo para não correr o risco de estreitar o ensino a Português e Matemática, desvinculado do contexto histórico e social de sua comunidade, tampouco restringir as vivências de valores que ocorrem ao acaso e por improviso.

6.4.1.3- O clima escolar e as relações com a comunidade

O clima percebido pelos atores como conflituoso, ilustrado por ocorrências como atos de agressão que foram elencados pelo segmento de pais, aponta como causa a desatenção e o descuido por parte de algumas famílias, ressalvado apenas pela confiança de melhoria no futuro:

A polícia foi lá, a diretora foi escoltada da escola, no final do ano, foi tumultuado; Aluno deu bolada na professora de educação física; Numa festa teve uso de bebida alcoólica, uso de drogas; menino e menina juntos em banheiro (a filha não vai ao banheiro de medo) (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

Tem que ter outros meios para que os pais dos alunos problemáticos chegassem até a escola (caso do aluno J que bate em todo mundo, e o aluno H não revida, só apanha) e a mãe do J nunca foi vista na reunião. Vou dar uma chance pra escola porque tenho expectativa de melhorar (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

Havia uma expectativa do segmento de pais quanto à postura de liderança do gestor e o reconhecimento dos limites na ação desse profissional:

Não culpando a direção, que é limitada, que algumas coisas a escola não pode fazer; a escola devia bater mais nos pais que não vem; A reunião é feita pra pais que não precisam vir, porque os filhos não dão problema (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

Semelhante ao dito pelos atores o clima conflituoso foi observado em algumas situações, com estudantes sendo conduzidos à diretoria, alunos brigando no recreio da tarde com poucos adultos os acompanhando e também quando a diretora esteve com um hematoma no olho, por ter sido agredida por uma aluna.

Nesse sentido, as regras de convivência na escola foram destacadas pela OP como fator aliado à organização da escola e como contributo na aprendizagem dos estudantes:

Nós começamos e tivemos um ano sem regra. Se a gente tivesse tido regras mínimas e elas valessem eu acho que a aprendizagem teria sido melhor. Porque os alunos teriam depredado menos a escola, promovido menos confusão, menos briga e aí com isso eles iam aprender mais; o ano inteiro tinha aluno correndo no corredor, batendo na porta, professor não consegue dar aula porque o aluno sentava em cima da mesa, o aluno não quer saber, não quer ouvir, não quer fazer; e isso prejudica a ele e aos colegas; se a gente tivesse conseguido se articular melhor, teria sido melhor pros alunos (D.C., dez.2011. Entrevista com a OP).

E finaliza justificando que as mudanças na equipe gestora também refletiram na desorganização do trabalho administrativo e pedagógico:

Nós também não conseguimos nos organizar (mudança da OP, vice nova, diretora em LTS) sem âncoras na escola; OP nova, em uma realidade que não conhecia, não tiraram regras, mudou o pessoal da secretaria – muitas ações e não conseguiram se organizar na direção/secretaria e não conseguiram organizar as salas (de aula); os professores se sentindo meio lesados, meio abandonados – não deu certo porque a diretora não veio aqui ajudar a gente, vocês não vem... e assim foi um discurso e um apagar incêndio. Pra 2012 espera organizar melhor; Do 1º a 5º não sentiu isso, mas do 6º ao 8º (D.C., dez.2011. Entrevista com a OP).

Para amenizar essas situações o segmento de funcionárias define funções e responsabilidades diferentes para cada uma das instituições – escola e família:

A escola é importante, mas a família é muito também. Pra escola dar continuidade o aluno tem que vir mais ou menos preparado de casa; Eu acho que hoje não tá acontecendo isso - do aluno vir mais ou menos preparado de casa (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

Quem educa o filho é o pai e mãe; a escola complementa; ensina a ser alguém na vida, essa parte o professor faz (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

Colocações semelhantes também fazem os atores do segmento de pais, que reforçam o conceito das funções específicas de cada instituição e que, atualmente essas funções estariam trocadas:

A educação é a base da sociedade. Tem uma educação que é a família e uma que é a escola. A função da escola é ensinar; a Educação vem de casa. [...] O ensino, a escola complementa; a educação vem do berço; educação é postura, comportamento (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

Hoje é ao contrário, a escola educa e a casa complementa (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

Quanto às competências da escola e da família, recorreremos à Malavazi (2000) para complementarmos que “[...] algumas atribuições são específicas da família que tem o direito de reivindicá-las para si, enquanto outras cabem a escola que, pela sua natureza, poderá ocupar-se melhor delas” (MALAVASI, 2000, p. 258).

O “clima” de uma escola é “o conjunto de efeitos percebidos subjetivamente pelas pessoas quando interagem com a estrutura formal e o estilo dos administradores escolares, influenciando nas atitudes, crenças e valores e motivação dos professores, alunos e funcionários” (Sergiovanni e Starrat 1983, pp. 56-7 apud FALCÃO FILHO, 1986).

No recorte que fizemos do clima foram enfatizadas as ações de agressividade e violência para apontar os desafios que a comunidade dessa escola enfrentou diante de algumas fragilidades a que esteve exposta já expressadas pelos atores como a mudança de duas integrantes da equipe gestora, o afastamento da direção por motivo de saúde, desarticulando o trabalho enquanto equipe, a não discussão mínima das regras de convivência, o descuido por parte de algumas famílias com a vida escolar dos filhos. Esses fatores articulados se potencializaram e convergiram para o clima que se instaurou, priorizando as discussões em torno da violência, da indisciplina em detrimento de outras questões. A repercussão desse clima se refletiu nas posturas no interior da

escola e no processo de conceituação da qualidade da mesma, como veremos a seguir.

6.4.1.4 – A qualidade da escola na voz do segmento de pais

A expectativa em torno de uma escola de qualidade foi frustrada em função de algumas ocorrências, como relata o pai:

Tiveram problemas gravíssimos que precisaram de ajuda polícia, Conselho Tutelar, Guarda Municipal, Imprensa, que feriu muito a comunidade e a imagem da escola; a escola já foi grande escola, com a fusão houve esse declínio; conseguiram obter alguns êxitos, outros não (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

E a decepção com algumas notícias que desagradaram os pais:

Nos dias de hoje a escola não está agradando muito os pais, está deixando a desejar – pelas informações que chegam- não pela escola falando (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

A escola devia rever os conceitos; não deu certo, tem que ter plano B, C; não pode parar e deixar pegar fogo, nessa parte a escola deixa a desejar (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

No entanto, este estado foi compreendido como provisório e temporário, com a afirmação das perspectivas de melhora para o ano seguinte.

6.4.2 - Os espaços de participação e os temas

Esta pesquisa investigou ainda a articulação entre os temas discutidos nos espaços do sistema avaliativo e participativo. Devido a vários fatores já apontados até então, muitos dos processos que deveriam acontecer no início do ano ficaram atrasados. Esses fatores repercutiram no movimento que a AIP vinha delineando, de forma frágil, nessa nova escola desde as mudanças ocorridas no ano anterior. A CPA sofreu recuos indo se estabilizar e tomar força em meados de maio,

quando as reuniões voltaram a ocorrer de forma sistemática. Assim também a aprovação da composição do Conselho de Escola ocorreu em maio e a primeira reunião ordinária aconteceu em agosto. Em função desses atrasos a parcela dos recursos do Programa Conta Escola demorou a ser liberada. Os recursos financeiros e o plano de aplicação dos recursos foram temas que emergiram nas reuniões do Conselho de Escola. Outros temas foram: RH (inspetor de alunos, professor de inglês) recursos materiais (câmeras para monitoramento interno) as normas de convivência e as regras escolares (uso do uniforme, (in) disciplina) foram comuns aos dois espaços. O Plano de AIP foi discutido apenas na CPA e na AE discutiram as regras e normas de convivência.

Em entrevista, a diretora informou que os docentes influenciaram na pauta de alguns temas. Quando decidiam tomar posição sobre algo que queriam para a escola, as suas reivindicações passavam a ser pauta de discussão no coletivo dos docentes (TDC).

Na visão da diretora temos a afirmação dos temas que saíram em ‘todos os lugares’ (CPA, CE, TDC):

Acho que é uma coisa assim: temos que pedir inspetor de alunos é o exemplo clássico, todo lugar saiu; saiu com pais... Todos os lugares 1º – 5º/ 6º – 8º, de aluno, de pai, de professor (D.C., dez.2011. Entrevista com a diretora).

A reivindicação das câmeras, mesmo tendo entrado tarde no processo:

As Câmeras chegaram tarde no processo, não tá desde o início do ano; os uniformes: todo mundo falou de uniforme, diferente, mas falou (D.C., dez.2011. Entrevista com a diretora).

Também o segmento de estudantes apontou a questão da segurança e das câmeras.

Segurança e melhorar a falta de atenção dos professores na sala – muita coisa acontece na sala que o professor não vê (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Câmera e monitores pra o recreio (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

A câmera nos corredores; pra ver os maiores que entram aqui (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Outros dois temas apontados pela direção foram a falta de regras, qualificando o início do ano: “esse começo de ano foi tumultuadíssimo” e a discussão sobre violência. A discussão sobre as regras de convivência realizadas na Assembleia de estudantes (AE) e em várias instâncias:

Quando houve discussão do início do ano, não discuti regras, porque a diretora não estava presente; algumas pessoas ficaram insatisfeitas com as sanções. A OP reclassificou alunos para os 8os anos, os mais agitados, os 8ºs ficaram impossíveis, dos professores não conterem: tiram a porta, os fios, entortam ventilador, cada dia tinha novidade; coisas do tipo: não tem ninguém tomando conta da gente; e isso redundava numa suspensão, se chama pai, etc...então as pessoas muito insatisfeitas e então se discutiu muito a falta de regras, e isso acaba acontecendo só no final do ano; final do ano é como se fosse a antecipação do próximo – Discuti-se em várias instâncias regras – que é quando reúne as crianças pra saber o que é que foi tirado das crianças, dos professores, e antecipar o próximo ano; não conseguimos finalizar ainda, mesmo assim (D.C., dez.2011. Entrevista com a diretora).

Ela destacou ainda a atuação do segmento pais na CPA, que ao fazerem a negociação com a instância NAED e outras instâncias externas, pleiteavam itens comuns:

Os pais foram os mais incisivos – foram ao NAED, pleiteavam medidas – tirar os meninos que causavam os distúrbios, colocar guarda dentro da escola (recreio) – polícia, guarda municipal – (que devia vir armado); pai da CPA levou abaixo assinado, foi pra Ministério Público; via NAED – para manter os 9ºs na escola e usar o antigo prédio; solicitou inspetor de alunos e as câmeras. (D.C., dez.2011. Entrevista com a diretora).

Segundo ela, o uso do uniforme também “foi um assunto comum em todos os espaços (CPA, CE) embora as defesas fossem diferentes”; o segmento de estudantes confirma isso:

Uniforme – alguns não têm, estão sendo parados na porta, vão ficar na diretoria; alguns grandes têm uniformes, mas não usam; Muita polêmica porque quem vem de uniforme, está cumprindo uma regra da escola e todos tem que cumprir (D.C., dez.2011. Entrevista com a diretora).

O item regras também é apontado pela vice-diretora:

Esse ano também foi feito um trabalho pro ano que vem, foi levantado, em salas, com o grupo de professores, com a equipe de gestão,

levantaram algumas coisas pra 2012 – regras, pra quando começarmos o ano que vem, já estar pré-estabelecido, com o grupo. Na verdade, elas já foram elaboradas, tá quase tudo pronto, só pra ser executada ou pra aceitar sugestões também (D.C., dez.2011. Entrevista com a vice-diretora).

E também pela OP, conforme observado na assembleia (AE):

A gente conseguiu criar as regras; a gente não montou muitas regras, elencou umas 10 regras, mas básicas: horário de entrada/saída; de respeitar,(pegamos o Regimento, onde a gente se ampara,) boné, chiclete, por que não pode usar? Uso do uniforme, que as crianças não gostam, mas é dado pela prefeitura, é uma forma de identificação; Os meninos fizeram(as regras), a gente não conseguiu fechar a dos alunos; eu vou pontuar tudo o que foi falado dos alunos e montar as regras dos alunos; na assembleia de sala eles já tiraram as regras; algumas turmas não; algumas turmas deram sugestão pra 2012; outras turmas montaram as regras; a partir daquelas regras que foram montadas com as turmas eu vou montar as regras dos alunos; e agora a gente tem que montar as regras dos professores; isso não deu pra fazer com a equipe gestora (D.C., dez.2011. Entrevista com a OP).

A OP ainda apontou os itens dos recursos financeiros e outros itens que confirmam o observado:

CE eu participei uma vez só, o que eu vi no CE que eu participei a gente foi falar sobre verbas: o que ia gastar, dinheiro do Conta Escola; tinha um prazo pra gastar aí foi convocação extraordinária; as outras reuniões do CE eu não sou primeiro membro eu sou suplente; o que eu sei das outras – uma falou da questão (in)disciplina de um aluno, mas a família veio e ouviu, diz que não vai tirar a criança e a criança continua; O CE teve essa reflexão disciplinar (D.C., dez.2011. Entrevista com a OP).

E contesta a atuação do Conselho de Escola:

O CE não funciona como eu imagino: as coisas que acontecem na escola passavam pelo CE; o que eu vi foi mais pra saber onde vai gastar, o que vai gastar, o que aprova, o que não aprova, foi mais fiscal, essa coisa assim (D.C., dez.2011. Entrevista com a OP).

Contraditoriamente, o segmento de pais apontou que o CE fez o seu papel em busca da solução para mudar o quadro negativo que a escola estava passando e comprovou a solicitação de itens relacionados aos recursos humanos:

O CE foi decisivo nisso – o CE foi importante e analisou isso – poupando pessoas que não podiam e não queriam se expor, foram cobrar acima da esfera; se você não pode tomar providência nisso, nós vamos cobrar qualquer que esteja acima da sua esfera; Quando envolve interesse público é burocrático. Devia ser mais rápido, mais ágil; envolve pessoas, envolve crianças e a resposta deveria ser de imediato; Passou um ano pedindo o professor de Inglês e esse professor não chegou; exigimos

faxineira, exigimos inspetor de alunos que faria função de polícia; aquela turma do 'deixa disso'; banheiro – ficou sendo local de acerto de contas; Perdemos o Inspetor de Alunos, extinto pela própria SME; exigimos imediatamente a reposição dessas pessoas aqui; ele é quem faz a vez do policiamento, amenizando conflito; O CE buscou o foco do problema, onde tem a solução, como proceder, como fazer, quais as dificuldades, as necessidades, e buscamos na medida do possível, responder isso (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

Ao elencar os itens que apareceram em mais de uma instância (recursos humanos – inspetor de alunos, professor de inglês, câmeras de segurança, uso do uniforme, normas e regras de convivência, verbas) foi possível confirmar o dito com o que foi observado, ou seja, os dados coletados nas entrevistas reforçaram aqueles coletados nas observações.

6.4.2.1 - A articulação entre os temas

Sobre a articulação dos temas, a fala dos profissionais confirma o que observamos. A OP aponta que de certa forma os temas estão articulados porque se relacionam com o contexto escolar:

Porque todos vão acabar falando sobre a realidade que a gente acabou vivendo aqui na escola nesse ano. A CPA vai falar da violência, a outra foi CE, CPA, GM, NAED, Conselho Tutelar, veio pra falar sobre violência; [...] a RPAI, CPA, CE - acabam virando tudo em prol da nossa realidade que foi esse ano: muita violência, muita indisciplina, muitos alunos faltosos, muita ausência da família; então, foi nesse sentido que a gente discutiu; então todas se articularam da mesma forma (D.C., dez.2011. Entrevista com a OP).

O segmento de funcionárias aponta que as prioridades da escola são discutidas em várias reuniões, passando por vários coletivos:

Muitos assuntos giram em torno de várias reuniões e acaba até ajudando; e muitos são tratados na forma de... Uma reunião abraça mais, se preocupa mais com um assunto... Principalmente as prioridades da escola, giram em torno de várias reuniões; passa por vários coletivos. [...] O comportamento de aluno – tem dado muito trabalho, da violência, do desinteresse, não param em sala, deixa o portão aberto eles vão embora, tem rádio, tem segurança, se acontece algo embaixo, contata o rádio, todos correm. Essa coisa do comportamento, da postura, tem muito que e falar em todas as reuniões (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

O segmento dos docentes aponta que parte do que se discute se volta para a aprendizagem dos estudantes, como a questão da Alfabetização:

Uma parte dela sim, as duas grandes questões ou desafios desse ano: alfabetização. Nos 4^{os} e 5^{os} anos em média 40 alunos em fase de alfabetização (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de docentes).

O segmento de pais afirma a importância dos temas serem submetidos aos colegiados:

Muitos contextos que há necessidade a gente abrange, outros não. Muitas coisas foram omissas – acaba atrapalhando o desenvolvimento; mas o colegiado foi muito importante, mas precisa melhorar, mas foi importante pra essa escola (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

O segmento dos estudantes aponta que as reivindicações têm sido atendidas:

No recreio: nós falamos que tinha gente brigando; aí, agora tem professor olhando. O pai do J. falou que precisa de inspetor de alunos, agora tem funcionários lá embaixo, agora eles ficam andando pelo corredor (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

6.4.3 - As relações entre os temas discutidos, a aprendizagens dos estudantes

Outra questão que pretendemos responder por meio da pesquisa abordava a relação entre os temas discutidos e a aprendizagem dos estudantes. A OP aponta que os temas contribuem, mas lamenta que “*fica na base da discussão*” e poderiam ou deveriam estar mais bem articulados com a aprendizagem e concretizar as ações propostas:

Os assuntos versam todos em torno da melhoria da aprendizagem como um todo, muito ficou na fala e pouco na ação; esses assuntos deveriam melhor articulados com a aprendizagem dos meninos; por exemplo, as faltas; uma das metas era diminuir, eu não vejo onde diminuiu, teria que fazer uma análise como o ano passado (quantos tiveram problema de falta do ano passado com relação a esse ano, aí poderia ver se houve melhora ou não; 10 alunos evadidos, eu acho um número alto; de 728, é mais que 10%; e muitos faltosos; os pequenos nem tanto, mas os maiores; a evasão é dos maiores – ficam fora da sala, faltas, bola de neve, e vai pra reprovação; deveria ser melhor; outra meta – alfabetização de todos (Mais educação), mas a CPA não acompanhou como é que foi feito esse trabalho com as pessoas; a RPAI é a que mais contribui pra aprendizagem meninos porque é ali que nós vamos discutir sobre a aprendizagem sobre o que eles evoluíram, ou não evoluíram; os

demais ficam muito no burocrático, vai fazer tal coisa... E param por aí (D.C., dez.2011. Entrevista com a OP).

Em observação percebemos que há uma grande preocupação com as questões da alfabetização e das ausências. Há por isso muitas ações como os projetos de reforço ou atendimento em horas pedagógicas (TDI) que são ações para recuperar conteúdos e ausências. Simultaneamente outros esforços são mobilizados para que as crianças não falem às aulas, como o contato com as famílias por via telefone ou carta. Essas ações planejadas em TDC, no coletivo de docentes são intensificadas pelo grupo de 1º ao 5º ano.

Uma representante do segmento de docentes afirma que algumas demandas da CPA contribuem para as duas grandes questões ou desafios apontados no Plano de Metas – a alfabetização e a conquista às famílias. Sobre a alfabetização, a docente diz que “nos 4º e 5º anos em média, há 40 alunos em fase de alfabetização”. Segundo ela, os casos de agressão verbal e física contra professores são comuns. Ela ressalta que muitos limites já foram rompidos com a falta de respeito e que o docente está impotente, porque não tem ‘armas’. Em geral “o aluno agride, leva suspensão, fica um dia fora, volta; agride, leva suspensão e volta. Esse processo dura 200 dias letivos; esse é o limite da escola”.

Para fortalecer a ação da escola, é necessário conquistar as famílias e obter das mesmas uma adesão mais plena para cumprir seus propósitos educativos de forma que possam contribuir com avanços no desempenho dos estudantes.

As famílias devem se envolver nas discussões da realidade escolar e nas tomadas de decisões, entretanto, ambos os segmentos devem ter claro “o tipo de participação que se espera que os pais tenham na instituição de ensino, destacando a participação democrática – na tomada de decisões escolares – como a ideal”⁶⁴.

⁶⁴ A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1643/1364>. Acessado em 12.01.2013.

Para o enfrentamento desse desafio ela sinaliza a participação na CPA e o olhar coletivo que esta lança à escola:

A CPA enxerga que um dos caminhos seria a conquista das famílias; A gente aprende a pensar a escola. Olhar a escola como um todo é o principal aprendizado; aprende também que outras pessoas têm outros olhares daquilo que você enxerga de um jeito o outro não necessariamente enxerga do mesmo jeito (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de docentes).

Outra representante do segmento docente aponta que naquele ano as discussões ainda não haviam contribuído para a aprendizagem e que isso só seria possível depois que as crianças se apropriassem dos espaços de participação. Embora acreditemos que a participação por si só seja um valor e um aprendizado, o observado deu conta de que as AE foram atividades eventuais e não mantiveram regularidade nas discussões e no enfrentamento dos problemas do cotidiano, o que pode adiar ainda mais a expectativa da professora:

Acho que aí sim, elas poderão pensar além do espaço, a função dele; (os alunos) estão bem distante de entender que aquilo que está sendo discutido vai ser colocado em prática, essa prática vai ser sistematizada e acontecer dentro de pouco tempo; as discussões fizeram com que eles vissem a escola de outra forma, mas não num plano de consciência: eu vou participar da AEE o que decidido lá eu vou acatar e vou fazer; não, eles não tem essa consciência; é um potencial pra que isso se torne uma prática, positiva, relevante, importantíssima, pra pessoa, pro coletivo, pra todo mundo pra vida toda. Ele pode lidar com essa situação em outros momentos na vida e vai usar essas situações de tomar decisões - argumentar, expor sua opinião, dialogar, debater, ele vai poder usar isso em outros espaços, mesmo que seja de maneira particular, pra um emprego, pra casa dele. Dificuldade – criar argumento pra defender as ideias deles, ou ter consciência das ideias que eles têm. Os alunos até avaliaram os professores (desempenho) – atribuíram notas; pelo que perceberam, eles querem ter boa aula, querem que o professor seja 'duro' (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de docentes).

O segmento de funcionárias entende que os estudantes são muito questionadores e fazem críticas ao trabalho pedagógico e aos docentes e cobram da direção o acompanhamento e providências:

A gente tem que segurar um pouco; não é pra falar mal de professor, é pra melhorar a aula, trazer novidades pra escola; Às vezes (a crítica) tem (fundamento) outras (vezes) não têm, muitos falam querendo cobrar da

direção da escola – cópia de livro... (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

E aponta que a participação resulta em informação:

Se a pessoa que participa aproveitar a chance que tá tendo, sim. Até no CE são discutidos alguns problemas, se as pessoas que são representantes prestarem atenção, ficam por dentro do que está sendo discutido (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de funcionárias).

Um representante do segmento de pais aponta que as discussões revertem em benefício do aprendizado, mas as ações ainda estão aquém do esperado para atender às demandas da escola e precisam avançar:

A experiência tá sendo legal, só falta um pouco de ação, colocar em prática as coisas que a gente fala, não sabe se a direção é barrada ou se algum órgão, ou se nada do que a gente fala vai pra frente...; [...] as demandas para o aprendizado das crianças: pelo que está encaminhando, sim; o caminhar é pra chegar nesse ponto (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

Os representantes do segmento dos estudantes apontam que melhoraram as condições do recreio e a relação com os docentes:

No recreio: nós falamos que tinha gente brigando; aí, agora tem professor olhando (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

O pai do J. falou que precisa de inspetor de alunos, agora tem funcionários lá embaixo, agora eles ficam andando pelo corredor (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

O projeto Mais educação – tem dança, atividade no recreio (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

E afirmam que melhora a relação docente – estudante, favorecendo a proximidade entre ambos: *Melhora porque o professor vai lá, conversa com aluno, senta embaixo da árvore* (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

6.4.3.1 - Outros aprendizados

Quanto aos outros aprendizados que a participação nesses espaços pode trazer, segundo uma representante do segmento docente:

A estrutura do evento da AE – a vivência nessa estrutura é um aprendizado pra eles (a gente não aprende a ler escrever em um dia, em duas vezes que você vai na escola, leva um período esse processo); O

evento: como você senta, o que você vai estar discutindo, quando que anota, o meu tempo de falar, de não falar, nessa hora vai estar discutindo tais coisas, a vivência em um espaço formatado dessa forma, o principal ganho da minha turma; A incidência de xingamentos, de discussões a partir da aparência dos alunos, diminuiu (depois das AEs); Virou uma questão... É uma atividade que ficou incorporada no cotidiano das crianças (D.C., dez.2011. Entrevista com o segmento de docentes).

A vice-diretora aponta que

Aprendem a reivindicar algumas coisas, a ouvir, a descobrir que as pessoas, cada uma acredita ou que tem opiniões diferentes e também é através disso que a gente consegue as coisas – através da entidades (D.C., dez.2011. Entrevista com a vice- diretora).

O representante do segmento de pais afirma que esse espaço é formativo de valores como a responsabilidade, para os estudantes e para os adultos também:

A gente sempre tira um aprendizado – fica refletindo bastante como existem pessoas que ficam preocupadas em melhorar para o cidadão, para a criança, para o outro; à noite, ficam aqui envolvidas, preocupados na melhora pra todos, não é só pra si; [...] A gente não está só pra falar, pra questionar, está pra ouvir, pra ser criticado, às vezes pode estar convicto de que está fazendo tudo certo, e de repente está fazendo tudo errado, se a pessoa fala, agradece; não é o rei da sabedoria, aprende com criança de 10 anos, fica calado porque sabe que errou...a humildade; [...] Aprendeu muito, deu lições positivas, ouviu e vai levar na bagagem; Quando faz parte de um grupo de pessoas mais velhas, mais jovens, mais bem formadas, menos formadas, a gente só tem a aprender; [...] Agrega principalmente a responsabilidade e disciplina – que o ser humano tem que ter, se sentir útil um dos valores da vida; [...] responsabilidade é isso – a mãe/família ensinar o certo, mostrar a realidade do mundo; [...] Por ele ser responsável foi eleito e por ser eleito, amplia essa responsabilidade na criança, responsabilidade, compromisso (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

E complementa que há muitos aprendizados, dentre eles, o difícil exercício da representatividade:

Entre muitos aprendizados, lidar com o outro no coletivo, de cuidar, para tentar mudar para o coletivo, e não para si; não está ali para melhorar só pra ele, melhorando o coletivo ele vai melhorar pra ele. O cuidado, a educação, o conhecimento no geral, direitos, deveres, eles já vão se formando, entre muitos são esses (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de pais).

A vice-diretora aponta sobre os temas discutidos no CE:

Geralmente são assuntos pontuais, o que não era pra ser, mas realmente, é assim: Pra que reúne conselho? Reúne CE pra discutir verbas, no que vai ser aplicada, eu acho que também contribui; até pra questão de administração: de administrar o que ganha em casa, de eles estarem contribuindo, que um dia eles vão ser assalariados, vão ter alguma coisa pra administrar(D.C., dez.2011. Entrevista com a vice-diretora).

E sobre as regras, ela ressalta que o aprendizado está “em torno das regras de comportamento de aluno, que é a vivência em grupo” (D.C., dez.2011. Entrevista com a vice- diretora).

Os representantes do segmento de estudantes afirmam que participar das reuniões, ser representante do segmento contribui para que aprendam a se relacionar, estão se formando e se informando. Ao defenderem os interesses da turma, pleiteiam melhorias para a escola, monitoram o cumprimento de ações, exercitam a tolerância, a partilha, a solidariedade e adquirem responsabilidade e compromisso:

Aprende a conversar mais, interagir com as pessoas, sobre a escola, sobre algumas partes boas que elogiamos – a diretoria. Forma para o futuro, né? (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Os grandões (6º ao 9º) tinham passeio bom. A gente ia aprender sobre geografia, lugar perto, todos passeavam, reclamaram na CPA, na sala abriram um passeio legal pra gente; O que a gente ganha passeando? É legal sair da escola, conviver com outra gente; nesse passeio é sobre História, onde viviam os negros (Solar das Andorinhas) (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

A responsabilidade; a vir nas reuniões (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Que melhoria queríamos pra escola, o que aumentar, o que poderia fazer; a diretora anotou e disse que iam tomar uma decisão do que ia fazer (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Ping pong não colocaram até hoje; o que estão fazendo é do que foi falado na primeira reunião (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

O que eles (os alunos) querem – várias coisas; vender cone (de chocolate), cantina (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

A sala melhora, deixa de ser aquela bagunça (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Eu acho que estou aprendendo a não brigar (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Ajudando os outros eu estou me ajudando ao mesmo tempo (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Eu, no meu comportamento eu não posso fazer coisa errada, não posso brigar: senão os outros vão dizer: lá está o representante, brigando; então, o certo deveria ser: eles olharem pra mim e pra ela e ver que a gente fica quieto, que a gente não vai em confusão, e fazer: vou seguir esse conselho, não vou me meter em confusão, aí vai lá, fica quieto; também pros alunos que gostam de ficar brincando na sala de aula, porque a gente tá fazendo até, ah, já que eles estão se dando bem, vou ficar quieto, vou fazer minha tarefa, vou me esforçar e um dia vou ficar que nem eles (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Porque muita gente vai olhar e vai dizer – olha, eles estão lá quietos, fazendo atividade, enquanto a gente tá aqui brincando; e vai olhar e refletir: nossa, a gente deveria estar fazendo atividade, a gente tá fazendo uma coisa errada aí vai sentar e vai fazer atividade e vai se dar melhor, vai passar de ano (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Melhorando a escola, melhoram os alunos, todo mundo aqui briga por causa de uma coisa, por causa da escola [...] dividir a quadra, cada dia uma turma (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Tem muitos alunos que estragam a escola – chutando, quebrando, - se eles tomassem atitude de fazer: vou ficar quieto pra escola melhorar e a gente poder brincar e se divertir, vou parar de fazer bagunça e vou ajudar a consertar a escola (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Pra mim é importante porque a gente pode desabafar porque pode melhorar a escola(D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Aprender a ser mais calmo, porque pra ajudar o colega tem que ter calma, não pode ser nervoso (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Ser paciente com os alunos (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Quando for trabalhar, chefe manda a fazer uma coisa, vai lá e faz; não responde; tem chefe que é ranzinza, então a gente não vai conseguir nada (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Arrecadamos leite para os velhinhos. Fizemos campanha pro Lar dos Velhinhos (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Aprende que tem que repartir as coisas com alguém, com quem não tem nada, que já foram da nossa idade (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Tem mais responsabilidade consigo mesmo, com os colegas, com a turma (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Pra deixar a sala melhor, ajuda a escola a melhorar o ensino (D.C., nov.2011. Entrevista com o segmento de estudantes).

Segundo as expressões acima, participar desses diferentes espaços possibilita aos estudantes a construção e ampliação de valores como a responsabilidade, o compromisso, a solidariedade e a se organizarem, se posicionarem e a reivindicarem. A percepção sobre a participação dos estudantes nesses espaços revela que, ao vivenciarem práticas de serem representantes do segmento de estudantes, eles exercitam o difícil e importante aprendizado de falar em nome do coletivo.

Um projeto de escola como essa que ora pesquisamos, que tem possibilitado aos estudantes assumir a responsabilidade por encaminhar aspectos da vida da escola e vivenciar a vida em coletividade já traz em si o princípio da solidariedade e sinaliza um projeto outro, ampliado para que “a vida escolar seja colocada na mão dos estudantes sob o acompanhamento atento dos educadores” (FREITAS, 2010, p.98). Por meio desses instrumentos, pode-se vislumbrar um projeto de futuro mais coerente com os objetivos da escola pública onde a avaliação seja incorporada nas ações cotidianas.

Ainda segundo Freitas (2010) “[...] uma organização escolar como esta tem no coletivo da escola e no princípio da solidariedade entre seus membros seu maior mecanismo de avaliação” (FREITAS, 2010, p.98).

De modo geral para todos os segmentos, há uma formação que se dá no ato de planejar o trabalho e as atividades pedagógicas e como a escola como um todo resolve seus problemas, enfrenta as demandas e envolve os segmentos para o trabalho coletivo.

O objetivo desta análise é colaborar para desvelar facetas da realidade que venham contribuir para a construção de uma escola pública com qualidade de ensino.

Qualidade aqui entendida como a assumida por Freitas et al (2009):

[...] O melhor que uma comunidade escolar pode conseguir frente às condições que possuem tendo em vista os objetivos de servir à população naquilo que é específico da educação: formação e instrução (FREITAS et al, 2009, p. 78-79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa pudemos constatar a complexidade do processo educativo e avaliativo e destacar algumas nuances que este adquiriu nas instâncias do sistema participativo da escola. Os esforços aqui empreendidos ainda não contemplam a totalidade desta complexidade, muito menos encerram a possibilidade que outros pesquisadores venham investigar, de modo mais amplo e profundo, as práticas percebidas no período pesquisado. Ao contrário, pretendem mobilizar e provocar novas propostas que contribuam para o aprofundamento dos estudos no interior da escola que tragam à tona as práticas do processo educativo e avaliativo para que outras traduções possam emergir da realidade escolar.

A pesquisa que ora se apresenta é uma fração de uma dimensão mais ampla do processo de construção da política pública da AIP, com suas contradições, avanços e recuos em busca de uma escola de qualidade para o município.

Assim, as conclusões que ora apresentamos são provisórias e podem se constituir como ponto de partida para outras investigações sobre o processo do sistema participativo na escola e no município.

A Avaliação Institucional Participativa (AIP) prevê na constituição da Comissão Própria de Avaliação (CPA) a instância de sistematização de um Plano de Avaliação Institucional que sintetize os anseios de cada comunidade. O pacto veiculado pela expressão do conjunto dos atores que vão compor a CPA, antes legitimados pelo Conselho de Escola, será o portador da responsabilidade coletiva, assumida por cada sujeito em nome dos seus pares/segmentos ao exercerem essa representatividade na negociação em favor dos interesses do coletivo pelo ensino de qualidade.

A possibilidade dos atores terem voz e vez nasce com a participação efetiva dos sujeitos que, ao assumirem papéis e posicionarem-se frente à realidade, exercite sua mobilização para as tomadas de decisões. Os esforços do coletivo

rumo às aprendizagens concretas de vivências de cidadania compreendidas como a participação consciente em favor dos seus direitos e do bem comum poderão gerar o fortalecimento dos segmentos.

O movimento de participação e convocação dos atores educativos profissionais e não profissionais, para o trabalho de avaliação da escola pode contribuir para a formação individual dos atores na vivência desse processo coletivo em busca do aprimoramento da qualidade educacional. Para Xavier (2011), a AIP pode contribuir para essa busca:

A Avaliação Institucional compreendida pelos sujeitos como prática de reflexão e ação sobre a realidade pode com seus mecanismos, estruturar esse percurso e monitorá-lo para que os problemas concretos sejam evidenciados e que se estudem, no coletivo, as soluções (XAVIER, 2011, p.47)

A conquista de um projeto de escola que reflita uma ação coletiva e portanto, com qualidade social, advinda da participação direta das famílias, dos alunos em conjunto com os demais segmentos internos à escola pode vir a substituir a imposição vertical avaliativa produzida externamente, dentro de um processo de negociação originado internamente, e portanto, genuíno dentro do princípio de qualidade negociada, como define Bondioli (2004):

A qualidade não é um dado de fato, não é um valor absoluto, não é adequação a um padrão ou normas estabelecidas a priori e do alto. Qualidade é uma transação, isto é, debate entre indivíduos e grupos que tem interesse em relação à rede educativa, que tem responsabilidade para com ela, com a qual estão envolvidos de algum modo e que trabalham para explicitar e definir, de modo consensual, valores, objetivos, prioridades, idéias sobre como é a rede...e sobre como deveria ou poderia ser (BONDIOLI, 2004, p.14).

Instaurar o movimento de contra-regulação e ampliar o raio de avaliação da escola frente às práticas 'avaliativas' externas permite a 'escola' que se autoavalie. Esse processo é legítimo e pode ser acompanhado de perto por quem vive a escola no seu cotidiano e conhece os seus problemas reais.

De acordo com Xavier (2011):

O fato de se operacionalizar mecanismos de avaliação interna, não se contrapõe ou nega as avaliações externas, que são necessárias e de

responsabilidade do Poder Público. Ao contrário, mobiliza maiores recursos para se olhar para os dados, monitorá-los e refletir sobre eles para gerar ações pedagógicas voltadas para melhorar a aprendizagem das crianças (XAVIER, 2011, p.47)

A avaliação Institucional promove movimentos de idas e vindas e na escola pesquisada demonstrou um percurso onde se verificou ações que a potencializaram e a fragilizaram, no decorrer dos 4 anos desde a implementação da política.

Por meio das observações, percebeu-se que a AIP foi exercida de forma mais reflexiva pelos sujeitos representantes dos segmentos, pelos esforços formativos observados, para que os atores adquirissem uma visão crítica e compreensiva da complexidade do processo avaliativo. Porém, essa formação não perpassou pelos demais profissionais da escola que ficaram à margem dessa formação, impedindo que se instaurasse um movimento mais amplo de AIP que concorresse para o fortalecimento de uma cultura avaliativa no interior da escola e do seu entorno.

A OP, iniciante na escola em 2011, para manter o princípio de continuidade delegou a coordenação das primeiras reuniões anuais às docentes mais experientes na condução da CPA. Entretanto, em uma análise sensível sobre a escola, ela apontou que seriam 4 ou 5 estudantes que se mostraram como 'indisciplinados'. Dessa forma, a questão da indisciplina tomou proporções e ocupou espaços valiosos nas reuniões que poderiam ter sido explorados com outras questões. Ao se furtar de realizar as articulações inerentes às suas funções se não limitou a temática à indisciplina, essa atuação restringiu o tempo e os esforços para a inclusão de outras questões.

Os atores demonstraram grande preocupação com as demandas da escola, com as práticas dos docentes e a avaliação institucional como um todo. O Plano de ação da AIP refletiu que as questões em torno da aprendizagem, sobretudo da alfabetização representavam o grande desafio da escola. Houve também as questões em torno do papel da família e das responsabilidades destas com a vida escolar dos filhos, responsabilidade essa que, ao ser descuidada pode ser a

causa de insucessos. Assim, a atmosfera escolar pareceu estar sempre girando em torno da avaliação, seja dos estudantes referenciadas por meio das normas de convivência, dos profissionais por meio da avaliação de desempenho, do currículo e da escola como um todo em reuniões específicas. Entretanto as reflexões que se deram nas reuniões do sistema avaliativo embora parecessem estar articuladas em torno de temas comuns, se mostraram parcialmente implicadas com a melhoria das práticas relacionadas diretamente com a aprendizagem dos estudantes e da relação entre esses e os docentes.

Foi perceptível que havia uma consciência política por parte de alguns educadores aliados aos esforços realizados pela equipe gestora engajando-os na construção de um projeto para enfrentar as demandas da escola. No entanto, a coerência no que falavam e praticavam, as questões como indisciplina, a falta de segurança, falta de recursos humanos predominaram sobre as questões efetivas de um projeto que pudesse dar conta de avanços no ensino e na avaliação da aprendizagem.

As representantes do segmento de docentes, embora se mostrassem sensibilizadas com as questões das famílias e da escola, demonstraram forte tendência em buscar a responsabilização das famílias por lacunas no acompanhamento da vida escolar dos estudantes, apontando isso constantemente, em vários espaços, sobretudo na CPA. Foi percebida certa tensão para extrair dos representantes do segmento de pais as possíveis soluções para as questões que envolviam diretamente as famílias, como a baixa frequência de algumas crianças que, em consequência, não aprendem e não se alfabetizam.

Em alguns momentos as relações de poder ficaram evidente, entre atores internos e externos, sobrepondo os interesses internos às sugestões propostas pelos familiares, fragilizando a participação desse segmento.

Nessa perspectiva, a segregação entre as responsabilidades das famílias e dos educadores, as relações historicamente hierarquizadas entre os atores internos e externos à escola impediram avanços no sentido de reunir forças e

condições para a superação da complexidade nas relações interpessoais em favor da melhoria da escola.

Ainda assim, o segmento de pais transmitiu a preocupação com as questões da instituição, ofereceram sugestões e se mostraram incisivos na tomada de decisão para a resolução de alguns problemas envolvendo interesses dos estudantes, das famílias e até dos educadores. Segundo o representante do segmento de pais, a diretora não enfrentava as questões à altura, assim, a CPA acabou assumindo algumas responsabilidades, intervindo e poupando os educadores em momentos que se mostraram conflituosos, realizando negociações entre a escola e instância meio, NAED e outras instituições externas.

A participação dos estudantes se mostrou menos frequente do que se esperava. A concepção de que a educação para a participação nesses espaços ainda está por vir esteve presente na fala docente, sugerindo que os estudantes devam antes, se apropriar da forma e, depois, do conteúdo. Essa concepção nega os princípios da avaliação participativa, em que o sujeito se forma na participação-ação. Por outro lado, os estudantes quando se manifestaram, demonstraram compreensão e sensibilidade à essência do processo educativo, com questões e sugestões diretamente ligadas ao ensino e a aprendizagem demonstrando, por meio de suas falas, que a participação contribui para a formação de valores como a solidariedade, a responsabilidade, a afetividade e à melhoria na relação com os docentes.

A escola conta com um Projeto Pedagógico com princípios democráticos e com um plano de AIP elaborado e ratificado pelo coletivo da CPA. Alinhar os princípios afirmados nesses documentos com a maior proximidade possível às questões do cotidiano visando desenvolver ações para concretizar as práticas avaliativas de maneira mais coerente e articulada e de modo que se explorem os espaços participativos que a escola dispõe, talvez seja o caminho para ampliar as possibilidades de envolver mais atores a se manifestarem e assumirem novas posturas frente ao processo educativo e avaliativo.

Embora dispusessem de um sistema robusto de práticas participativas como as assembleias de estudantes, as reuniões entre os representantes dos estudantes e gestão, os encontros de CPA e CE, onde poderiam potencializar a cultura de avaliação, estabelecendo prioridades e expectativas quanto ao processo educacional como um todo, essas práticas não parecem estar sendo exploradas e ainda não se conversam a contento de modo a serem vistas como estratégias articuladas e privilegiadas de tomada de decisão em favor da melhoria da escola. Percebeu-se que há similitude nos temas abordados mas não se conjugam de forma efetiva nos encaminhamentos dados nas instâncias do sistema participativo.

A AIP foi implementada recentemente na educação básica, dessa forma, é compreensível que os seus fundamentos teóricos e os conceitos ainda não estejam apropriados na íntegra pelos sujeitos. Durante o tempo de observação e convívio com a equipe e estudantes da escola pesquisada, foi possível perceber que a CPA ainda não se firmou como o espaço de discussão onde se estabeleceria o diagnóstico das condições reais dessa escola, assumido como possibilidade de mudança para um patamar superior de qualidade, o que não invalida todos os esforços que a AIP vem desenvolvendo para avaliar a escola por quem a vive e a faz, em seu cotidiano.

Os encontros da CPA foram vitais para a AIP, entretanto, durante quase um ano do período das observações, não foram mencionados os resultados das avaliações externas da Prova Brasil (5º ano) e Provinha Brasil (2ºs anos) assim, não ficou claro que a equipe atuasse de forma incisiva que demonstrasse compromisso com os dados das avaliações externas. Por meio de gráficos, de tabelas, ou alguma outra forma que facilitasse a compreensão e o consumo dos dados pela comunidade escolar, os dados das avaliações externas poderiam ter sido o elemento aglutinador das instâncias avaliativas de todo o sistema participativo da escola.

Concordamos com Betini (2011 p.123) que *a avaliação externa pode ser um complemento à avaliação interna da escola*, para que se produzam novos sentidos

à avaliação. Assim sendo, ao não cuidar para que houvesse a inserção de dados externos nos espaços avaliativos, como a CPA e outros não menos importantes, os atores foram privados de iniciar um movimento efetivo de contra regulação.

Ao sugerirmos uma apresentação e análise mais profunda desses dados junto ao sistema participativo da escola, sobretudo à CPA e CE, acreditamos que os rumos do processo avaliativo da escola possam ser reorientados para nortear de forma mais objetiva as intenções do Plano de Metas e Ações do Projeto Pedagógico.

Ao apresentarmos as informações contidas nesta pesquisa pretendemos contribuir para que a equipe educativa da escola estabeleça ações futuras ainda mais articuladas para a instituição. Acreditamos que dessa forma apontamos caminhos para que o processo avaliativo se articule efetivamente ao processo educativo da instituição, encurtando os caminhos em busca da qualidade nas relações, na formação e instrução dos estudantes, que são as finalidades essenciais da instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO, T. **Indicações e reflexões sobre as relações entre esferas públicas e privadas para a oferta educacional no Brasil**. Políticas educativas. Porto Alegre, v. 3, n.1, p.48-64, 2009 - ISSN: 1982-3207. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Poled/article/view/22531>

AFONSO, A. J. **Avaliar a escola e a gestão escolar: elementos para uma reflexão crítica**. In: ESTEBAN, Maria Tereza (org.). Escola, currículo e avaliação. São Paulo: Cortez, 2003.

ANDRÉ, M. E. D. A de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro, 2007. (Série Pesquisa: vol. 13). 68p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências Humanas**, Jorge Zahar, 1999.

BETINI, G.A. **Avaliação Institucional em escolas públicas de ensino fundamental de Campinas**: Tese de doutorado FE Unicamp , 2009.

BETINI, G.A. **Avaliação Institucional Participativa em Escolas públicas de Ensino Fundamental**. In: Educação: teoria e prática/Revista publicada pelo Depto. De Educação e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do IB. Universidade Estadual Paulista – Vol. 20, nº. 35, jul-dez- 2010, p.117-132.

BONDIOLI, A. **O projeto pedagógico da creche e a sua avaliação: a qualidade negociada**. Campinas: Autores Associados, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: SEF, 1997.

CAMARGO, Rubens Barbosa de; PINTO, J. M. R.; GUIMARÃES, José Luiz. **Sobre o financiamento no Plano de Desenvolvimento da Educação.** Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), v. 38, p. 81-98, 2008.

CANGUSSU, M. A. R. **Características escolares associadas ao desempenho dos estudantes na pesquisa GERES.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. UNICAMP. (2010).

DALBEN. A. **Avaliação Institucional Participativa na Educação Básica: Possibilidade, limitações e potencialidades.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. UNICAMP.(2008)

DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação: Políticas Educacionais e Reformas da Educação Superior.** São Paulo: Cortez, 2003a.

DIAS SOBRINHO, JOSÉ. **Avaliação da Educação Superior – Regulação e Emancipação.** In **Avaliação e Compromisso Público: A Educação Superior em Debate.** JOSÉ DIAS SOBRINHO E DILVO I. RISTOFF (organizadores) São Paulo: Editora Insular, 2003b.

Escola. **Projeto Pedagógico da escola.** 2011

Escola. **Projeto Pedagógico da escola.** 2008/2009/10.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, L.C. **Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas,** São Paulo: Moderna, 2003.

FREITAS, L.C. **Eliminação adiada: novas formas de exclusão introduzidas pelas reformas.** Revista Pró-posições. Faculdade de Educação - Unicamp, vol. 16, n. 3 (8), set/dez 2005.

FREITAS, L. C. **Qualidade Negociada: Avaliação e Contra-regulação na Escola Pública.** Revista Educação & Sociedade. Campinas: Cedes, v. 26, n. 92, Especial, Out. 2005.

FREITAS, L. C.; Sordi, M.R.L.; Malavasi, M.M.S.; Freitas, H.C.L. **Avaliação Educacional: caminhando pela contramão**. Rio: Vozes, 2009. (Coleção Fronteiras Educacionais).

FREITAS, L. C. **Avaliação: para além da “forma escola”**. In: **Educação: teoria e prática**/Revista publicada pelo Depto.. de Educação e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do IB. Universidade Estadual Paulista – Vol. 20, nº. 35, jul-dez- 2010, p.89-99.

GERALDI, Corinta M. G. ; Escola Viva: Política Educacional por uma escola contra a barbárie. In GERALDI, Corinta; RIOLFI, Cláudia; GARCIA, Maria de Fátima. **Escola Viva: elementos para a construção de uma Educação de qualidade social**. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda., 2004, p. 35-60.

HARVEY, David. O Estado neoliberal. In: _____. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2005. (p. 75-96)

LOPEZ, N. A escola e o bairro. Reflexões sobre o caráter territorial dos processos educacionais nas cidades, in L.C.Q. Ribeiro & R. Kaztman (Eds.). **A Cidade contra a Escola. Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital, FAPERJ, IPPES, 2008.

LOSITO, S. R. F. O. MORETO, G. C., MORETO, J. A., PIMENTEL E., SOUZA, E., ZAN, D. D. P. **Diretrizes para a escola de 9 anos organizada em ciclos – Subsídios para estudos na escola**. Documento não publicado. s/d.

MALAVASI, Maria Márcia Sigrist. Avaliação Institucional e Gestão da Escola: A participação das famílias potencializando uma educação de qualidade. In SORDI M.R.L e SOUZA, Eliana da Silva (orgs). **A AVALIAÇÃO COMO INSTÂNCIA MEDIADORA DA QUALIDADE DA ESCOLA PÚBLICA – A rede municipal de Educação de Campinas como espaço de aprendizagem**. 2009, p.171-187.

MALAVAZI, Maria Márcia Sigríst. **Os pais e a vida escolar dos filhos**. 2000. 320 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MENDES, Geisa do Socorro Cavalcanti Vaz. **Avaliação Institucional: estudo da implementação de uma política para a escola fundamental do município de Campinas**: Tese de doutorado FE Unicamp, 2011.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24. ed. Petrópolis:Vozes, 1994.

MORAES, Mônica Cristina Martinez de. Qual o Lugar do Conselho de Escola no Esforço Coletivo de melhoria da Educação? In SORDI M.R.L e SOUZA, Eliana da Silva (orgs). **A AVALIAÇÃO COMO INSTÂNCIA MEDIADORA DA QUALIDADE DA ESCOLA PÚBLICA – A rede municipal de Educação de Campinas como espaço de aprendizagem**. 2009, p.111-116.

OLIVEIRA, Regina Maringoni de. **A Secretaria Municipal de Educação de Campinas (2001-2004): contribuições para o entendimento da Escola Viva**.

Regina Maringoni de Oliveira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

PINTO, J. M. R.. **A política recente de fundos para o financiamento da educação e seus efeitos no pacto federativo**. Educação e Sociedade, v. 28, p. 877-897, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. LEI Nº 12.501, de 13 de Março de 2006. Institui o Sistema Municipal de Ensino. DOM. 14/03/2006:11. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/bibjuri/lei12501.htm> Acesso em 25/08/2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. Secretaria Municipal de Educação. **AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL PARTICIPATIVA: uma alternativa para a educação básica de qualidade da rede Municipal de Ensino de Campinas e Fundação Municipal para Educação Comunitária**. Campinas, 2007.

RISTOFF, D.I. **Algumas Definições de Avaliação**. In **Avaliação e Compromisso Público: A Educação Superior em Debate**. JOSÉ DIAS

SOBRINHO E DILVO I. RISTOFF (organizadores) São Paulo: Editora Insular, 2003.

RODRIGUEZ, V. **Financiamento da educação e políticas públicas: o Fundef e a política de descentralização**. Cad. CEDES, Campinas, v. 21, n. 55, nov. 2001 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000300004. Acessado em 13.01.2013.

SADALLA, A. M. F. A. **Escola singular: ações plurais**. Projeto de Pesquisa elaborado em parceria pela Escola Municipal de Ensino Fundamental “Padre Francisco Silva” e a Faculdade de Educação da Unicamp, apresentado à FAPESP, junto à rubrica de Programa de Melhoria do Ensino Público, sob Coordenação Geral da Profa. Dra. Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla, Campinas, 2003.

SAVIANI, D. **Sistemas de ensino e planos de educação: O âmbito dos municípios**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n69/a06v2069.pdf>. Acessado em 13 de Janeiro de 2013.

SERGIOVANNI, T. J. STARRATT, R. J. **Novos padrões de supervisão escolar**. Tradução de Loyde A. Faustini. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 366 p.

SILVA, M. A. **Qualidade social da educação pública: algumas aproximações**. *Cadernos do Cedes*, Campinas, vol. 29, n. 78, p. 216-226, maio/ago. 2009. Página 225. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em 14 de Maio de 2011.

SORDI, M. R. L; Souza, E. S. Territórios da medida e da avaliação: elementos para uma avaliação institucional sob medida. In: SORDI, Mara Regina L. de; SOUSA, Eliana da Silva (Org.). **Avaliação Institucional como instância mediadora da qualidade da escola pública. A rede Municipal de Educação de Campinas como espaço de Aprendizagem**. Campinas, SP: Millennium Editora, 2009.

TOMMASI, L. et.al. **O Banco Mundial e as Políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1998.

XAVIER, CECÍLIA A. **O orientador pedagógico na implementação da avaliação institucional participativa: um olhar sobre a experiência**. Dissertação de Mestrado realizada no Laboratório de Estudos Descritivos da Unicamp – LOED. Campinas, SP: 2011.

ANEXOS

ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA/ESCOLA DE QUALIDADE

1 - A Escola é importante?

2 - Essa escola é uma escola de qualidade?

OS ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO – QUAIS SÃO/ O QUE SE DISCUTE/OS TEMAS ESTÃO ARTICULADOS

3 - E os espaços de participação (CPA, CE, AE) que temas se discute?

4 - Você percebe que tem articulação entre esses assuntos? Eles estão interligados?

5 - Esses assuntos contribuem para a aprendizagem das crianças?
No que eles contribuem?

PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS/FORMAÇÃO/VALORES

6 - E a participação deles (dos alunos) nesses espaços de representação você acha que contribui para a formação deles?

REPRESENTATIVIDADE/DEVOLUTIVA PARA AS BASES

7 - Como que eles fazem essa devolutiva para o grupo: eles fazem essa devolutiva para o grupo, daquilo que eles falam na reunião?

INSTRUÇÃO

8 - Sobre a instrução deles; o que se discute nessas reuniões, CPA, CE, AE, isso favorece a instrução dos alunos? Com relação a aquisição de conhecimento, os assuntos que se discutem favorecem a instrução deles?

ANEXO 2 - PAINEL AIP 2009



ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL "Padre Francisco Silva"

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL PARTICIPATIVA
Elaborado por: Marlene Basso dos Anjos - Orientadora Pedagógica

RESUMO

Este trabalho apresenta o processo de desenvolvimento da Avaliação Institucional Participativa nesta escola, como parte da implantação da Avaliação Institucional nas escolas da Rede Municipal de Ensino. Os princípios norteadores, as instâncias e os instrumentos legítimos desse processo (Assembléias), as perspectivas (metas e ações) e as funções da Comissão Própria de Avaliação.



PRINCÍPIOS

A Avaliação Institucional não está dissociada do Projeto Político Pedagógico da escola. Os princípios norteadores afirmados no PP, são os que orientam as metas e ações definidas no Plano de Avaliação Institucional Participativa. Assim, a concretização desta política pública se embasa na participação coletiva e no diálogo, em busca de decisões justas e democráticas para resolver os seus problemas, conflitos e dilemas.

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO

A Comissão Própria de Avaliação, composta por representantes de todos os segmentos da escola, é responsável por:
Definir ações para diagnosticar a realidade da escola do ponto de vista dos segmentos. Sistematizar o material coletado nas entrevistas e nas Assembléias. Elaborar, acompanhar e avaliar a implementação do Plano de Avaliação Institucional através das metas e ações estabelecidas.

Continuidade do processo de Avaliação Institucional por considerá-lo legítimo ao estar em consonância com os princípios de uma educação participativa. Aprendizagem do exercício de discussão em espaços coletivos e de avaliar e reavaliar, para futuras criações e redimensionamentos de planos de ação para diferentes situações.

Realização e avaliação das ações planejadas sobre formação de docentes, aprendizagem e ensino, projetos e eventos, administrativo-físico e de recursos.

ASSEMBLÉIA ESCOLAR

Assembléia Escolar, de modo geral é a instância privilegiada, democrática e autônoma de participação ativa e direta dos sujeitos, através da palavra, do diálogo e dos registros, no processo de Avaliação Institucional Participativa, em busca da qualidade negociada.

de Alunos - Através dessa prática os alunos tornam-se co-responsáveis pela organização e pelas decisões do cotidiano da sala de aula e do funcionamento da escola. Vivenciam o diálogo coletivo, a busca por decisões justas e democráticas e a convivência com a diversidade de opiniões e idéias.

Geral, de pais, docentes e gestão:
Ampliação das Assembléias de Classe, envolvendo os outros segmentos da comunidade escolar.



METAS PARA 2009:

- Meta 1 - reduzir o número de faltas de alunos (faltosos)
- Meta 2 - reduzir em 70% o número de alunos que não entregam trabalhos
- Meta 3 - trabalho com pedagogia de projetos e interdisciplinar (já no primeiro trimestre)
- Meta 4 - a biblioteca como centro cultural da escola
- Meta 5 - ampliação do espaço de brincadeiras

PERSPECTIVAS:

Atividades Investigativas

Plano de Avaliação Institucional, Projeto Pedagógico 2008, Alinhado ao Projeto Pedagógico 2009. *ASSEMBLÉIAS ESCOLARES: CONSTRUINDO A DEMOCRACIA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO FUNDAMENTAL. B73 - Movimentos Sociais e Educação, "Pistas Terceira de Análise, UFG/CEMP /Vislumbres Assombrados: Análise de Análise, USP. Imagem: banco de imagem da escola.

ANEXO 3 – METAS DO PLANO DE AIP - 2011

*Metas iniciais:

O item 1 – Redução do número de falta dos alunos foi um tema votado para **permanecer**;

O item 2 – Reduzir em 70% o número de alunos que não entregam trabalhos – a professora argumenta que esse dado não seria abrangente da escola toda e se refere apenas aos estudantes do 6º ao 9º ano, portanto, não constaria mais do plano;(eliminada)

O item 3 – Trabalho com projetos e interdisciplinar – deveria ser discutido com o s professores, portanto, não foi apreciado pelo grupo por tratar-se de um aspecto diretamente ligado aos professores;(eliminada)

O item 4 - Funcionamento dos equipamentos pedagógicos, parque, LIED e biblioteca – esta meta já foi cumprida em 2010, portanto, seria **eliminada**;

O item 5 – A alfabetização de todos os alunos – essa meta **permanece**;

Duas outras metas foram **inseridas** – (3) redução da violência e indisciplina e conscientização sobre o consumo de drogas; (4) família na escola

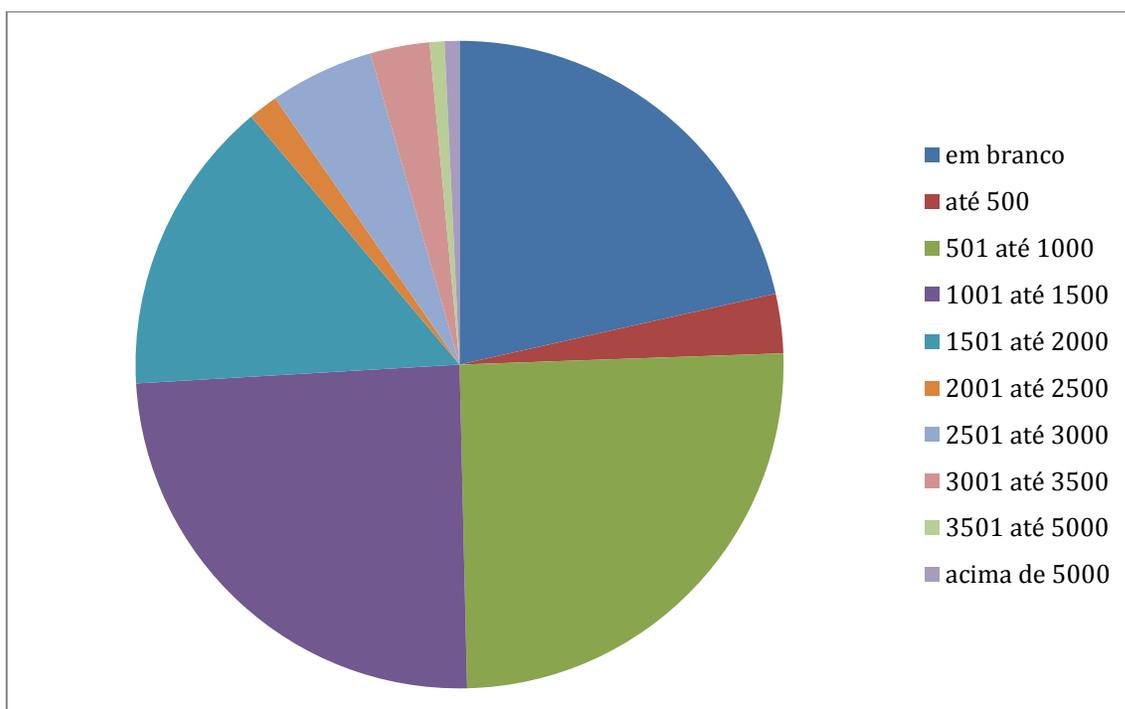
**Metas finas para 2011:

- 1 - Alfabetização de todos;
- 2 - Diminuir o número de faltas;
- 3 - Diminuição da violência na unidade;
- 4 - Trazer a família pra escola.

ANEXO 4 - QUESTIONÁRIO ÀS FAMÍLIAS - 2010

Os Gráficos abaixo foram elaborados a partir dos dados coletados no instrumento avaliativo entregue aos pais durante a Assembleia Geral ocorrida em Dezembro 2010.

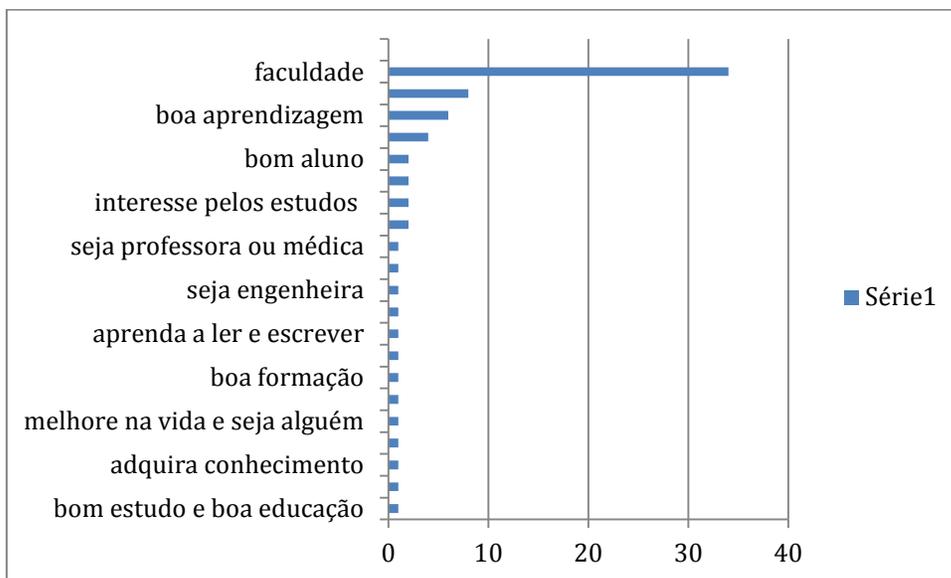
RENDA FAMILIAR



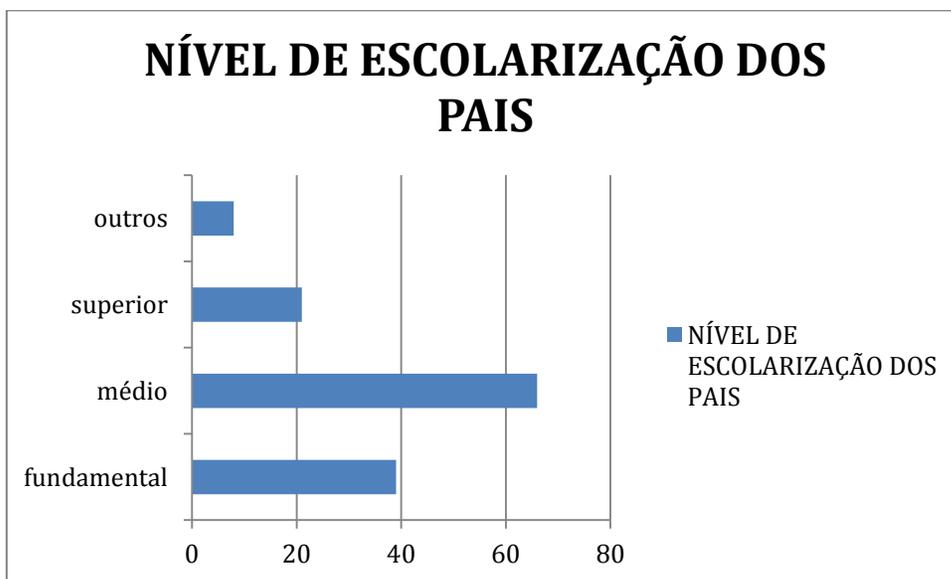
MEDIDA PROVISÓRIA Nº 474, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009 - ART. 1º INCISO I - em 2010, a partir do dia

1º de janeiro, o salário mínimo será de R\$ 510,00 (quinhentos e dez reais);

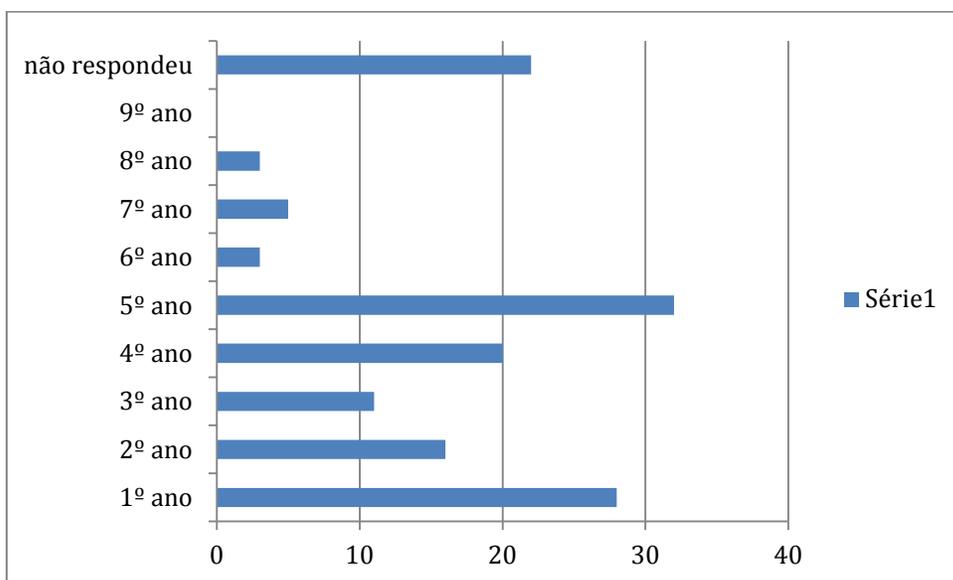
EXPECTATIVA DE ESTUDOS DOS FILHOS



NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO DOS PAIS

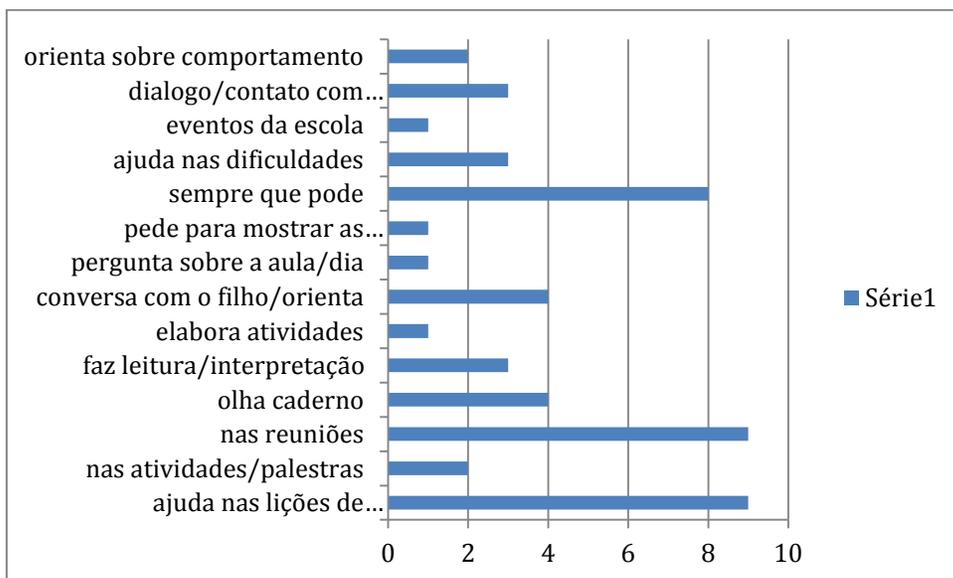


ANO/série ESCOLAR DO FILHO/ALUNO EM 2010

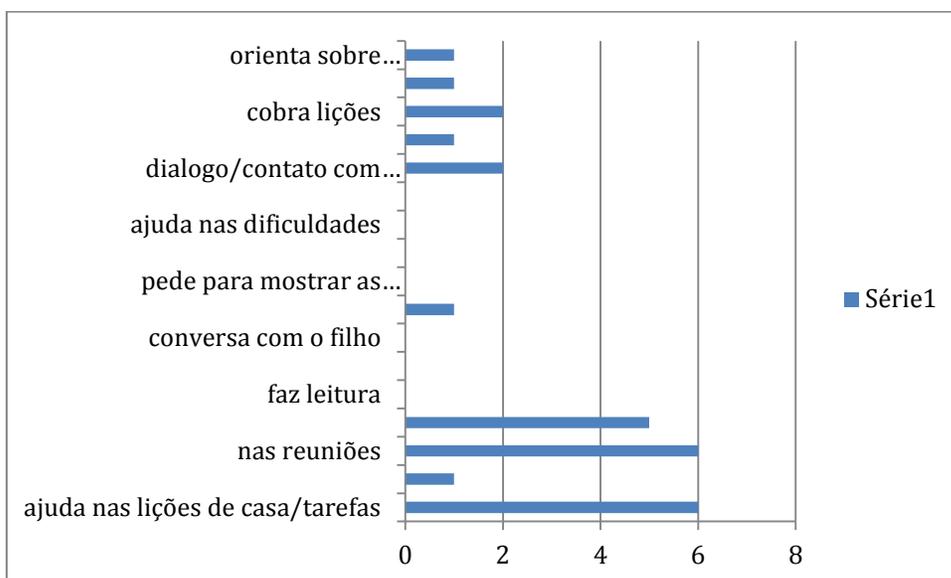


COMO PARTICIPA DA VIDA ESCOLAR DO FILHO

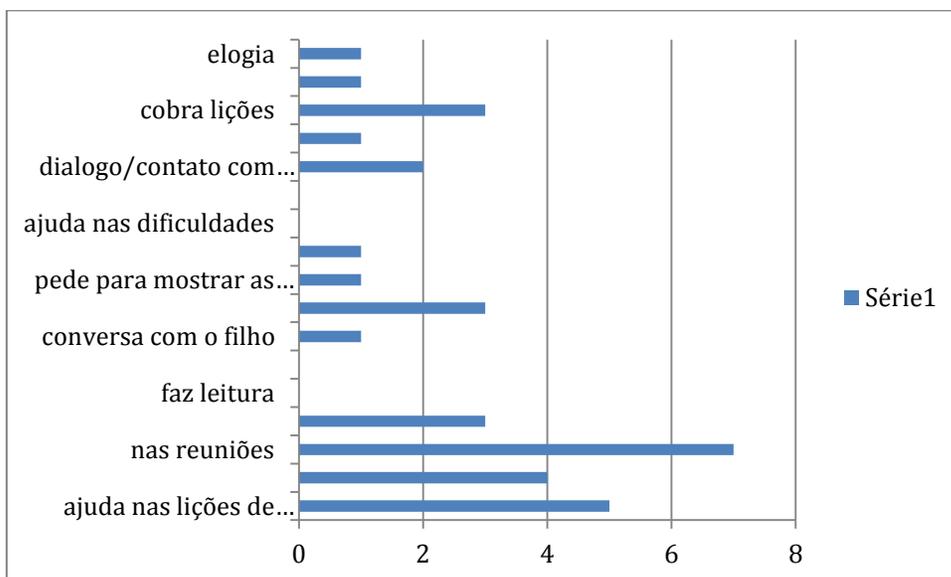
1ª ANO



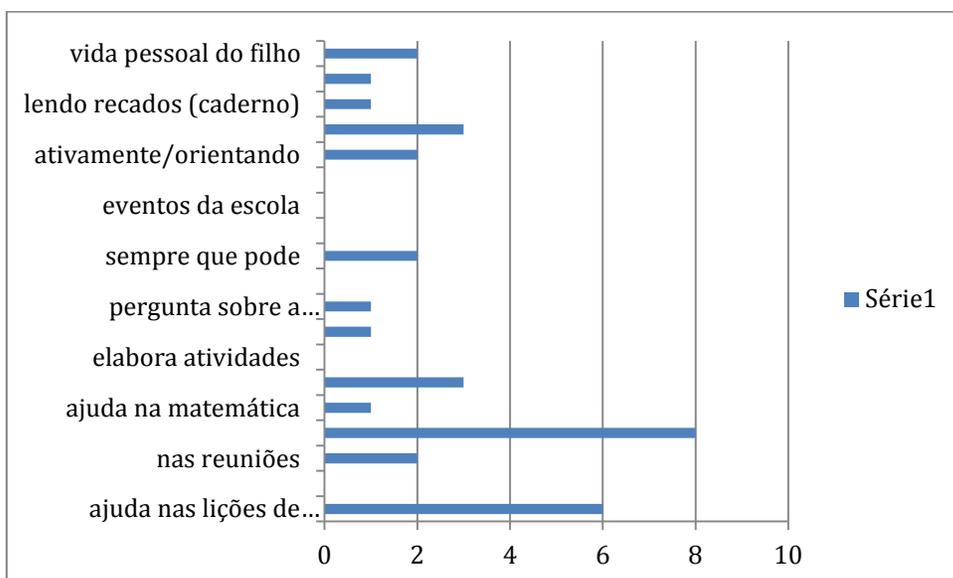
2º ANO



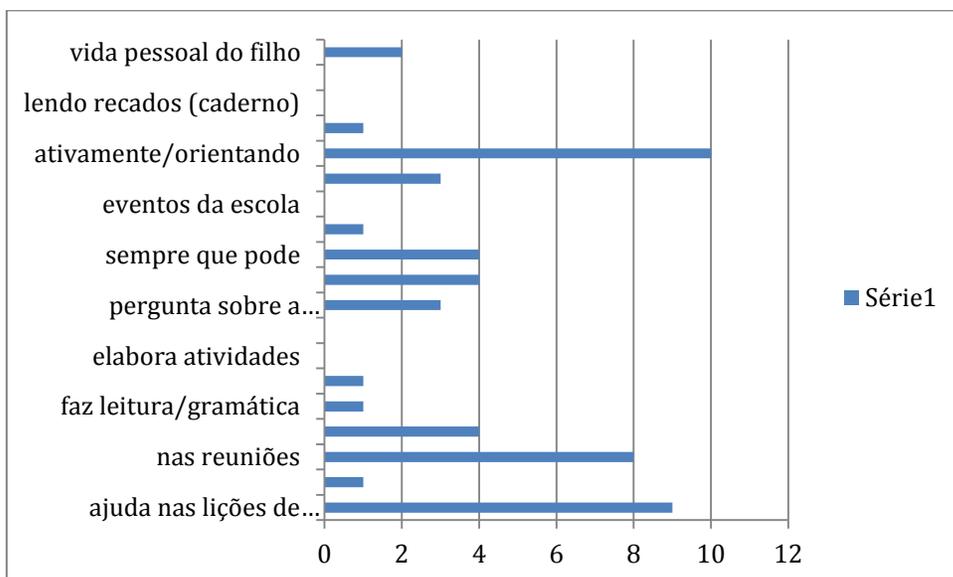
3º ANO



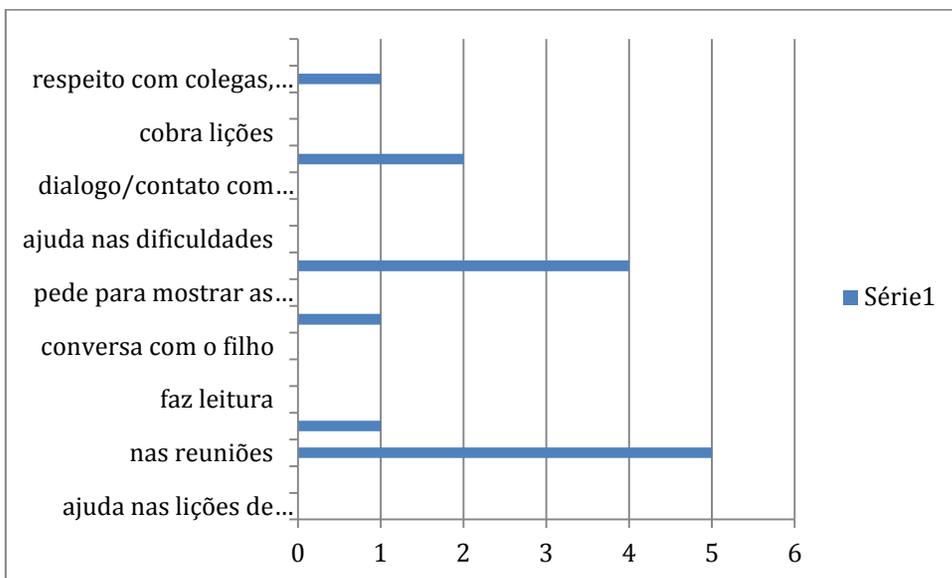
4º ANO



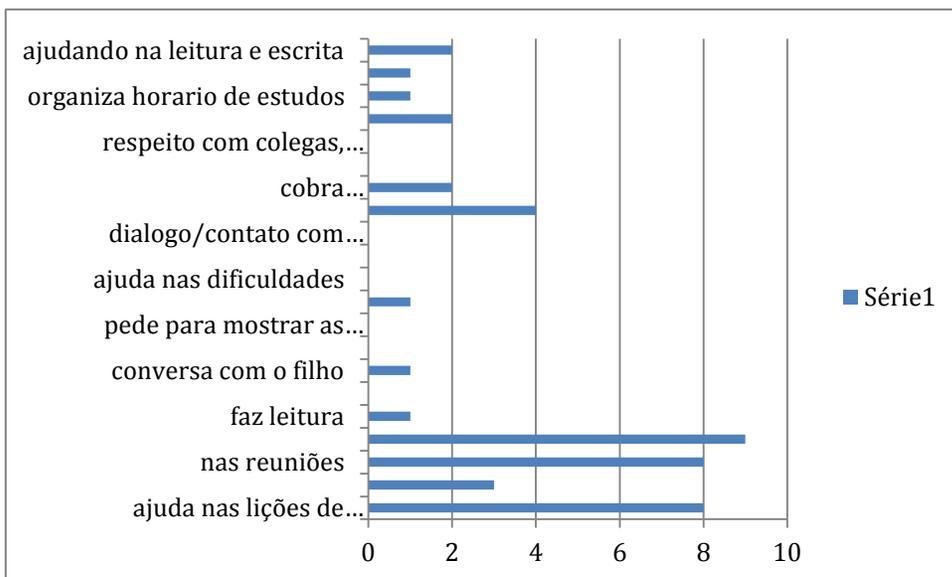
5º ANO



6º A 8º ANO



NÃO IDENTIFICOU EM QUE ANO/SÉRIE



NÍVEL/NÚMERO DE ALUNOS 2010	1º AO 5º	6º AO 9º
CICLO I	276	-
CICLO II	273	-
CICLO III	-	140
CICLO IV	-	134
TOTAL	549	274
TOTAL GERAL	823	
TOTAL DE QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS	134	

ANEXO 5 – ESTATÍSTICA 2009



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Promoção, Retenção e Evasão Escolar - Ano Letivo 2009 - ANUAL
NAED NOROESTE - ADMINISTRAÇÃO REGIONAL 05

E0412 - EMEF PADRE FRANCISCO SILVA
MODALIDADE: FUNDAMENTAL REGULAR

Ano/Turma	Total de Turmas	Matrículas				Matrículas Reclassificadas ⁴		Matr. Final ¹	Promovidos		Retidos Por Conceito		Retidos Por Frequência		Retidos		Não Frequentes (Evadidos)		Percentual
		Inicial	Recobida	Expedida	Excluída por Falecimento	Expedidas	Recobidas		Total	(%) ²	Total	(%) ³	Total	(%) ³	Total	(%) ³	Total ³	(%) ³	
CICLO I - 1º ANO	2	0	55	2	0	0	53	52	98,1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	98,1
CICLO I - 2º ANO	1	0	32	4	0	3	28	27	96,4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	96,4
CICLO I - 3º ANO	1	0	34	1	0	0	33	30	78,8	5	18,2	1	3	7	21,2	0	0	0	100
TOTAL CICLO I	4	0	121	7	0	3	114	106	92,1	5	5,3	1	0,9	7	6,1	0	0	0	98,2
CICLO II - 4º ANO	1	0	37	2	0	0	35	35	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	100
CICLO II - 5º ANO	2	0	74	7	0	0	67	67	95,1	5	11,9	0	0	5	11,9	2	3	0	100
TOTAL CICLO II	3	0	111	9	0	0	102	92	90,2	5	7,6	0	0	5	7,3	2	2	0	100
CICLO III - 6º ANO	2	0	72	2	0	1	69	64	91,4	0	0	5	5,6	6	8,6	0	0	0	100
CICLO III - 7º ANO	2	0	74	4	0	0	70	65	92,9	2	2,9	3	4,3	5	7,1	0	0	0	100
TOTAL CICLO III	4	0	146	6	0	1	140	129	92,1	2	1,4	8	5,4	11	7,8	0	0	0	100
CICLO IV - 8º ANO	2	0	73	3	0	0	69	65	94,2	0	0	4	5,8	4	5,8	0	0	0	100
CICLO IV - 9º ANO	2	0	74	5	0	0	69	67	98,5	0	0	1	1,5	1	1,5	0	0	0	100
TOTAL CICLO IV	4	0	146	8	0	0	137	132	96,4	0	0	5	3,6	5	3,6	0	0	0	100
FUNDAMENTAL REGULAR	15	0	524	31	0	4	489	458	92,9	15	3,2	15	3	31	6,3	2	0,4	0	99,6

(1) Matr. Final = Matr. Inicial + Matr. Recobida - Matr. Expedida - Matr. Excluída por Falecimento

Matr. Final = Promovidos Total + Retidos Total + Não Frequentes (Evadidos)

(2) Os percentuais de Promovidos, Retidos e Não Frequentes (Evadidos) são calculados em relação à Matr. Final

(3) Não Frequentes (Evadidos) Total = Não Frequentes (Evadidos) + Matr. Canceladas

(4) Matrículas Reclassificadas Expedidas = Total de Alunos que foram Reclassificados para Série superior

Recobidas = Total de Alunos que a Origem da Matrícula é Reclassificação

ANEXO 6 – ESTATÍSTICA 2010



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Promoção, Retenção e Evasão Escolar - Ano Letivo 2010 - ANUAL
NAED NOROESTE - ADMINISTRACAO REGIONAL 05

E0412 - EMEF PADRE FRANCISCO SILVA
MODALIDADE: FUNDAMENTAL REGULAR

Ano/Turma	Total de Turmas	Matriculas				Matriculas Reclassificadas			Matr. Final	Promovidos		Retidos Por Conceito		Retidos Por Frequência		Retidos		Não Frequentes (Evadidos)		Percentual
		Inicial	Recebida	Expedida	Excluída por Falecimento	Expedidas	Recebidas	Total		(%)	Total	(%)	Total	(%)	Total	(%)	Total	(%)		
CICLO I - 1º ANO	4	91	9	9	0	0	0	91	90	98,9	0	0	1	1,1	1	1,1	0	0	100	
CICLO I - 2º ANO	3	82	11	6	0	1	0	87	86	98,2	0	0	1	1,5	1	1,8	0	0	100	
CICLO I - 3º ANO	5	131	14	17	0	0	1	128	122	79,7	21	16,4	5	3,9	26	20,3	0	0	100	
TOTAL CICLO I	12	274	34	32	0	1	1	276	246	89,3	21	7,6	7	2,5	28	10,1	0	0	100	
CICLO II - 4º ANO	5	126	21	22	0	5	0	125	121	96,8	0	0	3	2,4	3	2,4	1	0,8	100	
CICLO II - 5º ANO	5	133	51	26	0	3	5	148	120	83,1	20	13,5	5	3,4	25	16,9	0	0	100	
TOTAL CICLO II	10	259	72	48	0	7	5	273	246	89,4	20	7,3	8	2,9	28	10,3	1	0,4	100	
CICLO III - 6º ANO	2	67	7	4	0	1	2	70	66	94,3	0	0	4	5,7	4	5,7	0	0	100	
CICLO III - 7º ANO	2	69	8	7	0	1	1	70	60	85,7	8	9,0	4	5,7	10	14,3	0	0	100	
TOTAL CICLO III	4	136	15	11	0	2	3	140	126	90	9	6,3	8	5,7	14	10	0	0	100	
CICLO IV - 8º ANO	2	71	3	4	1	0	1	68	65	95,6	0	0	3	4,4	3	4,4	0	0	100	
CICLO IV - 9º ANO	2	69	3	6	0	0	0	66	60	90,9	3	3	1	1,5	3	4,5	0	0	100	
TOTAL CICLO IV	4	140	6	10	1	0	1	134	126	93,6	3	2,2	4	3	6	4,5	0	0	100	
FUNDAMENTAL REGULAR	30	809	126	111	1	10	10	823	746	90,6	49	6	27	3,3	78	9,2	1	0,1	100	

(1) Matr. Final = Matr. Inicial + Matr. Recebida - Matr. Expedida - Matr. Excluída por Falecimento

Matr. Final = Promovidos Total + Retidos Total + Não Frequentes (Evadidos)

(2) Os percentuais de Promovidos, Retidos e Não Frequentes (Evadidos) são calculados em relação à Matr. Final

(3) Não Frequentes (Evadidos) Total = Não Frequentes (Evadidos) + Matr. Canceladas

(4) Matrículas Reclassificadas Expedidas = Total de Alunos que foram Reclassificados para Série superior

Recebidas = Total de Alunos que a Origem da Matrícula é Reclassificação

ANEXO 7 – ESTATÍSTICA 2011



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Promoção, Retenção e Evasão Escolar - Ano Letivo 2011 - ANUAL
NAED NOROESTE - ADMINISTRACAO REGIONAL 05

E0412 - EMEF PADRE FRANCISCO SILVA
MODALIDADE: FUNDAMENTAL REGULAR

Ano/Turma	Total de Turmas	Matriculas				Matriculas Reclassificadas ¹		Matr. Final ²	Promovidos		Retidos Por Conceito		Retidos Por Frequência		Retidos		Não Frequentes (Evadidos)		Percentual
		Inicial	Recebida	Expedida	Excluída por Falecimento	Expedidas	Recebidas		Total	(%) ³	Total	(%) ³	Total	(%) ³	Total	(%) ³	Total ⁴	(%) ³	
CICLO I - 1º ANO	8	104	24	17	0	1	0	111	109	98,2	0	0	1	0,9	1	0,9	0	0	99,1
CICLO I - 2º ANO	4	95	15	12	0	2	1	98	98	100	0	0	0	0	0	0	0	0	100
CICLO I - 3º ANO	3	79	9	10	0	1	2	76	71	94,7	2	2,7	2	2,7	4	5,3	0	0	100
TOTAL CICLO I	15	298	48	42	0	4	3	274	290	97,8	2	0,7	3	1,1	5	1,8	0	0	99,8
CICLO II - 4º ANO	4	97	15	16	0	1	1	99	99	100	1	1	0	0	1	1	0	0	100
CICLO II - 5º ANO	5	139	23	17	0	0	1	145	133	91,7	11	7,6	1	0,7	12	8,3	0	0	100
TOTAL CICLO II	9	236	41	33	0	1	2	244	231	94,7	12	4,9	1	0,4	13	5,3	0	0	100
CICLO III - 6º ANO	4	121	28	20	0	2	0	117	106	90,6	0	0	2	1,7	2	1,7	0	0	100
CICLO III - 7º ANO	2	71	11	17	0	3	0	65	62	95,4	0	0	2	3,1	2	3,1	0	0	96,5
TOTAL CICLO III	6	192	40	37	0	5	0	182	170	93,4	0	0	4	2,2	4	2,2	0	0	99,5
CICLO IV - 8º ANO	2	53	25	15	0	0	0	66	54	81,8	0	0	12	18,2	12	18,2	0	0	100
TOTAL CICLO IV	2	59	25	15	0	0	0	66	54	81,8	0	0	12	18,2	12	18,2	0	0	100
FUNDAMENTAL REGULAR	30	755	154	145	0	10	11	766	720	94,4	14	1,8	27	3,5	41	5,4	0	0	99,7

(1) Matr. Final = Matr. Inicial + Matr. Recebida - Matr. Expedida - Matr. Excluída por Falecimento

Matr. Final = Promovidos Total + Retidos Total + Não Frequentes (Evadidos)

(2) Os percentuais de Promovidos, Retidos e Não Frequentes (Evadidos) são calculados em relação à Matr. Final

(3) Não Frequentes (Evadidos) Total = Não Frequentes (Evadidos) + Matr. Canceladas

(4) Matrículas Reclassificadas Expedidas = Total de Alunos que foram Reclassificados para Série superior

Recebidas = Total de Alunos que a Origem da Matrícula é Reclassificação

ANEXO 8 – SÍNTESE DA ASSEMBLEIA DE ESTUDANTES 2011

Ano	Gostaram neste ano (elogio)	Não gostaram (critico)	Regras/encaminhamentos para o ano de 2012	Coordenadora da Assembléia
1º	<ol style="list-style-type: none"> 1. A lição de classe e a lição de casa (5) 2. A provinha (5) 3. Estudar (3) 4. Gosta das professoras (2) 5. Parque (3) 6. Aprender a ler (3) 7. Ler livrinho (10) 8. Informática (11) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Brigas dos colegas (5) 2. Xingar o colega 3. Bagunça durante as lições 4. Não gostas quando o amigo imita a sua lição 5. Puxar o livrinho infantil da mão do amigo (10) 6. Não gostam que rabiscam as carteiras (11) 7. Não gostam quando as crianças jogam papel higiênico dentro do vaso. 8. Não gosta quando a Beatriz puxa o braço das crianças (12) 9. Não gostam quando os colegas empurram. 10. Não gostam quando a criança coloca o dedo no nariz e come. Ou coloca o dedo no nariz e joga no amigo. 11. Não gostam que o colega deixe a torneira aberta. 12. Não gostam que os colegas usem o vaso sanitário e não dêem a descarga. 13. Na gostam que os colegas façam bagunça na hora em que esperam a perua. 14. Quando um colega não traz o material e pega dos outros (cola, lápis, borracha, tesoura). 15. Pichação na escola (banheiro,muros...) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Briga com os colegas <ol style="list-style-type: none"> A) Fazer as pazes. B) Encaminhar bilehte para os pais. C) Tirar o parque. 2. Xingar o colega <ol style="list-style-type: none"> A) Encaminhar bilhete aos pais. B) Pedir desculpas. 3. Rabiscam as carteiras <ol style="list-style-type: none"> A) Conversar com os professores dos alunos. B) Pedir para os alunos limparem as carteiras. 4. Não desperdiçar água. <ol style="list-style-type: none"> A) Fechar a torneira. B) Colocar alguns cartazes informando e educando as crianças. 5. Não fazer bagunça quando espera a perua escolar. <ol style="list-style-type: none"> A) Levar o aluno para a diretoria. B) Encaminhar bilhete para os pais ou responsável. 6. Pichação na escola <ol style="list-style-type: none"> A) Pegar o vidro de tinta do menino. B) Não são as faxineiras que devem limpar, mas o aluno que pichou. 	
1º				
2º				
2º B		<ol style="list-style-type: none"> 1. Limpeza em geral (paredes, chão, carteiras) 2. Pichações e destruição de móveis, rabiscar carteiras. 	<ol style="list-style-type: none"> 22. Respeitar o horário de entrada 23. Ficar só com os pequeneos (1º ao 5º) 24. Fazer os deveres na classe e em casa 	

		<ol style="list-style-type: none"> 3. Roubo de materiais escolares. 4. Brigas. 5. Confusões no corredor, atrapalhando nossa aula. 6. Gritos, “bateção” de portas. 7. Pular os portões. 8. Abrir portas de outras salas. 9. Chutar bebedouros. 10. Desrespeitar os professores. 11. Agressão física aos professores. 12. Judiar dos menores. 13. Gritar nos banheiros. 14. Desperdiçar alimentos (principalmente os “grandes”). 15. Arrastar colegas para os banheiros (observam isso quando estão na bandinha). 16. Invadir as salas quando os alunos não estão. 17. Papéis espalhados nas salas e carteiras “furadas”. 18. Chicletes embaixo das carteiras. 19. Ameaça aos professores. 20. Encontrar a lousa escrita no início do período. 21. Passar a mão nos colegas. 	<ol style="list-style-type: none"> 25. Cuidar do mobiliário 26. Respeitar os professores 27. Se alguém pichar, apagar 28. Ajudar os professores,. 29. Ficar em silêncio na classe para não atrapalhar. 30. Não sair da sala sem permissão. 31. Andar calmamente nos corredores, sem empurrar chutar os colegas, evitando atropelamento. 32. Não entrar nas salas na ausência dos alunos e professores para evitar roubos. 33. Cuidar dos materiais (não chutar portas, lixeiras..) 34. Só faltar da escola quando estiver doente, viajando ou outro motivo forte. 35. Usar uniforme. 36. Respeitar os colegas, evitando qualquer tipo de agressão (física ou verbal). 	
3ªA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Projeto Recreio (continuação para 2012) 2. A escola proporciona bem-estar para que possamos desenvolver bem as nossas atividades. 3. As atividades e lições são legais e permitem uma boa aprendizagem. Os alimentos são saudáveis, saborosos e as cozinheiras são muito higiênicas. Não gostamos do cheiro do peixe. 4. Gostamos da educação física, mas 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Deveria ter uma regra para brigas, xingamentos, agressões e palavrões. Xingamentos : advertências; Brigas: suspensão). 2. Não gostamos de apelidos. Quando o colega ficar apelidando, deveria se chamar os pais para conversa. Os colegas que atrapalham as aulas. Os pais deveriam ser chamados para ficarem em sala. 3. Os banheiros estão sujos, quebrados e pichados, há meninos fumando. Deveria ter funcionários para olhar os banheiros no 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Precisamos de inspetores na hora do recreio e nos corredores. 2. Consertar o parque. 3.]Mais jogos no projeto recreio. 4. Comidas diferentes: gelatina, vitaminas, outras frutas. 5. Professores de inglês para o próximo ano. 6. Rede nos gols. 7. Tirar os 8º anos 8. Enfermaria na escola pra aos alunos que e machucam. 	

	<p>sabemos que precisamos nos comportar melhor e a professora Jaqueline precisa dar suspensões.</p> <ol style="list-style-type: none"> 5. Gostamos de assistirm filmes. 6. Os rprofessores sapo bons, ensinam e se preocupam coma educação, são bravos. 7. A professora é legal e dá bronca só em quem não quer aprender. 8. A maioria dos alunos são amigos. Elogiamos a segurança e a educação dos guardas. 9. A diretora é eficaz porque punem as crianças que fazem bagunça. 	<p>recreio e sabonetes. Chamar os apis, dar suspensão.]</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Os alunos maiores batendo nos emnsoes. 5. Os alunos que não respeitam o fim do projeto recreio e ficam jogando os materiais. Diretoria, advertência. 6. Tirar a professora Alini do 3º ano A. A sala não concorda. 	<ol style="list-style-type: none"> 9. Revistar os alunos suspeitos de trazerem objetos perigosos. 10. Câmeras na escola par segurança. 11. Banheiros limpos. 	
3º B	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os professores, os alunos e a escola. 2. As brincadeiras. 3. A diretora e os funcionários. 4. A educação física. 5. As aulas. 6. Os passeios. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. A prefeitura pela falta de segurança. 2. A comida. 3. Os adolescentes que quebram as coisas da escola. 4. A escola é uma patifaria. 5. Os mal-educados. 6. A violência. 	<ol style="list-style-type: none"> 7. Explicar aos alunos que as aulas são importantes para aprender. 8. Fazer um ofício para pedir mia guardas, inspetores e professores para a prefeitura. 9. Colocar uniforme. 10. Fazer uma carta para a direção pedindo que ela converse com a merendeira e a prefeitura sobre os problemas da comida. Pedir para a diretora conversar com os adolescentes para que eles não quebrem as ciosas da escola, senão deverão sair da escola. 11. Dar advertências, suspensões e expulsões. 	<p>Organizadores: João Pedro Maria Eduarda Giovanna Diego Pedro</p>
4º				
5ºA			<ol style="list-style-type: none"> 1. É proibido chupar balas, chicletes e pirulito dentro da sala de aula. É permitido comer esse doces apenas nos horários da entrada, recreio e saída. 2. É proibido qualquer tipo de agressão 	

			<p>às pessoas da escola: alunos, professores e funcionários.</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Não colocar apelidos nos colegas, não xingar a mãe, o pai ou outras pessoas da família dos colegas, nem colocar as pessoas em situações de vergonha e humilhação. 4. Usar o uniforme completo todos os dias. 5. Respeitar as pessoas que estão na escola: estudantes, professores, funcionários e os pais. 6. Manter a escola limpa, jogando no lixo, recolhendo os restos de comida do refeitório e do pátio, não rabiscando as carteiras e paredes. 7. Ter cuidado com os materiais e espaços da escola: parquinho, materiais de educação física, quadra, carteiras, computadores, brinquedoteca, biblioteca etc. 	
4º C		<p>F= a favor; C= contra; A= abstenções.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Brigas dos aluno (unanimidade) 2. Banheiros sujos (unanimidade) 3. Ventiladores quebrados (unanimidade) 4. Adultos que não tomam atitudes quando há brigas (15 F; 9 c; 1 A). 5. Comida ruim (17 f; 6 C; 2 A). 6. Pichação (20 F; 3 A; 2 C). 7. Falta de segurança (unanimidade). 8. Banheiro sem papel higiênico (14 F; 11 C). 9. Poucos funcionários (Unanimidade) 10. Carteira suja 20 F; 2C; 3 A). 11. Parque quebrado (20 F; 22 C (entenderam que sempre funcionou e está arrumando) 1 A). 		

		12. Mesas quebradas no refeitório (19F; 6A). 13. Mau funcionamento dos bebedouros 23F; 1 C; 1 A).		
5ºB	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elogio os professores que ensinam muito bem (4) 2. Elogio os bons materiais 3. Elogio a boa higiene 4. A biblioteca que empresta livros 5. As pessoas boas que obedecem a professora 6. Os professores (1) 7. As aulas 8. Biblioteca 9. Organização dos recreios (1) 10. Os trabalhos dos professores dos 5 anos (parabéns a Vera) 11. A educação física que tem o futebol 12. Ficar mais tempo no recreio 13. A professora ensina tudo muito bem 14. A educação física 15. Professores felizes e alegres 16. A lição 17. Comida (1) 18. O guarda (1) 19. Os professores (1) 20. As obras 21. A professora V 22. O uniforme 23. A boa educação dos professores 24. Elogio tudo 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desrespeito aos professores (1) 2. Uso do boné (5) 3. Comer chiclete (4) 4. Vir de sandália (3) 5. Faltar às aulas 6. Desobedecer a professora (2) 7. Desobediência (2) 8. Falta de educação (3) 9. Com os colegas (1) 10. Falta de responsabilidades 11. Muita lição (2) 12. Uso de luva (1) 13. Xingar (2) 14. O uso obrigatório do uniforme (tênis e agasalho) 15. Uniforme completo. 16. Que não tem muito passeio. 17. Falta de organização do material. 18. Falta de higiene nos banheiros masculinos. 19. Falta de respeito dos alunos. 20. Os alunos da manhã podem ir de calça jeans e os da tarde não. 	<ol style="list-style-type: none"> 21. Ter responsabilidade 22. Ter aulas de inglês e espanhol 23. Usar só a blusa do uniforme 24. Mais computadores na informática 25. Mais funcionários na escola 26. Pôr de castigo quem não respeitar os funcionários 27. Quando xingar, levar suspensão. 28. Câmeras nos corredores, na escola. 29. Sugiro que tenhamos câmeras nos corredores para identificar e punir aqueles que passam chutando as portas, sugiro que seja obrigatório apenas o uso da camiseta escolar e sugiro que a escola promova projetos sociais. 30. Colocar uma guarda no Bloco B. 31. Mais passeios. 32. Faltar à escola 33. Ter ping-pong e futebol. 34. Sabonetes, papel higiênico e mais limpeza nos banheiros. 35. Mais guardas. 36. Última aula com jogos na quadra. 37. Não entrar de boné, não trazer salgadinho. 38. Mais tempo de recreio. 39. Não ser obrigatório o uso do uniforme. 40. Não agredir os professores. 	
5º ano C			<ol style="list-style-type: none"> 1. Respeitar uns aos outros 2. Tirar o intervalo para quem desrespeitar as pessoas da escola. 	

			<ol style="list-style-type: none"> 3. Ter materiais novos de arte. 4. Proibido uso de celular para todos os alunos e funcionários dentro da escola. 5. Deixar o parquinho ficar aberto para as crianças brincarem nos recreios de 1º a 5º anos. 6. Para situação de violência mais grave propor a suspensão. 7. Para situação de violência não tão grave chamar os responsáveis. 8. Depois de três suspensões propor a expulsão. 9. Deixar os portões dos corredores fechados, por enquanto, na hora dos intervalos. 10. Ter mais inspetores de alunos e câmeras de segurança. 11. Propõe-se que só se exija o uniforme da escola se todos os alunos receberam o uniforme. 12. Parar os que não vem com uniforme: Justificativa dos pais. Os alunos sem justificativa ficarão na secretaria aguardando alguém trazer. 	
6ºA				
6ºB	<ul style="list-style-type: none"> ☉ Aula de Inglês- 1 aluno; ☉ Aula de Ciências- 2 alunos; ☉ História- 8 alunos; ☉ Amigos- 11 alunos; ☉ Passeios- 14 alunos; ☉ Geografia- 20 alunos; ☉ Professores- 20 alunos; ☉ Merendeiras- 2 alunos; 	<ul style="list-style-type: none"> ● Professora de Artes- 26 alunos; ● Intervalo- 16 alunos; ● As reportagens na TV falando mal da escola-10 alunos; ● Atitudes dos colegas- 7 alunos; ● Tempo do intervalo (pouco) 13 alunos; ● Uniforme-27 alunos; ● Sala de aula- 12 alunos; 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Liberar chiclete, balas e pirulitos- 19 alunos; ■ Punir os alunos que não respeitam os colegas, colocam apelidos, batem e ofendem com palavras agressivas seguindo os itens: 1º- Advertência 2º- Convocar os pais 3º- Suspensão 	Professora Doralice

	<ul style="list-style-type: none"> ☉ Festas- 11 alunos; ☉ Diretora- 17 alunos; ☉ Meninas da escola- 18 alunos; ☉ Meninos- 7 alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> ☹ Poucas meninas na sala- 16 alunos; ☹ Não gostam da escola-16 alunos; ☹ Comportamento dos meninos- 12 alunos. 		
6°C	<ul style="list-style-type: none"> ☉ Novas amizades e reencontro com velhos amigos; ☉ Aprender coisas novas; ☉ Conhecer as professoras; ☉ Jogar futebol (aulas de Ed. Física); ☉ Informática, Lanche Coletivo, Exposição, Passeios ☉ Greve do professores, Hoppi Hary, gincanas, passeios, Festa das Cores, flores e sabores, Joad, Fanfarra e Projeto Aaiunne. 	<ul style="list-style-type: none"> ☹ Bagunça dos colegas; ☹ O acontecimento com a profª de EF; ☹ Merenda; ☹ Alunos que agridem os colegas com socos e agressão verbal. 	<ul style="list-style-type: none"> ▣ Não mascar chiclete dentro da classe; ▣ Não fazer bagunça na sala; ▣ respeitar professoras e colegas da sala. 	Maria Cristina
6ºD				
8ºA				
8ºB				

REGRAS TIRADAS A PARTIR DE DEBATE SOBRE AS CRÍTICAS

10. Não estragar os bebedouros.
11. Não desperdiçar água.
12. Não subir nas mesas do refeitório e nem estragá-las.
13. Não rabiscar as carteiras.
14. Não pichar as paredes, portas, portões...
15. Não ligar e desligar ventiladores sem a autorização dos adultos.
16. Não sujar os banheiros.

17. Não brigar.

18. Não fazer bullying.

PUNIÇÕES

1. Quanto aos danos materiais, a criança deverá arcar com os custos e permanecer no intervalo junto técnico.

Quando não houver danos, o aluno levará advertência e na segunda vez suspensão.

2. limpar o que sujou e acompanhar o trabalho das faxineiras para ver como é difícil limpar a escola.

3. agressão verbal:

1º Conversar junto com adulto;

2º Bronca;

3º Advertência;

4º Suspensão.

OBS: Podemos combinar essas punições com deixar o aluno sem recreio, pois sabemos que muitas vezes a advertência e a suspensão não funcionam.

Agressão física:

1º Advertência;

2º Chamar os pais;

3º Suspensão.

OBS. De acordo com o grau da agressão o aluno deverá ficar sem brincar no intervalo.

As crianças perceberam o que depende delas e o que não dependem. Pedem o encaminhamento das críticas escritas por elas e solicitam, especialmente, mais funcionários. Percebem que grande parte dos problemas seriam solucionados – ao menos em partes – se houvesse mais funcionários.

ANEXO 9 – QUADRO DAS REUNIÕES DA CPA DESDE 2008

Data	Pauta	Formato (Digitada ou Manuscrita)	Registro e Assinatura	Presentes		Observações
26.02.2008	Eleição	-	-	-	-	Comissão composta por pessoas do Conselho de Escola, eleito em 26.02.2008; Representantes dos pais: 4; Alunos: 2; Funcionários: 2; Professores: 1; Direção: 2.
25.04.2008	a) Elencar prioridades da escola com objetivo de melhorar; b) constituir equipe; c) resgatar história da escola; d) papel da Comissão; cronograma dos encontros; O dia escolhido foi sexta-feira; datas prováveis das reuniões 30/05;27/06;25/07;29/08;26/09;31/10;28/11	manuscrita	Professora V	gestão	2	
				prof	1	
				func	2	
				alunos	2	
				pais	1	
27.06.2008	Análise dos documentos: (entrevistas aos pais) e elaborada a tabulação. Você considera que somos uma boa escola? Por quê? Cite três aspectos; Dê sugestões sobre: onde precisa ser melhorada e que ações seriam necessárias.	manuscrita	Professora V	gestão	2	
				prof	1	
				func	2	
				alunos	2	
				pais	1	
08.09.2008	Socializar os procedimentos adotados pela CPA – questionário aos pais; Tabulação: Cobertura da Quadra, reforço aos alunos com dificuldades de aprendizagem, falta de funcionário na Biblioteca, controle de faltas dos alunos que não comparecem no reforço; incentivo à leitura; aulas mais interessantes.	manuscrita	Professora V	gestão	2	Estiveram presentes os alunos representantes de classe: 1 (8ª A), 1 (8ª B), 1 (7ª B), 1 (6ª B), 1 (7ª A), 1 (7ª A) 1 (7ª A), 1 (6ª B);
				prof	1	
				func	2	
				alunos	2	
				pais	-	
Data	Pauta	Formato (Digitada ou	Registro e	Presentes		Observações

		Manuscrita)	Assinatura			
2009						
16.09.2009	<p>Encontro das CPAs 06/10; Provinha Brasil, situação dos alunos em 2009: aprovação, faltas, alunos que não entregam trabalhos;</p> <p>Cronograma de reuniões: 08/10;22/10;15/11; 19/11; 03/12;</p>	manuscrita	Professora V	gestão	2	
				prof	2	
				func	-	
				alunos	4	
				pais	1 (5ªA)	
26.11.2009	<p>Socialização do resultado da Reunião de Planejamento e Avaliação Institucional (RPAI) do 1º semestre de 2009, com 05 metas: 1 - reduzir o número de faltas dos alunos faltosos; 2 - reduzir em 70% o número de alunos que não entregam trabalhos; 3 - trabalho com pedagogia de projetos; 4 - a biblioteca como centro cultural da escola; 5 - ampliação do espaço de brinquedos.</p>	manuscrita	Professora V	gestão	2	1 9º B1 (7º A);1 6º B; 1 (6º A); 1 (6º A); 1 (7º B); 1 (7º A)
				prof	1	
				func	1	
				alunos	07	
				pais	2)	

Data	Pauta	Formato (Digitada ou Manuscrita)	Registro e Assinatura	Presentes		Observações
2010						
24.03.2010	Apresentação da AIP, Objetivos das reuniões e cronograma; quadros sobre promoção/retenção 2009; Provinha Brasil; Metas; outros.	digitada	Não há	gestão	Não aponta	Não há registro do desenvolvimento da pauta nem dos presentes.
				prof	Não aponta	
				func	Não aponta	
				alunos	Não aponta	
				pais	Não aponta	
07.04.2010	Informativo 2010; Organização dos encontros e cronograma; Retornos sobre algumas questões levantadas em 24/03; Provinha Brasil, Novos membros para o segmento de professores.	digitada	Não há	gestão	Não aponta	Não há registro do desenvolvimento da pauta nem dos presentes.
				prof	Não aponta	
				func	Não aponta	
				alunos	Não aponta	
				pais	Não aponta	
26.04.2010	Informativo 2010; Retornos sobre Informativo, Mural, Bilhetes, Provinha Brasil – realizada, corrigida – discussão com professoras 28/04; Conselhos de Classe/ciclo 6º ao 9º ano (13/05 tarde e 14/05 manhã) participação de alunos e questões.	digitada	Professora C	gestão	2	Não compareceram representantes do segmento alunos. Outros assuntos na ata: relógios e rádios nas salas; rua de mão única no acesso à escola; abaixo assinado solicitando funcionários para a escola;
				prof	4	
				func	1	
				alunos	-	

	Cronograma de reuniões da CPA 2010: 24/03;07 e 26/04; 10 e 24/05; 07 e 21/06; 02, 16, 30/08; 13 e 27/09; 11 e 25/10; 08 e 22/11.			pais	1	
16.06.2010	Reunião de Negociação entre CPAs e SME; o objetivo é iniciar um processo de negociação entre CPAs e SME e recuperar o sentido de pacto de qualidade de ensino; Plano das escolas; Definição de negociação; Fala do Secretário Municipal de Educação; aberta a palavra para as escolas	digitada	Professora C	gestão	2	DIRETORAL - Cinco metas; a realidade escolar mudou porque houve a 'fusão' das duas escolas; 59 alunos não alfabetizados; falta de professores, falta dos alunos – negligência; funcionamento do Laboratório de informática – necessidade de monitores; trabalho com projetos de pesquisa – duas salas de biblioteca com 19.000 livros mas sem pessoas para lidar; falta RH para trabalhar como auxiliar na alfabetização (estagiárias); falta de Inspetor de alunos (tem 900 alunos); Horas de HP – projetos Mediação e pesquisa; LIED com 8 estações funcionando; Pai – (pai) funcionamento do parque; parcerias com universidades; segurança (mais um vigilante), entorno da escola – sinalização de solo para as peruas escolares; mais professores e monitores; valorização dos professores Decisão: socializar aos pares através de assembleia de alunos, reunião de funcionários, assembleia de pais e no TDC para os professores;
				prof	1	
				func	1	
				alunos	-	
				pais		
05.07.2010*	Socialização da reunião de Negociação entre CPA e SME; convite para ampliar o número de representantes no segmento de pais.	digitada	OP	gestão	2	Assembleia com pais conduzida pelo pai representante da CPA Sr. Carlos.
				prof	3	
				func	1	
				alunos	-	
				pais	1	
02.08.2010	Problemas com o Trânsito na porta da escola Regras para os alunos 5 Metas	digitada	Professora C	gestão	1	Palestra para os 8ºs e 9ºs anos sobre Colégio Técnico (ETECAP);
				prof	4	
				func	1	

	APM - dia do R\$ 1,00			alunos	-	(5 pais.)
				pais	05 pais	
30.08.2010	Plano e metas Dados sobre faltas de alunos e entrega de trabalhos (6º ao 9º) Eventos Jornal da CPA	digitada	Professora C	gestão	1	Preocupação com o horário das reuniões pois não está havendo a participação de alunos da tarde; calor nas salas de aula; grande número de alunos em sala;
				prof	3	
				func	-	
				alunos	-	
				pais	2	
28.09.2010	Avaliação de desempenho - Prova Campinas, Prova Brasil, Provinha Brasil.	digitada	Professora C	gestão	-	PALESTRA no CEFORTEPE (para os docentes) sobre Avaliação de Desempenho de alunos - Prova Brasil, Prova Campinas e Provinha Brasil Palestrante: Sr. Adilson Dalben
				prof	1	
				func	-	
				alunos	-	
				pais	-	

Data	Pauta	Formato (Digitada ou Manuscrita)	Registro e Assinatura	Presentes		Observações
25.10.2010	Plano e Metas - dados sobre faltas/conceitos e organização para 2011 Retornos sobre a estrutura, trânsito,	digitada	Professora C	gestão	2	As mães da CPA solicitam a discussão das regras da escola no início do ano letivo.
				prof	1	

	Portões, Parque, calor nas salas Festa Cores, Flores e Sabores Outros			func	1	
				alunos	-	
				pais	3	
08.11.2010	Abertura de 6 salas de 1º ano e fechamento dos 2 9ºs anos para 2011 Reunião por segmentos da CPA em 23/11 e plenária (tarde)	digitada	Professora C	gestão	1	Fechamento dos dois 9ºs anos para 2011 e a escola se tornar progressivamente de 1º ao 5º ano;
				prof	3	Possível movimento de professores e de pais, por descontentamento com essas medidas
				func	-	
				alunos	-	
				pais	2	
22.11.2010	Baixa participação de alunos Preparação para o encontro anual das CPAs Fechamento dos 9º e aumento da carga horária pra 2011	digitada	Professora C	gestão	2	
				prof	2	
				func	-	
				alunos	-	
				pais	2	
23.11.2010	Encontro anual das CPAs, por segmentos na UNICAMP	digitada	Professora C	gestão	2	Cada representante descreveu o que a CPA vem desenvolvendo nas escolas;

Data	Pauta	Formato (Digitada ou Manuscrita)	Registro e Assinatura	Presentes		Observações
12.04.2011	Função da CPA, melhor dia da semana (última quinta do mês, 18h00); Solicitações dos alunos: horários para pesquisa no LIED, ações para diminuir a violência na escola. Uso de drogas, atendimento com psicóloga da PUCC; retomada das Assembleias com alunos; incentivo ao trabalho com projetos e interdisciplinar; retirada da meta 2 (alunos que não entregam trabalho); mantidas as demais; projetos para diminuir a violência na escola e coibir o uso de drogas;	digitada	Professora M	gestão	1	A primeira reunião do ano, onde foi apresentada a retrospectiva do plano de 2010 e discutidas as metas - o que será mantido e o que será alterado para 2011. Presença da pesquisadora M
				prof	1	
				func	0	
				alunos	13	
				pais	3	
09.06.2011	Função da CPA; avanços da CPA no ano anterior; Aulas de inglês; discussão das metas - 1 - ampliar o número de alunos alfabetizados; 2 - redução de falta dos alunos; 3 diminuição da violência na escola; 4 - a ampliação da participação da família na escola.			gestão	2	Presença da pesquisadora M
				prof	3	
				func	0	
				alunos	0	
				pais	4	
07.07.2011	Acolhida dos membros Firmar compromisso de participação dos membros nas reuniões Estabelecer o melhor dia para as mesmas Breve apresentação da CPA e apresentação das metas Reunião por setor pra discutir Quais os empecilhos para sua			gestão	2	O item 1 - A alfabetização dos alunos; O item 2 - Redução do número de falta dos alunos; O item 3 - Diminuição da violência na escola; O item 4 - Ampliação da participação da família na escola. Quadro de alunos faltosos, pais que compareceram à reunião, pais ausentes, número de convocações. Presença da pesquisadora Marlene
				prof	3	
				func	1	
				alunos	4	
				pais	5	

	participação efetiva na CPA? Acredita que a CPA seja um órgão que pode fazer a diferença na escola?					
13.09.2011	Boas vindas aos participantes Discussão das ações já observadas; Eleição das demandas para enviar à SME A função dos pais e alunos: o que cada um pode estar fazendo para que alcancemos nossas metas?			gestão	2	Projeto Voo da Águia (Puccamp); motivos das faltas dos alunos, medidas pra reforçar a segurança, drogas 8º ano. Presença da pesquisadora M
			prof	3		
			func	1		
			alunos	1		
			pais	3		
29.11.2011	Encontro anual das CPAs e SME no dia 01.12; demandas da escola – solicitação da vinda de quatro agentes de organização escolar, falta de professores de inglês para 1 ao 5 ano; reforma para acessibilidade aos alunos especiais, instalação de câmeras de segurança; reurbanização da área externa à escola com quiosques, jardins, campo de futebol, horta; projetos da escola e espaço para abriga-los. Metas 2011 com dados atualizados, do que já foi realizado;			gestão	2	Presença da pesquisadora M Pai faz a leitura do documento que foi enviado ao Sr Secretário, onde constam diversas solicitações para a escola.
			prof	1		
			func			
			alunos	5		
			pais	4		
REUNIÃO DE NEGOCIAÇÃO ENTRE ESCOLA E SME – 01 DEZ 2011						
Membros da CPA	01 diretora, 03 professores, 1 OP, 5 alunos, 0 funcionários, 0 pais;					790 alunos
Apresentação da escola	Mudança ocorrida em janeiro de 2010 do prédio da EMEF Padre Francisco Silva localizada no Jardim Londres para a EE 'Fernandão' (localizada na Vila Castelo Branco; uso do prédio através de parceria com a SEE) e a ampliação no número de alunos atendidos saltando de 490 para 790, mantendo o mesmo número de funcionários, ampliando apenas os terceirizados; 2010 – 1º ao 9º, 2011 – 1º ao 8º e 2012 – 1º ao 7º; com diminuição gradativa do atendimento aos ciclos III e IV com a					

	<p>tendência de se tornar uma escola que atenda ciclos I e II, ou seja, de 1º ao 5º ano;</p> <p>Metas da escola:</p> <p>ALFABETIZAÇÃO DE TODOS (40 crianças não alfabetizadas);</p> <p>DIMINUIR O NÚMERO DE FALTAS;</p> <p>DIMINUIÇÃO DA VIOLÊNCIA;</p> <p>TRAZER A FAMÍLIA PARA A ESCOLA;</p>	
Estratégias para melhorar os saberes dos alunos	Mediação – alfabetização de alunos do 1 ao 5 ano; também ações do Projeto + educação e TDI;	
Gráficos	<p>Indicadores 1º ao 5º ano</p> <p>Apresenta o quadro de Alfabetização demonstrando a evolução:</p> <p>1º TRI – 153 alunos 2º TRI – 92 alunos 3º tri – 43 alunos (18 ed especial)</p> <p>Diretora: o compromisso é de que todos se alfabetizem; tem criança especial, tem crianças que escrevem mas não escrevem textos;</p> <p>Aluna – quando fizeram Assembleias de classe solicitaram inspetores de alunos porque tem muita violência na escola;</p>	
Encaminhamentos gerados a partir da estratégia	Diminuição no número de crianças não alfabetizadas	
Ações positivas 2011 – (CONQUISTAS CPA)	<p>Projeto Mediação, oficinas de alfabetização.</p> <p>Reunião entre escola e famílias para conscientizar de como a PRESENÇA favorece a aprendizagem;</p> <p>Palestras em parceria com ONG TABA, Sou feliz sem drogas (amor exigente) e Projetos (Voo da águia – PUCCAMP) Oásis – SESC/DPaschoal;</p> <p>Festa da família, dia da família na escola, festa Cores, Flores e Sabores; reuniões pontuais, projeto Voo da águia: a psicologia intervindo junto à família;</p>	
DEMANDAS	<p>4 agentes de organização escolar por período;</p> <p>Professor de inglês para ciclo I e II (mudou a grade e não tem professor sugestão DEPE – colocar outros projetos nessa lacuna)</p>	

	<p>Reforma e acessibilidade aos alunos portadores de necessidades especiais – a escola possui rampas, mas estas são muito íngremes e temos muitos cadeirantes;</p> <p>Instalação de Câmeras nos blocos A e B e pátio;</p> <p>Reurbanização da área externa: espaço ‘verde’ e querem organizar locais para oficinas (+ educação), quiosques, espaço para música, etc...</p> <p>NÃO À REGIONAL SER INSTALADA NAQUELE ESPAÇO (ruídos de caminhões)</p>	
<p>Impressões da Observadora: Não fica claro se as conquistas 2011 foram através da atuação da CPA</p>		

ANEXO 10- QUADRO DAS REUNIÕES DE CONSELHO DE ESCOLA DESDE 2008

Data	Pauta	Formato (Digitada ou Manuscrita)	Assinaturas	Tipo Ordinária Ou extraordinária	Quórum	Presentes		Observações
26.02.2008	Eleição e posse do CE e eleição da Diretoria Executiva da Associação de Amigos; aprovação do PP, calendário, horário dos especialistas, planilha de previsão de gastos para o 1º semestre 2008; apresentação do balancete 4º tri 2007, estampa das camisetas 8ª série; AIP - OP esclarece e compõe a CPA: 4 (pais) 2 (profs) 1 (func.), 2 (alunos)	Ata digitada	Sem assinatura dos presentes	Não aponta	Não aponta			02 assinaturas sem identificação
19.03.2008	Prefeitura Itinerante (29.03), AIP, Concurso público para vários cargos, reforma, vaga nas escolas, segurança, uso da praça de esportes, poda de árvores, iluminação das ruas	manuscrita	Com assinatura	Ord	Não aponta	gestão	1	02 assinaturas sem identificação
						prof	2	
						func	1	
						alunos	05	
						pais	01	
28.05.2008	PP da escola, CPA - questionário aos pais (sondagem), funcionários readaptados, festival da	manuscrita	Com assinatura	ordinária	Não aponta	gestão	3	01 convidado
						prof	2	

	amizade, desligamento do professor , Conta escola - recursos e aplicação, horta, pintura na quadra					func	1	4 assinaturas sem identificação
						alunos	02	
						pais	03 1 avó	
10.07.2008	Aprovação do plano de aplicação semestral para o 2º semestre 2008;	manuscrita	Com assinatura	extraordinária	Não aponta	gestão	2	05 assinaturas sem identificação
						prof	2	
						func	1	
						alunos	0	
						pais	2	
15.08.2008	Cessão da Praça para uso da escola	manuscrita	Com assinaturas	extraordinária	aponta	gestão	2	02 assinaturas sem identificação
						prof	2	
						func	1	
						alunos	1	
						pais	1	
23.10.2008	Cancelada por falta de quórum, remarcou para 03/11 Assunto: festa das Cores Flores e Sabores, Praça, Reforma da escola, situação de alunos para CE	manuscrita	Com assinaturas	Ordinária	Aponta, mas não houve quórum	gestão	1	2 sem identificação
						prof	1	
						func	1	
						alunos	3	
						pais	1	

2009								
Data	Pauta	Formato (Digitada ou Manuscrita)	Assinaturas	Tipo Ordinária Ou extraordinária	Quórum	Presentes		Observações
22.01.2009	Alambrado Praça, Reforma da escola	manuscrita	Com assinaturas	Não aponta	Não aponta	gestão	2	1 representante de ONG 'Vizinhos e Vizinhos' e 1 morador da mesma rua da escola
						prof	1	
						func	1	
						alunos	1	
						pais	1	
17.02.2009	Eleição e posse do CE	Ata digitada	Com assinaturas		Todos presentes	gestão	3	09 assinaturas sem identificação
						prof	5	
						func	2	
						alunos	0	
						pais	2	
26.03.2009	Convocar extraordinária para 06/04 para tratar do caso de 2 alunos; Calendário das reuniões do CE para 2009 (13/04, 02/07;15/09 e 16/12)	Ata digitada	Com assinaturas	1ª ordinária	Não aponta	gestão	2	10 assinaturas não identificadas
						prof	6	
						func	2	
						alunos	0	
						pais	2	
06.04.2009	Alunos – Lucas Soares e Lucas	manuscrita	Com assinaturas	extraordinária	Não aponta	gestão	3	09 assinaturas não

	Vinícius					prof	7	identificadas
						func	2	
						alunos	0	
						pais	3	
13.04.2009	Alunos – Lucas Soares e Lucas Vinícius	manuscrita	Com assinaturas	ordinária	Não aponta	gestão	3	05 assinaturas sem identificação
						prof	3	
						func	2	
						alunos	0	
						pais	4	
25.06.2009	Plano de reposição de greve	manuscrita	Com assinaturas	extraordinária	Não aponta	gestão	3	04 assinaturas sem identificação
						prof	4	
						func	0	
						alunos	0	
						pais	3	
08.09.2009	Alteração do artigo do estatuto de AAE da EMEF Aprovação do plano de reposição de greve	(Ata digitada)	Com assinaturas	Ordinária antecipada	Não aponta	gestão	2	-
						prof	1	
						func	4	
						alunos	0	
						pais	2	
05.11.2009	Gastos dos Recursos PDDE , renovação de matrícula do aluno Lucas Vinícius	manuscrita	Com assinaturas	Ordinária antecipada de 16.12	Não aponta	gestão	3	3 assinaturas sem identificação
						prof	7	
						func	0	

						alunos	0	
						pais	2	
07.12.2009	Mudança de prédio para EE Antonio Fernandes - Prédio cedido pela SEE através de 'Ação Parceira'; eleição do Grêmio - chapa LIFE vencedora	manuscrita	Com assinaturas	Ordinária antecipada de 16.12	Não aponta	gestão	3	-
						prof	2	
						func	1	
						alunos	3	
						pais	0	

2010								
Data	Pauta	Formato (Digitada ou Manuscrita)	Assinaturas	Tipo Ordinária Ou extraordinária	Quórum	Presentes		Observações
22.02.2010	Eleição e posse do CE	Ata digitada	Sem assinaturas	-	Não aponta	gestão		-
						prof		
						func		
						alunos		
						pais		
01.06.2010			Com assinaturas			gestão	2	04 assinaturas sem identificação
						prof	0	
						func	1	
						alunos	0	
						pais	0	

2011								
Data	Pauta	Formato (Digitada ou Manuscrita)	Assinaturas	Tipo Ordinária Ou extraordinária	Quórum	Presentes		Observações
11.02.2011	Eleição e posse do CE	Ata digitada	Sem assinaturas	-	Não aponta	gestão		-
						prof		
						func		
						alunos		
						pais		
09.08.2011	Drogas	manuscrita	Com assinaturas	1ª ordinária		gestão	1	
						prof	1	
						func	0	
						alunos	0	
						pais	1	
11.08.2011	Aprovação do Plano de Aplicação	manuscrita	Com assinaturas	1ª extraordinária	Não aponta	gestão	1	02 assinaturas sem identificação
						prof	5	
						func	0	
						alunos	0	
						pais	2	
16.09.2011	Balancete APM, conta escola, gastos PDDE, verba e conta do Banco do Brasil, drogas e	manuscrita	Com assinaturas	ordinária	Falta de quórum (de pais e	gestão	2	1 assinatura sem identificação
						prof	6	

	parcerias - TABA, ONG, etc				alunos)	func	0	
						alunos	1	
						pais	0	
19.10.2011	Uso de recursos, Mais educação, PDDE, parque, corrimão, vidros, alambrado, caso de aluno Jonathas	manuscrita	Com assinaturas	ordinária		gestão	2	09 assinaturas sem identificação
						prof	3	
						func	0	
						alunos	1	
						pais	1	
24.10.2011	Aluno J,, recursos PDDE, Conta Escola, Segurança,(ronda escolar), falta de funcionários	manuscrita	Com assinaturas	Extraordinária		gestão	2	4 assinaturas sem identificação
						prof	5	
						func	0	
						alunos	1	
						pais	6	
11.11.2011	Planejamento 2012, falta de funcionários, Guarda Municipal, medidas disciplinares para alunos	manuscrita	Com assinaturas	Ordinária		gestão	2	6 assinaturas sem identificação Presença de um representante da Guarda Municipal
						prof	7	
						func	0	
						alunos	0	
						pais	1	

**ANEXO 11 – QUADRO DE OBSERVAÇÃO DO ENCONTRO DE NEGOCIAÇÃO – 2011
LOCAL: CEFORTEPE**

Membros da CPA	01 diretora, 03 professores, 1 OP, 5 alunos, 0 funcionários, 0 pais;	790 alunos
Apresentação da escola	<p>Mudança ocorrida em janeiro de 2010 do prédio do Jardim Londres para a Vila Castelo Branco; uso do prédio através de parceria com a SEE) e a ampliação no número de alunos atendidos saltando de 490 para 790, mantendo o mesmo número de funcionários, ampliando apenas os terceirizados; 2010 – 1º ao 9º, 2011 – 1º ao 8º e 2012 – 1º ao 7º; com diminuição gradativa do atendimento aos ciclos III e IV com a tendência de se tornar uma escola que atenda ciclos I e II, ou seja, de 1º ao 5º ano;</p> <p>Metas da escola:</p> <p>ALFABETIZAÇÃO DE TODOS (40 crianças não alfabetizadas);</p> <p>DIMINUIR O NÚMERO DE FALTAS;</p> <p>DIMINUIÇÃO DA VIOLÊNCIA;</p> <p>TRAZER A FAMÍLIA PARA A ESCOLA;</p>	
Estratégias para melhorar os saberes dos alunos	Mediação – alfabetização de alunos do 1 ao 5 ano; também ações do Projeto + educação e TDI;	
Gráficos	<p>Indicadores 1º ao 5º ano</p> <p>Apresenta o quadro de Alfabetização demonstrando a evolução:</p> <p>1º TRI – 153 alunos 2º TRI – 92 alunos 3º tri – 43 alunos (18 ed especial)</p> <p>Diretora: o compromisso é de que todos se alfabetizem; tem criança especial, tem crianças que escrevem mas não escrevem textos;</p> <p>Aluna Yasmim – quando fizeram Assembleias de classe solicitaram inspetores de alunos porque tem muita violência na escola;</p>	
Encaminhamentos gerados a partir da estratégia	Diminuição no número de crianças não alfabetizadas	
Ações positivas 2011 – (CONQUISTAS	Projeto Mediação, oficinas de alfabetização.	

CPA)	<p>Reunião entre escola e famílias para conscientizar de como a PRESENÇA favorece a aprendizagem;</p> <p>Palestras em parceria com ONG TABA, Sou feliz sem drogas (amor exigente) e Projetos (Voo da águia – PUCCAMP) Oásis – SESC/DPaschoal;</p> <p>Festa da família, dia da família na escola, festa Cores, Flores e Sabores; reuniões pontuais, projeto Voo da águia: a psicologia intervindo junto à família;</p>	
DEMANDAS	<p>4 agentes de organização escolar por período;</p> <p>Professor de inglês para ciclo I e II (mudou a grade e não tem professor sugestão DEPE – colocar outros projetos nessa lacuna)</p> <p>Reforma e acessibilidade aos alunos portadores de necessidades especiais – a escola possui rampas, mas estas são muito íngremes e temos muitos cadeirantes;</p> <p>Instalação de Câmeras nos blocos A e B e pátio;</p> <p>Reurbanização da área externa: espaço ‘verde’ e querem organizar locais para oficinas (+ educação), quiosques, espaço para música, etc...</p> <p>NÃO À REGIONAL SER INSTALADA NAQUELE ESPAÇO (ruídos de caminhões)</p>	
Impressões da Observadora: Não fica claro se as conquistas 2011 foram através da atuação da CPA		

Parecer da Observadora: Não houve um esclarecimento inicial, como em 2010, sobre os conceitos que sustentam a política, como a participação, qualidade, qualidade negociada, etc. Suponho que fora enviado um roteiro às escolas contendo alguns itens que deveriam ser expressos como a apresentação da escola com suas características, os indicadores (dados) de aprendizagem, as estratégias, as metas, as demandas, etc. Destaco que considero positivo, uma vez que a reunião se tornou um pouco mais objetiva; entretanto, ainda não fica claro que encaminhamentos serão tomados, ou seja, a partir das questões apresentadas pelas escolas e que não são de sua alçada resolver – formação, reorientação curricular, recursos humanos, estrutura (cobertura das quadras) – qual é o PLANO DE AÇÃO DA SME, plano esse que dê visibilidade, assim como tem sido cobrado das escolas; com metas e tempo para cumprimentos das mesmas, independente de quem esteja na administração. Vale ressaltar que a cada ano que passa, a não concretização de algumas ‘promessas’ feitas em reunião de negociação (e temos percebido isso através das observações nos espaços das escolas) têm enfraquecido uma possível relação de confiança entre a SME e escolas;

Sobre as demandas apresentadas, é visível a predominância da necessidade de RH, pelas colocações sobre indisciplina e pela organização desejada pelas escolas, porque justificam que a presença de adultos educadores possa contribuir para que o ambiente seja (mais) educativo;

As estratégias apontadas por algumas escolas revelam a fragilidade ainda existente no quesito ALFABETIZAÇÃO, com as lacunas na formação e nas práticas que envolvem a leitura e escrita e por conseguinte, a discussão da organização em ciclo que ainda não se mostra consolidada; Pelas colocações da mesa e posicionamento da Diretora Pedagógica (Renata) e do Secretário (Prof Eduardo Coelho) sobre a alfabetização, níveis de leitura e escrita e as ações de formação emanarem do Cefortepe, deduzo que haverá um planejamento mais orgânico envolvendo essas questões, articulando formação, currículo, e avaliação;

As conquistas apontadas e em alguns casos, atribuídas à atuação da CPA podem representar que a CPA tem atuado tanto nas grandes questões (índices de aprendizagem) como nas mais simples (troca de filtros no bebedouro - Clotilde) que são inerentes ao bom funcionamento da escola; esse indicativo pode revelar a incorporação da ação da CPA ao cotidiano da escola e não apenas em socorro a demandas pontuais e eventuais; também se percebe em mais de uma escola uma tentativa de aproximar os seus instrumentos de avaliação interna (Clotilde, Edson) dos instrumentos da avaliação externa; depreende-se que também o domínio do instrumento favorece o desempenho do aluno no momento de se submeter à avaliação, e que o 'currículo' trabalhado deva (caso possa) ficar limitado ao que se 'supõe' que será avaliado externamente;

O trabalho apresentado dá enfoque aos ciclos I e II; os ciclos III e IV quando mencionados, são para apontar a questão da INDISCIPLINA; A baixa presença ou ausência do segmento família reafirma a hipótese de que é segmento mais difícil de 'entrar' na escola; também o segmento funcionário se revelou bastante ausente, talvez até para reforçar a necessidade apontada pelas escolas do quanto o quadro desse profissional está desfalcado;

Outro aspecto a destacar é o papel da instância meio, que não se pronunciou (Noroeste), portanto não revelou de que forma ocorreu a sua intervenção, caso tenha ocorrido; e na apresentação das escolas, essa intervenção não é mencionada (mesmo que tenha ocorrido também).

A reunião ocorreu em clima amistoso, não tendo demonstrações de hostilidade, apenas algumas falas mais enfáticas, outras em tom queixoso ou de reivindicação, vindas por parte de alguns representantes de escolas ou do NAED. Houve problematização pela 'mesa' em torno de alguma questão, como os níveis de escrita, ou alguma dúvida sobre as relações no interior da escola, para construir um panorama mais completo do cotidiano da mesma.

Segmento alunos e famílias: não demonstraram atuações 'políticas' demonstradas outrora.

No caso específico dos alunos, que em encontros passados pareciam solicitar interesses de adultos, com a dinâmica atual essas posturas não foram favorecidas.

De maneira geral, a política de AIP parece estar se consolidando na Rede Municipal de Campinas, haja vista a centralidade na questão da avaliação (de desempenho, de aprendizagem); os ajustes ou acomodações da própria política – como a atuação do professor em lugar do OP, do diretor em lugar do OP; das justificativas em torno da ausência de algum segmento; da perspectiva de fortalecer a participação no segmento família e até de certo constrangimento quando a escola revela que não se apropriou da prática avaliativa participativa, no sentido de que seja a AIP/CPA a condutora dos processos (avaliativos ou não) promovidos pela escola (denúncias, por exemplo, de que a EMEF Silvia S Magro 'nem tem CPA').

Pontos negativos

PROVA BRASIL – por ser a base da composição do IDEB 'pressiona' as escolas a se 'moldarem' para que o aluno se aproprie do modelo e obtenha bons resultados;

Pontos positivos:

A cultura de avaliação crescente, o cuidado na organização e apresentação dos dados, são aprendizados que começam a apontar;

A CPA como espaço de formação;

A apresentação de índices a partir de avaliação interna – mostra uma iniciativa da escola em ter seus próprios instrumentos para uma avaliação diagnóstica que possibilite pensar estratégias para atingir avanços desejados;

Formação na escola – através de verba do programa 'conta escola' – possibilita que a escola busque formação a partir das questões/demandas locais.

ANEXO 12 - REGRAS DE CONVIVÊNCIA DA EMEF

Compreendendo que a convivência e o respeito mútuo exigem de todos reflexão, compromisso e conhecimento, é que você tem acesso aos DEVERES E DIREITOS NA EDUCAÇÃO. Acreditamos que o trabalho, o estudo e a cooperação no espaço escolar farão de todos seres humanos melhores!

O objetivo desse material é permitir o amplo conhecimento sobre as regras estabelecidas pela Escola. As informações sobre os Deveres e Direitos foram retiradas do Regimento Escolar. A Escola é o espaço mais genuíno da educação. Responsabilizarmos uns pelos outros deve ser o princípio fundamental e a aprendizagem permanente!

DEVERES DO ALUNO

- I. Frequentar as aulas, as assembléias e outras atividades escolares com assiduidade e pontualidade, contribuindo para o bom andamento das aulas e atividades, com participação, concentração e esforço;
- II. Apresentar solicitação, por escrito, e assinado pelo responsável, para fins de saídas antecipadas do Estabelecimento, quando menor de idade;
- III. O uso diário do uniforme escolar, sem descaracterizá-lo, inclusive nos horários extraescolares;
- IV. o uso do uniforme específico para as aulas de Educação Física;
- V. o uso diário do material escolar;
- VI. Comunicar a Orientação Pedagógico/Administrativa da Escola seu afastamento temporário por motivo de doença ou outros;
- VII. Executar todas as atividades e exercícios nos prazos determinados pelos professores;
- VIII. Zelar pela conservação do meio ambiente: áreas verdes, área de convivência, bem como os prédios, instalações, equipamentos e material escolar de uso coletivo;
- IX. Indenizar os prejuízos quando produzir dano material ao Estabelecimento ou dano material e/ou pessoal a qualquer membro da comunidade;
- XI. Contribuir, no que lhe couber, para o prestígio da Escola;
- XII. Abster-se de atos que perturbem a ordem, ofendam os bons costumes ou importem em desrespeito às leis, às autoridades escolares, aos professores, funcionários, demais alunos ou visitantes do estabelecimento de ensino.
- XII. Obedecer às normas deste Regimento, bem como as regras de convivência e as regras pedagógicas estipuladas pelos professores.

É VEDADO AO ALUNO

- I. É vetado por lei uso de celular e aparelhos eletrônicos (mp3, mp4, rádios etc) na escola, qualquer pessoa da equipe escolar que encontrar aluno usando celular está autorizando a pedir o mesmo ao aluno e caso este se recuse, sua família será contatada. O

aparelho confiscado será entregue somente aos responsáveis. Os telefonemas de comprovada necessidade serão feitos pela secretaria;

- 1- Horário de entrada: manhã 7h00 e tarde 13h00/13h10 com tolerância de 10 minutos para entrada.
Ou os alunos que chegarem atrasados sem motivo terão seus nomes anotados em um caderno próprio e, em caso de três reincidências seus pais serão chamados a unidade e caso continue os atrasos, o nome do aluno será encaminhado ao Conselho Tutelar.
- 2- Não é permitido mascar chicletes, balas e pirulitos em sala de aula.
- 3- O uso do uniforme (camiseta e shorts/bermuda) é OBRIGATÓRIO, pois o mesmo é dado gratuitamente pela prefeitura. Caso o aluno não esteja portando-o sua família será contatada e o mesmo só entrará em sala quando a família trouxer o uniforme para este colocá-lo.

Utilizar-se, sem autorização, de qualquer material escolar de propriedade da Escola ou de seus colegas;
II. Impedir a entrada dos colegas no Estabelecimento ou concitá-los à ausência coletiva;
VI. Gravar aulas ou atividades pedagógicas sem autorização prévia da Orientação Pedagógico/Administrativa;
VII. Perturbar a ordem no recinto do Estabelecimento ou fora dele;
VIII. Praticar, dentro do estabelecimento escolar ou nas suas imediações, atos atentatórios à moral, à segurança e aos costumes da Escola;
IX. Fumar nas dependências internas, nas proximidades e em atividades promovidas pela Escola;
X. Portar ou fazer uso de bebidas alcoólicas ou substâncias entorpecentes em atividades promovidas pela Escola, nas dependências internas e nas proximidades;
XI. Trazer ou utilizar objetos que comprometam a segurança pessoal e coletiva nas dependências internas, nas proximidades e em atividades promovidas pela Escola;
XII. Praticar atos inflacionais definidos pela legislação vigente;
XIII. Uso de máquinas fotográficas e filmadoras nas dependências da Escola. Salvo nos casos de comemoração dentro da Escola e com autorização dos responsáveis;
XIV. Uso de apelidos, indelicadezas, discriminação ou uso indevido de imagem de colegas ou profissionais da Escola que ferem a integridade, autoestima ou causam angústia e constrangimento;
XV. Entrar na Escola sem o uniforme devidamente padronizado. Blusas ou shorts curtos ou diferente do uniforme fornecido pela Prefeitura Municipal de Campinas.
Parágrafo Único – Os comportamentos descritos nos incisos VI ao XII são considerados como faltas graves.

DIREITOS DO ALUNO

I. Ser tratado com urbanidade e respeito por todo o pessoal do Estabelecimento;

- II. Merecer intervenção educacional de acordo com suas necessidades, através de todos os serviços instituídos nesse Regimento, observados a estrutura e recursos da Instituição;
- III. Recorrer às autoridades escolares quando julgar prejudicados seus direitos;
- IV. Utilizar os livros da Biblioteca Escolar, nos termos regulamentados neste Regimento e nas normas próprias;
- V. Tomar conhecimento, através do Boletim, do rendimento e frequência escolar;
- VI. Apresentar sugestões ao Diretor e profissionais da Orientação Pedagógica/Equipe Gestora;
- VII. Usufruir de todos os benefícios de caráter educativo, social e recreativo proporcionados pelo Estabelecimento obedecidos os requisitos previamente determinados;
- VIII. Conhecer as regras de convivência do Estabelecimento;
- IX. Exercer direito de expressão no cotidiano escolar.

As normas, quando são apresentadas com clareza para todos, passam a ser balizadoras dos limites e responsabilidades do grupo. A Escola, ao criar as normas disciplinares, parte do entendimento de que a disciplina necessita ser também compreendida como um processo interior de organização e, ao mesmo tempo, deve ser o resultado do trabalho entre Escola e Família.

Piaget, ao estudar o desenvolvimento moral, concluiu que cooperar é pensar junto sobre uma ação e que, o caminho para se agir de forma responsável, ocorre por meio da COOPERAÇÃO. Logo, a convivência dos profissionais da Escola e dos alunos deve ser revestida de respeito, alegria e colaboração. Cada membro da comunidade escolar precisa agir alicerçado pelo conhecimento e pela responsabilidade individual e coletiva. Cada um responde como autor de seus atos, assumindo todas as consequências. Identifique-se com o bem comum! Vamos COOPERAR!

ANEXO 13 – PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL 2008

2008 - PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL - 2008				
	Prioridades Estruturais	Ações	Tempo	Avaliação
1ª	Cobertura da Quadra		Início de 2009	
	Prioridades Pedagógicas	Ações	Tempo	Avaliação
1ª	Reforço (ajudar alunos que precisam de reforço)	Alunos monitores na classe; Colocar professor contínuo como auxiliar; Retomar o sistema de controle de faltas dos alunos que não comparecem ao reforço; no caso de faltas, comunicar os pais; Abrir o reforço para os alunos que quiserem (o aluno avalia que precisa);	Após o Conselho de classe/série do 2º trimestre	
2ª	Incentivo à leitura	<i>Biblioteca – funcionamento normal (diário);</i> <i>Aluno monitor;</i> <i>Ex-aluno voluntário;</i> <i>Solicitar funcionário;</i> Trabalho com Jornal (uma aula semanal); Caixa de livros para levar pra sala de aula, com controle dos empréstimos pelo professor; Professores levarem os alunos para terem	<i>No máximo em 30 dias</i>	

		<p>aulas na Biblioteca;</p> <p>Usar o Laboratório de Informática para pesquisa/leitura na internet;</p>		
3ª	Aulas mais interessantes	<p><i>Mais dinâmicas, com trabalho, trabalho em grupo, uso de vídeos, pintura(outras linguagens) para entender o conteúdo;</i></p> <p><i>Ampliar o uso da lousa para outras estratégias;</i></p> <p><i>Sair fora da sala de aula e usar outros espaços: sala de vídeo, laboratório de Informática, pátio,</i></p> <p><i>Biblioteca.</i></p>		<p>Cobrar dos alunos o que foi trabalhado com avaliação, com textos, resumos de filmes;</p>

ANEXO 14 - PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL 2009

2009 - PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL- 2009				
META 1 - REDUZIR O NÚMERO DE FALTAS DE ALUNOS (FALTOSOS)				
	AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORAMENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES
1	FALAR COM PAIS(CONVOCAÇÃO), LEVANTAR COM PAIS ATRAVÉS DE QUESTIONÁRIO - “O QUE O DESMOTIVA OU NÃO O MOTIVA (O ALUNO) A VIR À AULA”; ELABORAR DIAGNÓSTICO A PARTIR DO QUESTIONÁRIO (INSTRUMENTO);	SECRETARIA, DIREÇÃO,OP	ATÉ 05 FALTAS NO FINAL DE CADA TRIMESTRE; LEVANTAMENTO DAS FALTAS APONTADAS NOS BOLETINS E NO CONSELHO DE CLASSE EM 2008; ALUNOS RETIDOS POR FALTAS (EVADIDOS) EM 2008; QUESTIONÁRIO;	TRIMESTRAL
2	ORIENTAÇÕES À FAMÍLIA – ORGANIZAÇÃO DOS HORÁRIOS DA CASA EM CONSONÂNCIA COM A VIDA ESCOLAR DA CRIANÇA (DORMIR CEDO PARA ACORDAR CEDO)	PROFESSORES, DIREÇÃO, OP		TRIMESTRAL

3	VISITA DOMICILIAR (IR À CASA DA CRIANÇA)	EDUCAÇÃO ESPECIAL E OP		TRIMESTRAL
4	APLICAR O QUESTIONÁRIO AO FINAL DE CADA TRIMESTRE, SEMPRE QUE A CRIANÇA ULTRAPASSAR AS 05 FALTAS;			
5	CONSELHO TUTELAR A CADA 20 FALTAS	DIREÇÃO		TRIMESTRAL

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

META 2 -REDUZIR EM 70% O NÚMERO DE ALUNOS QUE NÃO ENTREGAM TRABALHOS

AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA MONITORAMENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES
LEVANTAR COM OS ALUNOS OS MOTIVOS (INSTRUMENTO: QUESTIONÁRIO), A CADA VEZ QUE NÃO ENTREGAR, ELE JUSTIFICAR O PORQUÊ NÃO ENTREGOU; TABULAR OS DADOS	PROFESSORES QUE NÃO RECEBERAM O TRABALHO GESTÃO	ALTO ÍNDICE DE NÃO ENTREGA DE TRABALHOS E PESQUISAS EM 2008; (LEVANTAR O NÚMERO DE ALUNOS) AGREGAR OUTROS INDICADORES, APÓS A REALIZAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.	TRIMESTRAL

CURSO DE ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS E USO DE AGENDA PARA OS ALUNOS	PROJETO DE PROFESSOR COM HORAS DE HP	
FORMAÇÃO PARA OS PROFESSORES SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE E PEDAGOGIA DE PROJETOS	UNIVERSIDADE	
PROJETOS JOCAD, JOCAD MIRIM - CONTINUIDADE	FUNCIONÁRIOS	
PROFISSIONAIS PARA CONVERSAR COM ALUNOS	LUCIENE TOGNETA;	
PROJETOS DE ESTÁGIO COM ESTAGIÁRIOS DE PSICOLOGIA	SILVIA ROCHA	

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL				
META 3 - TRABALHO COM PEDAGOGIA DE PROJETOS E INTERDISCIPLINAR (JÁ NO PRIMEIRO TRIMESTRE)				
	AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORAMENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES

1	PROJETO A SER DESENVOLVIDO VINCULADO À BIBLIOTECA OU COORDENAÇÃO DE CICLO (COM PAGAMENTO DE HORAS PROJETO - HP)	ÍTALA	OS TEMAS ELEITOS NOS PROJETOS PEDAGÓGICOS DOS ANOS ANTERIORES TEREM SUBSIDIADO APENAS OS EVENTOS; OS PROJETOS DE CURTA DURAÇÃO QUE FORAM DESENVOLVIDOS NOS ANOS ANTERIORES NÃO TIVERAM A CONFIGURAÇÃO DE METODOLOGIA DE PROJETOS	TRIMESTRAL
2	ESTUDOS SOBRE METODOLOGIA DE PROJETOS E INTERDISCIPLINARIDADE	GESTÃO E PROFESSORES		TRIMESTRAL
3	CONTEMPLAR A 'PESQUISA' COMO METODOLOGIA DE TRABALHO PARA ALUNOS E PROFESSORES	GESTÃO NA COORDENAÇÃO E PROFESSORES NO ACOMPANHAMENTO DO TRABALHO COM OS ALUNOS		TRIMESTRAL

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL				
META 4 - A BIBLIOTECA COMO CENTRO CULTURA DA ESCOLA (* VIDE PROJETO ESPECÍFICO)				
	AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORAMENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES
1	PROJETO A SER DESENVOLVIDO NA BIBLIOTECA , ARTICULANDO LIED, SALA DE VÍDEO, JARDIM, HORTA E LAGO;*	GESTÃO, OP, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS E ESTAGIÁRIOS DE DIVERSAS ÁREAS	O BAIXO ATENDIMENTO DA BIBLIOTECA EM 2008;	TRIMESTRAL

2	<p>PARCERIA COM UNIVERSIDADES (PROJETOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A VINDA DE ESTAGIÁRIOS)</p>	<p>GESTÃO E PROFESSORES QUE TÊM CONTATO COM AS UNIVERSIDADES:</p> <p>professora (NANA AIOUB, SILVIA ROCHA, ANA E GUILHERME)</p> <p>direção (MÁRCIA STRAZACAPPA E SERGIO AMARAL)</p> <p>professora (TELMA VINHA E ÁUREA GUIMARÃES)</p> <p>Professora (MÁRCIA ABREU -IEL)</p> <p>Prof Ed Esp (?)</p>		<p>TRIMESTRAL</p>

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL				
META 5 - AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO DE BRINQUEDOS				
	AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORAMENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES
1	ALAMBRAR A PRAÇA	GESTÃO	REPASSE DA CASINHA DO TARZAN PARA A EMEI; ALUNOS 'GRANDES' FAZEM USO DOS BRINQUEDOS DOS PEQUENOS; FILA PARA BRINCAR; NÃO OPÇÃO DE LAZER NOS INTERVALOS;	DEZ/JAN - 2009
2	ESCOLHA DE BRINQUEDOS	PROFESSORES		TRÊS MESES APÓS A INSTALAÇÃO DO ALAMBRADO NA PRAÇA;
3	COMPRA DE BRINQUEDOS	GESTÃO		
4	INSTALAÇÃO DE BRINQUEDOS	GESTÃO/AR 5		
5	ORGANIZAR O USO	PROFESSORES		ESTABELEECER CRONOGRAMA DE USO DIÁRIO

6	AQUISIÇÃO DE MESA DE PEBOLIM E TÊNIS DE MESA	PROFESSORES E GESTÃO
---	--	----------------------

ESTABELEECER
CRONOGRAMA DE
USO DIÁRIO (CICLO
III E IV)

ANEXO 15 - PLANO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL 2010

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL				
META 1 - REDUZIR O NÚMERO DE FALTAS DE ALUNOS (FALTOSOS)				
	AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORAMENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES
1	Falar com pais (convocação)	DIREÇÃO, OP (4, 7)	Até 10 faltas no final de cada trimestre;	TRIMESTRAL
2	Reuniões com pais de alunos faltosos em grupos, pós expediente			
3	Fazer um documento onde o pai se compromete a garantir a presença dos alunos na escola. Assinar o documento elaborado pela escola. Convocação de pais (família)	PROFESSOR (2,8)	Levantamento das faltas apontadas nos boletins e no conselho de classe	
4	Orientações à família – organização dos horários da casa em consonância com a vida escolar da criança (dormir cedo para acordar cedo)			

5	Visita domiciliar (ir à casa da criança)	EDUCAÇÃO ESPECIAL (5)	questionário; Pauta das reuniões com pais
6	Projeto de Visita domiciliar		
7	Conselho tutelar a cada 10 faltas (Não justificadas)	SECRETARIA(1, 3)	Dados do 1º tri dos faltosos, quem, quantos e quantas faltas
8	Aulas mais interessantes, diversificadas		
		AÇÃO INTERSETORIA L (6)	

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL				
META 2 - META 2 -REDUZIR EM 70% O NÚMERO DE ALUNOS QUE NÃO ENTREGAM TRABALHOS (DISCUTIR EM 2011 6º 8º)				
	AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORAMENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES
1	Incentivar a pesquisa de 6 ao 8º	DIREÇÃO, OP (7,8,9)	Índice de não entrega de trabalhos e pesquisas em 2008/9/10; Levantar o número de alunos tarefa CPA Ou coord. Ciclo) Agregar outros	TRIMESTRAL
2	Levantar com os alunos os motivos ; Justificar o porquê não entregou; Quantificar (ver as justificativas)			
3	Curso de orientações de estudos e uso de agenda para os alunos			

4	Agenda da turma (provas, trabalhos, etc.)	PROFESSOR (1,2,3,4,6)	indicadores, após a realização dos questionários.
5	Formação para os professores sobre interdisciplinaridade e pedagogia de projetos	UNIVERSIDAD E (5)	Dados do trimestre
6	Estudos no GT de currículo		Quem, quantos e em que área;
7	Estudos de textos pela internet (padreco online)		
8	Profissionais para conversar com alunos (procurar esse profissional)	CPA, COORDENAÇÃO DE CICLO (2)	
9	Projetos de estágio com estagiários de psicologia para alunos e professores		

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL				
META 3 - TRABALHO COM PROJETOS E INTERDISCIPLINAR (JÁ NO PRIMEIRO TRIMESTRE)				
	AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORA- MENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES
1	Memorial (ao final dos ciclos)	Professores (1,3,4,5,6,7,8)	Realização do memorial	TRIMESTRAL(2,3,4,5,6,7) / SEMESTRAL (1)
2	Coordenação de ciclo (com pagamento de horas projeto - HP)	Gestão (8)	Quem trabalhou com projetos em sala de aula?	
3	Estudos sobre projetos e interdisciplinaridade (1ª a 8ª)	Coordenação de Ciclo (2, 3,4,5,6,8)	Quem usou pesquisa?	
4	Contemplar a 'pesquisa' como metodologia de trabalho para alunos e professores	Monitor ou	Quem usou LIED?	

		Estagiário (5,6)	Quem usou Biblioteca para pesquisas?	
5	Uso do LIED com internet para pesquisas			
6	Uso da biblioteca com internet para pesquisas			
7	GT de currículo			
8	TDC – Parte do tempo para pensar em grupo projetos e ações interdisciplinares;			

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL			
META 4 – FUNCIONAMENTO DOS ESPAÇOS/EQUIPAMENTOS PEDAGÓGICOS (BIBLIOTECA, LIED, PARQUE, ETC.)			
	AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORA- MENTO DAS AÇÕES
1	BRINQUEDOTECA - Otimização – organizar, regras de usos, horário, atendimento, atualização de brinquedos	RH – SME (2)	TRIMESTRAL(1,2,3,4,5,10)
2	BIBLIOTECA – atendimento com Bibliotecária (não só empréstimo/devolução)	CPA E GESTÃO (2,5,6,7,8,9,10)	
3	LIED – Horário de atendimento com Professores (HP em JANELAS) Presença de monitor (estagiário)	PROGEN (2)	
4	LIED – formação de professores para a utilização dos recursos;	PROFESSORES	
5	PARQUE - horário para todas as turmas (1º ao 5º)	(1, 3,5)	

6	Cobertura do anfiteatro	NTE – Núcleo de Tecnologia (4)		
7	Cortina preta no palco coberto			
8	Rádio (instalação)			
9	Cobertura do portão (passarela desde o portão até pátio em frente ao refeitório)			
10	Melhorias nas salas de aula (calor)- cortinas, pintura dos vidros, ventilação			

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL				
META 5- ALFABETIZAÇÃO (AVANÇOS NOS NÍVEIS IV E V PARA NÍVEIS MAIS AVANÇADOS)				
	AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS	RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORA- MENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES
1	Projeto Mediação	Gestão (3,5)	Avaliações Sondagens Diagnósticos	TRIMESTRAL
2	Reforço (TDI)- o estudante freqüentar reforço no mesmo período com outro professor;	Professores titulares (1,2,3,4)	Instrumento de avaliação interna (avaliação interna de evolução um mesmo modelo, aplicada no início e final de cada trimestre e ao final do ano	
3	Cobrar presença dos alunos	Adjuntos (1,2,3,5)		
4	HP – Projeto para uso dos horários vagos (JANELAS) - atender sistematicamente e			

	menor número possível de estudantes por vez	Ed. Especial (2,3,4)	Dados obtidos nos Conselhos de ciclo (1º tri (dados)
5	TURMA ESPECIAL - turma em sala 'extra-oficial' no mesmo período e com outro professor (alunos não alfabetizados 5ºs anos)	Estagiários	
		(3)	

PLANO DE AÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL				
META 6 - RECURSOS HUMANOS - COMPLEMENTAÇÃO DO QUADRO PARA ATENDER ESSA ESCOLA				
AÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS		RESPONSÁVEIS PELAS AÇÕES	INDICADORES PARA O MONITORAMENTO DAS AÇÕES	CRONOGRAMA DAS AÇÕES
1	Preenchimento de cargos: 01 Orientador Pedagógico 01 Vice-Diretor 02 Cuidadores 02 Bibliotecários (bloco A e bloco B) 04 Inspetores de alunos (02 em cada período, 01 em cada bloco) Estagiários Funcionários para limpeza	CPA SME	CARGOS PREENCHIDOS	URGENTE

JUSTIFICATIVAS

01 ORIENTADOR PEDAGÓGICO – NÚMERO DE ALUNOS E SALAS POR PERÍODO

01 VICE-DIRETOR – IDEM – VOLUME DE TRABALHO

02 CUIDADORES – NÚMERO DE ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS - AUXILIAR OS PROFESSORES TITULARES E ED. ESPECIAL -

02 BIBLIOTECÁRIOS (BLOCO A E BLOCO B) – TRABALHO DE PESQUISA DE ALUNOS, PROFESSORES; EMPRÉSTIMO E DEVOLUÇÃO DE LIVROS; ATIVIDADES CULTURAIS LIGADAS À BIBLIOTECA - Bibliotecário diferente de professor readaptado

04 INSPETORES DE ALUNOS (02 EM CADA PERÍODO, 01 EM CADA BLOCO) - Situação da nossa escola - falta de pessoas para vigiar os espaços da nossa escola que é muito grande banheiros, etc.

CORREDORES – Necessidade de ter alguém (inspetor de alunos) nos corredores no período da manhã para apoiar os professores (à tarde deve ser mantido também)

ESTAGIÁRIOS - ESTAGIÁRIAS- CONTINUIDADE E AMPLIAÇÃO; LIED – Presença de monitor (estagiário) ; BRINQUEDOTECA – RH – Ter profissional;

LIMPEZA E SERVIÇOS GERAIS – ampliação de funcionários

ANEXO 16 – CRONOGRAMA DE ASSEMBLEIA POR SEGMENTOS – 2010 CPA – JUNHO E JULHO

junho	21/06	22/06	23/06	24/06	25/06	26/06	27/06
					RPAI (não Letivo) 7:00 – 10:30h	OÁSIS EDUCAR	OÁSIS EDUCAR
	28/06	29/06	30/06	01/07	02/07	03/07	04/07
Julho	Manhã: 8ºB,9ºA e B; Tarde: 6º A e B, 7º A e B e 8º A Alunos e gestão		CPA com funcionários e gestão 11:15-12:15	RPAI (TDC) CPA Com professores 1º ao 5º	RPAI (TDC) CPA Com professores 6º ao 9º	Torneio de Futebol Festival da Amizade	Domingo
	05	06	07	08	09	10	11
	Festival da amizade 7:00 horas CPA (Carlinhos e Gestão) com pais	Festival da amizade	Festival da amizade	Festival Encerramento (02 horas duração) Almoço de confraternização	09 a 25/07 Recesso Escolar 26* - Retorno a aula		
	12	13	14	15	16	17	18
	19	20	21	22	23	24	25

ANEXO 17 – MATRIZ – INDICADORES DA AIP

Indicadores de adesão à política de AIP/SME evidenciados pelas escolas de ensino fundamental*					
Adesão da escola à política de avaliação		2008	2009	2010	2011
1. Prontidão para a constituição das CPAs		sim	sim	sim	sim
2. Representação de pais, estudantes, professores, gestores e funcionários articulados pelo OP		sim	parcial	parcial	parcial
3. Existência de calendário regular de encontros das CPAs		sim	sim	sim	sim
4. Indicação formal do Conselho de Escola dos membros constituintes da CPA		sim	sim	parcial	parcial
5. Referências ao projeto de AIP/CPA em diferentes espaços da escola		sim	sim	sim	sim
OP e o papel de articulador do trabalho de AIP na escola					
1. Atua sistematicamente como articulador do trabalho da CPA.		sim	sim	sim	parcial
2. Assume protagonismo nas reuniões da CPA mantendo o foco na qualificação do projeto da escola		sim	sim	sim	parcial
3. Situa historicamente o trabalho da CPA/AIP na escola		sim	sim	sim	não
4. Favorece contribuição dos demais atores e demonstra capacidade de escuta		sim	sim	sim	sim
5. Inclui, esclarece, questiona, problematiza assuntos pedagógicos na pauta de trabalhos da CPA (resultados dos alunos nos exames externos,		parcial	parcial	parcial	parcial

índices da escola, aspectos ligados à evasão, reprovação dos estudantes, práticas pedagógicas dos docentes)					
6. Subsidia a aprendizagem da negociação entre os atores e instâncias envolvidas		sim	sim	sim	parcial
7. Encaminha resultados e demandas da CPA para instâncias afins		sim	sim	sim	sim
8. Garante socialização dos dados da CPA para a comunidade escolar		sim	sim	sim	parcial
9. Envolve a direção da escola na discussão do processo de AIP		sim	sim	sim	sim
10. Insere o trabalho da CPA e da AIP nas horas de trabalho coletivo desenvolvido com os professores		sim	sim	sim	parcial
11. Encaminha relatório do trabalho realizado para o Conselho de Escola		Não	Não	Não	não
12. Participa dos processos de capacitação destinados a sustentar a política		sim	sim	sim	sim
13. Promove encontros de formação para a comunidade da escola ou da CPA		sim	sim	sim	não
O Plano de Avaliação da escola					
1. Denota o princípio de continuidade		sim	sim	sim	sim
2. Fixa metas anuais		sim	sim	sim	sim
3. Explicita demandas internas e externas		sim	sim	sim	sim

4. Toma como referencia o PP da escola		sim	sim	sim	sim
5. Explicita a relação dos problemas listados com a aprendizagem dos alunos		parcial	parcial	parcial	parcial
6. Resulta de diálogo, negociações e reflexões realizadas coletivamente		parcial	parcial	parcial	parcial
7. Esclarece as formas de monitoramento e incorpora informações processualmente		parcial	parcial	parcial	parcial
A Gestão da Escola na Política de AIP					
1. Propicia o envolvimento da escola nos eventos promovidos pela SME ligados à AIP		sim	sim	sim	sim
2. Ancora-se nas decisões da CPA para estabelecer prioridades de ação		sim	sim	sim	parcial
3. Favorece o diálogo e condições de envolvimento com o CP e Supervisor com o projeto de avaliação da escola		parcial	parcial	parcial	parcial
4. Negocia com o NAED as demandas do plano de avaliação		parcial	parcial	parcial	parcial
5. Monitora e acompanha as demandas encaminhadas		parcial	parcial	parcial	parcial
6. Organiza os processos de trabalho dentro dos princípios da gestão democrática		sim	sim	sim	parcial
7. Interagem em nível dos NAEDs com demais escolas com vistas à aprendizagem da AIP e troca de experiências sobre processo de trabalho da CPA		sim	sim	sim	não

*MODELO DE MATRIZ DE INDICADORES ELABORADO PELO LOED